

Jean Lauand

REVELANDO A LINGUAGEM



Jean Lauand

# REVELANDO A LINGUAGEM

## 50 estudos na revista *Lingua Portuguesa* (2005-2015)

Estudo introdutório  
Gabriel Perissé

Apresentação  
Luiz Costa Pereira Jr.

editor da revista *Lingua Portuguesa*





**Jean Lauand**  
é professor  
Titular  
Sênior da  
Faculdade

de Educação da USP. Professor dos Programas de Pós-Graduação em Educação e Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo. Diretor do CEMOrOc – Centro de Estudos Medievais Oriente e Ocidente do EDF-FEUSP. Professor Investigador e Pesquisador Emérito do Instituto Jurídico Interdisciplinar da Universidade do Porto. Membro No. 80 (correspondente) da *Reial Acadèmia de Bones Lletres* (Real Academia de Letras de Barcelona). Professor Investigador do Instituto Superior de Investigación Cooperativa-IVITRA (*Institut Virtual Internacional de Traducció*), da Universitat d'Alacant (Espanha). Fundador e Presidente do CEMOrOc *Centro de Estudos Medievais-Oriente e Ocidente* USP (FE-EDF) e de suas revistas internacionais. Autor de diversos livros e artigos publicados em mais de 20 países e traduzidos a 15 línguas. Colaborador da revista *Língua Portuguesa*, desde o No. 1 (agosto de 2005), responsável pela coluna Filosofia e Linguagem, seus artigos agora estão recolhidos neste livro.

*Página pessoal:*  
<http://www.jeanlauand.com>

*email:*  
[jeanlaua@usp.br](mailto:jeanlaua@usp.br)

# Revelando a Linguagem

50 estudos na revista *Língua Portuguesa* (2005-2015)



Jean Lauand

# Revelando a Linguagem

50 estudos na revista  
*Língua Portuguesa*  
(2005-2015)

Estudo introdutório  
Gabriel Perissé

Apresentação  
Luiz Costa Pereira Jr.  
editor da revista *Língua Portuguesa*

CEMOrOg  
EDF-FEUSP

  
FACTASH EDITORA

São Paulo  
2016

Copyright © by Jean Lauand, 2016  
Nenhuma parte desta publicação pode ser armazenada,  
fotocopiada, reproduzida, por meios mecânicos, eletrônicos ou outros  
quaisquer, sem autorização prévia do autor.

*Projeto Gráfico:*  
Tarlei E. de Oliveira

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

---

Lauand, Jean

Revelando a linguagem. Jean Lauand : São Paulo: Factash Editora, 2016.

369 p. 16 x 23 cm.  
ISBN 978-85-89909-87-7

1. Filosofia 2. Educação 3. Filosofia da Linguagem. I. Título

CDU 370.981

---

O Conselho Editorial dos livros do Cemoroc é constituído pelos seguintes  
Professores Doutores:

**Diretores:**

*Jean Lauand* (Feusp-Umesp)  
*Paulo Ferreira da Cunha* (Univ. do Porto)  
*Sylvio G. R. Horta* (FFLCH-USP)

**Membros:**

*Aida Hanania* (FFLCH-USP)  
*Chie Hirose* (Fics)  
*Enric Mallorquí-Ruscalleda* (California State Univ., Fullerton)  
*Gabriel Perissé* (Unisantos)  
*Lydia H. Rodriguez* (Indiana Univ. of Pennsylvania)  
*María de la Concepción P. Valverde* (FFLCH-USP)  
*Maria de Lourdes Ramos da Silva* (Feusp-Fito)  
*Pedro G. Ghirardi* (FFLCH-USP)  
*Pere Villalba* (Univ. Autònoma de Barcelona)  
*Ricardo da Costa* (UFES)  
*Roberto C. G. Castro* (Fiam)  
*Sílvia M. Gasparian Colello* (Feusp)  
*Sílvia Regina Brandão* (Uscs)  
*Terezinha Oliveira* (Uem)

Factash Editora  
Rua Costa, 35 – Consolação  
01304-010 – São Paulo – São Paulo  
Tel. (11) 3259-1915 – factash@gmail.com

Para *João Sérgio Lauand*, interlocutor  
de todas as horas e primeiro a dialogar  
sobre as ideias destes artigos.

Para a querida *Yvonne Cury*,  
sempre a primeira a ler estes  
estudos e a estimulá-los, com sua  
impetuosa alegria e otimismo.



# Sumário

Estudo Introdutório – A língua em todos os sentidos <i>Gabriel Perissé</i> .....	1
Apresentação – O pensamento contido na linguagem <i>Luiz Costa Pereira Junior</i> .....	5

## 2015

1. Brasil confunde “devo” e “posso” .....	11
2. O marketing da rejeição .....	15
3. O futuro do passado .....	21
4. Palavras Maiores .....	25
5. As “boas” maneiras de ofender .....	31
6. Do theorein grego à gíria “curtir” .....	39
7. Mas, porém, contudo, todavia.....	47

## 2014

8. Você está servido? .....	55
9. A linguagem do agir .....	59
10. A lição do Lepo-lepo .....	65
11. A fé ganha a boca do povo .....	69
12. Ditos seculares .....	76

## 2013

13. Camadas geológicas na linguagem .....	85
14. Mostrar escondendo .....	89
15. A arqueologia é dona da bola .....	95
16. A guerra de linguagens da Cúria Romana .....	99

17. “Excelenciou” na grande área .....	107
18. O choque cultural da linguagem .....	111

## 2012

19. Milton jaguaretê .....	121
20. Sujeito indeterminado .....	127
21. É grande pra caramba .....	133
22. O diplomata da língua árabe .....	137
23. No princípio era a Bíblia .....	147
24. Velha expressão da nova geração .....	153
25. O santo nome da prensa .....	157
26. As dobras da língua .....	167
27. Um olé! de Deus .....	169
28. Coração, o girador .....	173

## 2011

29. A danada da partícula “de” .....	181
30. A linguagem esconde-revela o brasileiro .....	185
31. Pontes de sentido .....	191
32. O que continua, se não é mais? .....	193
33. A lacuna de nossos insultos .....	197
34. A linguagem da enrolação .....	205
35. Os caminhos que levam às ideias .....	211
36. Grato pela compreensão .....	217

## 2010

37. O passado que o futebol canta .....	223
38. A língua na sala de estar .....	231
39. Ô, meu! Minha Nossa Senhora .....	235
40. A metafísica da “liquidação” .....	239

## 2009

- 41. O português no inglês ..... 247
- 42. O laboratório de cada povo ..... 250
- 43. Religiosidade na língua ..... 259

## 2008

- 44. A linguagem mística do cotidiano ..... 265
- 45. As palavras em rede ..... 273
- 46. A vida como jogo ..... 281
- 47. O pecado do agito vazio ..... 287
- 48. Nonsense universal ..... 291
- 49. Pegadinhas no Evangelho ..... 305

## 2007

- 50. Jeito, jeitinho e Cia. .... 325

## 2006

- 51. O laboratório de tio Patinhas – as mudanças  
da linguagem em cada geração ..... 329
- 52. Quando uma língua parabeniza ..... 335

## 2005

- 53. Uma voz acima da média ..... 341
- 54. O brasileiro é um bicho neutro ..... 347





# Estudo Introdutório

## A língua em todos os sentidos

Gabriel Perissé\*

Há cerca de quarenta anos, o pensador e escritor Jean Lauand vem brincando com as palavras como um jogador de futebol brinca com a bola ou como um enxadrista move as peças no tabuleiro. Sua maestria consiste em trazer à tona, subitamente, o que as palavras estavam escondendo de nós. São momentos de epifania, de revelação prazerosa. Momentos em que riso e razão se encontram.

O significado das palavras está nos dicionários, mas é o sentido que realmente esclarece e ilumina. Captar o sentido do texto requer interpretação. Consultar o dicionário (incluindo os dicionários de filosofia) está ao alcance de todos, mas fazer a interpretação (estabelecer o melhor “preço” “entre” nós e as palavras) já não é tão simples. O jogo da interpretação é fundamental para descobrirmos o sentido que uma palavra adquire dentro do texto e do contexto.

Lauand é um filósofo lúdico. Nós pensamos aquilo que somos. De modo bidirecional. Ao pensar, configuramos nossa existência e o nosso existir vai configurando nosso modo de pensar. E é esta a toada dos textos reunidos aqui.

O falar cotidiano é fonte de inúmeras descobertas. A audição treinada filosoficamente percebe nos desvios e dissonâncias linguísticas uma harmonia inusitada. Uma “ordem” interna, que remete à urdidura do real. Há várias camadas de realidade para além do tangível e do mensurável. Há vários subtextos dentro do texto da existência. Temos de aprender a tecer uma linguagem adequada para vislumbrar essas camadas e ler esses subtextos.

---

\* Doutor em Filosofia da Educação, professor do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Católica de Santos.

O que nós, seres loquentes, tentamos fazer o tempo todo? Tentamos dizer o real paradoxal e tantas vezes... irreal. Daí, por exemplo, as brincadeiras com o material fônico das palavras, a fim de fazer soar, poeticamente, sentidos que o prosaico tantas vezes sufoca no ritmo repetitivo, coisificante e corriqueiro.

Por vezes, nossos conceitos, conceitos que elaboramos a duras penas, procuram cercear o real, domá-lo, transformá-lo em coisa manipulável, encaixá-lo e encaixotá-lo, mas a realidade tem razões diversas que exigem do pensador uma racionalidade mais flexível, e nem por isso menos rigorosa. O filósofo lúdico não tem a pretensão de criar um sistema fechado, sem brechas, perfeito. E daí sua tarefa estar tão próxima da poesia inventiva, das piruetas verbais do humorismo e dos *insights* das manifestações populares em provérbios, rimas espontâneas, trocadilhos etc.

Os trocadilhos (que são jogo, jogo de trocar palavras), muito longe de serem empecilhos, têm, em sua eventual e aparente “infâmia” (porque parecem desmerecer nossa “fama” de seres racionais), o dom de flexibilizar a mente, abri-la para percepções necessárias.

Quando, em francês, brincamos com *savoir* (saber) e “*ça voir*” (“isto ver”), para além das invocações freudianas ou lacanianas, estamos tocando questões ligadas ao próprio trabalho filosófico. Enquanto que em português “saber”, “sabor” e “saborear” se entrelaçam na busca de uma sabedoria em que os sentidos (em ambos os sentidos) fazem sentido, no *savoir* detectamos uma capacidade de *voir*, de ver algo que estava implícito, velado, e precisa ser re-velado.

No pensamento lúdico de Lauand, há um desencadeamento (abertura de cadeados) de processos auditivos e visuais que nos ajudam a saborear a realidade com mais liberdade. E não é para isso que existe um livro, para nos livrar da servidão voluntária dos pensamentos condicionados? Ao transitar com leveza da citação de um pensador medieval para uma piada ouvida na feira, da capa de revista de mulher nua para um verso em alemão, de uma ilação etimológica para uma estrofe da canção popular mais conhecida, de uma referência ao Alcorão para uma notícia do esporte bretão, de uma profunda compreensão do Ser, amadurecida pela reflexão metafísica, para um episódio de uma série de TV... o pensador faz nossa

mente dançar. E isso é profundamente nietzscheano: pensar é bailar e ensinar a bailar.

Bailar e tecer, entreter e surpreender, eis a essência do fazer docente, pois é como professor, e mestre, que Jean Lauand escreve. Sua meta (e sua metafísica) foi e é sempre a de ensinar. E ensinar, tal como indica a palavra espanhola *enseñar*, é justamente mostrar, apontar para algo a fim de que o aluno perceba e veja. Se ensinar é “deixar o outro aprender” como escreveu Heidegger, escrever ensinando é pôr diante dos nossos olhos a possibilidade de ver melhor a realidade. Escrever é deixar o leitor ler.

Ler e ver. E, ao ver, rir, que é um sinal evidente do descobrir. Ao longo da leitura das páginas seguintes, várias vezes me flagrei rindo, claro indício de sinapse realizada. Quando nos damos conta de que havia uma conexão (a ser explicitada) entre coisas aparentemente distantes e inconciliáveis, o riso põe à mostra nossa surpresa legitimamente filosófica.

Mas além do riso, cabe aqui um passo a mais. O escritor professor é aquele que deseja ver seus alunos criando por si mesmos. “O meu melhor aluno”, dizia um mestre, “é aquele que larga minha mão mais rápido”. As reflexões linguísticas e filosóficas de Lauand nos convidam a assumir nossa própria vida e nossa própria linguagem. A palavra “assumir” tem a ver com o verbo latino *assumere* (*ad + sumere*), um “tomar para si” resolutivo, convicto. Quando assumimos nosso próprio estilo de pensar e dizer, crescemos em criatividade.

Temos de assumir, a meu ver, a prática da nexologia, que consiste em que criar nexos, encontros, vinculações, entre realidades que necessitam dessa operação para se mostrarem como são. Toda palavra, dizia Goethe, solicita o seu antônimo. Toda realidade solicita outra realidade que a complemente, ou que até mesmo a ponha em xeque. No jogo filosófico, vamos criando campos de relações, “âmbitos”, como diz o pensador espanhol Alfonso López Quintás, campos nos quais surge uma luz, e a essa luz enxergamos com mais clareza aquilo mesmo que está em jogo. O que está em jogo (“vivendo e aprendendo a jogar”, cantava Elis) é a nossa própria autocriação como seres loquentes e inteligentes.

Pensamento criativo é aquele que cria âmbitos, suscita encontros entre ideias distintas, sem causar confusão nem gerar dispensáveis fusões. Na

fusão, confundimos tudo e perdemos de vista a realidade, em suas diversas dimensões. Reunir referências, traços, ideias, canções etc. só faz sentido quando existe uma compreensão unificadora. Esta compreensão supera a erudição, o acúmulo de leituras, a carreira (e a correria) acadêmica. Conhecer (outro trocadilho francês, este de evidente sabor tomista, *naissance é co-naissance*) é “co-nascer”, é “nascer com”. À medida que conhecemos a realidade, nascemos e renascemos como seres conhecedores.

Tal compreensão da realidade que nos rodeia e de nós mesmos requer (e é nisso que reside a relevante contribuição de um pensador, como temos aqui no caso de Lauand) uma atitude de profundo respeito por tudo aquilo que existe, incluindo a própria linguagem como âmbito de revelação da realidade. Entre as palavras (e imagens) se estabelece uma relação, mas esta relação tem como pressuposto uma visão respeitosa, que, etimologicamente falando, não se limita a um respeito formal, com algo de temor ou reverência.

O verbo latino *respicere* remete a um “olhar outra vez”, “de novo”, um olhar reiterado e renovado, um olhar de quem se volta uma vez mais e outra vez oferece atenção e cuidado. A realidade merece sempre um segundo, um terceiro, um contínuo olhar para que possamos descobrir o novo e, especialmente, o novo-valioso que também nos é oferecido.

A língua que podemos saborear a todo momento é uma ponte que vai e vem. A ponte que realiza nexos e conexões. Que une sem abolir as diferenças, contradições e contrastes. Percorrer essa ponte todos os dias, com cuidado e com respeito, com ciência e consciência.

Nós falamos o mundo com nossa língua, com nosso idioma, com as palavras que recebemos e que assumimos como nossas. Ao mesmo tempo (os textos de Jean Lauand nos ensinam isso), *é a língua que nos faz falar*. É a língua que revela quem nós somos, é ela que nos diz de onde viemos, e é ela (estejamos com ouvidos e olhos abertos) a nos sugerir um destino.

# O pensamento contido na linguagem

## Apresentação

Este livro traz algumas das principais contribuições do filósofo brasileiro Luiz Jean Lauand à revista *Língua Portuguesa* (editora Segmento), de 2005, por ocasião do primeiro número, até 2015.

Jean é pensador de produção vulcânica, oráculo e motor de admiradores, entre os quais me incluo. Não só por ser a referência brasileira na apreensão do pensamento de Tomás de Aquino para a análise dos problemas concretos da atualidade. Jean é um incentivador fraterno da inteligência alheia, e o São João Batista da revista *Língua*, ele mesmo criador de inúmeras publicações de referência. Não fosse sua ênfase em ver a linguagem como um grande reservatório da experiência humana e não me teria ocorrido sequer a ideia de criar uma revista sobre a expressão em língua portuguesa. Não fosse o seu amparo e o debate prévio com ele sobre o que seria desejável a um periódico especializado em linguagem e eu não teria definido certas linhas de abordagem.

O ar bonachão acentua a voltagem de suas piadas. A agilidade de raciocínio o torna mais leve do que é, que o jogo de pernas das ideias, novas ou muito antigas, é sempre fonte de renovada originalidade. Jean tem o estilo fagueiro de quem quer saber com sabor. Em textos os mais acadêmicos, em conferências as mais dinâmicas, em conversas de bar as mais despreziosas, fiska com pinça a imagem concreta que parece iluminar uma ideia e faz da compreensão afetuosa dos limites humanos o resultado imediato de cada investida que promove ao pensamento antigo.

Seu entusiasmo com as possibilidades da filosofia é também sadio realismo. O mais abstrato conceito ganha viço se “descer” ao concreto e Jean desconfia que há uma pedagogia do raciocínio antigo que, traduzida aos termos de hoje, vale para os dias de hoje. Daí a naturalidade com que

põe, num mesmo raciocínio, uma lista que vai de Tomás de Aquino, Platão, Shakespeare, Pelé, Nat King Cole a Rei Leão, da Disney, e a imagem que se forma em nossa mente é tão iluminadora que dá sentido ao que antes parecia obscuro.

Para Jean, há compreensões dos antigos que se aplicam feito luva à compreensão do mundo contemporâneo. Porque, no fundo, o que foi dito antes, mesmo nos rincões da Antiguidade e da Idade Média, mantém validade, não porque aplicado ao pé da letra, mas porque, vencida a poeira da dicção de época, há vida nos conceitos, nas entrelinhas da imaginação antiga, nas inspirações que motivaram seus raciocínios.

Esgarçada por séculos de contestações filosóficas, há muito perdeu prestígio a ideia de que podemos estabelecer a essência das coisas, a apreensão radical dos fenômenos. Quando investiga o assunto, o filósofo como o alemão Josef Pieper (1904-1997), cuja obra é central para o pensamento de Jean Lauand, ele realoca o ponto de inflexão da resposta: nunca teremos acesso a uma “essência”, só às grandes experiências humanas, aquelas que se fundiram e se esconderam sob a superfície do cotidiano, em particular nas instituições, nas práticas humanas e na linguagem .

Tais experiências, formadas por insights considerados inaugurais ou momentos fundantes da vida humana, conteriam significados que se perderam na história e foram transformados por sucessivas e seculares alienações coletivas. Mesmo que não inaugurais, mas imemoriais, não deixam rastro evidente na memória humana. Visões de mundo, concepções de época, preconceitos e contingências concretas da realidade estão encobertos em fenômenos que não exibem seus rastros, nos conceitos mais abstratos, em vocábulos insuspeitos, nas realidades que parecem existir desde sempre, como que por geração espontânea.

A linguagem tem valor ontológico (o ser é linguagem), a palavra não é só ferramenta da comunicação, mas sustenta o próprio ser. Ao rotular o mundo, ao esquadrihar formas expressivas, cada língua impõe uma maneira de compreender o mundo, comporta perspectivas (Wilhelm Humboldt fala numa diferença de “perspectivas universais” – Weltansichten – entre as línguas), e aversões contra outros ângulos de

percepção da realidade. A mentalidade e o agir só se efetivam porque inscritos em estruturas expressivas e os fenômenos são interpretados de forma diversa a depender do idioma, que é ele mesmo um ponto de observação do mundo (embora outros autores defendam o oposto, que as diferenças linguísticas são subordinadas às distintas concepções de mundo). As estruturações do discurso não são formas vazias, traduzem motivações e contingências imemoriais, refletem experiências arraigadas que ajudam a compor uma antropologia filosófica – a investigação sobre o conceito que o ser humano faz de si próprio ao longo do tempo, de suas capacidades e ações, das faculdades que o tornam hábil em sua interação com o mundo.

Jean Lauand me ensinou tudo isso, principalmente, me ensinou a amar um pouco mais a língua. Nestes anos de existência da revista *Língua*, ensinou os leitores a encarar os mistérios da linguagem para entender um pouco mais ao mundo e a si mesmos.

LUIZ COSTA PEREIRA JUNIOR



2015

---



# 1. Brasil confunde “devo” e “posso”

(v. 116, p. 22-23, junho 2015, ampliado)

## Pensamento confundente

Em 1999, tive o privilégio de entrevistar, em seu apartamento em Madri, o grande pensador espanhol Julián Marías e conversamos sobre um fecundo conceito de Ortega y Gasset: “pensamento confundente”. Trata-se do fato – para o bem e para o mal – de algumas línguas pensarem conjuntamente em uma única palavra o que outras línguas distinguem em diversas outras. É, portanto, um conceito relativo e, insistamos, desprovido de valores *a priori*: em termos abstratos não é melhor ser confundente ou “distinguente” e não há nenhuma carga pejorativa na denominação “confundente”.

Em geral, há uma clara tendência ao confundente nas línguas orientais, mas, em cada caso, ocorre a “confusão”/distinção em todas as línguas. Alguém que esteja fazendo legendas em português para um filme inglês tem que decidir se traduz “you” por “você” ou por “senhor”, uma vez que o inglês usa *you* tanto para uma conversa de amiguinhos na creche quanto para dirigir-se ao severo avô. O mesmo ocorreria na situação inversa: como legendar em inglês, o confundente “grande” do português? Ao dizer “grande Uruguai!” provavelmente não se está pensando em um físico “big”, mas em “great”, em grandiosas conquistas, que o personagem aprova: “Grande Uruguai: desclassificou a Argentina!” ou “Grande Uruguai: legalizou a maconha!” etc.

Sobre o positivo do confundente, assim se expressava Marías: “Trata-se de uma dupla dimensão do pensamento. Há uma função, diríamos, *normal* do pensamento que é distinguir e determinar as diferentes formas de realidade. Por outro lado, se esta fosse a única função do pensamento, não haveria como lidar intelectualmente com realidades complexas em suas conexões, nas quais interessa ver o que há de comum e, portanto, o

tipo de relações que há entre realidades que, de resto, são muito diferentes. Isto é o que Ortega denominava ‘pensamento confundente’. Eu gosto do exemplo da palavra ‘bicho’, muito vaga, que se refere a milhões de animais, mas nos comportamos ante um ‘bicho’ de uma maneira, de certo modo, homogênea: em muitas ocasiões as diferenças não contam e não nos importa a espécie (haverá centenas de milhares de coleópteros, mas, para muitos efeitos, não interessa). O ‘pensamento confundente’ é muito importante e é um complemento para o pensamento que distingue.”

## O verbo dever

Se, como regra geral, prevalece o fenômeno nas línguas orientais, o português também tem acentuados confundentes. Sobretudo, o português do Brasil, com nossa arraigada propensão ao genérico, à indeterminação, ao neutro. Certa vez, dirigindo-me a um colega, vizinho de nosso prédio próximo ao campus, a quem frequentemente dava carona, perguntei: “E aí, você vai para a USP amanhã?”. Sua resposta foi: “Devo ir”. Assim sem mais, o leitor (e mesmo o interlocutor) não tem a menor possibilidade de saber o que significa esse “*devo*”, entre nós, muito confundente. Como traduzi-lo, por exemplo, para o inglês (*should, have to, supposed to, must, ought...*)? Pois, esse “devo” pode ser interpretado desde a mais absoluta e imperativa decisão de ir (“eu devo ir, senão a USP desmorona”) até a mais descomprometida e frágil intenção (“eu não falei que iria, eu falei ‘devo ir’, e aí apareceu um desenho animado legal na TV e eu não fui”).

O brasileiro, que não sabe dizer não, vale-se frequentemente do “dever” também neste sentido. Se alguém convida você para ir à formatura da sobrinha neta dele no ensino fundamental, a resposta “devo ir” é, claramente, uma forma polida que vale por um sonoro não.

Claro que se trata de um passo a mais na atitude neutra, tão frequente entre nós, que se instala em uma cômoda (para o falante, mas muito inconveniente para o interlocutor) indeterminação confundente, dispensando-se do grave peso de decidir... E não deixa de ser inquietante que tenhamos

toda essa gama de significados em torno de um verbo tão fundamental como “dever”.

## O verbo poder

O mesmo acontece com “poder”. O Aurélio dá quinze possíveis significados a esse verbo; o Houaiss, doze. Em espanhol ainda haveria que se acrescentar outro uso: “ser más fuerte que otro, ser capaz de vencerle. ‘En la discusión me puede’” (Dicc. de la Real Academia). Quando se contempla a meteórica ascensão da nova força política da Espanha, o *¡Podemos!*, fundado em 2014 pelos *indignados* e que em menos de uma semana tornou-se o partido político mais seguido nas redes sociais, superando os tradicionais PP e PSOE, não haverá aí – além da alusão ao “Yes, we can!” – uma outra, implícita, evocação desse poder, como ser capaz de se impor ao oponente? Esse sentido já não é mais empregado entre nós, mas o hino comemorativo da Copa de 1958 ainda dizia “A taça do mundo é nossa / Com brasileiro não há quem *possa*”, hoje tão em desuso quanto o outro verso que chama a seleção de “esquadrão” de ouro... ou, na outra marchinha de 1958: “Verde, amarelo, cor de anil / São as cores do Brasil (...) Salve a raça varonil / Campeão do mundo, Brasil”.

Foi mais ou menos nessa época que Dorval (do lendário ataque: Dorval, Mengálvio, Coutinho, Pelé e Pepe), após uma virada incrível do Santos daquela época, quando questionado perguntado em entrevista sobre como foi possível a façanha, declarou: “Futebol não é para quem quer; é para quem pode!”

E hoje temos outra forma nova, ainda não dicionarizada: “tá podendo”, para indicar diversas formas de poder... E “- Pode?” é indicação de algo absurdo ou imoral: “Uma hora e meia de fila de espera para entrar naquela droga de restaurante... Pode?”.

Nosso “poder”, “posso fazer”, em português concentrado em uma única forma, é em inglês – como faz notar o filósofo Vilém Flusser, diversificado em: *I may do / I can do / I am able to do / I am allowed to do*.

“– Você faz uma cesta de três pontos para eu ver ?” “– Não posso...” (“... agora estou ocupado em fazer alongamento”) / (“... você não vê que sou portador de deficiência e incapaz, sequer, de segurar a bola?”) / (“... estou muito destreinado”) / (“...o técnico nos proibiu de arriscar esse tipo de lance”).

Nesse quadro, Flusser – em aguda intuição, que é também um convite ao diálogo filosófico mais profundo com esse autor – vê no “poder” em português (em contraste com o inglês e com o alemão), um decisivo alcance metafísico: “(...) *Poder e dever* são conceitos ligados entre si, e tenho certeza de que um estudo fenomenológico das duas palavras esclarecerá fundamentalmente o sistema ontológico que suporta a língua portuguesa”. (*Língua e realidade*. 3.ed. São Paulo: Annablume, 2007, p. 144.)”

(...) *Poder*, como demonstra claramente o substantivo, é um conceito dinâmico, que admite aumento e diminuição. Algo *pode mais* ou *pode menos*; tem poder maior ou menor; está mais próximo ou mais afastado da realidade. O substantivo poder é a substantivação do nada em seu progresso rumo à realização. O poder total, o poder perfeito é a realidade. O conceito é o de uma luta darwinista pelo poder, é a pressão do nada na direção do ser; as espécies nadificantes querem chegar ao poder, para se realizarem. A realidade é a ponta de lança do poder: o que é o é porque podia. *Não pode* é a proibição de realização; também em sentido ético, significa quase *não deve*. *Poder e dever* são conceitos ligados entre si, e tenho certeza de que um estudo fenomenológico das duas palavras esclarecerá fundamentalmente o sistema ontológico que suporta a língua portuguesa. Revelará, conforme creio, uma tendência da língua na direção do fatalismo (dever=poder). (FLUSSER, Vilém. *Língua e realidade*. 3. ed. São Paulo: Annablume, 2007, p. 144.)

## 2. O marketing da rejeição

(v. 114, p. 30-33, abril 2015)

### Publicidade do aversivo

Um grande desafio das agências de publicidade é promover um produto ou serviço que conta com a rejeição ou a desconfiança do público. Um procedimento comum das agências nesse caso é assumir, ao menos implicitamente, essa aversão e tentar diferenciar o seu cliente, que seria a exceção: “Sim, a concorrência atua lamentavelmente, mas a Marca X é a única que merece sua confiança”. Se a campanha funcionar (o que é problemático, pois também reforça a imagem negativa geral e precisa convencer o potencial consumidor das razões da singularidade de seu cliente), além de blindar a marca X contra a rejeição, ainda desfere um golpe nos concorrentes, confirmando o consumidor em seu ato de torcer o nariz...

Assim, por exemplo, em 2005, o Unibanco lançou o agressivo slogan: “o banco que nem parece banco”. Os correntistas estão insatisfeitos com o atendimento, mas o Unibanco seria diferente... Assumindo também, que o público se decepciona quando realmente precisa da seguradora, na mesma época a Unibanco AIG Seguros lançou o slogan “Nem parece seguradora”. Também nessa linha, a Mapfre se intitula “a seguradora diferente” ou, em versão light, “a seguradora global de confiança” (porque as outras, na hora em que você precisar, te enrolam). Há anúncios de “o plano de saúde que cabe no seu bolso”, mas nenhum se atreveu ainda a atingir a principal suspeita do potencial cliente: “Plano tal: na hora H não te deixa na mão”!

Contra a suposta ineficiência de anúncios classificados dos jornais, há anos o Estadão vem apregoando que “a diferença é que o Estadão funciona”.

E quando a SBP insiste que o produto é “Terrível contra os insetos.

Contra os insetos” instila a suspeita de que os demais inseticidas e repelentes podem intoxicar suas crianças etc.

E se os outros desodorantes, depois de uns minutos de perfuminho, te deixam exalando maus odores, Rexona “não te abandona”. A Sky vende seu pacote por um certo preço, anunciando: “Não é promoção, é preço” (porque as outras, após te fisgarem com efêmera oferta promocional, salgam o preço...)

Um dos setores mais rejeitados pelo público é o de telemarketing, às vezes por culpa de operadores robotizados, insistentes e especializados em “oportunamente” desconversar etc. Por curiosidade, procurei no Google “telemarketing inteligente” e, de fato, apareceram empresas com esse apelo publicitário...

## Desagradável, mas “necessário”

Outro problema a ser enfrentado na publicidade é vender produtos ou serviços que o potencial consumidor, em geral, não quer nem considerar: seguro contra sinistros, fazer exame de próstata ou teste de HIV etc.

Nesse campo, algumas considerações prévias para compreender as sutilezas de linguagem nas diversas peças e momentos da campanha “Vai que...”, que se propunham evidenciar que “é melhor ter” Bradesco Seguros.

“Vai que” é o nosso correspondente mais próximo de uma distinção árabe (e semita em geral): a partícula “law”.

O árabe (e as línguas semitas) distinguem em três níveis aquilo que, em nossa língua, se expressa na única conjunção “se”, para nós confundente, e podendo situar-se – quanto à possibilidade de realização – em três níveis distintos:

1. Um primeiro nível é o “se” (em árabe: *idha*) que expressa uma certeza (ou algo muito provável) de que algo vai se realizar: “Se a lâmpada queimar, não adianta estrilar nem bater o pé” (antigo jingle da GE), “Se o teu filho te der alguma preocupação, tem

paciência”. É um “se” que poderíamos até substituir por “quando”, porque certamente um dia a lâmpada queimará e filho sempre dará alguma preocupação.

2. No extremo oposto, situa-se o “se” (*law*) que expressa uma impossibilidade (ou quase): “Vai ver se eu estou na esquina”, “Se não houver políticos corruptos, o Brasil será o maior país do mundo”.
3. E, finalmente, o “se” mais normal (*in*), que expressa dúvida real: pode ser que sim, mas também pode ser que não. Como quando a grávida diz: “Não sabemos ainda se é menino ou menina”; ou o convidado no celular: “Não sei se vai dar para chegar a tempo: o trânsito está meio congestionado”.

Em culturas como a nossa e mais ainda na semita, permeadas de tabus de nomeação, há regras implícitas na convivência que tornam complicado prever possíveis doenças, mortes ou problemas em geral: enunciar algo, mesmo hipoteticamente, é confundido com a realidade ou com o desejo de que aconteça (“vira essa boca pra lá!!). Uma mera e inocente conjectura (“se o seu filho não for aprovado no vestibular” “se ele ficar doente...” etc.) pode facilmente ser confundida com olho gordo ou maldição, especialmente se o “mau agouro” vier a acontecer. Daí a antiga fórmula “Deus nos livre e guarde” ou o bater na madeira etc. antes de qualquer alusão a tribulações. Nesse quadro, o *law* serve como atenuante: se tivéssemos um equivalente português (e este “se” já é um *law*, pois não dispomos desse “se” em nossa língua), aliviar-se-iam situações muito embaraçosas, como a do vendedor da loja de roupas tamanho grande, que quer convencer o gordo cliente a comprar uma calça com cintura elástica, pois *se* ele engordar, a calça se ajustará... Como dizer: “– É melhor comprar esta, pois se o senhor engordar...”, sem correr o risco de perder o cliente? (ou como dizer ao vovô muito idoso que está mais do que na hora de fazer o testamento? ou avisar o marido traído? ou a mãe do gay...? etc. )

Em exemplos como esses – na falta de um *law*, que já afirma a impossibilidade – a criatividade brasileira recorre a circularidades e

enrolações como: “É melhor o senhor levar esta calça porque... **isto não vai acontecer**, mas vai que o senhor, temporariamente, engorde um pouquinho, ela se ajusta até o senhor voltar a emagrecer...”. Para o caso da admissão da idéia da morte, ficou famosa a frase atribuída ao Dr. Roberto Marinho (os funcionários mais antigos da Globo referiam-se a ele como “Deus”): “Se um dia eu vier a faltar...”.

Sem querer (ou “sem querer, querendo...”) já introduzimos nosso “vai que” como um *Ersatz* do *law*.

André Kassu e Marcos Medeiros, diretores de criação da AlmapBBDO, contam que o primeiro diagnóstico que fizeram antes de desenvolverem a primeira fase da campanha [Bradesco Seguros], em 2010 – logo após a agência conquistar a conta –, indicava que todos os seguros falavam em proteção e tranquilidade – um equívoco, já que uma pesquisa com consumidores apontou que ninguém acreditava naquilo. “Em cima disso, a gente criou ‘Vai que...’, para mostrar que imprevistos acontecem sim, uma hora pode acontecer e, quando acontecer, melhor a pessoa contar com a Bradesco Seguros”. <http://propmark.uol.com.br/anunciantes/43869:bradesco-seguros-retoma-bordao>

No começo da campanha da Bradesco Seguros, os filminhos mostravam cenas de perigo irreais: o ator caminhando sobre uma estreita viga no alto de um prédio em construção ou prestes a ser atropelado por um trem em alta velocidade, mas o texto já trazia situações mais próximas. O humor buscava exorcizar o tabu, com a imagem do pé frio Mick Jagger e a legenda “Vai que... ele torce por você”.

Falar de seguro é complicado viu, é um assunto que ninguém gosta, mas não tem como evitar, porque você pode estar saindo da sua garagem apertada vai que... Ou você está andando na sua rua numa boa e vai que... Ou, sei lá, você chega em casa de viagem, abre a porta e vai que... Ou até mesmo dormindo, naquele soninho gostosinho, vai que... Agora, a verdade é que pode acontecer até num churrasco. Você está ali no fogo e... Por isso faça um seguro da Bradesco Seguros porque afinal, vai que, né, você sabe... Bradesco Seguros: é melhor ter. (publicidade do BS)

Comparado com o *law*, “vai que” aponta para o improvável, mas deixa uma margem para que algo (no caso, o sinistro) realmente ocorra: perfeito para vender seguro!

Em outro momento, a campanha passou a mostrar que, na ficção, uma equipe de especialistas surge do nada para controlar situações extremas. Já na vida real, só se pode realmente contar com o time de especialistas da Bradesco. E víamos a equipe da “Missão Impossível” (com a trilha sonora do filme, helicóptero etc.) ou o Batman enfrentando o Coringa (“vai que o herói que você liga está ocupado combatendo o crime”).

E finalmente, hoje (fevereiro 2015), as chamadas de rádio dizem simplesmente: “Vai que seu herói não pode ajudar”. E aí temos mais uma genialidade do apelo: o uso (permitido coloquialmente) do indicativo no lugar do subjuntivo (“possa”), induzindo o ouvinte a cair na realidade (indicativo) de que não há heróis disponíveis, de que sinistros realmente ocorrem e é melhor ter: Bradesco seguros.



### 3. O futuro do passado

(v. 113, p. 24-25, março 2015)

#### Passado no presente

Formas gramaticais e tempos verbais “bem comportados” nem sempre dão conta completamente da realidade que pretendem descrever. É o caso da referência ao passado, na qual devemos ter em conta que passado nem sempre é aquilo que ficou para trás, pretérito, ido para fora do presente (... e do futuro). Muitas vezes, o passado projeta-se, deixa marcas no presente e, em diversos sentidos, para o bem e para o mal, como diz Gabriel Perissé, “passado é aquilo que não passou”. O *bullying* que a criança sofre hoje pode deixar uma marca para o resto da vida; um trauma qualquer pode custar anos de terapia.

Nesse sentido, em “O que continua se não é mais” (*Língua Portuguesa* 68, junho 2011), discutimos a riqueza do sufixo tupi *guera* (/puera, /quera), que nos obriga a ver a presença do passado no presente: x-guera é algo que foi x, não é mais, mas preserva algo do x que um dia foi.

Para ficarmos aqui com apenas um par de exemplos, *anhangá* é diabo, espírito com poderes; já Anhanguera é alguém que sem ser (mais) diabo, preserva algo do poder que um dia teve em plenitude. Mais do que a “diabo velho” é a esse remanescente poder diabólico que se refere a lendária proeza do bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva, que pôs fogo na “água” (aguardente) para intimidar os índios.

*Pukaguera* é o risonho, as feições que vincam o rosto após anos de riso (*puka*), sorriso e bom humor, como no caso de uma Selminha Sorriso, Neguinho da Beija-Flor ou Martinho da Vila (mas não de uma Graça Foster, na qual outro *guera* se projeta). Um equivalente ao *guera* em nossa língua ajudar-nos-ia a ver o “passado presente”.

No campo dos verbos, o inglês, que dispõe do *present perfect*, permite ver eventos passados em relação com a situação presente. A versão em

português: “É natal, o que você fez?” não tem a mesma força dos versos de Lennon em “Happy Christmas (War is Over)”: “*So this is Christmas. And what have you (/we) done?*”, nos quais fica mais fácil entender que não está indagando se eu já comprei o panetone, mas a longa preparação espiritual para a paz (*So this is Christmas ... The road is so long*). Do mesmo modo, outras línguas, como o espanhol, trabalham muito mais com o passado composto do que o português. Se nós dizemos “o sistema Cantareira secou”, o espanhol preferiria “ha secado”, pois trata-se de um processo: meses de estiagem resultaram nesse estado presente.

## Passado no futuro

Há uma desconcertante possibilidade gramatical nas línguas semitas: o uso do passado para expressar o futuro. Um uso peculiar, ligado à concepção do tempo, assim expresso por Aida Hanania:

“A peculiar noção árabe de tempo. Como dizia Jamil Almansur Haddad: ‘O árabe vê o passado como um bloco homogêneo. E vê o futuro como um bloco homogêneo. O Ocidente faz o contrário: faz essa atomização, essa dissecação, essa separação temporal, que inventou toda uma máquina de dividir o tempo (clepsidras, relógios e assim por diante, até chegar aos mecanismos atuais que medem centésimos de segundo). O contrário daquele complexo de infinito de árabes, de orientais, de todo o Oriente’. É como se, nessa visão monolítica do tempo, o presente e o futuro não tivessem autonomia em face do passado, este, sim, determinante e determinador. Essa preponderância do passado repercute na gramática”. (cit. em <http://www.hottopos.com.br/collat5/amthal.htm>)

A repercussão na gramática é o fato de que o árabe pode valer-se do pretérito até mesmo para expressar o futuro, que aparece, assim, como mera resultante do passado. Como diz o Eclesiastes (1,9): “O que foi é o que será; o que se fez é o que se tornará a fazer: nada há de novo sob o

sol!”). Se é fenômeno normal, em tantas línguas, o emprego do presente para falar do futuro (“Vou jogar bola amanhã”), ou mesmo para o passado (“Em todo Natal, viajo”); o uso do passado para referir-se ao futuro é aparentemente descabido. E, no entanto, é assim que a gramática árabe procede.

Pois em muitos casos, o futuro não aparece como incerto, mas apropria-se da certeza do passado. E os provérbios bíblicos “Quem semeia ventos, colhe tempestades” e “Quem semeia ventos, colhe tempestades”, no original soam: “semeou ventos, colheu tempestades” e “deu aos pobres, emprestou a Deus”. Nessa mesma perspectiva, nós dizemos “Escreveu, não leu, o pau comeu”, “Bateu, levou” etc. (Se escrever e não ler, o pau comerá; quem bater, levará)

Tal fato torna-se mais evidente quando nos lembramos de outros tantos exemplos de uso semelhante em nossa língua, especialmente em linguagem publicitária. Neles, o futuro e suas conexões causais aparecem como inexoráveis e imediatas, como na velha propaganda dos classificados do Estadão, hoje imitada por diversos outros veículos: “anunciou, vendeu” (quem anunciar, venderá). Ou em:

Tomou Doril, a dor sumiu.

Estomazil: tomou, passou.

Desapegou, vendeu.

Achou, ganhou (utilizada por inúmeros produtos em promoções de prêmios).

E a consagrada: Sedex – mandou, chegou.

Os agentes de publicidade usam e abusam dessa forma de passado-futuro pois transmite certeza e rapidez, o que no ramo é decisivo, pois como diz a canção da Xuxa: “E ô e ô, bobou, dançou”.



## 4. Palavras Maiores

(v. 112, p. 22-25, fevereiro 2015)

### Inversões de polaridade

Em seu clássico *Studies in Words*, o grande mestre da linguagem C. S. Lewis fala da “notável tendência” de inversão de polaridade valorativa: palavras que originalmente indicavam qualidades positivas, passam a poder significar defeitos. Ele exemplifica com *innocent* e *simple*, entre outras. Assim, também no sentido pejorativo do inglês, na Espanha (e em diversos países de língua espanhola) celebra-se o dia da mentira em 28 de dezembro, dia dos Santos Inocentes, os bebês que Herodes mandou matar, pois *inocente* em espanhol passou a significar “pessoa fácil de ser enganada” (*Dicc. de la Real Academia*).

Também a palavra “prudência” decaiu. Originalmente era a principal das virtudes cardeais, a virtude da decisão certa: corajosa e justa (Tomás de Aquino), com base na visão da realidade. E hoje está mais para indecisão, receosa cautela de cálculos egoístas. O homem prudente necessitava da nobre e rara qualidade de ser “simples”, capaz de uma visão límpida da realidade, preconizada por Cristo: “Se o teu olho for *simples* – é o que diz literalmente Mt 6,22 –, todo teu corpo estará na luz. Hoje, no verbete “simples”, em vez do vigoroso elogio, encontramos no Aurélio: “Que se deixa facilmente enganar; sem malícia; ingênuo, papalvo, tolo, crédulo, simplório, singelo; simplacheirão”, “ignorante, humilde” etc.

O contrário também pode acontecer, passe o exemplo jocoso, como na conhecida piada da briga de galo.

Em visita a uma pequena cidade do interior, um sujeito é convidado para assistir a uma rinha de galos. Vendo que todos estão apostando, ele também resolve jogar. Vira-se para um caipira, que fuma um

cigarrinho de palha enquanto observa com muita atenção a luta dos bichos, e pergunta:

– Qual é o galo bom na próxima briga?

– Óia, diz o caipira dando uma cusparada de lado, – Tem o galo branco e o galo preto. O bom é o branco.

Confiante, o sujeito aposta toda a grana que tem no bolso no galo branco. Mas o bicho leva uma tremenda surra do galo preto.

Indignado, ele pede explicações para o caipira:

– Pô, você não me disse que o galo branco era bom?

– Uai, responde o caipira, – O branco era bom mesmo. Mas o marvado é o preto!

(<http://www.portaldohumor.com.br/cont/piadas/2145/Briga-de-galo.html>)

– Nessa mesma linha de inversão, Aurélio registra o uso (“paradoxal”) de “filho da puta” como elogio de excelência: “O filho da puta é inteligente: estudou pouco e mesmo assim passou em primeiro lugar” (Aurélio). O uso é antigo e não exclusivamente nosso: já no Quixote, Sancho bebe vinho da bota e exclama:

– *¡Oh hideputa bellaco, y cómo es católico!*

– E seu interlocutor pergunta como pode louvar, chamando de f-d-p:

– *¿Veis ahí – dijo el del Bosque, en oyendo el hideputa de Sancho –, cómo habéis alabado este vino llamándole hideputa?*

– E Sancho sentencia que chamar de f-d-p não é ofensa quando é usado para louvar:

– *Digo – respondió Sancho –, que confieso que conozco que no es deshonra llamar hijo de puta a nadie, cuando cae debajo del entendimiento de alabarle.*

### *Palabras Mayores – “são outros quinhentos”*

– O falante espanhol que hoje emprega a expressão “palabras mayores” não se dá conta da inversão que essa formulação recebeu. Quando se diz “eso son palabras mayores” indica-se que o que se acabou

de dizer é algo muito importante: como quando o Barcelona acabou contratando Neymar, que se supunha que iria para o Madrid, ou quando a imprensa espanhola (*palabras muy mayores!*) comentou a afirmação de Pelé de que Neymar poderia chegar até a ser melhor do que ele. *Palabras mayores* foi a decisão do presidente Obama de reatar relações diplomáticas com Cuba e convidar o Congresso americano a levantar o embargo à ilha.

Em sua antiquíssima origem, porém, a expressão refere-se a algo muito mais prosaico: palavrões e insultos. Mais concretamente, muito antigas e vigentes por séculos, leis espanholas – como o *Fuero Real* de 1255 de D. Alfonso o Sábio, ou uma lei de 1566 de Felipe II – puniam com pena de pesadas multas, ofensas com alguma das “*palabras mayores*”, as verdadeiramente grandes: gafo (o estigma do leproso), sodomético, cornudo, traidor, herege ou puta (neste caso, só para *mujer que tenga marido!*).

No caso do ofendido ser fidalgo, Felipe II mantém a antiga pena de 500 soldos e quantias menores “para quem injurie com palavras *menores* do que as expressas na lei anterior”.

Fidalgo de 500 soldos chega a ser mesmo uma tipificação: “sou fidalgo de solar conhecido, de posses e propriedades, e com direito a reivindicar (*devengar*) quinhentos soldos”, como por exemplo D. Quixote diz de si mesmo.

Assim, se a uma ofensa corresponde a quantia de 500 soldos; a uma segunda ofensa serão “outros quinhentos” e pode-se discutir que se se deve 500 por chamar uma mulher de puta, no mesmo ato se insulta o marido de cornudo, o que implicaria (ou não?) um acúmulo de “outros quinhentos”...

## As injúrias verbais hoje

Antes de sorrirmos com superioridade ante as visões de nobreza, gênero etc. da época, lembremo-nos da célebre indenização de 500 soldos que, em 2014, a pobre agente de trânsito Luciana Tamburini foi

condenada a pagar pela “ofensa” ao magistrado João Carlos de Souza Correa, por ter afirmado que juiz não é Deus...

No Brasil de hoje, a injúria qualificada (Código Penal art. 140, par. 3) e mais penalizada é a injúria discriminatória (“Se a injúria consiste na utilização de elementos referentes a raça, cor, etnia, religião, origem ou a condição de pessoa idosa ou portadora de deficiência”). E com pena acrescida de um terço, no caso de ser contra o Presidente da República ou chefe de governo estrangeiro ou, os novos fidalgos de 500 soldos: “funcionário público em razão de suas funções”.

Quanto aos insultos de leproso, cada vez menos circulam entre nós “lazerento” e “morfético” e promovemos uma encantadora delicadeza: o Brasil é o único país do mundo que mudou a palavra “lepra”, carregada de estigmas, para “hanseníase”. Embora a especialista Dra. Maria Leide de Oliveira aponte também as disfunções dessa ternura eufemística: “Hanseníase é [erradamente tida por] uma doença simples, não precisa se preocupar, tem tratamento e cura, então talvez a gente tenha banalizado muito a hanseníase” (*Câmara Notícias*, 2012 <http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/SAUDE/419449-BRASIL-E-O-UNICO-PAIS-DO-MUNDO-A-USAR-O-NOME-HANSENIASE.html>)

Quanto a “sodomético” (ou seus equivalentes contemporâneos), no Brasil – apesar de tanta homofobia truculenta – o exagero e o lúdico acabam tirando eficácia ao caráter ofensivo do insulto. Nas famosas “Curiosidades brasileiras” o francês Olivier Teboul registra: “Aqui no Brasil tudo é gay (ou ‘viado’). Beber chá: é gay. Pedir um coca zero: é gay. Jogar vôlei: é gay. Beber vinho: é gay. Não gostar de futebol: é gay. Ser francês: é gay, ser gaúcho: gay, ser mineiro: gay. Prestar atenção em como se vestir: é gay. Não falar que algo é gay: também é gay.” E há usos não ofensivos, como um hétero que diz carinhosamente para o amigo hétero: “E aí, seu viado, já comprou a cerveja?”.

E por vezes aquilo que era originalmente um insulto acaba sendo assumido pelos ofendidos. Como quando em histórica capa do *Placar* (novembro de 1986), Jorginho anexou o porco como mascote do Palmeiras, invertendo a polarização negativa por tantos anos sofrida pela torcida:

Nessa mesma linha, seria possível penalizar Daniela Mercury, que no carnaval de 2011, do alto do trio de seu bloco Crocodilo, proclamou em nome de todos os gays: “É isso mesmo: a gente é viado...”?

E com relação a “cornudo” também o humor (Reginaldo Rossi, Falcão etc.) se encarrega de atenuar: a Associação dos Cornos do Ceará existe há mais de 15 anos, tem sede própria, mais de 17.000 filiados de carteirinha e que pagam mensalidade. (<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/cidade/online/presidente-da-associacao-dos-cornos-do-ceara-procura-substituto-apos-15-anos-1.1104322>)

Também a palavra “puta” recebeu ousado apoio com a iniciativa da guerreira Gabriela Leite, autora de “Filha, mãe, avó e puta”, fundadora da “putique” Daspu (“um nome provocativo, de quem não tem vergonha de dizer quem é e o que faz”) e da ONG Davida, que defendeu o uso dessa palavra precisamente para desestigmatizar e vencer o preconceito. Opunha-se ao politicamente correto dos nomes: “Hoje, não se pode chamar favela de favela, tem que dizer comunidade. Mas favela é favela e puta é puta.” “Eu faço muito questão do nome puta, é o que eu mais gosto, aliás, porque eu acho que a gente não pode esconder esse nome e colocá-lo de um modo que um dia fique bonito.” (<http://pt.scribd.com/doc/51487118/Roda-Viva-Entrevista-com-Gabriela-Silva-Leite-sociologa-e-prostituta>).

Completando a lista dos 500 soldos, hoje em dia, o “traidor” em vez de condenado é beneficiado por delação premiada e o “herege” pode mudar de religião e igreja livremente (o maior preconceito no Brasil é contra os ateus, como quando em julho de 2010, José Luiz Datena, no “Brasil Urgente” relacionou a ocorrência de um crime hediondo ao suposto ateísmo do autor do homicídio. “Um sujeito que é ateu não tem limites, e é por isso que a gente vê esses crimes aí”).

Como se vê, as “palavras maiores” necessitam de discernimento na sociedade brasileira de hoje, mas isso são outros quinhentos...



## 5. As “boas” maneiras de ofender

(v. 111, p. 38-41, janeiro 2015, ampliado)

### Vale a pena

Nossas fórmulas de relacionamento, como muitas expressões da linguagem em geral, tendem a um embotamento: usamos uma forma consagrada, sem maiores reflexões sobre seu sentido originário. E pode acontecer, que esse sentido traga em si algo ofensivo, contrário aos bons modos que seriam de esperar.

Quando dizemos, por exemplo, “vale a pena” no sentido de que algo é simplesmente muito bom estamos cometendo um equívoco. Pois, o que se afirma é que há uma pena, que o bem obtido até pode compensar, mas que esse bem tem um custo penoso.

Nesse sentido, Tomás de Aquino, no século XIII, distinguia o *bonum arduum* do *bonum simpliciter*. Ao contrário do puramente deleitável, o bem árduo pressupõe esforço e pena para sua obtenção: “Pois é, trabalhei direto todos os fins de semana, mas valeu a pena porque com o acréscimo dessas horas extras pude dar a entrada para meu carro novo”.

Quando a Globo intitula seu programa de reprises “Vale a pena ver de novo”, a rigor, o que se diz é que essas novelas têm seu lado aborrecido, mas, afinal, é interessante revê-las. Um título publicitário mais adequado, nesse sentido, seria, digamos, “Como é bom recordar!”.

Assim, quando a dona da casa pergunta ao convidado que se despede se ele gostou da festa e ele responde: “Sim, valeu a pena”, na verdade está implicitamente se queixando de algo.

Não esquentar a cabeça. Fique à vontade.

No Brasil, as formas de convivência muitas vezes se revestem de eufemismos e cuidados para não ferir susceptibilidades e evitar melindres.

Impera na convivência a suavidade e, assim, expressões de enfática afirmação como: “Com certeza!”, “Ôôôpaa!” (que é um sim superlativo), “pode deixar” “tamos aí” etc. podem significar, pura e simplesmente, um rotundo não. Um convite descabido: “Você vai na cerimônia de formatura da minha sobrinha neta, daqui a três meses?”, obterá como resposta um “Com certeza!”. Naturalmente, o convidado não irá nem telefonar para se desculpar pela ausência; o que importa é que, no momento do convite, poupou o interlocutor do desgosto de ouvir um não.

Outro modo de aparar arestas na convivência é o emprego irrestrito de diminutivos. Como escreve o clássico Sérgio Buarque de Holanda “Nosso pendor acentuado para o emprego dos diminutivos. A terminação ‘inho’, aposta às palavras, serve para nos familiarizar mais com as pessoas ou os objetos e, ao mesmo tempo, para lhes dar relevo. É a maneira de fazê-los mais acessíveis aos sentidos e também de aproximá-los ao coração”. Para ficarmos com alguns exemplos, fomos educados a atenuar tudo com diminutivos; assim, alguns dos enormes e sangrentos espetos do rodízio de carnes são diminutivos de carteirinha, como “maminha” e “fraldinha”; e muitos outros viram diminutivo ao serem oferecidos, “coraçãozinho” e “franguinho”, acompanhados talvez de uma “caipirinha”, que sempre dá uma animadinha para manter aquele papinho etc. Até nossos criminosos e contraventores são afetivamente designados por Carlinhos, Fernandinho, Marcinho etc.

Outro fator desconcertante são os eufemismos, que tendem a se absolutizar e excluir o verdadeiro nome das coisas: dificilmente designaremos um homem gordo por gordo, e menos ainda uma mulher! Ela é “fortinha”. “Moço”, e especialmente o feminino, “moça” ou “menina” pode designar uma pessoa qualquer, não necessariamente jovem: mesmo após 50 anos de carreira, até o recente falecimento de Cybele aos 74 anos, sempre se falou em “as meninas” do Quarteto em Cy.

Já do lado positivo, a mesma tendência se realiza, por vezes, em expressar excessos de agradecimentos ou desculpas.

Mas esses exageros de gentileza por vezes são alvo de respostas grosseiramente “polidas”. O dono da casa passa o dia que antecede a vinda da faxineira limpando a sujeira mais grossa e esmerando-se para deixar

as coisas em ordem para facilitar o trabalho da profissional. Quando, no dia seguinte, ela chega, ouve: “- Oi, Olímpia, bom dia. Desculpe a bagunça e a sujeira”. Ante esse exagero de respeito e gentileza, a resposta cabível seria: “Imagina, que nada! Está tudo tão em ordem”, mas a Olímpia aproveita e desfere um coice: “- Não esquenta a cabeça!”. Com o que se diz que, de fato, vocês são sujos e desleixados, mas não têm com que se preocupar porque eu não vou levar isso em conta e, afinal, é para limpar este chiqueiro que eu estou aqui...

O troco vem na hora da despedida: “- Dr. Mendonça, acabei e estou indo. Eu abri uma garrafa de suco e tomei um copo com umas fatias de presunto”. “- Não esquenta a cabeça, não, Olímpia!” (em vez de “Que que é isso, a casa é sua”).

Nessa mesma linha de subordinado que se arvora em superior, está o caso do síndico que deu uma festa no salão do prédio e contratou um buffet para servir. Um dos garçons – desses que recebem treinamento padronizado e não sabem distinguir entre as diferentes situações – interrompe animada conversa do anfitrião com um insistente oferecimento de empadinhas. O síndico diz “- Não, obrigado!”. E o garçom: “- Fique à vontade!”.

## Vê se aparece

Resumindo, a grosso modo e pressupondo as mil ressalvas das generalizações, a visão do mundo ocidental tende a ser centrada no eu do sujeito. Assim o expressa a monja Coen em uma entrevista: “Eu sinto que sair do eu auto-centrado e se dedicar ao Eu maior é a própria felicidade – e isso tanto no Ocidente quanto no Oriente. Talvez os métodos educacionais sejam diversos: o Ocidente sempre foi mais centrado no eu individual do que o Oriente, que costuma considerar a coletividade em primeiro lugar”. Claro que isto não quer dizer que os ocidentais sejam egoístas e os orientais solidários, como aliás adverte a própria monja nessa mesma entrevista (<http://www.gluckproject.com.br/monja-coen-entrevista/>).

Seja como for, algo desse centramento no eu revela-se em uma de nossas fórmulas de despedida mais usuais. A visita está indo embora e o dono da casa diz “Vê se aparece!”. Claro que o sentido é o de manifestar apreço e agrado com a presença do visitante, mas fica implícito (e inconsciente) que nós somos pessoas importantes, interessantes, bonitas, legais ... e autorizamos você a vir ver-nos, pois, nós, além do mais, somos também generosos.

A diferença fica clara quando contrastamos com a forma árabe para situações semelhantes: o oriental despede-se da visita dizendo: *Ismah lana nashufak!* – Permita que nós o vejamos (*você é a pessoa importante, etc...*).

É necessário ter em conta a exuberância nas fórmulas de hospitalidade para uma melhor compreensão do mundo semita. O *Alcorão* prescreve, por exemplo (IV, 86), retribuir uma saudação com outra mais intensa ou, pelo menos, não inferior. Naturalmente, a reação em cadeia deflagrada por um simples “Bom dia” pode durar uma eternidade: “– Bom dia...”, “– Tenha você um dia de luz...” “– E você um dia de luz e de mel...” (mel e jasmim; doce música; que a sombra de Allah te acompanhe; etc.). Nesse sentido, Cristo, que tão bem sabe valorizar a hospitalidade e as formas humanas de acolhimento (cf. Lc 7,44 e ss.) tem que recomendar aos discípulos enviados em missão: “A ninguém saudeis pelo caminho” (Lc 10,4). É simplesmente um problema de aproveitamento do tempo numa missão urgente!

### Qual é a dele? Ele é ótimo.

Até para falar mal de alguém – de um colega de trabalho ou conhecido comum ausente no momento – a agressão não pode ser direta. A melhor forma de instilar o veneno é pelo malicioso neutro, lançado por um dos da rodinha do *happy hour*:

“– O Fulano, qual é a dele, hein?”

Tecnicamente, não há aí nenhuma maldade: não houve referências a sua orientação sexual nem a seu comportamento na empresa, ninguém

afirmou que ele é um puxa-saco nojento do chefe etc. Só uma “inocente” indagação genérica.

Ainda no neutro, outros vão ajuntando:

“– É, o Fulano...”

“– Eu, eu não sei não...”

“– O Fulano...; eu, hein?”

“– Olha, sem nenhum preconceito, vocês sabem que eu tenho o maior respeito pelo modo de ser de cada um...”

Até que alguém resolve começar a descer ao plano concreto, mas sob a proteção da inversão semântica de palavras originalmente elogiosas.

“– Eu admiro a coragem e a criatividade que ele tem: puxar o pic pic no aniversário do chefe foi uma inovação marcante na firma...”

“– Essa foi demais, ele é ótimo. Para mim, nem a Carmen Miranda faria melhor”.

“– Pera aí, gente, aqueles trejeitos não querem dizer nada... Afinal, ele tinha bebido um pouquinho além da conta...” Etc.

## O *facilone*

*Facilone* em italiano – palavra que faz muita falta no português – designa aquele tipo de folgado que acha que as coisas são muito mais simples do que na realidade são. Assim, o *facilone* pode se atrever a pedir “pequenos” favores.

Um *facilone* bíblico (II Re 5) é aquele rei da Síria, que envia seu general Naamã, com muitos presentes, ao rei de Israel (terra de profetas), dizendo-lhe em carta: “Eu te envio Naamã, meu servo, para que o cures da sua lepra” (!!). Naturalmente, o rei de Israel interpreta isso como um pretexto do sírio para provocar uma guerra. O que não ocorre porque o profeta Eliseu cura Naamã.

Um exemplo caricatural. Você está dando uma carona para ele e, ao passar em frente à sua agência bancária, ele diz: “– Dá para dar uma paradinha? Eu vou abrir uma conta de poupança com meu gerente e volto: são só cinco minutinhos”. Quando, quinze minutos depois, você liga para

o celular dele, ele já atende agressivo, acusando o interlocutor de impaciência e atribuindo-a a seu estresse: “– Calma! Dá licença? Já estou saindo”. E quando você resolve pagar o estacionamento e verificar pessoalmente o caso, ele diz: “– É só mais um minutinho: eu sou o próximo a ser atendido...”.

Como se vê, a linguagem brasileira se presta a múltiplos e sutis usos e formas aparentemente polidas podem ser usadas para golpear.

## Adendo: um *facilone* bíblico

Na Bíblia há um curioso caso de *facilone*, o do rei de Aram.

O sucessor de Elias, Eliseu, protagoniza essa divertida passagem (II Re 5) que põe em evidência cacoetes semíticos, referentes a provincianismos (“a minha terrinha, sim”), a cerimoniais e a desconfianças que podem provocar guerras.

Naaman, o sírio, prestigioso chefe do exército do rei de Aram (Síria), era leproso. Ora, os arameus, numa incursão, levaram do território de Israel uma moça que tinha ficado ao serviço da mulher de Naaman. Um dia, essa moça, gabando-se, diz à sua senhora que, em sua terra (terra de profetas), o problema de Naaman seria resolvido facilmente.

O rei de Aram, que muito prezava seu general, envia-o ao rei de Israel, carregado de preciosos presentes e com uma carta lacônica: “Envio-te meu servo Naaman, para que o cures da lepra”(?!).

Mais do que por motivos objetivos, as guerras no Oriente são frequentemente causadas pela fantasiosa imaginação e pela milenar desconfiança<sup>1</sup>: ao ler a carta, o rei de Israel interpreta-a como uma pro-

---

1. Um exemplo: morreu Naás, o rei dos amonitas, que tinha sido benevolente para com Davi. Davi, com a melhor e a mais piedosa das intenções, envia seus servos para apresentar sinceros pêsames ao novo rei, Hanon, pela morte do pai. Os amonitas, porém, logo pensam mal: “Foi para observar a cidade e conhecer suas defesas e depois a arruinar que Davi enviou seus servos”. Hanon, então, manda prender os servos de Davi, raspar-lhes a barba e rasgar suas vestes, até as nádegas. Começa a guerra e, por conta de um mal-entendido, dezenas de milhares de mortos (II Sam 10).

vocação, fica desesperado, rasga as vestes e diz: “Acaso sou eu Deus? O rei de Aram o que quer é pretexto para guerra”.

Eliseu, irritado com a atitude do rei de Israel – “deixa comigo!” –, manda-lhe o seguinte recado: “Como é que é? Então, não há mais profetas em Israel? Manda esse estrangeiro falar comigo”. Naaman dirige-se, com toda a pompa e circunstância, à casa de Eliseu e, ao chegar, o profeta – com o maior esnobismo (“esta é fácil!”) – nem sequer lhe sai ao encontro: manda um mensageiro dizer que basta Naaman ir lavar-se sete vezes no Jordão.

Naaman, furioso, decide ir embora, protestando: que é falta de consideração, que o mínimo que se pode esperar de um profeta são gestos mirabolantes e “efeitos especiais”, que ele não fez essa penosa viagem para se lavar nessa droga de Jordão etc. E não perde a oportunidade de exaltar os rios de sua terra: “Acaso os rios de Damasco, o Abana e o Farfar, não valem mais do que todas as águas de Israel juntas?”. Seus servos, porém, chamam-no à razão e convencem-no a seguir a recomendação do profeta – “precisamente porque indicou uma coisa tão simples”. E, ao obedecer, ele fica curado.

A sequência desse episódio tem desdobramentos interessantes, mas gostaria de destacar um, como um desafio de tolerância aos pastores e sacerdotes cristãos, que dificilmente pregam sobre esse caso (II Re 5, 18-19): Naamã, curado e agradecido, vai ter com o homem de Deus e começa por insistir em fazer uma rica oferta (v. 15) que o profeta recusa terminantemente (outro fato que mantém esse trecho do episódio ausente dos púlpitos). Naamã também reconhece que não há outro Deus a não ser o Deus de Israel, mas pede permissão ao profeta para ainda curvar-se diante do deus pagão de sua terra: “Quando o meu soberano entrar no templo de Remon para adorar, apoiando-se no meu braço, e que eu também me prostrar no templo de Remon, que o Senhor perdoe esse gesto ao teu servo.” E o profeta assente imediatamente e autoriza-o!



## 6. Do *theorein* grego à gíria “curtir”

(ainda inédito na Língua)

### Falar de “modo gráfico”

Em espanhol, para referir-se a uma explicação clara, à metáfora acertada, diz-se: “*de modo gráfico*”, “*de modo muy gráfico*”: “o modo de falar, que expõe as coisas com a mesma clareza do desenho” (*Dicc. de la Real Academia*). O segredo de uma grande aula, de uma boa conferência, mais do que a erudição (ou em interação com ela...) é precisamente a oportuna presença do concreto: que o interlocutor possa “ver” o que está sendo exposto – e essa “imagem” (verbal) vale mais do que mil palavras (não “gráficas”).

Trata-se de um falar *picturable*, como dizia o escritor Grant Allen (*Post-Prandial Philosophy*), no século XIX: “A metáfora, proporcionando uma representação *picturable*, frequentemente nos permite agarrar a realidade de que se fala de modo muitíssimo melhor do que o mais solene argumento” (Chapter XVI). Não é por acaso que a sabedoria da língua espanhola identifica “mostrar” e “ensinar” em uma só palavra: *enseñar*: só quem mostra o concreto, ensina.

No Alcorão, nos ensinamentos de Buda, na tradição chinesa... não encontraremos elocubrações abstratas, mas imagens: de Cristo, dizem os evangelhos que Ele só falava em metáforas (*mashalim*) e parábolas (Mt 13, 34; Mc 4, 34).

Um exemplo de como uma situação complexa é atendida por felizes metáforas, em diversas línguas: convidam-me para um programa – assistir a um filme, participar de uma banca, escrever um artigo etc. – sobre tema que não é de minha especialidade, a respeito do qual não me sinto à vontade ou de que simplesmente não gosto. Por outro lado, não me erijo em dono da verdade e respeito o gosto e as preferências de quem me convida. A forma adequada nessa delicada situação é recusar dizendo,

com a genial gíria carioca: “Não é minha praia!” “Desculpe, mas filme de alienígenas, não é minha praia.” Firmemente recuso, mas expresso respeito e tolerância: não estou dizendo que a minha praia é a melhor nem que é a única, mas é a “minha”, dá licença?

O sugestivo equivalente em inglês é: “*It is not my cup of tea*”. “*Sorry, soccer it is not my cup of tea*.” Para a mesma situação, em Espanha está a expressão “*no es santo de mi devoción*”. Sim, há milhares de santos na Igreja, todos admiráveis, mas ninguém pode cumprir as obrigações de devoto, senão para com quatro ou cinco. No meu caso, eu fico com S. Expedito, S. Longuinho e Sta. Edwiges (a dos inadimplentes). Desculpe, mas prefiro não participar da banca sobre a obra de John Thinker Writer, conheço pouco a obra dele e “*no es santo de mi devoción*”. Não preciso entrar no mérito do autor, nem dizer se acho que ele é superficial ou picareta...

## A metáfora do curtir

Com isto, voltemo-nos para uma de nossas mais maravilhosas metáforas: curtir, curtição, hoje praticamente confundida com o mero gostar. Para além de gostar, curtir envolve processo longo, lento (*lentus* = brando), demorado e *de-vagar*: o processo de curtição lentamente amacia o couro e o preserva da decomposição.

Assim, não é de estranhar que seja a metáfora perfeita para o eminente prazer da contemplação: artística, religiosa, amorosa etc. O tempo parece que não passa para os pais jovens que “babam”, paralisados, contemplando seu bebê. E o mesmo para quem se extasia diante de um quadro maravilhoso ou entrevê a presença do divino. Curtir é *enjoy*, etimologicamente *in-joy*, imersão na alegria; e em inglês contemplar é *behold*, estar suspenso, subtraído ao fluir do tempo.

Pois, a contemplação – que, afinal, traduz o grego *theorein*, *theoría*, significando visão, simples visão – é um ver com olhar de amor, um ver que se entrega concentradamente ao objeto, como diz o filósofo Von Hildebrand: “na ausência de tensão de futuro”. Tal como o faz Caetano,

no verso da antiga canção “Força Estranha”, que diz que esse encantamento suspende o correr das horas: “O tempo parou para eu olhar...”. Um olhar contemplativo que se volta para o simples, o quotidiano: “o menino correndo”, “a mulher preparando outra pessoa...” Assim, a canção resgata um importante aspecto clássico dessa estranha força: o de que a contemplação não se exerce sobre o inusitado, o estapafúrdio, mas sobre a realidade que está aí diante dos olhos todos os dias.

Ou, como diz Adélia Prado, a contemplação se dá sobre o feijão, a água: “Admirar-se de um bezerro de duas cabeças, qualquer débil mental se admira, mas admirar-se do que é natural, só quem está cheio do Espírito Santo.”

Já no começo do *Grande Sertão*, Riobaldo compara o agir de Deus à curtição, ao contrário do diabo, ruidoso e abrupto:

É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra, montão. E outra coisa: o diabo, é às brutas; mas Deus é traçoeiro – dá gosto ! A força dele, quando quer – moço! – me dá o medo pavor! Deus vem vindo: ninguém não vê. Ele faz é na lei do mansinho – assim é o milagre. E Deus ataca bonito, se divertindo, se economiza. A pois: um dia, num curtume, a faquinha minha que eu tinha caiu dentro dum tanque, só caldo de casca de curtir, barbatimão, angico, lá sei. – “Amanhã eu tiro...” – falei comigo. Porque era de noite, luz nenhuma eu não disputava. Ah, então, saiba: no outro dia, cedo, a faca, o ferro dela, estava sendo roído, quase por metade, por aquela aguinha escura, toda quieta. Deixei, para mais ver. Estala, espoleta! Sabe o que foi? Pois, nessa mesma da tarde, aí: da faquinha só achava o cabo... O cabo – por não ser de frio metal, mas de chifre de galheiro. Aí está: Deus... Bem, o senhor ouviu, o que ouviu sabe, o que sabe me entende...

A suspensão do tempo no ato contemplativo é objeto também de antigas lendas, como “O Monge e o passarinho”, das *Cantigas de Santa Maria*, de Alfonso X, o Sábio, no século XIII. O monge rogou a Nossa Senhora que lhe mostrasse como é o Paraíso. Ao final da oração, em um jardim, apareceu um passarinho e o monge ficou extasiado, ouvindo seu

mavioso canto. Quando voltou ao mosteiro, não reconheceu o edifício nem os confrades: sem que ele se desse conta, haviam passado “*grandes trezentos anos, ou mays cuidando que non estivera senon pouco*”.

### Uma maravilha da língua Tupi

Essas considerações ligam-se a uma – tão importante quanto injustamente esquecida – tese de Tomás de Aquino: Deus cria brincando, o brincar de Deus, como fundamento da necessária realidade do lúdico na vida humana. Procurei desenvolver esse tema no artigo “O Lúdico no pensamento de Tomás de Aquino...” ([www. hottopos.com/ notand7/ jeanludus.htm](http://www.hottopos.com/notand7/jeanludus.htm)) e em recente vídeo aula (<https://www.youtube.com/watch?v=7-iITIfJsUU>).

Tomás afirma a estreita relação do brincar com a contemplação<sup>1</sup>, “*sapientiae contemplatio convenienter ludo comparatur*”: em ambas se dá um deleite que tem um fim em si mesmo. E foi com surpresa e emoção que, estudando a língua tupi, deparei-me com a maravilhosa etimologia da palavra tupi para brincar, *nhemosaraî*: esquecer-se de si! Subtrair-se ao tempo! (NAVARRO, E. de A. *Dicionário Tupi antigo*. São Paulo: Global, 2013.)

Cabe aqui uma notável observação de C. S. Lewis. Em *The four loves*, ele distingue “prazer de necessidade” de “prazer de apreciação”. O primeiro (*need pleasure*) requer uma preparação: só é prazer porque antes ocorreu algo, uma etapa preliminar que o estabelece como necessidade. Por exemplo, beber água depois de horas ao sol: saciar a necessidade converte-se em um prazer. E quanto mais sedenta estiver uma pessoa, mais sentirá prazer ao beber. Os prazeres de necessidade morrem em nós

---

1. Ubi considerandum est, quod sapientiae contemplatio convenienter ludo comparatur, propter duo quae est in ludo invenire. primo quidem, quia ludus delectabilis est, et contemplatio sapientiae maximam delectationem habet: unde Eccli. 36 xxiv, dicitur ex ore sapientiae: “*Spiritus meus super mel dulcis*”. Secundo, quia operationes ludi non ordinantur ad aliud, sed propter se quaeruntur. Et hoc idem competit in delectationibus sapientiae. (In Boet. de Hebd. Lc-).

bruscamente: depois de ter bebido, a garrafa já não desperta o menor interesse; o cheiro do churrasco, irresistível para quem está com fome, já não é nada depois de o ter comido. E Lewis conclui com seu humor britânico, aludindo ao alívio fisiológico: “E me perdoem por referir-me ao mais extremo dos casos, não houve momentos para a maioria de nós (numa cidade estranha) quando a palavra ‘Homens’ sobre uma porta despertou uma alegria praticamente digna de ser celebrada em versos?” (Chapt. 2 Likings...)

Bem diferentes são os prazeres de apreciação. O *pleasure of appreciation* é um tipo de prazer que nos faz apreciar algo sem preparação, mas simplesmente pelos atributos admiráveis do objeto. O amor apreciativo leva a admirar a beleza das coisas de uma forma desinteressada (ou desinteressada...).

Alguém que contempla uma bela paisagem ou é surpreendido por um encantador aroma de flores, não apresenta qualquer traço de amor interesseiro; da mesma forma, o conhecedor de vinhos aprecia o vinho de tal forma que se pode dizer que sente por ele um amor apreciativo. Ele consideraria um verdadeiro pecado que o finíssimo vinho fosse profanado por um paladar despreparado, que não o saberia valorizar. Independentemente de desfrutar desse prazer, ele quer preservar seu valor e não quer desperdiçá-lo: mesmo em seu leito de morte, espera que seu sabor seja preservado para sempre, ainda que ele mesmo não possa mais apreciá-lo. Está ligado à contemplação, à *theoria* (*contemplatio* é a tradução latina de *theoria*).

De modo genial, Lewis liga a distinção entre os prazeres – os de necessidade e os de apreciação – a fatos da linguagem: nestes, a tendência é a de nos referirmos ao objeto e no presente (no atemporal da *theoria*) “Olha, que cheirinho bom é este”, “Como é maravilhoso este vinho” ; naqueles, enfatizamos o sujeito e falamos no passado “Ufa! eu precisava disto”, diz o sedento, passando a mão na boca após beber.

Mais uma sugestiva observação de linguagem, esta procedente de Pieper. Em seu notável panegírico do ócio, comentando a sentença aristotélica “Estamos não ociosos para ter ócio”, Pieper faz notar que tanto em latim como em grego o fundamental, o positivo é a *skholé*, o ócio, e que

essas línguas só dispõem de formas negativas para a ocupação, o não ócio, o negócio, *neg-otium*.

## Curtir: do negativo para o positivo

Ao fazer esta pesquisa tive duas grandes surpresas: a de que a metáfora do curtir é muito antiga e a de que originalmente voltava-se para o negativo (“o criminoso vai curtir 20 anos de cadeia” ou “vai curtir seu deserto, vai!” da canção *Regra Três*, de Vinicius - 1972) – e só recentemente passou a expressar prazeres, aplicação que me parece muito mais apropriada.

Assim, no acervo do *Estadão*, encontramos em 27/06/1877: “constrange-o a curtir acerbas vergonhas”. E em 28/09/1882: “Os pobres homens que ousaram levantar a ‘grimpa republicana’ em semelhante terra hão de curtir amarguras”. E por aí vai: “curtir dores”, “curtir as penas divinas”, “curtir varios annos de prisão” etc. Em 20/09/1970, em página inteira do “Suplemento Feminino”, dedicada a explicar para os pais as novas gírias dos adolescentes aparece a nova orientação do curtir. “Curtir: Viver uma situação é curti-la. Curtir um barato é sentir os efeitos de alguma coisa (droga, uma música moderna, qualquer boa experiência sensorial)”.

Alguns verbetes do Dicionário para os “coroas” do “Suplemento Feminino” do *Estadão*, 20/09/1970 (destacamos 25 das 70 gírias listadas no artigo, algumas permanecem até hoje)

Alto – bêbado ou drogado	Estar a fim
Bater caixa – bater papo	Estar a perigo
Bicho – cara	Estou na minha / qual é a dele?
Bidu – adivinhão	Filar – serrar, pedir algo a alguém
Birita – bebida alcoólica	Furado, papo furado
Corta essa	Grilo, grilado – cisma
Cuca – cabeça.	Grupo (dar um, passar um) / engrupir – enganar alguém
Fundir a cuca – ficar desorientado	Já era
Dar bandeira	Jóia – legal
Dar o pinote – cair fora	

## *Revelando a Linguagem*

Ligado / Desligado – atento / desatento	Prensa – aperto
Macete	Sem essa
Muito louco – o máximo, a glória	Tirar de letra
Nessa altura do campeonato	

Na década de 70, “curtir” já é usado quase cem por cento como positivo, com uma ou outra exceção, como “curtir sua ressaca na prisão” (13/04/73).

Passados quase 50 anos e com a pressão das milhões de postagens diárias no Facebook, essa tendência ao positivo, felizmente, parece ter se absolutizado. Infelizmente, porém, sujeita ao empobrecimento de mero equivalente de gostar, sem preservar a riqueza original, que apontava para um processo longo de saborear o encanto do real.



## 7. Mas, porém, contudo, todavia...

(ainda inédito na Língua)

### Caprichos da linguagem

O uso cotidiano por milhões de falantes ao longo do tempo, produz fenômenos semânticos curiosos: expressões aparentemente absurdas ou que perdem a transparência da etimologia ou que podem significar algo e também seu oposto; etc.

Salada deriva, evidentemente, de sal; mas, por conta do fator “mistura de elementos diferentes”, falamos em “salada de frutas”, ainda que ninguém vá adicionar sal a essa salada.

Nossa tendência a intensificar nos leva a empregar a expressão “muito honesto” (mais de 100.000 ocorrências no Google, sem contar o feminino “muito honesta”) e não reparamos que a rigor, enfraquecemos o elogio ou a recomendação: se eu digo de uma faxineira que é “muito honesta”, abro a possibilidade de desconfiança: não afirmei que ela fosse totalmente honesta... Do mesmo modo, não cabe falar em “mais definitivo”: ao afirmar que vamos fazer um provisório reforçado, pois assim fica “mais definitivo”, na verdade estamos negando o caráter cabal, ultimado e categórico que define o definitivo... O mesmo vale, por exemplo, para “o mais absoluto sigilo”; absoluto não admite, a rigor, mais nem menos... Ou para um suco de frutas natural: se é natural, é natural e ponto final: não cabem “muito”, “tão” etc. Para não falar do humor macabro do tradicional *corrido* mexicano “Rosita Alvérez”, no qual Rosita recusa-se a dançar com Hipólito e este, ofendido, saca a pistola e dispara:

*La noche que la mataron  
Rosita estaba de suerte:  
de tres tiros que le dieron  
no más uno era de muerte.*

Em muitos casos, o sentido fica por conta de algo subentendido. “Absolutamente” no Brasil é negativo: de modo algum! Já em Portugal é afirmativo (Houaiss): sem dúvida que sim. David Crystal faz notar a diferença dos “obrigados” em inglês e em francês: se em um bar o garçom pergunta se quer um café e você diz: *Thank you*, o café virá em poucos minutos; já para o francês, *Merci*, o café não virá nunca (este é “obrigado, não”; aquele é “sim, obrigado”). E o “*por favor*” espanhol, muitas vezes é sinal de impaciência ou insistência: já é o terceiro atraso, queixa-se o cliente para o mecânico “*C\*%&! cuándo estará listo, por favor!?*”

Um empobrecimento – que alguns colegas já têm apontado – é o que está ocorrendo com “literalmente”, sendo usado também no sentido de “não literalmente”. Além do uso normal (“esse é o tipo de coisa que literalmente me tira o sono”), vejo em um site de esportes o convite a votar na enquete: “**Ponte Preta está literalmente com a macaca na série B 2014?**”. A Ponte metaforicamente é conhecida como Macaca, pois, vez por outra, apronta caprichosos imprevistos, derrotando inesperadamente grandes times. Mas é impossível a desmetaforização pois não se trata de estar, ao pé da letra, *com a macaca*. E “literalmente” vai perdendo seu sentido específico e se tornando simplesmente uma mera forma enfática, como na sentença que lemos em um site de política: “O vereador Fulano ficará literalmente numa saia justa se o partido a que pertence ingressar na base de apoio ao prefeito”.

Mas nem sempre podemos pretender aplicar o rigor da lógica formal à gênese e ao uso de expressões da linguagem comum, que tem sua dinâmica própria, mais ligada à vida do que a teoremas. Um site de dúvidas gramaticais está coberto de razão quando responde à questão: “Ele sempre escolhia a ‘metade maior’. Pode?” “Não. Não pode. Se é metade, é metade. Não existe metade maior ou metade menor. É uma questão de lógica, que não admite aproximação. Meio é meio. Seria melhor dizer que ‘Ele sempre escolhia o maior pedaço’ ou ‘Ele sempre escolhia a maior parte’” (<http://gramaticaequestoesvernaculas.blogspot.com.br/2014/02/ele-sempre-escolhia-metade-maior-pode.html>). Mas com essas “soluções”, perdemos um importante elemento semântico: quando o netinho se queixa com a avó que seu priminho pegou

a “metade maior”, há aí uma revolta (não consciente, mas real): ele não se conforma com o fato de a divisão da torta não ter sido feita em partes iguais nem com a falta de presença ativa da avó na hora do fato consumado (ou consumido...): para o agudo senso de justiça infantil, houve realmente uma metade maior...

A linguagem tende a perder transparência: dizemos colar, colarinho, coleira, torcicolo e tiracolo e não reparamos em que derivam de colo, pescoço (daí que seja incompreensível, à primeira vista, a expressão “sentar no colo”). E há expressões que originalmente surgem como combinações de duas mais antigas e – por ênfase ou eufemismo – unem-se numa opaca nova forma. Assim, “tremendo nas calças” (cerca de 200 ocorrências no Google), parece ser a forma atenuada do medo em “c. nas calças” combinado com “tremendo nas bases”. Louvando o técnico de basquete Pat Riley, “que deixou o Miami tinindo”, dizia um antigo artigo da Folha: “os times que desembarcam hoje na Flórida o fazem tremendo nas calças”. E num site de esportes do UOL “No jogo do último sábado, no Monumental de Nuñez, quando o time brasileiro entrou em campo tremendo nas calças, ninguém jogou bola do lado canarinho”. “De jeito maneira” (mais de 30.000 ocorrências no Google) combina enfaticamente: “de jeito nenhum” com “de nenhuma maneira” e a criativa “inacreditável” (2.000 no Google) mistura incrível com inacreditável. Um último exemplo: “marcando toca” resulta talvez da fusão de “marcar bobeira” com a equivalente antiga “dormir de toca”... E “vai te catar” parece combinar “vai se f.” com sua equivalente, atenuada por metáfora, “vai catar coquinho”...

O princípio de que para bom entendedor, meia palavra..., junta-se à lei do mínimo esforço. Assim, para situações maçantes (“Aula de três horas sem intervalo é um pé / é dose”) acabamos por dizer simplesmente: “foi um pé” ou “é dose”, dispensando as fórmulas completas originais, que explicitavam a ação contundente do pé sobre partes sensíveis do corpo ou porções para elefante, cavalo ou outros animais de grande porte. Também a expressão “Tá me tirando” (cerca de 100.000 ocorrências no Google) torna-se enigmática ao dispensar as formas originais “tirar pelo” ou “tirar sarro”, já bastante esquecidas.

Essas e outras transformações que vão tornando a linguagem opaca e enigmáticas as etimologias, ocorrem também com as nossas adversativas. Aqui, apresentaremos alguns exemplos que possam apontar para o sentido original.

“Todavia” é etimologicamente “toda a via”, que no português arcaico significava: “completamente, constantemente”. Como nos maldosos versos do século XIII de João Garcia de Guilhade, tantas vezes citados:

*“Ai dona fea! Foste-vos queixar  
Que vos nunca louv’em meu trobar  
Mais ora quero fazer un cantar  
En que vos loarei **toda via**  
E vedes como vos quero loar:  
Dona fea, velha e sandia!”*

O *todavía* espanhol passou a significar “ainda” e é bem compreensível em sua forma negativa, como desculpa, por exemplo, a ser dada por aquele mecânico do exemplo acima, indagado pelo furioso cliente se o carro finalmente ficou pronto: “*Todavía no*”, não ainda, não completamente, dando a entender que está quase...

O sentido originário em português, “toda-a-via” (haverá influência disso na forma interiorana “toda a vida”: como no disco da banda Tubaína: “Segue em frente toda a vida, mas pare em Birigui”?) permanece no inglês “all the way”, como na canção de Frank Sinatra: “When somebody loves you/ It’s no good unless she loves you /All the way”. “All the way” é completamente, cabalmente, com tudo.

E assim, meio sem querer, viemos dar com outra forma: contudo (com-tudo). Na verdade, a adversativa não é simplesmente “oposto, contrário a; adverso” (*Houaiss / Aurélio*); o que realmente ocorre é que, em todas essas formas, reconhecemos a força do conjunto (“toda a via”) dos argumentos contrários (note-se que também “embora” aponta para plenitude: a boa hora, a hora boa, que consuma). Contudo, mesmo consciente desse todo contrário, há um aspecto *mais* (e “mas”, em sua etimologia, é precisamente “mais”). Aspecto que se opõe (adversativa)

àquela massa de razões que concedemos. “Mas”, é um “sim, mas”: um acréscimo que contraria a base com a qual se concorda: tudo bem, só que... (este só também funciona como adversativa: uma única razão que derruba todas as contrárias, como o neutro “*lo único*” em espanhol: *Lindo y comfortable; lo único es que se encuentra alejado del centro.*

Um exemplo. Querem me vender um carro muito bom: potente, bonito, com os melhores acessórios etc. Concordo completamente com o que o vendedor diz; “com-tudo” o preço é exorbitante... As razões do vendedor são verdadeiras e de peso e embora as pondere (a-pesar delas...), e as aceite (*sin embargo*), isso não obsta (não obstante) a minha recusa, pois o quesito preço é decisivo.

Nessa categoria, cabe igualmente o recurso à contraposição entre os argumentos pelo fator tempo, com “agora”, “depois” ou “antes”. No primeiro caso, prevalece este fator [“agora”] sobre o que o vendedor [anteriormente] me apresentou: “Sim, o carro é potente, bonito e tal; *agora*, por esse preço não dá...” Em alguns casos, pode-se usar “depois”, como naquele bate boca entre o Pânico e Luana Piovani. O próprio marido, Scooby, tinha postado fotos da mulher nua e o Pânico abordou o casal na praia, o que causou fúria e ameaças por parte de Luana. Ao discutirem essas fotos no programa, Nicole Bahls foi logo dizendo: “Ai, gente, *depois* eu é que sou piranha!”. Ou seja, a evidência do fato presente nem se compara à (“injusta”) fama que insistem em projetar no futuro [depois]...

Em outros exemplos, podemos empregar até mesmo “antes” (como categoria originária e duradoura, que prevalece): “Isto, mais do que uma tese de doutorado, é antes um amontoado de citações desconectadas”.

O bloco de razões que, etimologicamente, o contudo e o todavia reconhecem (para depois acrescentar algo que o contraria), também está presente na adversativa “mas”. “Mas” é originariamente mais. Sim, admito o valor do que você falou, mas há *mais*, há algo mais que deve ser considerado.

“Larga já esse video game, já são onze horas e amanhã você vai ter que acordar cedo para ir para a escola etc.”. A criança ameaça responder:

“Mas...”. “Nem mas, nem meio mas!!” (não há “mais” algum a ser ajuntado ao que a mamãe disse) “É assim e ponto final! Assim, sem mais!”. Posso até sentir muito, ficar desolado (malgrado...), mas é assim que tem que ser.

O etimológico “mais” no mas pode ser advertido em usos como: “Torci pelo Corinthians na final do mundial contra o Chelsea. Sou palmeirense, mas [mais] sou brasileiro”. “Claro que gosto de doces, mas preciso cuidar da diabetes”, a atenção à doença é mais importante do que um gostinho caprichoso... “Eu respeito religiões super discutíveis, mas quero que respeitem a minha”. Ou ainda na expressão “tem mais é que” (que, sugestivamente, em Portugal é: “tem *mas* é que”), como quando se diz: “ele tem ma(i)s é que mofar na cadeia”.

Menos clara é a passagem para o uso atual do sentido originário de porém, *por ende*, que significa *por isso*, *portanto* (segundo alguns estudiosos, *por ende*, teria assimilado o valor da negação, passando a expressar uma contrajunção). A transformação de porém é semelhante à do espanhol *pero*, originariamente *per hoc*, por isto. O sentido primitivo deixa-se entrever em sentenças como: “Vou ao velório e ao enterro, porém não à missa de sétimo dia” (cumprir as primeiras obrigações, portanto dispense-me da última). “Sou muito tolerante e aceito críticas a mim; não, porém, [não por isso] ofensas à família.”

Concluimos, seguindo os jogos de linguagem de Mart’nália em sua canção “Entretanto” (adversativa, entre tantas coisas, nesse meio tempo...): se ao longo dos séculos, perdemos a transparência do sentido originário das expressões, devemos sempre buscá-la, entretanto.

2014

---



## 8. Você está servido?

(v. 106, p. 24-25 agosto 2014)

Em outros artigos na *Língua Portuguesa* temos examinado casos que ocorrem por vezes na dinâmica própria da linguagem comum: ela vai incorporando expressões novas que passam a integrar o falar quotidiano de milhões de usuários mas, com o passar do tempo e das gerações, a metáfora ou a expressão permanecem, embora seu fato-base seja esquecido ou tenha se tornado obsoleto. Nenhum de nós viu carruagens nas ruas e perdemos a experiência de que é “pelo andar da carruagem” que se sabe da nobreza de quem vai lá dentro; não sabemos o que são bugalhos para confundi-los com alhos; as novas gerações nunca viram vacas sendo ordenhadas, mas continuamos dizendo que o técnico do time está “escondendo o leite”; e, embora totalmente ausentes de nossas vivências, ainda mandamos insultuosamente alguém ir plantar batatas ou catar coquinho. Etc.

Perdido o referencial de realidade inicial, a expressão pode se tornar incompreensível e se prestar a outros significados. Nas *yahoo questions*, para a pergunta “O que significa dizer: O castigo vem a cavalo?” encontramos, entre as respostas, bizarrices como: “o castigo virá rápido, devastando, e derrubando e pisando em tudo!”; “o castigo nunca vem desacompanhado. Mesmo depois de recebermos o castigo, ainda continuamos sofrendo com as suas sequelas”. E é compreensível: não nos passa pela cabeça, hoje, que o cavalo seja o meio mais veloz de trazer o castigo...

O mesmo parece ter ocorrido com uma expressão antiga e que hoje gera perplexidade, pois seu sentido original, arcaico, tornou-se ininteligível: “Você está servido?”.

Ainda no *yahoo answers* – onde a pergunta sobre o significado de “estar servido” foi lançada há mais de sete anos –, nas diversas tentativas de resposta só encontramos disparates e desconversação (<https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20071112061052AA8xob2>).

Também não atinando com o sentido original da expressão (de fato, invisível para o falante de hoje), um site de referência, o *Uol-vestibular*, propõe agressivamente a abolição da expressão, em sua seção “Dúvidas de português (/ construções sintáticas)”. Vale a pena transcrever o verbete:

**“Este sanduíche está delicioso. Você está servido?”** Quem oferece assim para os outros é desumano, maldoso demais! Não entendeu coisa alguma, não é mesmo? Vamos à teoria. O verbo servir é verbo transitivo direto e indireto, pois quem serve, serve algo a alguém. A gramática padrão diz que apenas verbo transitivo direto admite a voz passiva - aquela que tem o sujeito sofrendo a ação verbal. Portanto, se usarmos o verbo servir, apenas a parte transitiva direta poderá ser passada para a voz passiva: **Ela serviu um sanduíche – Um sanduíche foi servido por ela.** A parte transitiva indireta não admite a voz passiva: **Ela serviu ao amigo** Não poderemos dizer **O amigo foi servido por ela** nem **O amigo está servido por ela.** A frase inteira será **Ela serviu um sanduíche ao amigo** – a voz passiva correspondente será **Um sanduíche foi servido por ela ao amigo.** A pergunta apresentada, então, para se adequar ao padrão culto da Língua, deveria ser estruturada de outro modo: **Este sanduíche está delicioso. Você quer experimentá-lo?**

(<http://vestibular.uol.com.br/duvidas-de-portugues/este-sanduiche-esta-delicioso-voce-esta-servido.htm>)

Igualmente, outro importante portal de educação, o *Brasil Escola*, também investe pesadamente contra o uso daquela expressão, “incorreta e deselegante” (<http://www.brasilecola.com/gramatica/voce-esta-servido-ou-quer-experimentar.htm>)

Na verdade, por não termos mais acesso ao significado originário de “está servido?”, buscamos enquadrá-la à força em nossos padrões de linguagem atuais e aí ocorre algo parecido com o que se faz com letras de canções que cantamos errado, buscando uma releitura com sentido mais familiar: “trocando de bikini sem parar” conta com 38.300 incidências na busca do Google (em 7-4-14) superando os 25.500 do verso original de “Noite do prazer” de Claudio Zoli (“tocando B. B. King sem parar”). E “é você que é mal passado e que não vê” apresenta 16.500 sites

no Google contra 23.600 do original de “Como nossos pais” de Belchior: “é você que ama o passado e que não vê”. Nessa mesma linha, nos últimos anos tenho recebido emails de inscrição para seminários acadêmicos, dizendo: “Gostaria de **me escrever** para o evento...” e – vale conferir neste ano de eleição – até repórteres de TV confundem “colégio eleitoral” com a escola em que se vota (quem quiser dar boas risadas pode, uma vez mais, checar esse caso no “laboratório” que é o *yahoo questions*: <https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20061001181555AAjs27V>). E o famoso equívoco da presidenta Dilma, confundindo “diuturno” com “diurno”: “o meu governo está diuturnamente, e até noturnamente, atento a todas as pressões inflacionárias, venham de onde vier, e fazendo permanente análise dela”.

Desde a infância, intrigava-me a pergunta, mas sobretudo a resposta a “você está servido?”. Acabo de chegar, entro e as pessoas que estou visitando estão à mesa comendo uma pizza. A dona da casa, gentilmente, diz: “Que surpresa, você por aqui? Puxa uma cadeira, a calabresa está uma delícia. Você está servido?” Dentro da “lógica” da semântica atual, a pergunta não tem o menor sentido: é claro que não estou servido, não sentei, nem tenho prato... como poderia estar servido? Mesmo assim, minha recusa deve assumir a forma: “Não, obrigado!”. Na verdade, é desse erro de interpretação que derivam todas as perplexidades com relação à nossa expressão.

E é que “servido”, “servir”, no caso, não diz respeito às pizzas que se servem, mas à antiga expressão, que se refere à pessoa, “ser servido” (ou “estar servido”).

O dicionário da Academia Espanhola registra “*ser uno servido* – *Querer o gustar de una cosa conformándose con la súplica o pretensión que se hace.*” Assim, “é servido” ou “estar servido” significa simplesmente a pessoa querer, aceitar, “estar de acordo” e não se refere à comida que se pretendia “servir” a ele nem se lhe foi “servido” algum bocado.

Nesse sentido, a fórmula “ser servido” ainda se usa em Portugal: uma blogueira ostenta um tentador chocolate em seu site, sob a pergunta: “Alguém é servido?”. E uma interlocutora responde: “Sou [sou servida, aceito], embora não seja fã de chocolate. Como resolves o problema,

agora?” e a amiga responde que, nesse caso, vai lhe enviar uma (só uma!!) peça pelo correio. <http://intermitenciasmedusa.blogspot.com.br/2013/04/alguem-e-servido.html>

Assim, encontramos, antigamente, ordens do rei precedidas de “Sou servido ordenar...”, “Sua Majestade é servida...”, “O Rei é servido...” etc. que significam simplesmente que é vontade do rei tal coisa que se decreta ([http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm\\_pdf/Os\\_documentos\\_dEl\\_Rei.PDF](http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm_pdf/Os_documentos_dEl_Rei.PDF)).

Outros exemplos. Nos *Acuerdos del Cabildo de Tenerife* (de 1/4/1513) se diz: “Valdés dijo lo mismo que Oallinato porque su Alteza está servida en le hacer saber todo lo pasado en este caso.” Nas *Moradas* de Santa Teresa: “cuando nuestro Señor es servido de regalar más a esta alma, muéstrale claramente su sacratísima Humanidad de la manera que quiere”. E no conto “As festas de Nazaré” de Júlio César Machado, autor português do século XIX, quando o personagem pede um cavalo com tais e tais características, a velha responde: “Está o senhor servido! Oh! Está o senhor servido!”, ou seja: tenho exatamente o animal que o senhor deseja.

Tendo desaparecido o uso original de “estar / ser servido” e limitando-se, hoje no Brasil, a fórmula educada de oferecer comida, a expressão torna-se problemática e um tanto indigesta para ser servida.

## 9. A linguagem do agir

(v. 105, p. 18-21, julho 2014, ampliado)

Em memorável conferência sobre Aristóteles, o grande filósofo espanhol Julián Marías afirmou: “Poucos lêem filosofia, mas todos vivemos e todos usamos uma língua que é aristotélica em uma altíssima proporção. Gente que não sabe nem quem era Aristóteles, que não conhece seu nome (e certamente não sabe nem uma palavra de grego), emprega justamente o vocabulário e o sistema conceitual de Aristóteles o tempo todo. Nesse sentido, a fecundidade aristotélica é extraordinária”. Entre tantos outros conceitos, por exemplo, quando no Google encontramos mais de 12 milhões para a busca conjunta das palavras “teoria” e “prática” ou quando as peças de publicidade da Pirelli ou da Unip falam em potência – “Potência não é nada sem controle” / “Tranforme *seu potencial* em sucesso profissional” é a Aristóteles que se devem pagar os royalties.

Do mesmo modo, quando se trata de esquadrihar a conduta humana, encontramos uma fórmula de precisão, enraizada em textos jurídicos em língua espanhola: a que indaga pela causa, razão, motivo ou circunstância de tal ato. Encontramo-la em sentenças do *Tribunal Supremo de Justicia* (<http://miranda.tsj.gov.ve/decisiones/2011/mayo/102-23-19.754-.html>) ou em um programa municipal de educação da República Bolivariana de Venezuela, que promete, “entre outros benefícios”, saber a causa, razão, motivo ou circunstância pela qual uma criança não está integrada ao sistema educacional ([http://www.cne.gob.ve/divulgacion\\_municipal\\_2013/programas/20/291.956.pdf](http://www.cne.gob.ve/divulgacion_municipal_2013/programas/20/291.956.pdf)).

O Prof. Girafales nada mais fez do que recolher esse velho bordão, que, hoje no Brasil, virou jocosamente equivalente ao enfático perguntar “Por que raios...?” ou “Por que diabos...?”: “Por que causa, razão, motivo ou circunstância, esse sanduíche ainda não saiu!?”. Bordão adequado ao estereótipo professoral e erudito do mestre, como também quando ele

emprega todas as conjunções ao mesmo tempo: “Mas, porém, contudo, todavia, entretanto...”

E é que causa ainda é muito amplo, tão amplo que nosso “coisa” até etimologicamente é causa: “não faria isso por coisa nenhuma” (Houaiss); ou no Aurélio: “Que coisa provocou o rompimento dos dois?” (amplitude como a da palavra francesa para moça: fille – toda moça é, afinal, filha).

Aristóteles distingue as famosas quatro causas: material, formal, eficiente e final. No batido exemplo didático, a causa de tal estátua é sua forma – a de Fulano, o homenageado (causa formal); ou o bronze (causa material); Policleto, o escultor (causa eficiente); e a finalidade de homenagear o herói (causa final).

Claro que em um mundo que é visto como perpassado por *logos*, os porquês das causas podem ser vistos como razão: Por que (finalidade) esta estátua? Para que nunca esqueçamos dos pracinhas que corajosamente lutaram na guerra. No agir humano, a causa final – e finalidade é uma razão – é segundo o axioma escolástico “a primeira na intenção e a última na execução”. E a razão explícita a conexão causa-efeito mesmo em processos físicos alheios à vontade do homem: A razão (causa) do baixo nível de água nas represas é o baixo índice pluviométrico deste verão.

Já motivo parece indicar a razão enquanto móvel da ação e se torna totalmente psicológico quando empregamos a palavra “motivação”. Quando, diante de uma ação, perguntamos “por quê?”, estamos perguntando pela razão (*reason, raison...*): “Por que razão você fez isto?”. E o mesmo ocorre quando, diante de uma ação, dizemos: “É, você tem razão...”, “está coberto de razão”, etc. E para uma ação que é um grave mal moral, dizemos: “Que absurdo!!”. Subtrai-se ao âmbito da razão, quem – não apontando os porquês – insiste em fórmulas como: “Não estou a fim...” ou, como na recente campanha publicitária da cerveja Schin: “Porque sim!” (o que equivale a dizer que não há razões para optar por essa marca!) “Schin. Chega de dar explicação e diga ‘porque sim!’”

Isto não quer dizer que a pessoa tenha sempre uma justificativa racional pronta, consciente para cada ato. A função da virtude, classicamente um *habitus*, é precisamente a de permitir realizar o ato com

facilidade, espontaneamente, com um certo automatismo que não tira a liberdade, antes pelo contrário... (quem objetaria a espontaneidade adquirida – após árduos esforços – dos hábitos para extrair acordes do piano, falar uma língua estrangeira ou andar de bicicleta?).

Já a circunstância é “condição de tempo, lugar ou modo que cerca ou acompanha um fato ou uma situação” (*Houaiss*). Uma coisa é o ato; outra a circunstância: no exemplo de Tomás de Aquino: “Não é circunstância se o forte age corajosamente por causa do bem que é a fortaleza; mas, se age corajosamente para a libertação do Estado, do povo cristão ou de modo semelhante. E o mesmo se dá como o que respeita ao que se faz; assim, se alguém, derramando água, lava outrem, isso não é circunstância da ablução; mas, sim, se, lavando resfria ou aquece, sana ou faz mal”. Claro que as circunstâncias podem ser decisivas na valoração de um ato: por exemplo se se trata de um furto de milhões ou de centavos; se se toma de um rico desonesto ou de um pobre trabalhador; etc.

Dada a importância das circunstâncias é necessária a circunspeção, que mais do que a atitude reservada ou sisuda é, também etimologicamente, ver o que circunda. Como na proverbial visão periférica de Pelé – que abrangia 180 graus, enquanto a média dos futebolistas não passa de 165 – que possibilitou o genial passe para Carlos Alberto marcar o quarto gol da final da Copa de 1970.

Na famosa sentença de Ortega, a circunstância é promovida ao nível do eu: “Eu sou eu e minha circunstância...”.

E é que nem sempre temos domínio sobre nossas ações... Nem sempre imprimimos nossa límpida vontade a nossos atos. Por exemplo, ocorre muitas vezes que a decisão tem que ser tomada em fração de segundo, sem deliberação: em uma palestra da Soccerex 2012, comentava-se que um jogador de futebol toma cerca de 1.350 decisões por jogo e o treinador quer prepará-lo, fazendo-o driblar cones (!?).

Também muito do que fazemos transcende o estreito binômio voz ativa / voz passiva, que a gramática quer impor a nosso modo de pensar. Estamos tão acostumados a considerar que o verbo só admite essas duas formas de voz que nem podemos imaginar uma terceira. Ativa e passiva - assim pensamos à primeira vista - esgotam todas as possibilidades (o

que poderia haver além de “Eu bebi a água” e “A água foi bebida por mim”?). E como o pensamento está em dependência de interação dialética com a linguagem, o fato de nossa língua (como, em geral, as línguas modernas) não admitir uma terceira opção - a voz média, que não é ativa nem passiva - constitui um grave estreitamento em nossas possibilidades de percepção da realidade.

A voz média é um rico recurso – encontrado por exemplo no grego –, que permite expressar (e perceber e pensar) situações de realidade que não se enquadram bem como puramente ativas nem como puramente passivas. Isto é, há ações que são protagonizadas por mim, mas que, na realidade, não o são em grau predominante: há tal influência do exterior e de outros fatores que não posso propriamente dizer que são plenamente minhas. O eu estende-se à circunstância... O latim se vale de verbos chamados depoentes precisamente para essas ações minhas mas que não são predominantemente minhas; eu as protagonizo, mas não sou senhor delas, estou condicionado fortemente por fatores que transcendem o eu e sua vontade de ação. É o caso, por exemplo, do verbo *nascor*, nascer (nacer-nascido). O verbo nascer, a rigor, não é ativo nem passivo: eu nasço ou sou nascido? Sim, certamente sou eu que nasço, mas estou longe de exercer de modo totalmente ativo e independente esta ação (“Com licença, eu vou nascer...”); e por isto o inglês usa nascer na passiva: *I was born...* O mesmo acontece, por exemplo com o morrer: a ação é minha, mas não o é... Com a perda da voz média, o português perdeu não apenas um recurso de linguagem, mas sobretudo um poderoso recurso de pensamento, de captação / expressão de imensas regiões da realidade. De fato, é uma violência para com a realidade que empreguemos, por exemplo, o verbo “surtar” como ativo: “O Giba é assim, ele surta a toda hora”. Como se o pobre Gilberto tivesse total controle sobre o que o faz surtar... As canções de Paulinho da Viola trabalham muito com a voz média. O samba “Timoneiro” – do qual procede o verso: “Não sou eu quem me navega, quem me navega é o mar...” – é um maravilhoso exemplo dessas ações que o latim expressa por verbos depoentes. Não sou plenamente dono do meu navegar; quem me navega é o mar. “E o mar não tem cabelos que a gente possa agarrar...”.

Esse ser levado pelo mar da circunstância permite outro bordão, desta vez do próprio Chaves: “Foi sem querer, querendo...”, unido a seu outro cacoete: “Me escapuliu!”.

Para finalizar, ainda sobre o império (ou não) da vontade nas ações, dois usos de Portugal.

Ao contrário dos espanhóis, que tendem à interpelação direta, em Portugal prevalece a delicadeza, o não criar caso. Nesse sentido, chama a atenção que, por vezes, os portugueses empregam a expressão “por acaso”, no sentido de “não por acaso” (pois sendo “por acaso” não é culpa de ninguém...). Caricaturizando, se eu estou pisando o pé de alguém em um ônibus lotado, em vez de ouvir uma queixa agressiva, pode vir a sutil indicação: “Olhe lá, por acaso o meu pé está debaixo do seu e, por acaso, pode talvez vir a incomodar...”.

Outra forma de eludir o querer na ação é o “já agora”. Copio de “A causa das coisas”, do notável escritor Miguel Esteves Cardoso:

“*Já agora*” é uma expressão portuguesa talvez única no mundo. Noutras culturas tratar-se-ia de pleonasmos. Por cá, nem por isso. O “*já agora*” e a variante popular “já que estás com a mão na massa...” significam a forma convencional de desejo. Nós por cá não gostamos de dizer que “queremos” as coisas. Entre nós “querer” é uma violência. Por isso, quando chegamos a um café dizemos que “queríamos” um café. Ou antes, “vou querer um café”. Se alguém oferece uma aguardente diz-se “*já agora*...”. Tudo se passa no pretérito, no condicional... O “*já agora*” representa uma espécie de resignação perante o destino. Combina-se um encontro para o meio-dia. O outro atrasa-se no trânsito. Passam vinte minutos do meio-dia. Olha para o relógio e vê que está atrasado. E aceitando o atraso decide que “*já agora*” toma mais um café e acaba de ler o jornal... O desgraçado que chegou pontualmente já está à espera há meia hora. Mas, como já esperou meia hora, em vez de mandar o outro às urtigas, “*já agora*” espera mais um “quarto de horinha”. Talvez por isso haja muito quem diga que o problema de se ser pontual é que nunca está lá ninguém para reconhecer o facto!...

Come-se em excesso porque “*já agora*”, já que veio esta sobremesa que

era uma pena deixar, come-se mais do que se precisa. Bebe-se demais porque, no momento de pedir a conta, basta uma pequena demora para justificar beber-se mais um copo: “*já agora*”, mais um uisquizeiro enquanto a gente espera, ou na versão mais sofisticada, enquanto a gente paga a conta.

Nesse campo, o de abdicar da responsabilidade pessoal em favor de “forças anônimas”, a medalha de ouro vai para Arão, em uma das mais conhecidas cenas bíblicas.

Moisés subira à montanha (Ex 24 e ss.) para receber detalhadas instruções de Iahweh (que incluem não só as tábuas da lei, mas até pormenores sobre o modo de vestir dos sacerdotes), deixando Arão encarregado do povo. Vendo que Moisés tardava (Ex 32) – a ausência durava já quarenta dias e quarenta noites –, o povo pede a Arão que lhes *faça* um deus. Arão faz uma grande coleta de ouro e – abominação suprema! – fabrica um ídolo: o bezerro de ouro – ao mesmo tempo que, ambigüamente, proclama uma festa para Iahweh (!?).

Moisés, ao saber da orgia idolátrica, desce enfurecido, quebra as tábuas da Lei, destrói o ídolo e interpela a Arão, que responde: “Eles queriam um deus, deram-me o ouro, eu o lancei no fogo e *saiu* este bezerro”.

## 10. A lição do Lepo-lepo

(v. 104, p. 14-15 junho 2014)

Alavancado por dancinha comemorativa de Neymar e Daniel Alves, o estrondoso sucesso do carnaval de 2014 foi Lepo-lepo, da banda baiana Psirico. No sentido oposto do funk ostentação, que pretende a afirmação por carros, motos, bebidas e outros sonhos de consumo; o protagonista de nossa canção assume que “está na pior”: péssima situação financeira, não tem moradia, seu carro foi tomado pelo banco e, precisamente por isso, pode certificar-se das reais intenções da amada: “E se ficar comigo é porque gosta do meu Lepo Lepo”: ostentação de outras qualidades...

No melhor estilo do humor nordetino, o da malícia subentendida, não se afirma claramente o que é lepo, nem lepo-lepo... E o verbete da Wikipedia até tenta forçar uma margem “família” para a expressão: “A mais aceita é que a expressão significa performance sexual, apesar de também ser possível interpretar como charme ou carinho”.

Naturalmente, para indicar charme não caberia a reduplicação, que imediatamente gerou piadas e paródias, substituindo lepo-lepo por nhecohneco, do colchão. É como se pretendêssemos interpretar os bunga-bunga de Silvio Berlusconi, como afeto ou carinho. Neste caso, a origem é mais clara: uma antiga piada (que teria sido contada a Berlusconi por Kadaffi): um grupo de antropólogos e exploradores na África é aprisionado por uma tribo selvagem e o chefe pergunta se eles preferem a morte ou bunga-bunga (?). Um primeiro membro da expedição pede bunga-bunga e é brutalmente violentado pelos machos da tribo e, em seguida, queimado vivo. Um segundo, pensando que os nativos tinham se equivocado e entendido “morte”, pede também o bunga-bunga e tem o mesmo destino do primeiro. Então o terceiro pede diretamente a morte e o chefe da tribo diz: “Pediu morte terá morte, mas antes bunga-bunga!”.

Lepo-lepo, como bunga-bunga (ou a conga-conga da Gretchen), evocam também o caráter de descontrolo, de pega-pega, de treme-treme,

de rala-rala que a repetição em alguns casos indica: “a manifestação estava pacífica, mas quando chegou na Paulista começou o quebra-quebra”; “a reunião ia bem, mas quando chegou o pessoal do sindicato, aí virou oba-oba”; “o dia da mudança foi um lufa-lufa”; “a saída do estádio estava comportada até que começou o empurra-empurra”; “em época de visita do MEC a secretaria da faculdade é aquele vuco-vuco”; “tá rolando um zum zum zum, um diz que-diz que de que vai haver cortes nos salários”.

A repetição muitas vezes denota intensidade: o falar demasiado é blabláblá, nhem-nhem-nhem, patati patatá ou lero-lero; filme de muito tiro é banguê-banguê; despedida para valer é tchau-tchau; e o cara cheio de si chega chegando, diz “tô que tô” (ou “vamo que vamo”), enfim ele quer porque quer se impor.

Outras vezes a ênfase está na mera repetição: pisca-pisca, bilu-bilu, chupa-chupa, cri-cri. Que por vezes recolhem onomatopeias como tecotecco, reco-reco, quero-quero, xique-xique, etc. Ou na alternância, como em troca-troca ou pingue pongue.

Já o falar infantil tem uma tendência a repetir as sílabas: nos apelidos carinhosos (Juju, Mimi, Dudu, Fafá, Zezé) ou no ambiente familiar (vovó, mamãe, titia) e suas atividades como comer (papá), ou necessidades (pipi, cocô, naná).

A repetição “assim assim” indica indeterminação: não posso dizer que estou bem (não sou nenhum bam bam bam) nem que estou mal: estou assim assim. Como antigamente era frequente a saudação (também de indeterminação): “Ô, Fulano, que bom te rever, vejo que você está cada vez mais cada vez...”

A repetição pode também indicar concordância absoluta, para encerrar um assunto, muito usada na Espanha. Ao alugar um carro no aeroporto de Madri, apliquei uma piada no funcionário que preenchia o formulário. Em dado momento, ele pediu: “- Su permiso para conducir” (“Dê-me sua carteira de motorista”) e respondi tomando a chave do carro e entregando a ele: “Hombre, conduzca, conduzca!” (“Claro, pode dirigir...”)

Já nos evangelhos, Jesus emprega a repetição como forma de carinhosa censura, como que chamando a atenção para algo que esperava do interlocutor e está um pouco decepcionado pela sua falta de sensibilidade. Assim, quando Marta se queixa de que sua irmã Maria não a ajuda no trabalho da casa e fica ouvindo o Mestre, Jesus a repreende: “Marta, Marta, tu te ocupas de muitas coisas, mas só uma é necessária” (Lc 10, 41). E ante Jerusalém, que não sabe corresponder a seu amor: “Jerusalém, Jerusalém, quantas vezes eu quis reunir teus filhos... mas tu não quiseste” (Mt 23, 37). E a Saulo, que antes de se converter perseguia os cristãos: “Saulo, Saulo, por que me persegues?” (At, 9, 4).

Caberiam muitos outros casos, mas detenho-me aqui, pois já são suficientes para mostrar que brincando brincando, a repetição pode sutilmente indicar diversas realidades.



## 11. A fé ganha a boca do povo

(v. 102, p. 50-52, abril 2014)

Em vez de falar de “o brasileiro”, com os riscos da generalização indevida, mais adequado metodologicamente é falar em *vigências* (Ortega), aquelas formas sociais que têm livre trânsito entre nós, que se aceitam sem discussão, as “preferências nacionais”, que *se dan por supuesto*.

Estrangeiros nórdicos, por exemplo, encontrarão muita dificuldade com algumas de nossas vigências alimentares, de modos de vestir, de cumprimentar (com o contato físico de abraços e beijinhos), etc.

Uma das mais arraigadas vigências em nossas formas de comunicação e expressividade é a referência à religião (muitas vezes associada à superstição e ao lúdico, outra vigência tupiniquim). Uma exagerada, insaciável, propensão ao religioso.

Já o dizia o jagunço Riobaldo de Guimarães Rosa: “Muita religião, seu moço! Eu cá, não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo rio... Uma só, para mim é pouca, talvez não me chegue. Rezo cristão, católico, embrenho a certo; e aceito as preces de compadre meu Quelemém, doutrina dele, de Cardéque. Mas, quando posso, vou no Mindubim, onde um Matias é crente, metodista: a gente se acusa de pecador, lê alto a Bíblia, e ora, cantando hinos belos deles. Tudo me quieta, me suspende. Qualquer sombrinha me refresca.”

Há inúmeras formas quotidianas tradicionais e outras provenientes do, relativamente recente, “boom” dos evangélicos ou dos espíritas (ou de outras “energias”): “Vai com Deus!”, “Fica com Deus!”, “Se Deus quiser...” (o que a familiaridade brasileira com o divino se permite acrescentar: “E Ele há de querer!”), ou mais recentes como “Misericórdia!”, “Ô glória!”, Axé, ou referir-se ao interlocutor como “Fulano do céu” etc. “Benção” virou sinônimo de qualquer sucesso (financeiro, profissional etc.) e são tantos os votos de caráter religioso que, para esses casos, em vez de dizer sim empregamos: Amém (que, como me fez notar

Luiz Costa, é usada nos cultos também na função conativa: “- Amém, irmãos?”). Para nos referirmos aos mortos, que continuam nos acompanhando, falamos do “andar de cima”, de planos espirituais ou, por via das dúvidas, “onde quer que ele esteja”...

Recentemente, ficou mais usual a interjeição “por Deus!”, em geral para expressar algum inesperado final feliz (“Por Deus, o carro foi perda total, mas ninguém se machucou”), mas também, curiosamente, para situações meramente surpreendentes: “Olha, por Deus, éramos favoritos, mas perdemos de quatro a zero!”.

Também nos gestos temos uma ampla gama, que vai dos pulinhos de Iemanjá (e os de São Longuinho) ao envio de energia (positiva ou negativa) com as mãos para o campo.

Naturalmente, há também inúmeras referências à religião entre os muçulmanos ou em países de arraigada tradição católica, como a Espanha. Mas, no Brasil, temos nossas peculiaridades.

Como, por exemplo, no caso de nossos bandidos. Não chega a nos surpreender que dois dos maiores assaltantes de bancos do país (ao menos 62 agências roubadas), Monstro e Charuto, presos recentemente, tivessem suspenso as operações da quadrilha na época do Natal, em atenção ao caráter sagrado do nascimento de Cristo. Em uma das gravações grampeadas pela Polícia Federal, Charuto, que praticava assaltos já há 15 anos, e um comparsa ponderam e concordam em que:

“É época de Natal, amigão. Encerra os ‘contratos’ [assaltos], vai refletir, pede a Deus mais bençãos para o próximo ano aí. Deus já abençoou demais a ‘empresa’ [a quadrilha] com tantos ‘contratos’ aí... Não é hora de a gente abusar, não, porque é data crítica, né?”  
(<http://noticias.r7.com/domingo-espetacular/roubar-banco-nao-da-dinheiro-so-fama-diz-um-dos-maiores-assaltantes-do-pais-24022014> - minuto 10:23 e ss.)

Até os corruptos oram, como na famosa Oração da Propina, que os deputados Rubens César Brunelli Jr. (PSC-DF) e Leonardo Prudente (DEM-DF), presidente da Câmara Distrital, ofereceram ao então

secretário Durval Barbosa (Relações Institucionais), que distribuía as propinas entre a base aliada. Pedem a Deus, que dê um jeito para que não prosperem as investigações:

“Pai, queremos te agradecer por estarmos aqui. Sabemos que somos falhos, que somos imperfeitos, mas queremos agradecer aos santos que nos purificam. Olha, nós somos gratos pelo amigo Durval, que tem sido um instrumento de bênção para as nossas vidas e para essa cidade, que o Senhor contemple as questões do seu coração. Tantas são as investidas, Senhor, de homens malignos contra a vida dele, contra as nossas vidas. Nós precisamos dessa tua cobertura, dessa tua graça, da tua sabedoria. De pessoas que tenham, Senhor, armas para nos ajudar nessa guerra. E, acima de tudo, é o Senhor. Todas as armas podem ser falhas, todos os planejamentos podem falhar, todas nossas atividades, mas o Senhor nunca falha. [...]

O Senhor um dia pegou um rei, o rei Nabucodonosor e fez ele pastar, comer capim, para entender que o Senhor prevalece. Meu Deus, nós estamos sendo alvo de petardos. Meu Deus, dá um jeito nessa situação. Tira esses homens do nosso caminho”. (<http://blogs.estadao.com.br/joao-bosco/a-oracao-da-propina/>)

E no ano passado foi noticiado que o mais perigoso criminoso do país, condenado a 80 anos de prisão, foi aprovado no vestibular e começou a cursar (“a distância”, naturalmente) faculdade de teologia! (<http://www.radiosociedadeam.com.br/portal/noticia.aspx?nid=119676>). Na época (não podia faltar a piada), Danilo Gentili comentou: “até o Fernandinho Beira Mar se ligou que recolher o dízimo dá mais dinheiro do que vender drogas”.

E nenhum carioca se importa com a contradição que o feriado estadual de São Jorge supõe para o Estado laico: afinal se 21 de abril é feriado nacional de Tiradentes e o santo guerreiro é 23 de abril, o que acontece com o dia 22? E eventualmente até com o 20 e o 24? Viva Jorge!

E foi sob os auspícios de Jorge, que vela pela quadra da Escola, que a Mocidade Alegre conquistou com folga o tricampeonato do Carnaval paulistano, com o enredo “Andar com fé eu vou... Que a fé não costuma

falhar!”, cantando brasileiroamente: “Religiosamente acreditar / Não importa a luz que te faz caminhar”. E com a surpreendente inovação de a Escola toda ajoelhar no Sambódromo.

Sobre a familiaridade brasileira com os santos, já há quase 80 anos, advertia Sérgio Buarque de Holanda:

Nosso velho catolicismo, tão característico, que permite tratar os santos com uma intimidade quase desrespeitosa e que deve parecer estranho às almas verdadeiramente religiosas, provém ainda dos mesmos motivos. A popularidade, entre nós, de uma Santa Teresa de Lisieux – Santa Teresinha – resulta muito do caráter intimista que pode adquirir seu culto, culto amável e quase fraterno, que se acomoda mal às cerimônias e suprime as distâncias. (...) Os que assistiram às festas do Senhor Bom Jesus de Pirapora, em São Paulo, conhecem a história do Cristo que desce do altar para sambar com o povo.

E, de fato, Teresinha, assim no diminutivo, tornou-se nome de tantas brasileiras em homenagem à querida santa.

Afora alguns poucos radicais, na contra mão da vigência, há um enorme respeito por todas as manifestações de religiosidade, por mais ridículas que pareçam. Quando publiquei na *Língua Portuguesa* (No. 77) um artigo sugerindo que Santo Expedito é uma fraude (e que a própria Igreja Católica não bota muita fé em sua existência), um amigo católico culto repreendeu-me por atentar contra a fé simples do povo...

Nessa mesma linha, lembro-me, por exemplo, de como David Letterman se divertiu com a torrada que tinha “milagrosamente” estampada a imagem da Virgem Maria e que foi leiloada por U\$ 28,000 no site e-Bay. O católico sério anglo-saxão certamente terá apoiado a ridicularização dessa farsa. Mas é difícil imaginar algum apresentador brasileiro – seria considerado ímpio! – esculhambando um fraudulento “sinal” religioso, digamos, a “folha” de Nossa Senhora”. Essa que encontramos em adesivos nos automóveis: um terço emoldurando a figura de Nossa Senhora, que, segundo a lenda (surgida no início deste século), teria sido elaborada em uma folha de árvore por formigas!

E, ao contrário de países de tradição católica (e correspondente tradição anti-clerical), praticamente não há no Brasil blasfêmias.



No oceano sentimental da religiosidade do Brasil (o Brasil é naturalmente “franciscano”, segundo Gilberto Freyre; espírita, segundo outros; e, em qualquer caso, tendente ao sincretismo) não é de estranhar que o *medium* Chico Xavier tenha sido eleito, em um longo concurso no SBT, “o maior brasileiro de todos os tempos”, com mais de 70% de votos do público por Internet e SMS.

Religiosidade insaciável, que aceita até testemunho mediúnico em tribunal. Em um processo por homicídio, em 1985, um juiz de Campo Grande aceitou que a defesa apresentasse “cinco cartas psicografadas pelo médium Chico Xavier, nas quais a vítima dá a entender que a arma disparou acidentalmente. O júri o absolveu, mas a sentença foi anulada por recurso da promotoria, que quer condenação por homicídio doloso” (“Marido das cartas psicografadas volta a júri”, *O Estado de S. Paulo*, 6-4-90, p. 16).

Em outro júri de homicídio, um juiz de Gurupi-GO, em 1987, convocou Chico Xavier como testemunha (não como testemunha ocular, mas mediúnica!), pelo fato de o médium ter recebido mensagem do além da pretensa vítima (“Testemunha do crime: o médium”, *O Estado de S. Paulo*, 25-3-87, p. 17). E o *Jornal Espírita* comentou essa notícia em matéria de primeira página: “Haverá de chegar um tempo em que os espíritos poderão vir do ‘lado de lá’ – com o aval das autoridades – consertar tantas injustiças” (Ano XI, No. 143, Maio de 1987).

E há uma recomendação do SUS que abriu as portas para que benzedoras sejam reconhecidas oficialmente como “profissionais de saúde”:

– [recomenda...] valorizar as práticas populares em saúde, tomando medidas para preservar e proteger a atuação de mateiras (os), benzedoras (os), parteiras e outras(os), articulando-as às práticas integrativas e complementares de Saúde no âmbito do SUS; (rec. 010 de 11/8/2011)

Religião (ou superstição, ou misto de ambos) é sempre prato cheio para o brasileiro, especialmente associada à paixão do futebol, no qual sempre é bem vindo o auxílio de Deus, santos ou entidades (o jocoso provérbio diz: “Se macumba resolvesse, campeonato baiano terminava empatado”). Durante muitos anos, um grande clube como o Vasco da Gama, manteve em seu quadro de funcionários (com carteira assinada), Pai Santana, pai de santo (e massagista...), encarregado de “trabalhos” contra os rivais.

O pai de santo tinha vários rituais famosos, como acender velas no vestiário e estender uma bandeira do Vasco no gramado, se ajoelhar e beijá-la. Ele também costumava usar sempre roupas brancas. Uma história conhecida dá conta de que Pai Santana teria descido de helicóptero na Gávea e colocado um “trabalho” no campo do rival. Em seguida, o Vasco sagrou-se campeão carioca de 1977 na decisão por pênaltis. (<http://globoesporte.globo.com/futebol/times/vasco/noticia/2011/11/ex-massagista-do-vasco-pai-santana-morre-aos-77-anos.html>)

Embora seja um caso isolado, um feiticeiro chegou a processar o Internacional por não lhe pagar os “serviços” prestados na disputa contra o Grêmio:

O processo número 01598148052 deu entrada no Quarto Juizado Especial Cível de Porto Alegre no dia 23 de setembro de 1998, sendo autor Sérgio Ruggini, “que trabalha como feiticeiro especializado em trabalhos de feitiçaria para jogos de futebol” (processo p. 0001) e réu o Esporte Clube Internacional. Tratava-se de uma ação de cobrança, pois “no penúltimo campeonato gaúcho (1997) o autor foi contratado pelos réus para segurar o Grêmio na última partida do campeonato, saindo o Inter campeão com o gol do Fabiano. Quando foi buscar o dinheiro acordado entre as partes recebeu informação dos réus que não pagariam” (<http://www.usp.br/revistausp/46/10-arioro.pdf>)

Cansada das exibições religiosas da seleção brasileira, como a comemoração da conquista da Copa das Confederações de 2009 a Fifa, finalmente, decidiu proibir “comemorações religiosas” nos jogos de futebol (Cf. [www.estadao.com.br/noticias/impreso,fifa-punira-comemoracao-religiosa,559699,0.htm](http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,fifa-punira-comemoracao-religiosa,559699,0.htm))

Proibição discretamente ignorada em nossos campeonatos ou contornada por meio de sutis alusões a Deus, como a comemoração do gol com o indicador apontando para o céu (e sempre se pode alegar que o sentido é o de “número 1” ou propaganda de cerveja etc.)

Para concluir, mais uma experiência de transbordamento tupiniquim. O católico brasileiro ficou felicíssimo com a introdução na liturgia da missa, pouco depois do Pai Nosso, do convite – “conforme a oportunidade” –, feito pelo sacerdote aos fiéis: “Meus irmãos, saudai-vos uns aos outros em Cristo”. *Coeteris paribus*, o católico, digamos, alemão, inglês ou japonês, discretamente fará um pequeno gesto, um aperto de mão ou uma reverência aos 3 ou 4 que o circundam, dirá “a paz de Cristo” e em questão de um minuto a paz está dada. Agora, em uma missa da qual participei na Bahia, esse “dar a paz” era o ponto alto da cerimônia: cada um procurava cumprimentar efusivamente, com vagar, o maior número possível de irmãos. Mesmo sendo um visitante ocasional (e, como bom introvertido, sentindo-me deslocado), foram pelo menos 10 minutos em que fui abraçado (em alguns casos, cheirado...), beijado etc. numa explosão de alegria, que, certamente, para nós, é o melhor selo de garantia da paz do Senhor... [em tempo: recentemente o Papa Francisco confirmou as indicações da Congregação para o Culto Divino que tornam mais sóbrio o “rito da paz”: evitando o deslocamento dos fiéis, do próprio sacerdote etc.]

## 12. Ditos seculares

(v. 100, p. 14-15, fev. 2014 – revisto e ampliado).

Agora é trocar o chip e colocar o da Liga [dos Campeões]” declarou Neymar ao repórter da TV espanhola, após sua memorável atuação nos 6 a 1 sobre o Celtic em 11 de dezembro passado. O pobre repórter não entendeu essa e outras respostas, em português neymariano, mas com essa bela metáfora o craque expressava que era hora de esquecer o passado, os tropeços recentes no campeonato espanhol, e focar na *Champions League*.

Não podemos prever o futuro da expressão “trocar o chip” no uso figurado da linguagem: se daqui a 5, 10, 50 ou 300 anos continuará sendo empregada: algumas metáforas oriundas da tecnologia tornam-se obsoletas como as próprias realidades que as inspiraram: ninguém hoje apelidaria uma Rita de Cássio Coutinho de Rita Cadillac, alcunha, por sua vez, tomada do nome artístico de uma famosa vedete de filmes franceses da década de 60, quando o Cadillac era, para todos, imediata referência de *glamour* e outros atributos. Por outro lado, continuamos usando metáforas da época da Revolução Industrial, como quando dizemos que a campanha para a reeleição já começou e “a todo vapor”, etc.

Tecnológicas ou não, algumas expressões e frases feitas desaparecem rapidamente, outras duram milênios, como no caso de tantas expressões bíblicas: bode expiatório, dois pesos e duas medidas etc. etc. etc.

Neste artigo recolheremos, mantendo a grafia original, expressões e provérbios apresentados em 1651 (claro que muito são de séculos anteriores) na obra de Antonio Delicado, *Adagios portuguezes reduzidos a lugares communs*, e que ainda hoje são usados.

## Expressões

Primeiramente, expressões que, passados 350 anos, ainda usamos, com sentido idêntico ou não, e que remontam, direta ou indiretamente, a uma formulação proverbial – mais ampla e contextualizante –, hoje esquecida.

**A torto e a direito** – “A torto e a direito, nossa casa até o tecto [teito]”.

É preciso acabar a obra, do jeito que for: a torto e a direito.

**Abrir os olhos** – “Os mortos aos vivos abrem os olhos”.

Ficar esperto, atento.

**Alhos e bugalhos** – “Fallo-lhe em alhos, responde-me em bugalhos”.

**Cantar de galo** – “Triste da casa onde a galinha canta e o gallo calla” e

“Em casa de Gonçalo, mais pode a galinha que o gallo”.

**Casa da sogra** – “Estende-se como villam em casa de seu sogro”.

O folgado que se espalha (“estende-se”) na casa da sogra.

**Cheio de nove horas** – “Às nove, deita-te e dorme”.

Durante muitos séculos, sem iluminação elétrica etc., seguia-se esse imperativo do provérbio, tornando a proximidade das nove um limite para qualquer atividade (a visita que diz: “devo ir, já são quase nove horas”)

**Colcha de retalhos** – “É falso, como manta de ratalhos”.

**Dar com a língua nos dentes** – “Mente, quem dá com a língua no dente”.

**Dar no pé** – “Dar ao pé, que tempo é”.

**De graça é caro** – “Horta sem agua, casa sem telhado, marido sem cuidado de graça é caro”.

**Dois coelhos, uma cajadada** – “Com este cajado mataste ja outro coelho”.

**Dor de cotovelo** – “Dor de cotovello e dor de marido, ainda que doa, logo é esquecido”.

**Dourar a pílula** – “Se a pirola bem soubera, nam se dourara por fora”.

O verbo saber, ainda hoje em Portugal, é muito usado para o gosto: se a pílula tivesse gosto agradável...

**Duro** (sem dinheiro) – “Quem nam tem, mais duro é que as pedras”.

**É fogo** – “Filhos dous, ou tres é prazer, sete ou oito é fogo”.

Se hoje a taxa média de fecundidade no Brasil não chega a 2 filhos por mulher, naquela época era comum um alto índice de fecundidade (no Brasil, ainda na década de 60, esse índice era 6!)

**E meio** – “Ao ruim, ruim e meyo”.

**É só papo** – “Moço de quinze annos tem papo e nam tem mãos [para o trabalho]”.

**Estar no papo** – “Hum em papo outro em sacco e chora pello do prato”.

**Galinha criar dentes** – “Disso vos podeis despedir, como a galinha dos dentes”.

**Ir com sede ao pote** – “Nem com toda a fome ao cesto nem com toda a sede ao pote”.

**Levantar a lebre** – metáfora de caça, hoje significando trazer à luz o essencial escondido. Aparece em diversos provérbios, como: “A lebre é de quem a levanta e o coelho de quem o mata” ou “Levantas a lebre, pera que outrem medre [seja favorecido]”.

**Morrer na praia** – “Nadar, nadar, ir morrer à Beira”.

**Não dar ponto sem nó** – “Dá nó, nam perderás ponto”.

**O barato sai caro** – “O caro é barato e o barato é caro”.

**Outros baratos** – “Nam jogo aos dados, mas faço outros peiores baratos”.

Frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo explica: “‘barato’ se toma em mui diversas significações em os nossos antigos documentos do século XV e XVI, v.g. ‘haver por seu barato’: ter por bem; ‘esperar um barato da fortuna’: esperar um favor ou benefício da fortuna; etc.” (*Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram*, Lisboa, Fernandes Lopes ed., 2ª. ed., 1865.)

**Ouidos moucos** – “A palavras loucas, orelhas moucas”.

**Pau que nasce torto...** – “Quem torto nasce, tarde se indireita”.

**Pedaço de mau caminho** – “Em quada [cada] parte há pedaço de mau caminho”.

**Pegar pela palavra** – “[Pega-se] Ao boy pello corno e ao homem pella palavra”.

**Pentear macacos** (asno) – “Tal grado haja, quem o asno pentea”.

No sentido de: Para quem gosta é prato cheio.

**Quem viver, verá** – “Quem viver, verá a volta que o mundo dá”.

**Rodeios (ao falar)** – “Quem por rodeos falla, com arte anda”.

arte = falar enganoso

**Salve-se quem puder!** – “A barca é rota, salve-se quem poder”.

**Subir à cabeça** – “Boa é a fazenda [riqueza], quando nam sobe à cabeça”.

**Uma no cravo; outra na ferradura** – “Castigo de dura: huma no cravo, outra na ferradura”

A prudência que tempera o castigo, torna a lição duradoura.

**Vender gato por lebre** – “Em caminho frances, vende-se o gatto por res”

Caminho francês eram as estradas por onde de França e de Portugal se dirigiam os romeiros para Santiago de Compostela. Eram também rota comercial.

**Ver estrelas** – “Farte-ei ver as astrellas ao meyo dia”.

Provérbios que permaneceram (com forma e sentido semelhantes ou não).

“A bom entendedor, poucas palavras”.

“A cabra da minha vizinha mais leite dá que a minha”.

Este provérbio (e outro apresentado por Delicado “Melhor é a galinha de minha vizinha, que a minha”) evocam a cantiga de roda, com que, ainda hoje, brincam as crianças: “A galinha do vizinho bota ovo amarelinho...”

“A cavallo dado nam olhes o dente”.

“A mor pressa, mayor vagar”.

Devagar que estamos com pressa.

“A quada qual dá Deos o frio, conforme o vestido”.

“Agoa molle em pedra dura, tanto dá até que fura”.

“Ao villam da-lhe o dedo, tomar-te-á a mam”.

“Caçar e comer começo quer”

Hoje: “Comer (ou trair) e coçar é só começar”.

“Cada ovelha com sua parelha”.

“Cada um chega a braza à sua sardinha”.

- “Cam, que muito ladra, pouco morde”.
- “Chega-te aos bons, seras hum delles”.
- “Com agua passada nam moe o moinho”.
- “Como me tangerem, assi bailarei”
- Dançar conforme a música.
- “Curtas tem as pernas a mentira e alcança-se azinha [rapidamente]”.
- “Cuspo pera o Ceo, cay-me no rosto”.
- “Dá Deos a roupa, segundo é o frio”.
- “Dá Deos biscouto a quem nam tem dentes”.
- “De bons propositos, está o inferno cheo, o ceo de boas obras”.
- “De hora em hora, Deos melhora [faz melhorar]”.
- “De noite os gattos todos sam pardos”.
- “De pequinino se troçe o pepino”.
- “Devagar vam ao longe”.
- “Dize-me com quem andas, dirteei que manhas has”.
- “Em bocca fechada, nam entra mosca”.
- “Em casa de enforcado nam nomees o baraço [laço]”.
- “Faze bem, nam cates [olhes] a quem”.
- “Fazei vós o que bem digo e nam o que mal faço”.
- “Filhos casados, cuidados dobrados”.
- “Gatto a quem morde a cobra, tem medo à corda”.
- “Gatto escaldado, da agua fria ha medo”.
- “Gram e gram enche a galinha o papo”.
- “Hahi [há] mal que vem por bem”.
- “Hum pay pera cem filhos e nam cem filhos pera hum pay”.
- “Huma andorinha nam faz veram”.
- “Ir por lam e vir tosquiado”.
- “Mais val hum passaro na mão, que dous, que vam voando”.
- “Mais val que sobeie (sobre) que nam falte”.
- “Mais val quem Deos ajuda, que quem muyto madruga”.
- “Mais val só, que mal acompanhado”.
- “Melhor é estar só, que mal acompanhado”.
- “Mentiras de caçadores sam as mayores” (Hoje: “pescadores”).

“Na casa do homem pobre todos peleijam (brigam) e nam sabem de que e é porque nam tem que comer”.

*Hoje: casa que não tem pão, todos brigam e ninguém tem razão*

“Nam é o Demo tam feo como o pintam”.

“Nam é tudo ouro, o que reluz”.

“Nam há peyor surdo, que o que nam quer ouvir”. (Hoje: cego/ver)

“Nam passes o pé alem da mão”

Não dar passo maior do que a perna.

“Na terra dos cegos, o torto é Rey”.

“Nem diga, desta agoua nam beberei, nem deste pam nam comerei”.

“Nem tanto ao mar nem tanto à terra”.

“O olho do amo engorda o cavallo”.

“O que se aprende no berço, sempre dura”.

“Onde fogo nam ha, fumo nam se levanta”.

“Prata é o bom fallar, ouro é o bom callar”.

“Preso por mil, preso por mil e quinhentos”

Hoje: “Perdido por um, perdido por dez”.

“Qual o pay, tal o filho, qual o filho, tal o pay”.

“Quando em casa não está o gatto, estende-se o rato”.

“Quando o ferro está açendido, entam ha de ser batido”.

“Quem cala, consente”.

“Quem cõ caens se lança, com pulgas se levanta”

Hoje: “Quem dorme/brinca com criança/fogo...”.

“Quem diz o que quer, ouve o que nam quer”.

“Quem engana ao ladram, cem dias ganha de perdam”.

“Quem o feo ama, fermoso lhe parece”.

“Quem promette, deue”.

“Quem tem bocca vay a Roma”.

“Quem tem telhado de vidro, nam tire pedras ao do vizinho”.

“Rey morto, Rey posto”.

“Tirar a castanha do fogo com a mão do gatto”.



2013

---



### 13. Camadas geológicas na linguagem

(v. 96, p. 28-29, outubro 2013)

A dinâmica própria da linguagem comum vai incorporando expressões novas – em geral, agudas tiradas, felizes metáforas ou humoradas formulações – que passam a integrar o falar cotidiano de milhões de usuários, porque caem como uma luva para atender às necessidades de comunicação.

Mas, com o passar do tempo, a metáfora ou a expressão fica, mas pode acontecer seu fato base seja esquecido ou se tornado obsoleto. Muitas expressões que hoje continuam vivas perderam completamente o contato com a realidade que as inspirou. E os falantes continuam usando-as de modo mais ou menos inconsciente e opaco. O esquecimento da etimologia é parte do jogo da linguagem – como faz notar Drummond nem reparamos que o imposto se chama imposto porque é uma coisa imposta (se fosse opcional, quem pagaria...?)

Em 1964, Roberto Carlos em “O calhambeque” cantava “Mandeí meu Cadillac pro mecânico outro dia” e todos sabiam que o modelo Cadillac da época era um carro arrojado, de luxo e glamour, conversível e com traseiro chamativo (apelidado de “rabo de peixe”). E quando Rita de Cássio Coutinho assumiu o nome artístico Rita Cadillac o público entendia muito bem o porquê. Hoje, provavelmente os jovens devem imaginar que Cadillac seja o nome de família da Rita...

Não é de estranhar também que muitas de nossas expressões procedam de meio rural – a população rural só deixou de ser predominante no final dos anos 60 – e de épocas atrasadas de tecnologia. Se nos anos 40, 70% dos brasileiros viviam em área rural; hoje, mal chegam a 15%. Muitas das expressões e metáforas surgidas naquela época (e antes) refletem as condições de então: da vida do campo, anterior à televisão, com o rádio pouco difundido, maiores índices de analfabetismo etc. E assim, por exemplo, gente que nunca ordenhou – ou talvez sequer

tenha visto uma vaca de perto – diz tranquilamente que o técnico do time ou a equipe de fórmula 1 estão “escondendo o leite”, metáfora que não faz parte da vivência da imensa maioria de falantes urbanos de 2013.

Na obra de 1651, de Antonio Delicado, *Adagios portugueses reduzidos a lugares communs*, encontramos muitas expressões que usamos ainda hoje, embora sem vivenciar as situações que eram familiares para os falantes de então. É o caso, por exemplo de:

“confundir alhos com bugalhos” – quem em São Paulo já viu bugalhos?

“estar cheio de nove horas” durante muitos séculos, sem iluminação elétrica etc., seguia-se o imperativo de Delicado: “Às nove, deita-te e dorme”, tornado a proximidade das nove um limite para qualquer atividade (a visita que diz: “devo ir, já são quase nove horas”)

“a torto e a direito” – segundo Delicado, de um jeito ou de outro: “A torto e a direito, nossa casa até o tecto [teito]”

Etc. etc. etc. (cf. [http://www.hottopos.com/vdletras4/jeans2.htm#\\_ftnref50](http://www.hottopos.com/vdletras4/jeans2.htm#_ftnref50))

Continuamos dizendo que “o castigo vem a cavalo”, expressão vinda dos tempos em que o cavalo era um rápido meio de transporte, e hoje a metáfora seria descabida e é mesmo incompreensível para os jovens. Em uma página de perguntas do Yahoo, M. N. pergunta precisamente: “O que significa dizer: o castigo vem a cavalo?” (<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20080522104006AAw7roo>) e entre as respostas encontramos disparates como: “o castigo virá rápido devastando, e derrubando e pisando em tudo!” ; “o castigo que ele nunca vem desacompanhado. Mesmo depois de recebermos o castigo, ainda continuamos sofrendo com as suas sequelas”.

E o mundo todo continua medindo a potência em cavalos (motor 220 cavalos do carro tal). As expressões de energia e velocidade ainda, por vezes, nos remetem a épocas anteriores: “a todo vapor”, “de vento em popa”, “não sou movida a eletricidade” (dizia minha avó, contemporânea do aparecimento dessa energia, quando o marido exigia pressa); lava jato (quando do aparecimento dessas máquinas, o avião a jato era o expoente

da velocidade); para não falar dos foguetes, turbinados etc. que, um dia, tornar-se-ão obsoletos. Curiosamente, a energia atômica encontra resistências para ser usada nessas metáforas: talvez pelo fato de que sua primeira aparição (ao contrário da energia elétrica) já esteve associada a morte e destruição.

Pode ser uma interessante proposta em sala de aula, os professores discutirem a etimologia e as camadas geológicas de nossa linguagem.



## 14. Mostrar escondendo

(v. 95, p. 24-26, setembro 2013)

Um dos mais intrigantes fatos semânticos da língua árabe é a metátese, transposição de fonemas dentro de uma palavra, frequentemente com relação de sentido entre as formas metatéticas.

Em nossa língua, se tomamos, por exemplo, a palavra “porta”, podemos encontrar metáteses como: trapo, raptó, parto ou tropa. Mas não há nenhuma relação de sentido entre elas e se houver (como alguém poderia alegar entre “parto” e “porta”) costuma ser meramente casual. Exceto em alguns poucos casos que remetem à mesma etimologia, como terno / tenro ou a engasgos e tropeços de pronúncia como estrupar / estuprar, depredar / depedrar.

Podem surpreender pela conexão de sentido (mas são casuais...) metáteses como: desnor-teia/ desorienta; pod-re / poder ou senador/ desonra.

No caso da língua árabe, como se sabe, o que conta é o radical tri-consonantal, que é o núcleo semântico das palavras (as vogais, que frequentemente nem são grafadas, fazem a determinação periférica do sentido). Se aplicássemos essa leitura “árabe” a nossas palavras, “obsoleto” seria aparentado com “basalto” e “Datena” imediatamente associado a “detona”.

E considerando, por exemplo, em “carta” somente as consoantes, c-r-t, teríamos no mesmo campo de significados: carta, careta, certo, corta, curto, acerto, Creta, Crato etc. e ampliar-se-ia muito o número de metáteses: troca, treco, torce, recato, retaco, cátaró etc. Mas essas metáteses continuariam independentes e quando houvesse alguma relação de sentido (como, digamos jocosamente, em pastel / paulista) seria casual. O que não impede que se busquem surpreendentes tiradas como Clint Eastwood / Old West Action e versos jogando com tálamo / túmulo ou filas, vilas, favelas etc.

Já na língua árabe, as metáteses são tão frequentes e dotadas de sentido que é tão difícil afirmar casualidade quanto decifrar o intrigante mistério desse fato de linguagem.

Alguns exemplos: B-r-k é o radical de abençoar. K-b-r é ser grande (a benção é engrandecimento: das colheitas, da família, do sucesso etc. a tal ponto que q-l-l é “ser pouco” e, no hebraico bíblico, também “amaldiçoar”). Na tradição semita, a benção é ligada sobretudo à primogenitura: b-k-r! Se viajar é s-f-r; f-r-s é o cavalo. X-r-b é beber; b-x-r é alegrar-se, boas novas. Etc. etc. etc. Esses exemplos foram escolhidos de propósito procurando associar a palavras familiares ao leitor: b-r-k como no nome do presidente dos EUA: abençoado, Bento. K-b-r (como no Alcácer kibir, o grande Alcácer); s-f-r, como em safari; f-r-s, como no alferes Tiradentes. X-r-b (xarope – o b supre em português a letra p, inexistente em árabe); b-x-r (alvissaras: *al-besharah*).

Essa introdução sobre as metáteses árabes é para discutir um caso incrível e de especial importância em torno da palavra para metáfora: o radical m-th-l.

Primeiramente, é necessário destacar outro ponto em que as línguas semitas divergem das ocidentais: o pensamento confundente (Ortega), isto é, o acúmulo numa única palavra árabe de significados que nós distinguimos em diversas palavras.

*Mathal* em árabe (ou seu exato correspondente em hebraico *mashal*; pl.: *amthal* e *mashalim* resp.) é uma dessas palavras “confundentes”. Assim, se quisermos cobrir o campo semântico em torno do radical tri-consonantal *m-th-l*, encontraremos: metáfora, provérbio, parábola, comparação, exemplo, modelo, ditado, adágio, semelhança, analogia, equivalência, símile, apólogo, imagem, ideal, escultura, esgarmento, tipo, lição, representação diplomática, interpretação teatral ou cinematográfica, etc.

*Amthal* (parábolas, metáforas, provérbios etc.) são realidades humanas universais, mas têm especial força na comunicação oriental: se – falando tipicamente – o pensamento grego e ocidental “tem sua praia” no *logos*, na argumentação lógica; o *mathal* – sempre falando em tipos – é “a cara” do Oriente. Cristo não está preocupado em elaborações

conceituais nem empreende requintados debates lógicos: dEle, o evangelho diz - Mt 13, 34-35 – que só falava em *mashalim*, parábolas: “E sem parábolas nada lhes falava, para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta: ‘Abrirei a boca em parábolas; proclamarei coisas ocultas desde a fundação do mundo’”. E quando é perguntado pelo “próximo”, Cristo não procura estabelecer aristotelicamente uma conceituação teórica (“A diz-se próximo de B se, e somente se, tal e tal ...), mas simplesmente conta a parábola do bom samaritano...

E quando o grande poeta Omar Khayyam, em suas *Rubayat*, transbordantes de pensamento metafórico, resolve falar de “modo direto” sobre a condição humana e chega a advertir que não vai se valer de *amthal*..., imediatamente tem uma recaída:

Para falar claramente e sem metáforas (!?)  
Somos as peças do xadrez jogado pelo Céu  
Que brinca conosco no tabuleiro do ser  
E depois... voltamos, um por um, à bolsa do Nada.

Para efeitos deste estudo, retenhamos de *mathal* o significado central de metáfora. Os dois exemplos acima já insinuam duas paradoxais funções da metáfora: velar e revelar; esconder e mostrar: em Khayyam, ocultar; em Cristo, mostrar. Mas, mesmo revelando, as parábolas de Cristo servem para ocultar e Ele mesmo diz: “Por isto, Eu falo em parábolas: porque eles, olhando, não vêem, e ouvindo, não compreendem!”, cumprindo assim a profecia de Isaías: ‘Ouvireis e não compreendereis’” (Mt 13, 13).

Incrivelmente, essa paradoxal dualidade da metáfora expressa-se em duas metáteses de *M-th-l*: Th-L-M, “fazer uma abertura”, brecha que permite ver e L-Th-M, “velar, encobrir”. Como o turbante (*al-muLaThaM*) que encobre o rosto dos militantes.

Evidentemente, no ensino e em toda comunicação valemo-nos constantemente de metáforas (e comparações etc.): elas permitem a compreensão rápida e vigorosa de uma situação abstrata: a dificuldade, digamos, de uma empresa em crise é trazida para o concreto pela metáfora

da sinuca ou da sinuca de bico; ou pela genial metáfora tupi “pinda-íba” (anzol-estragado). É o lado revelador da metáfora, que, como dissemos, também pode esconder.

Essa dialética esconde-revela torna-se particularmente importante – no Alcorão, na Bíblia e na mentalidade medieval – quando referida a nosso discurso sobre Deus: nossa linguagem humana, formada no sensível, derrapa e é incapaz de falar com propriedade sobre o divino. Daí a necessidade de metáforas.

Quando Tomás de Aquino discute a conveniência de que Deus se revele por metáforas e comparações na Sagrada Escritura (I, 1, 9), após lembrar que o ensino por comparações sensíveis é o mais adequado à natureza do homem (espírito intrinsecamente unido à matéria), enfrenta a objeção de que ocultam a verdade. E responde: “O raio da divina revelação não se extingue por ser comparado ao sensível em que se envolve, mas permanece em sua verdade: cabendo às mentes que são destinatárias da revelação ascender a seu sentido superior...” E diz que, mesmo para aqueles a quem as parábolas permaneciam veladas – porque não eram dignos ou capazes de apreendê-las em seu sentido profundo –, “melhor lhes era receber esses ensinamentos velados, do que ficar totalmente privados deles” (III, 42, 3).

Também no Alcorão é muito claro o duplo caráter das metáforas: revelar / esconder. Allah vale-se de metáforas para esclarecer os fiéis, por exemplo em 30, 028: “Allah propõe metaforicamente: E assim explicamos detalhadamente os sinais aos que raciocinam”; mas também para obscurecer e confundir os que insistem em ficar fora do caminho! Como, por exemplo em 74, 031: “Para que os infiéis digam: ‘Que é o que Allah pretende ao propor metaforicamente?’”

E em 2, 26 encontramos: “Allah não se envergonha de falar metaforicamente, mesmo que se trate de um mosquito. Os que crêem sabem que é a verdade que vem de seu Senhor. Já os que não crêem, dizem: ‘Que é o que Allah está propondo metaforicamente?’. Assim, Ele extravia a muitos e também encaminha a muitos. Mas não extravia senão aos perversos.”

Para o Alcorão, para a Bíblia e para a mentalidade religiosa antiga e medieval as coisas do mundo são metáforas, sinais de Deus: as coisas não são só o que são; são, antes de tudo pistas para a compreensão da fala de Deus: como enigmas a serem decifrados. O mundo é visto como alegoria.

Explicando o que é alegoria, diz Agostinho: “Chama-se alegoria a palavra que soa de um modo, mas acaba significando outra coisa diferente. Por exemplo, Cristo é chamado cordeiro (Jo 1,29); acaso é Ele animal? Cristo é chamado leão (Apo 5,5); acaso é Ele fera? É chamado pedra (I Cor 10,4); acaso é Ele dureza? É chamado monte (Dan 2,35); acaso é Ele elevação de terra? E, assim, há muitas palavras que soam de um modo, mas são entendidas de outro e a isto se chama alegoria” (En. 103, 13).

Nesse quadro, criadas pela Inteligência do Logos, as coisas do mundo trazem uma mensagem cifrada sobre Deus e as verdades eternas, como se diz nos famosos versos – *PL 210:579* – atribuídos a Alain de Lille:

Omnis mundi creatura	(Do mundo, toda a criatura)
Quasi liber et pictura	(Como livro e pintura)
Nobis est speculum.	(É um espelho para nós)
Nostrae vitae, nostrae mortis	(De nossa vida e morte)
Nostrae status, nostrae sortis	(De nosso estado e destino)
Fidele signaculum	(Um sinal confiável)

Compreendemos assim uma das razões para o imenso cultivo de enigmas e adivinhas na Idade Média: são como que um modelo da fé e do conhecimento da verdade religiosa (*cf. <http://www.hottopos.com/notand18/enigmas.pdf>*). Referindo-se às verdades de Deus, São Paulo as equipara a enigmas. O Apóstolo diz na I Epístola aos Coríntios (13, 12) que atualmente vemos confusamente como em um *enigma*, mas que um dia, as veremos com clareza: tal como acontece, quando se resolve uma adivinha.

Assim, metáforas (& cia.) brincam de esconde-esconde (ou esconde-revela) com nossa compreensão do mundo, do homem e de Deus. E o próprio Jesus, como Verbo Encarnado, é Ele mesmo, um *mathal*: muitos não viam nEle senão um mero homem, o “filho do carpinteiro”.



## 15. A arqueologia é dona da bola

(v. 92, p. 20-21 junho 2013)

Quando se importa uma realidade cultural, importa-se também, em alguma medida, o léxico próprio dessa realidade. Com o passar do tempo, ocorrem ajustes e o vernáculo vai ganhando espaço.

Um exemplo: o jogo de xadrez chegou ao Ocidente medieval por mediação dos árabes, que o tomaram dos persas, e até hoje há reminiscências dessas origens em nomes de peças e lances em nossas línguas: como o espanhol para bispo, *alfil* (*al-fil* – o elefante); o inglês para torre (*rook*) ou o nosso lance do roque (*rukhhk* – torre); o xeque, que visa o rei (*shah*) ou o “mata” (xeque-mate) etc.

E em nossa linguagem da informática, há muitas palavras importadas do inglês (*mouse, link, site, software, hardware* etc.); outras já encontraram sua forma vernácula como “programa” ou “disco”; e, em alguns casos, convivem as duas formas: a original e a traduzida: download / baixar, deletar / apagar etc.

No começo do século passado, o futebol era uma realidade importada e se hoje o próprio presidente da Fifa proclama, como realidade evidente, que o Brasil é o país do futebol; naquela época, Graciliano Ramos escrevia a famigerada crônica na qual afirmava que o futebol era moda passageira, não assimilável pelo brasileiro...

Mesmo sendo paixão nacional, persistem, ainda hoje, alguns termos de origem inglesa, como o próprio nome futebol, pênalti, drible, gol, chute, time, craque (desde sempre utilizadíssimo no turfe, outrora muito popular, tardiamente, só na década de 40, começa a se aplicar ao futebol) etc. Minha geração ainda pegou o tempo em que os anglicismos eram mais numerosos: falava-se em *goal-keeper* (goleiro), *corner* (escanteio), *offside* (impedimento) etc.

Mas nos primeiros tempos entre nós do “esporte bretão” (como diz o hino do Corinthians), a presença de termos ingleses era absolutamente

dominante. Uma amostra interessante desse fenômeno de linguagem é o relato de um “*match*”, recolhido quase ao acaso do acervo do *Estadão*, do dia 22 de abril de 1910, p. 5.

### Foot-ball

Segundo match de selecção – Ypiranga vencedor por 5 goals a 2  
Realizou-se hontem, como fora anunciado, o segundo match de selecção, entre o Ypiranga e a “A. A. Villa Buarque”.

Os teams apresentaram-se bem treinados porém faltando ainda aos seus jogadores a necessária calma para se manterem nos seus postos até o fim da luta.

Note-se que, à época, grafava-se *foot-ball* (só a partir de 1920, o Estadão passaria a grafar também futebol, sem abandonar o *foot-ball*), *goal* (que receberia, poucos anos depois, o sinônimo nacional, hoje em desuso: tento) e *team* (que convivia com o nacional *equipe*). E o inglês *match*, convivendo com *partida*. É interessante observar que “partida” originou-se no xadrez: já no tratado de D. Alfonso (séc. XIII) o problema de xadrez é chamado *jocus partitus* (jogo partido), ou *juego de partido*, indicando que se trata de uma partição daquilo que seria um jogo completo, o qual acabou por ser chamado também de *partida*! O termo passou para outros jogos e fala-se, por exemplo, em partida de futebol! E referir-se à partida como luta é algo que se projeta ainda em 1949, no hino do Palmeiras (Quando *surge o alviverde imponente*. No gramado em que a *luta* o aguarda...).

O artigo continua. Para que os jogadores se mantenham em seus postos e não fiquem “amontoando-se todos sobre a bola” é necessária a ação do *captain* (técnico):

a intervenção energética de um *captain*, que obrigue seus jogadores a guardar suas posições (...) [possibilitando] os passes, que constituem o encanto deste salutar sport britannico.

A seguir, o cronista passa a falar do público, dividindo “as archibancadas em dois grupos. De um lado os ‘torcedores’ do ‘Villa’...”. É interessante notar que já em 1910 emprega-se a palavra “torcedor”; as aspas são provavelmente para indicar a procedência oculta desse termo. Recolho do site oficial do Fluminense, a versão mais conhecida da etimologia de torcedor de esportes: “É claro que sendo o Fluminense o clube da sociedade carioca, a presença feminina nos jogos era uma constante. O escritor Coelho Netto, pai do grande atleta tricolor Preguinho e seguidor apaixonado do Fluminense, também era figura obrigatória nos gramados. Pois foi esse importante personagem, o responsável pela criação do termo ‘torcida’, que hoje serve para designar quem simpatiza com este ou aquele clube. Observador atento, Coelho Netto notou que quando o time atacava ou era atacado, as mulheres que compareciam aos jogos, com seus belos e quentes vestidos rendados, num misto de ansiedade, calor e nervosismo, empunhando sombrinhas, torciam suas luvas e lenços encharcados de suor. Em uma de suas colunas após um dos jogos, Coelho Netto chamou essas mulheres de ‘torcedoras’. Pronto, estava criado o termo que até hoje é símbolo da paixão clubística.” ([www.fluminense.com.br/site/futebol/historia/capitulo-i-o-surgimento/outros-simbolos](http://www.fluminense.com.br/site/futebol/historia/capitulo-i-o-surgimento/outros-simbolos)).

Esse relato é plausível: torcer as luvas é clássico gesto de impaciência, ansiedade ou espera (como por exemplo em “A ilustre casa de Ramires” de Eça); “torcedor” aparece pela primeira vez no *Estadão* em 1906 (o Fluminense foi fundado em 1902).

No primeiro gol do Ypiranga, uma pixotada do goleiro (termo que o *Estadão* só virá a empregar em 1931), a decisão do juiz (o artigo emprega também *referee*) causou polêmica:

Britto, goal-keeper do “Villa Buarque”..., parara um shot do team adversário sob a trave do goal. Perseguido por um forward contrario, e tendo a bola nas mãos, arremessou-a para longe, porém, como se achava sobre a linha, ao fazer o movimento com o braço, para traz, afim de atirar a bola, passou a por dentro do goal...

O jogo prossegue com *driblings* e *goals* que aumentam o *score*; *half-backs* deixando livres os *estremos*; que fazem bons *rushs*, ocasionando *corners* (a palavra escanteio só começa a ser usada – de início muito raramente – somente em 1926).

Amphiloquio (*in side left*) do Ipiranga, a 20 jardas do goal, passou para Hugo, que com um *shot* rasteiro e enviezado, vasou o goal (termo que hoje permanece somente na expressão “goleiro/defesa menos vazado”) do Villa.

Em cem anos, mudanças e permanências no léxico do futebol; muitos acréscimos para atender jogadas novas (bicicleta, pedalada, drible da vaca etc.), novas atitudes (*catimba*, que aparece no jornal em 1967; *firula*, em 1977 etc.) ou novas realidades advindas da complexidade externa ao gramado (cartolas, tapetões, etc.). Todas agora rastreáveis graças ao poderoso instrumento de pesquisa disponibilizado pelo jornal *O Estado de S. Paulo*.

## 16. A guerra de linguagens da Cúria Romana

(v. 91, p. 22-25, maio 2013, ampliado)

O Pe. Raniero Cantalamessa, franciscano capuchinho, pregador da Casa Pontifícia desde 1980, na pregação da Sexta feira Santa (sua primeira, a serviço do novo Papa), evocou a missão reformadora de São Francisco e o caráter deletério da excessiva burocracia: uma implícita mas dura referência às disfunções (ou mesmo escândalos que teriam motivado a renúncia de Bento XVI) da pesada máquina do Vaticano, a Cúria Romana. Não faltaram sequer referências a Kafka: o mensageiro que não consegue apregoar a mensagem do rei morto e o castelo...

Temos de fazer todo o possível para que a Igreja nunca se pareça ao castelo complicado e assombroso descrito por Kafka, e para que a mensagem possa sair dela tão livre e alegre como quando começou a sua corrida. Sabemos quais são os impedimentos que podem reter o mensageiro: as muralhas divisórias, começando por aquelas que separam as várias igrejas cristãs umas das outras; a burocracia excessiva; os resíduos de cerimoniais, leis e disputas do passado, que se tornaram, enfim, apenas detritos.

Em Apocalipse, Jesus diz que ele está à porta e bate (Ap 3:20). Às vezes, como foi observado por nosso Papa Francisco, não bater para entrar, mas batendo de dentro porque ele quer sair. Sair para os “subúrbios existenciais do pecado, o sofrimento, a injustiça, ignorância e indiferença à religião, de toda forma de miséria.”

Acontece como em certas construções antigas. Ao longo dos séculos, para adaptar-se às exigências do momento, houve profusão de divisórias, escadarias, salas e câmaras. Chega um momento em que se percebe que todas essas adaptações já não respondem às necessidades atuais; servem, antes, de obstáculo, e temos então de ter a coragem de derrubá-las e trazer o prédio de volta à simplicidade e à linearidade das suas origens. Foi a missão que recebeu, um dia,

um homem que orava diante do crucifixo de São Damião: “Vai, Francisco, e reforma a minha Igreja”.

([http://www.vatican.va/liturgical\\_year/holy-week/2013/documents/holy-week\\_homily-fr-cantalamesa\\_20130329\\_po.html](http://www.vatican.va/liturgical_year/holy-week/2013/documents/holy-week_homily-fr-cantalamesa_20130329_po.html))

Não se trata só nem principalmente do excesso de pessoal – Elio Gaspari conta que certa vez perguntaram a João 23 quantas pessoas trabalhavam na Cúria, e ele disse: “A metade” – mas do ranço milenar dos bastidores do poder eclesiástico...

Em seu livro *Inside the Vatican*, o jesuíta Thomas J. Reese, que foi editor chefe da renomada revista católica *America*, recolhe uma das piadas clássicas sobre a burocracia dos dicastérios do Vaticano. A piada circula nos corredores da própria Cúria: foi achado um bebê na Congregação para a Doutrina da Fé. O (então) prefeito, Card. Ratzinger, fica escandalizado e entra em pânico, mas um monsenhor o acalma: “Fique tranquilo, Iminência, não é de ninguém daqui, porque aqui nada se resolve em nove meses”. E outro monsenhor completa: “Um bebê é algo tão encantador e é fruto do amor: certamente não é coisa nossa”.

Venenos à parte, o fato é que, contra a recomendação dos burocratas do Vaticano (que acharam a medida um tanto prematura), João Paulo II foi a Istambul em 2004, para pedir perdão ao Patriarca de Constantinopla pela IV Cruzada (aquela que em vez de combater os infiéis, saqueou a grande cidade cristã do Oriente) de 1204! Levou exatos 800 anos para cair a ficha!

Mas o que nos interessa neste artigo é a linguagem e consideraremos um caso paradigmático.

Com seus dois mil anos de existência e com experiência acumulada ao longo de séculos a Igreja Católica – ao menos em seus documentos oficiais – está muito atenta às sutilezas da linguagem... Para a Cúria Romana não é a mesma coisa trocar “seis” por “meia dúzia”, afinal em certos contextos como, por exemplo, quando se diz: “– Não é por causa de *meia dúzia* de cafajestes que vamos proibir o torcedor de ir ao estádio”, a formulação equivalente seria: “– Não é por causa de *três ou quatro* cafajestes que vamos...”: ambas indicam uma quantidade ínfima;

enquanto “seis” poderia dar a idéia de um bando composto exatamente por seis elementos.

Com mais de um bilhão de fiéis e uma imensa bagagem histórica não é de estranhar que os documentos da Igreja sejam produzidos com relativa lentidão e inúmeros trâmites do pesado sistema burocrático da Cúria Romana. Por considerarem que já haviam passado mais de 400 anos desde a publicação do último Catecismo da Igreja Católica (o do Concílio de Trento, em 1566), em 1992 foi lançado mundialmente um novo Catecismo, como preparação para uma edição definitiva, que veio à luz em 1997.

João Paulo II, na Constituição Apostólica *Fidei Depositum* conta que o novo Catecismo foi inicialmente redigido por sete Bispos, supervisionados por uma Comissão de 12 Cardeais e Bispos, recebendo, ao longo de sucessivas redações, sugestões de peritos e bispos de todo o mundo. Sobre esse texto (1992, a partir de agora abreviado como C-92), uma nova comissão, desta vez composta só por membros da Cúria Romana (também sob a presidência do então Cardeal Ratzinger), se encarregou de corrigir a versão provisória e preparar o texto definitivo de 1997 (cf. Carta Apostólica *Laetamur Magnopere* de João Paulo II), que citaremos como C-97.

O original de C-92 foi publicado originalmente em francês e o de C-97 em latim; em cada caso, as conferências episcopais aprovaram traduções para seus países (daí que, por exemplo, as traduções brasileira e portuguesa sejam ligeiramente diferentes).

Para que a edição definitiva, C-97, estivesse correta e não se afastasse da estrita ortodoxia, a Cúria fez 99 emendas ao texto de C-92, para eliminar as formulações divergentes contidas naquela “versão beta”. Analisaremos alguns aspectos da linguagem dessas emendas.

Tomaremos, inicialmente, um par de exemplos da parte III do Catecismo (pontos 1691 a 2557), dedicada à moral. Algumas das modificações, mais ou menos sutis, foram extremamente importantes.

O ponto 2358 de C-92 trazia a formulação:

Um número considerável de homens e de mulheres apresenta tendências homossexuais inatas profundamente radicadas. Não são eles que escolhem sua condição homossexual...

Já com os cortes de C-97, o mesmo ponto ficou assim:

Um número considerável de homens e de mulheres apresenta tendências homossexuais profundamente radicadas...

O sentido da mudança e do corte (de “Não são eles que escolhem sua condição homossexual”) é explicitado por um site tradicionalista católico espanhol que protestava contra o enunciado de C-92:

Se são “inatas” e “não são eles que escolhem sua condição homossexual”, que culpa eles têm? E dizer que eles não escolhem sua condição é enfrentar a Sagrada Escritura... (<http://radiocristiandad.wordpress.com/2008/07/23/la-novedad-en-lo-novedoso/>)

E o jornal *O Estado de S. Paulo* assim intitulava uma notícia:

“Homossexualidade é uma doença”, diz bispo argentino – Para Hugo Santiago, é a educação sexual nas escolas que ensina homossexualidade como algo natural.

A afirmação do bispo de que a homossexualidade é uma perversão *ensinada* não seria compatível com o enunciado de C-92. A notícia prossegue:

BUENOS AIRES – Um bispo argentino está no centro de uma polêmica por ter dito que “a homossexualidade é uma doença que pode ser tratada e curada”, durante uma homilia perante milhares de fiéis católicos, informou nesta segunda-feira, 23 [23-03-09], a imprensa local. Monsenhor Hugo Santiago, membro da Opus Dei e bispo da diocese de Santo Tomé, fez essas declarações na quinta-

feira, 19, em uma missa celebrada em Paso de los Libres, no noroeste da Argentina na fronteira com o Brasil. Em seu discurso, o religioso também indicou que através da educação sexual nas escolas “se pretende ensinar que é algo natural, de livre escolha.”

*(<http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,homossexualidade-e-uma-doenca-diz-bispo-argentino,343447,0.htm>)*

Em se tratando de moral, as propostas das religiões oscilam entre dois polos: a consciência do fiel (valorizada pelo concílio Vaticano II) e o estabelecimento de normas operacionais. Tenha-se em conta também que não cabe supor uma uniformidade católica: há diversidade entre os simples fiéis, bispos, conferências episcopais etc. nem sempre em sintonia com a Cúria Romana. Seja como for, havia, na antiga doutrina da Igreja, a salutar virtude da Prudência, glorificada por um Santo Tomás de Aquino (1225-1274) como a principalíssima entre as virtudes cardeais. Classicamente, a Prudência (hoje, na prática, ausente na pregação eclesiástica e desvirtuada semanticamente) era a virtude – portanto uma qualidade intransferível da pessoa – que levava o homem a um reto discernimento da realidade em cada caso e a tomar decisões acertadas em seu agir. O esquecimento, na pregação eclesiástica, da Prudência e a inversão de seu significado (“prudência”, hoje, não é a virtude da decisão que leva à grandeza moral, mas uma egoísta e interesseira cautela) favorecem a minuciosa codificação da moral. Em casos extremos dessa atitude surgem os fundamentalismos. Fundamentalismo é “retranca”, que não quer deixar nada ao discernimento do fiel, sempre considerado imaturo, e pretende garantir a salvação por meio de mil regrinhas, que regulam o comportamento em seus mínimos detalhes. Nessa linha, o regime Talibã chegou a criar um “Ministério do Vício e da Virtude”, que legislava até sobre a posição dos vasos sanitários (que não podiam estar alinhados com Meca) e elaborava listas sobre o que as torcidas podiam gritar nos estádios de futebol... (para não falar dos trajes femininos etc.).

Voltando ao Catecismo, nas edições espanholas, algumas mudanças de C-92 para C-97 aparecem ainda mais acentuadas.

Como no caso do ponto 2352, no qual C-92 indicava a necessidade de se levar em conta na avaliação moral da masturbação diversos fatores psíquicos ou sociais “*que reducen, e incluso anulan la culpabilidad moral*”; formulação que, em C-97, foi substituída por: “*que pueden atenuar o tal vez reducir al mínimo la culpabilidad moral*”.

Na substituição de “reduzem” por “podem atenuar”, a introdução do “podem” é de efeito psicológico, pois, uma vez que são subjetivos os fatores atenuantes (“imaturidade afetiva, força dos hábitos contraídos, o estado de angústia ou outros fatores psíquicos ou sociais”), sua função parece ser só a de manter a sensação de culpa (o fiel não pode excluir a culpa, auto-avaliando fatores subjetivos). Como também a substituição de “anulam a culpabilidade moral” por “talvez reduzir ao mínimo a culpabilidade moral”. Afinal, a própria existência do sacramento da confissão, em diálogo vivo entre penitente e confessor, pressupõe que a culpabilidade moral não é medida discretamente por pontos na carteira como nas infrações de trânsito, que vão desde as gravíssimas (7 pontos), passando pelas grave e média, até a leve, punida com os *mínimos* 3 pontos. A culpa moral, bem como seus atenuantes ou *excludentes*, pertencem ao delicado âmbito da consciência e não podem ser observadas com a operacionalidade de um radar que fotografa uma invasão de faixa de pedestres ou a de um bafômetro que indica a presença de álcool no sangue em índices superiores a 0,05 mg/litro.

Como fica o problema pastoral da absolvição? De 1992 a 1997, havia fatores psíquicos ou sociais que podiam anular a culpa da masturbação; desde 1997 já não: o fiel deve, então, confessar seus não pecados, da época, que passaram a ser pecados?

Na parte referente à Doutrina da Fé, uma sutil correção é a que se deu no ponto 336, que, falando dos anjos, diz em C-97: “Desde *o seu começo* até à morte, a vida humana é acompanhada pela sua assistência [dos anjos]”, corrigindo assim o texto de C-92: “Desde a *infância* até à morte, a vida humana é acompanhada pela sua assistência”. De fato, a troca de “infância” por “começo”, em C-97, ajusta-se melhor à doutrina do mesmo Catecismo, que diz: “2270. A vida humana deve ser respeitada e protegida, de modo absoluto, a partir do momento da concepção...”;

ou: “2274. Uma vez que deve ser tratado como pessoa desde a concepção, o embrião terá de ser defendido na sua integridade...”.

Outra correção interessante apoia-se na não equivalência entre “libertada” e “preservada”; esta mais restrita e inequívoca (Maria nunca esteve em pecado...):

2853 [Maria], por obra do Espírito Santo, é libertada do pecado...  
(C-92)

2853 [Maria], por obra do Espírito Santo, é preservada do pecado...  
(C-97)

Mais uma sugestiva mudança: a introduzida no ponto 2483, também dirigida a evitar abusos por parte dos fiéis.

C-92: “Mentir é falar ou agir contra a verdade para induzir em erro aquele que tem o direito de conhecê-la”.

C-97 simplesmente suprimiu a expressão “aquele que tem o direito de conhecê-la”. Farisaísmos à parte, é óbvio que o cidadão não está obrigado a falar a verdade, toda a verdade, nada mais do que a verdade, digamos, a um ladrão que invade sua casa, encosta um revólver calibre 38 em sua testa e pergunta se ele tem dólares escondidos ou filhas na casa... Aliás, a própria Igreja não censuraria como mentira as reservas mentais que levariam a responder: “Não!” (enquanto pensa: “não tenho dólares ‘escondidos’: eu sei muito bem onde estão ‘guardados’ meus U\$50.000”). Ou aquele caso, que parece piada, mas aconteceu realmente: toca o telefone, a mulher atende “Boa noite, Fulano”; o marido (Fulano é um importuno) sussurra e gesticula “Diga que eu não estou!” e ante os escrúpulos cristãos da esposa que se recusa a “mentir”, ele abre a porta do apartamento, sai dois passos e sussurra novamente “Agora você já pode dizer que eu não estou!”.

Encerramos aqui nossa amostra da linguagem do Catecismo. Seu mentor, em uma entrevista de 2003, expressa o sentido que vê em afirmar, por esse meio, sua proposta de catequese.

PERGUNTA: No entanto, como afirmou o cardeal de Viena, Christoph Schönborn, a própria idéia de Catecismo é contestada muito freqüentemente, “pelo menos nos países germanófonos e sobretudo no ambiente oficial da catequese”...

RATZINGER: É verdade, há certa aversão a qualquer tentativa de “cristalizar” em palavras uma doutrina, em nome da flexibilidade. E há um certo antidogmatismo vivo em muitos corações. O movimento catequético pós-conciliar, sobretudo, acentuou o aspecto antropológico da questão e acreditou que um catecismo, sendo demasiado doutrinal, seria um impedimento ao necessário diálogo com o homem de hoje. Nós estamos convencidos do contrário. Para dialogar bem, é necessário saber do que devemos falar. É necessário conhecer a substância da nossa fé. Por isso, hoje um catecismo é mais necessário do que nunca. (<http://www.30giorni.it/br/articolo.asp?id=747>)

## 17. “Excelenciou” na grande área

(v. 89, p. 22-24 março 2013)

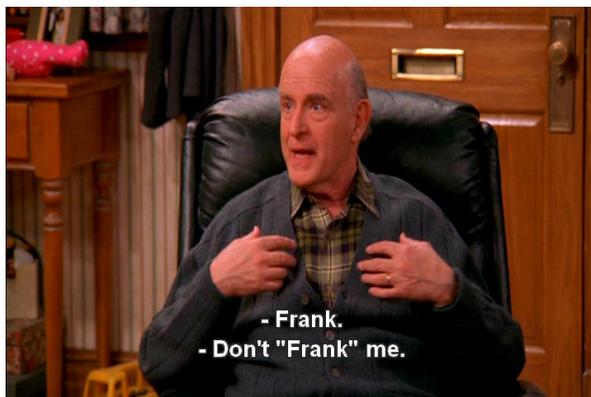
Uma notável qualidade da língua inglesa é o fato de o substantivo ser também já quase automaticamente um verbo. Enquanto o português tem de dizer: “Eu vou pôr isto no microondas”, o inglês diz simplesmente: “I’ll microwave it” (claro que entre nós não cabe: “Vou microondá-lo”).

Mais um par de exemplos, tomados da conhecida série de TV *Everybody Loves Raymond*, boa amostra do falar real cotidiano.

No episódio 7 da temporada I (“Your place or mine?”), Raymond cansado da intromissão em sua vida da super protetora e cuidadora mãe, Marie, diz que se ela quiser “bebezar” alguém (tratar alguém como criança, mimar com cuidados), que “bebeze” Frank, seu marido...: “Look, if you want to baby somebody, go baby Dad”.



E no episódio 23 da temporada IV (“Confronting the attacker”), quando Marie começa a ameaçar Frank, chamando-o com a prosódia típica do vocativo de repreensão (Fraank...!), o marido responde com o inusitado verbo “to Frank”: “Não me **frankize**”, “Don’t Frank me”.



Como tantas outras influências do inglês, esse fato gramatical já vai tendo adeptos no Brasil. Por exemplo, a Folha e o Estadão (timidamente) começam a empregar o neologismo “medalhar” (no sentido de conquistar medalhas: “Fulano não medalhou nas Olimpíadas”).

Nossas dificuldades com as ações verbais são por vezes supridas por gírias ou novos usos de velhos verbos. Se podemos dizer tranquilamente que o goleiro Cássio foi excelente na final contra o Chelsea; no plano verbal já não é tão fácil: não existe o verbo “excelenciar” e temos que recorrer a formas menos eruditas como: “arrasou”, “detonou”, “apavorou” etc. Já “Tiger Woods excelled” encontra-se aos milhares na imprensa.

Para significar excelência, há alguns anos vem sendo usado, com um novo sentido ainda não dicionarizado, o verbo “sobrar”: a manchete do *Terra Esportes*, no glorioso dia 16/12/12, foi precisamente: “Cássio sobrou na área corintiana nas bolas aéreas”. Até o vetusto Estadão o emprega, parcimoniosamente, em seu caderno de Esportes. Muito mais usado é outro novo sentido de “sobrar”: atingir, caber, “coisa ruim ou desconfortável” (*Houaiss*), ainda não contemplado pelo Aurélio. Nesse sentido, uma das Frases do Ano de 2012 foi a bombástica declaração de Marcos Valério (*Folha*, 3-11-12): “Não podem condenar apenas os mequetrefes. Só não sobrou para o Lula porque eu, o Delúbio e o Zé [Dirceu] não falamos. Lula era o chefe”.

A acepção, popular e coloquial, de “sobrar” no sentido de excelência, acaba coincidindo com o clássico conceito de virtude. De fato, o conceito

grego de virtude, *areté*, é melhor traduzido por excelência. E para S. Tomás de Aquino, o melhor referencial da teologia cristã medieval, a virtude dirige-se ao *ultimum potentiae*, nada menos do que o máximo do que se pode ser. Daí a extrema cautela na época em se atribuir a alguém virtude, considerada mais um ideal assintótico do que algo efetivamente atingível. E, no caso da tradição cristã, especialmente para algumas virtudes, há que se contar com a graça, a força sobrenatural dada por Deus, pois transcendem os limites do humano. Daí que alguns poucos goleiros, que, por Deus, manifestam virtudes heróicas e operam milagres, sejam canonizados, como o caso de São Marcos do Palmeiras e, a partir de Yokohama, São Cássio.

Voltando à escala humana, virtude pode ser aplicada, digamos, ao exímio cobrador de faltas Marcos Assunção, um autêntico virtuose (claro que ele não converte todas, afinal sempre pode haver um São Cássio do outro lado).

Mas o que dizer daqueles especiais gols do Neymar ou do (absolutamente incrível) gol do Falcão em 18/12/12 no jogo das estrelas do Futsal (o vídeo no youtube <https://www.youtube.com/watch?v=ISGo4RC1FNM> beirou os 4 milhões de acessos em 4 dias): uma indescritível carretilha de costas... os comentaristas hesitam até em dar-lhe um nome, talvez porque duvidem que se possa repetir.

O site de esportes internacional Sportygossip diz: “Falcao has exceeded himself with this unbelievable goal”. Não é meramente exímio: excedeu, sobrou.

E com isto viemos dar com uma importante nota do conceito árabe da palavra virtude: fdl (fadylah).

Como se sabe, na língua árabe as palavras são expressas fundamentalmente por radicais triconsonantais, no caso f-d-l, e costumam ser muito mais confundentes do que as “correspondentes” ocidentais. Um exemplo de pensamento confundente dá-se com o nosso “dever”, que o inglês diferencia em cerca de meia-dúzia de distinções. Assim, no outro dia, dirigindo-me a um colega, vizinho de prédio, a quem frequentemente dou carona, perguntei: “E aí, você vai para a USP amanhã?”. Sua resposta foi: “Devo ir”. O leitor (e mesmo o interlocutor) não tem a menor

possibilidade de saber o que significa esse “*devo*”, entre nós, muito confudente. Como traduzi-lo, por exemplo, para o inglês (*should, have to, supposed to, must, ought...*)? Pois, esse “devo” pode ser interpretado desde a mais absoluta e imperativa decisão de ir (“eu devo ir, senão a USP desmorona”) até a mais descomprometida e frágil intenção (“eu não falei que iria, eu falei “devo ir”, e aí apareceu um desenho animado legal na TV e eu não fui”).

Assim, em torno de *fdl* confundem-se, entre outras, as ideias de sobrar (exceder, transbordar) e virtude. A virtude, portanto, não é associada a um “mero” máximo, mas ao sobrar, ao transbordante...

Essa acumulação semântica, para eles tão conatural como o nosso “devo ir”, permite sugestivas situações. Como no caso de um pedido qualquer: “por favor” em árabe é precisamente: *min fadlik*, literalmente “da sua transbordância (/ virtude etc.)”. “Da sua transbordância, poderia me dar um cigarro”; que, certamente, não se refere a uma transbordância de cigarros, mas à generosidade da alma da pessoa a quem se pede o favor.

Outra sugestiva situação é a de quando num happy hour *sobra* um último pastel e resolve-se o impasse de a quem cabe o petisco, oferecendo-o a um dos comensais, dizendo: “Al-fadli lil fadyl” – o que sobra é para o virtuoso (/transbordante / preferido...).

Aplicada a Allah – à Sua transbordância, favor, preferência, virtude... – *fdl* aparece no Alcorão 62 vezes. Allah supera, excede, transborda... Na sura IV (73), são prometidos prêmios divinos aos que fazem boas obras e ainda mais: “Allah lhes acrescentará algo de Sua transbordância”. Há notórios favores de Allah para a humanidade, mas a maioria dos homens nem agradece (II, 243; X, 60; XII, 38 etc.).

A tradição muçulmana dos 99 nomes de Deus reconhece que há ainda, no Alcorão e nos *hadith*, outros nomes (que sobram) de Allah: e certamente o Transbordante (o Obsequioso) é uma dessas características divinas (XXVII, 73), já que os homens, que mal dão conta do básico, só em raríssimos casos, e com os devidos descontos, podem ser chamados de virtuosos.

## 18. O choque cultural da linguagem

(v. 87, p. 18-21 jan. 2013, em coautoria com Chie Hirose, revisto e ampliado)

Para a Antropologia são de extrema importância situações nas quais ocorre um encontro de grupos sociais com tradições e formas culturais distintas: dá-se a ocasião – se tudo corre bem – de adquirir consciência da relatividade dos próprios valores, de abrir-se à visão de mundo do Outro e de uma melhor compreensão da própria. O que pode proporcionar *eo ipso* um grande enriquecimento educacional.

É a situação que se dá no próximo mês de dezembro, por ocasião da ida de milhares de torcedores corintianos ao Japão (entregamos este artigo antes do evento). Começamos com um casal que tem protagonizado esse intercâmbio de valores. Nestas semanas que antecedem o Mundial de Clubes da Fifa, a pedido da filial da Gaviões no Japão, o casal Roberto Casanova e Mika da Silva (ele brasileiro, ela tipicamente japonesa) realizou a proeza de traduzir para o japonês o hino do Corinthians, versão que já conquistou a Fiel.

Mika saiu-se muito bem, mas confessa que a tarefa foi trabalhosa. Afinal, o habitual ranço das letras de hinos é acentuado pelo fato de “Salve o Corinthians” ser já sexagenário: como contornar o verso:

“Figuras entre os primeiros do nosso esporte bretão”?

A solução, no caso, foi feliz, afirmando simplesmente a grandiosa primazia do Timão:

*Kono sekai deno hajimete no hito Corinthians idaina.*

Se Roberto e Mika parecem ter tido êxito em suas vidas na transposição de barreiras culturais; para a nação corintiana, mais difícil do que chegar ao Mundial de Clubes é o desafio de adaptar-se, mesmo que por poucos dias, ao antípoda geográfico e, sobretudo, cultural.

Certamente, é muito problemática a generalização “o brasileiro” (e “o japonês”), quando aqui a utilizarmos será com o suposto das mil

ressalvas metodológicas impostas pela Antropologia. Na prática, ao falarmos desses “tipos” é no sentido, mais potável cientificamente, de *vigencia* (Ortega), aquilo que “se da por supuesto” no convívio social: o que se deve e se pode (ou não) fazer; o que é aceito ou não por uma sociedade.

Um exemplo é o daquele nosso colega coreano, que confessou a dificuldade, nos primeiros tempos de Brasil, para conseguir seu *breakfast*: onde conseguir peixe e arroz em um país no qual a vigência alimentar impôs até o nome de “*café da manhã*” à primeira refeição. Finalmente adaptado, hoje saboreia sua média com pão e manteiga, disponíveis a rodo em qualquer padaria da esquina.

Preocupado com os imensos problemas (diplomáticos, policiais etc.) que os cerca de vinte mil torcedores que se dirigem ao Japão poderiam sofrer por conta do choque cultural, a representação diplomática do Brasil no Japão publicou um Guia, o “Guia do Torcedor” (<http://www.consbrasil.org/evento/GuiaTorcedor.pdf>), facilitando informações básicas para orientar o “bando de loucos” e adverti-los do risco de ignorar as vigências do país que os recebe. Apesar do que digam as torcidas adversárias do Corinthians, a cautela não se aplica propriamente à Fiel, mas aos hábitos de linguagem de todo o brasileiro. Orientações turísticas europeias costumam lembrar ao visitante estrangeiro, por exemplo, que ele não se espante com o grau de intimidade brasileira ante desconhecidos, que os faz beijarem e abraçarem estranhos já no primeiro contato de uma apresentação formal.

Sempre tendo em conta as ressalvas metodológicas a que já nos referimos, passaremos a falar de “o brasileiro” e de “o japonês”. Contando com a benevolência do leitor, ainda aplicaremos a esses “tipos” nacionais (às *vigencias* nacionais), a tipologia de David Keirse, um instrumento de análise do renomado psicólogo americano, originalmente desenvolvido somente para classificação de temperamentos de indivíduos...

Keirse, que modifica as ferramentas teóricas dos *Tipos Psicológicos* de Jung, trabalha com 4 pares de preferências, que dão origem a 4 tipos de temperamento.

Assim, seguindo as abreviaturas de Keirse, o brasileiro é fundamentalmente P, enquanto o japonês é tipicamente J. A oposição J/P corresponde à preferência pelos procedimentos estabelecidos, determinados, agendados, previstos, planejados, fechados (J) em oposição ao *easygoing*, aberto, indeterminado, que configura a preferência P.

Só com enunciar esse par keirseano, já se vê imediatamente que o jeitinho brasileiro tem um componente essencial no fator P.

Daí que a abertura do Guia seja já uma advertência:

“o japonês não lança mão de artifícios para resolver problemas. Não existe o ‘jeitinho brasileiro’ no Japão. Os transportes são pontuais, os hotéis só atendem com reserva e os restaurantes não mudam seus pratos a gosto do cliente.”

Outro par, F/T, é também distintivo: o brasileiro propende fortemente ao F; o japonês, ao T. F é a tendência a abordar as situações a partir de uma perspectiva pessoal, afetiva, priorizando laços emotivos que nos ligam às pessoas envolvidas no contexto; enquanto T é a abordagem fria e objetiva, impessoal, na qual prevalece a norma e não as condições pessoais dos envolvidos. O fator F é a outra metade essencial do jeitinho.

Os clássicos Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda já há muito apontaram esse caráter F do brasileiro (para o bem e para o mal) e algumas de suas manifestações em nosso modo de falar, algumas compartilhadas com Portugal.

O uso e abuso dos diminutivos, transbordando afetividade: até nossos mais famosos criminosos e contraventores são Fernandinho, Carlinhos, Marcinho e os sangrentos espetos da churrascaria nos oferecem fraldinha, maminha, coraçãozinho, lombinho... A colocação do artigo antes do nome próprio (“Me chama o Roberto”, “Encontrei a Fabiana”); ou a substituição afetiva do nome pela primeira sílaba (“Me chama o Rô”, “Encontrei a Fa”). A ênfase pessoal, proibida pela gramática em Portugal, na colocação do pronome oblíquo (“Me chama o Roberto”, em vez de “Chama-me o Roberto). Também a encantadora locução “estar com”, que o brasileiro inventou para substituir o duro e frio “ter”: Você está com

tempo?; está com dinheiro?; está com carro? (em vez de: tens tempo, tienes tiempo etc.). E tantos outros aspectos que Lauand analisou no No. 70 da *Língua Portuguesa*: “A linguagem esconde-revela o brasileiro”.

Embora a afetividade e o calor humano sejam virtudes muito brasileiras, nossas formas verbais nem sempre são adequadas.

Os estrangeiros sempre se chocam com o péssimo hábito brasileiro de colocar o eu em primeiro lugar numa enumeração: “Eu e Fulano ganhamos um prêmio”, “Eu e Beltrano vamos fazer tal coisa”. O hábito é tão arraigado que torna incompreensível para nós uma piada do Chaves:

Chaves: Eu e o Quico estamos brincando de esconde-esconde...

Prof. Girafales: Chaves, não é assim que se diz, mas: “O Quico e eu estamos brincando de esconde-esconde...”

Chaves: “O senhor também está brincando de esconde-esconde com o Quico?”

E nossa forma de manifestar apreço por uma visita que se despede não é, no fundo, polida. Dizemos: “Vê se aparece!” (com o que – consciente ou inconscientemente – parece afirmar: nós somos pessoas muito importantes, interessantes, bonitas... e autorizamos você – que não é nada disso... –, a vir ver-nos...). Já o árabe despede-se da visita dizendo: *Ismah lana nashufak!* – Permita que nós o vejamos (você é a pessoa importante, etc.).

E no caso em que alguém nos pergunta se pode pedir um favor, no máximo respondemos: “Claro que sim!”, “Tudo que você quiser!” (ou com uma pitada de gozação: “O que é que você não pede chorando, que eu não faça sorrindo...”). Na mesma situação, o árabe diz: “*Anta gally wa talibuka rakhiz*” (“você é caro e seu pedido é barato”) ou *'Aynani* (os meus dois olhos).

Já a conhecida fórmula japonesa de gratidão, *arigatô*, é imensamente refinada, aprofundando no sentido do nosso “obrigado”. *Arigatô* remete aos seguintes significados primitivos: “a existência é difícil”, “é difícil viver”, “raridade”, “excelência (excelência da raridade)”. Os dois últimos sentidos são imediatamente compreensíveis: num mundo em que a

tendência geral é a de cada um pensar em si, e, quando muito, regularem-se as relações humanas pela estrita e fria justiça, a excelência e a raridade salientam-se como característica do favor. Mas, “dificuldade de existir” e “dificuldade de viver”, aprofundam sutilmente: a tradição japonesa considera qualquer favor uma dívida impagável e a pessoa agradecida tem a consciência de quão difícil se torna a existência, pois a partir do momento em que recebeu tal favor, imerecido, contraiu uma dívida de retribuição, sempre impossível de quitar...

Ao P e F, juntem-se as preferências keirseyanas E, de extroversão (em oposição ao caráter reservado e zeloso pela privacidade do japonês) e S (de ater-se à realidade fática) e teremos o quadro completo do caráter explosivo da presença da corintianada no Japão.

Claro que há cativantes e inegáveis virtudes no ESFP (o tipo keirseyano do “brasileiro”): o proverbial calor humano que permeia nossas relações, a alegria, a espontaneidade, a generosidade e, para o bem e para o mal, a informalidade e a irresistível vocação lúdica etc.

O problema é que há também disfunções típicas nesse perfil, a começar pelo pouco senso de privacidade: o brasileiro expõe suas preferências e até o nome dos filhos em adesivos do carro; fala no celular de seus problemas familiares em alto e bom som, sem se importar com o fato de estar rodeado de desconhecidos; e é capaz de abrir sua intimidade com o primeiro que senta a seu lado no metrô, como se mostra no recente livro “Entre o trem e a plataforma”, de Lucimar Mutarelli. Já no Japão, não se fala ao celular em transportes coletivos, ninguém se expressa ruidosamente em público e o apreço pela privacidade leva os leitores a encaparem os livros que lêem no ônibus, trem ou metrô. É a oposição entre o “exibido” e o “reservado”.

Outra disfunção do ESFP, chocante, no caso, é a tendência a ser “folgado”, a resolver tudo com “esperteza”. Imaturidade, irresponsabilidade e impulsividade são outras disfunções que Keirsey aponta como próprias de nosso tipo SP.

Se no Brasil, nossas vigências legitimam muito dessa expansividade brincalhona; no Japão, território T e F, não funciona. Daí que por via das

dúvidas o Guia, advirta por exemplo: “Evite falar alto nos transportes públicos, batucar [sic] ou tocar qualquer tipo de instrumento. Você pode ser retirado do local.”

Por detrás da seriedade do Guia (documento referendado pelo selo do Ministério de Relações Exteriores) e suas advertências, presente-se um toque do lúdico brasileiro em seu autor (há impagáveis ícones, como o que instrui o torcedor a não pular em cima dos assentos do estádio), bem na linha do genial samba de Billy Blanco: “Estatutos da gafeira” (1954):

*Moço, olhe o vexame*  
*O ambiente exige respeito*  
*Pelos estatutos da nossa gafeira*  
*Dance a noite inteira, mas dance direito*  
*Aliás, pelo artigo 120*  
*O distinto que fizer o seguinte:*  
*Subir nas paredes*  
*Dançar de pé pro ar*  
*Morar na bebida sem querer pagar*  
*Oi, abusar da umbrigada de maneira folgazã*  
*Prejudicando hoje o bom crioulo de amanhã*  
*Será distintamente censurado*



Essa aparência de formalismo (as rebuscadas firulas, floreios e rapapés do bacharelismo a que se referia o ministro Joaquim Barbosa) é parte do humor de certas piadas, assim revestidas de “caráter oficial”, de “credibilidade”, que potenciam a zoada e fazem a vingança da

informalidade destes trópicos: “Embora o Brasil seja um Estado Laico, a CNBB conseguiu aprovar uma novo feriado religioso: *Porcus Tristis*” (alusivo ao rebaixamento do Palmeiras)” ou “- Você viu que o Instituto Brasileiro de Meio Ambiente, o Ibama, está processando a Mancha? - Ah é, por que? Porque está extinguindo gambás e bambis”.

A crua clareza do Guia é necessária ante o temor de nossas autoridades diplomáticas: “O Consulado não pode assumir dívidas dos brasileiros, emprestar dinheiro, pagar a contratação de advogados, retirar detidos das delegacias (etc.)”

A boa zoada não é ostensivamente agressiva, mas disfarça-se de cordialidade e, como sempre, com um toque de lúdico, tal como na nova forma de mandar tomar no c&: “Ei, Fulano, vai tomar...”. Não se trata do insulto furioso, mas de uma ocasional lembrança. O treino acabou, o técnico já está indo embora, os jogadores o chamam: – Professor, ei professor... (como que para adverti-lo, por exemplo, de que esqueceu o celular ou a toalha). Ele para, dá marcha a ré, abre o vidro e ouve: “Ei, professor, vai...”.

No caso do Mundial, qualquer palmeirense que se preze dirá: “Embora deseje todo o sucesso ao Corinthians, neste caso, vou torcer pelo Chelsea, sabe como é, minha tia avó é inglesa e sou Chelsea desde criancinha”.



2012

---



## 19. Milton jagaretê

(v. 86, p. 44-46, dezembro 2012)

Muitas (e sempre insuficientes) têm sido as homenagens a Milton Nascimento, neste 2012, no qual celebramos seus 70 anos de idade e 50 de carreira.

Em depoimento certo, diz Maria Rita: “A forma como o Milton compõe: essa mistura do ultrabrasileiro, daquela região..., de Minas (...) com as letras, com aquela consciência, com aquela voz...” (Arquivo N, 22-08-12). O universal, o clássico, a partir da mineiridade... É bem o que acontece com uma de suas mais geniais canções: Yauaretê (Milton Nascimento / Fernando Brant), do álbum de mesmo nome, também ele celebrando data marcante: 25 anos. Canção nem sempre lembrada, muito pouco compreendida, mas de assombrosa genialidade.

Ao focar a palavra tupi jagaretê (como também o faz Guimarães Rosa, em seu famoso conto), Milton/Brant atingem profundamente o próprio centro da problemática antropológica e ética, clássica do Ocidente e, a seu modo, também dos Orientes.

Trata-se do problema da compreensão do próprio ser do homem e de sua realização. Tal concepção pode resumir-se numa memorável formulação do poeta Píndaro, quinhentos anos antes de Cristo: “Torna-te o que és!”. Essa sentença recolhe da forma maximamnete enxuta, um conceito chave para o pensamento grego: *areté*.

*Areté*, para os propósitos do breve espaço deste artigo, poderia ser traduzida por “virtude”, mas, por diversas razões (como a falta do uso vivo dessa palavra hoje: quem de nós a ouviu ou falou recentemente?), os tradutores preferem vertê-la por *excelência* do ser. A excelência, o máximo, superlativo do ser de algo: *areté* no golfe é Tiger Woods; *areté* de atacante é Neimar em dia inspirado; *areté* de cavalo não se encontra em um pangaré qualquer, mas no ímpeto do cavalo árabe.

O caso torna-se problemático quando o pensamento grego – com

Sócrates e Platão – indaga pela *areté* do homem. Sal que é sal, salga; centroavante que é centroavante, mata; homem que é homem... quê?

Nestes 2500 anos de antropologia e filosofia moral não chegamos nem perto de uma resposta cabal sobre a *areté* do homem, o que é natural nas questões filosóficas. Seja como for, há – em diversas culturas – algumas constantes: a afirmação de que a moral se enraíza no ser – e até com ele se confunde – é uma convicção universal. Bem entendido, o ser em processo de busca dessa excelência; daí que Tomás de Aquino fale da virtude como o máximo que se pode ser e o filósofo alemão contemporâneo Josef Pieper tenha resumido o ideal da virtude/areté como “processo de auto-realização”: *selbstverwirklichungsvorgang*. (Nem é preciso dizer que, em nenhum caso, essa *areté* é pensada como algo exclusivamente do eu individual, à margem do outro; pelo contrário, a auto-realização passa pela abertura e sempre vige a conhecida sentença de Ortega y Gasset: “*Yo soy yo y mi circunstancia y si no la salvo a ella no me salvo yo*”).

A afirmação da *areté* como ideal moral não é apanágio da filosofia, mas encontra-se também em diversas outras instâncias: é o sentido profundo do *to be or not to be* shakesperiano (*that is the question...*), encontra-se na Comédia de Dante, na tradição confuciana; do “Torna-te...” de Píndaro às *turnures* da língua tupi...

Na *Divina Comédia* (Purg. XXIII, 31-33), ao tratar da recomposição do ser, desfigurado pelos desvios morais, encontramos este enigmático terceto:

“Pareciam-lhes os olhos anéis sem gemas  
E quem no rosto dos homens lê ‘homem’  
Bem poderia reconhecer o M”

Que significa este misterioso M? (*emme* que rima com *gemme*). O sentido desses versos é que a ação injusta atenta contra o próprio ser de quem a pratica, desfigura-o, rouba-lhe o *to be*, o rosto humano - poeticamente figurado, em concretismo, na palavra “OmO” (omo, na língua de Dante, significa homem).

Também para Confúcio – e para a tradição do Extremo Oriente, registrada não só em seus tratados sapienciais, mas até mesmo enraizada nas línguas – a moral é o ser homem (*ren*, em chinês / *jin*, em japonês; e a virtude da humanidade também é *ren*, cujo ideograma se obtém por uma como que “duplicação” do ideograma *ren*-homem, ou seja um homem a dois: aberto para o outro), e o imoral (*fei-ren*) é o não-homem, como plasticamente indica o ideograma da negação e da falsidade, da desestruturação desde dentro, da desagregação, anteposto ao ideograma *ren* homem.



Curiosamente essas idéias fundamentais (da excelência, do máximo, do ser ou não ser...) são encontradas também na sabedoria da língua tupi. Ensinam as gramáticas que o superlativo em tupi, constrói-se pelo sufixo *-eté*, ajuntado a um termo. Assim, por exemplo, se *jaguar* designa diversos animais de cachorro a onça, *jagueté* é a “onça máxima”, a mais feroz. Tal como a *areté* grega, o sufixo *-eté* significa não só o superlativo, mas também, aquele que é de verdade.

Já o contrário de *-eté* faz-se com o sufixo *-rana*, cujo significado, neste contexto, é o de: *parecido* no sentido de falhado, fracassado, o que parece mas não é. Precisamente o oposto de *-eté*. Se *jagueté* é a onça por excelência, *jaguarana* é um cãozinho medroso que foge de gato... *Ibi-eté* é a terra boa e fértil; *ibirana*, a estéril: parece terra, mas falta-lhe a virtude de terra.

Ora, para o tupi – que usa o sufixo *eté* como intensivo, superlativo e índice de verdade ontológica – o homem bom moralmente é *aba-eté*, ou seja, o homem de verdade, que se aproxima da *areté* de homem. Enquanto o homem imoral é *aba-ran*, pseudo-homem.

O drama fundamental ético-existencial transcende o âmbito da filosofia acadêmica e atinge a arte popular, na genial canção de Milton. Na inspiradíssima letra, o homem dialoga com a onça *yauaretê*, a onça

Maria, pedindo-lhe – a ela que já atingiu a *areté* de seu ser-onça: *jaguar-eté* – que lhe ensine o correspondente ser-homem.

Senhora do fogo, Maria, Maria  
Onça verdadeira, me ensina a ser realmente o que sou  
põe a sua língua na minha ferida  
Vem contar o que fui, me mostra meu mundo  
Quero ser jagaretê  
Meu parente, minha gente, cadê a família onde eu nasci?  
Cadê meu começo, cadê meu destino e fim?  
Para que eu estou por aqui?  
Senhora da noite, senhora da vastidão  
Ouvir pegadas e pegar  
Seguir a sina de sangrar para se alimentar  
Tem de guerrear, lutar, matar para sobreviver  
Pois assim é a vida...  
Quem vem lá? É onça que já vem comer  
Quero ser a onça, meu jagaretê  
Quero onçar aqui no meu terreiro  
Vou onçar sertão e mundo inteiro  
Já está na hora da onça beber o seu  
Vou dançar com a lua lá no céu  
Dama de fogo, Maria, Maria,  
Onça de verdade, quero ter a luz  
Ouvir o som caçador  
Me diz quem sou, me diz quem fui  
Me ensina a viver meu destino  
Me mostra meu mundo, quem era que eu sou  
É onça que já vem comer;  
A onça, meu jagaretê

Ser onça de verdade, onçar superlativamente é, na comparação, fácil; trata-se simplesmente de: pegar, sangrar, lutar, matar... Mas, e eu que sou homem? Que devo fazer para ser abaeté? Onça Maria, me ensina a ser realmente o que sou; me mostra meu mundo, quero ter a luz, me ensina

a viver meu destino e descobrir quem era que eu sou... O que resume 2500 anos de pensamento filosófico.

Daí que outro grande gênio, Tom Jobim, preferisse o apelido de Jagaretê para Milton, em vez do, muito menos expressivo (embora consagrado), Bituca: “Meu Yauaretê, minha onça verdadeira. Você é o rei da floresta, rei da mata brasileira. Meu Taquaraçu de espinho, meu carioca mineiro. Meu amor e meu carinho. Uiarapurú verdadeiro. O amador de passarinho”.



## 20. Sujeito indeterminado

(v. 85, p. 26-28, novembro 2012)

No falar coloquial brasileiro – permeado de afetividade, eufemismos e pessoalidade –, diversas palavras geralmente usadas para indicar indeterminação do sujeito nem sempre cumprem essa função; ao sabor do contexto, por vezes restringem ou mesmo suprimem a indeterminação e acrescentam sutis aspectos novos à comunicação, transitando do genérico ao pessoal e vice-versa.

Começemos pela palavra *cara* (como veremos, super ampla, mas preferentemente referindo-se a homens). À primeira vista, esgota-se no verbete do *Houaiss*: “Indivíduo qualquer; sujeito, pessoa”. Ou na do *Aurélio*: “Pessoa que não se conhece. Indivíduo; sujeito.”

Mas, as surpresas logo surgem, a primeira delas é a apontada por ambos os dicionários: salta-se do indeterminado “pessoa que não se conhece” para “forma de tratamento com familiaridade” (*Aurélio*) e “interlocutório pessoal” (*Houaiss*): “Cara, com você eu posso me abrir...”. E buscas no Google (25-05-12) de “Cara, eu te amo” e “Eu te amo, cara”, somadas superam um milhão de resultados!

*Cara*, pode também referir-se ao próprio falante, deliberando com seus botões, falando consigo mesmo; como na publicidade televisiva da Net: “E aí eu pensei: Cara, está na hora de eu ter o Net Now”. “Não costumo dar esmola, mas ao ver aquela miséria, eu disse: Cara, vou dar um dinheiro”.

As contradições se sucedem: *cara* tem um lado pejorativo, de tirar solenidade e importância a pomposas autoridades e trazê-las de volta ao mundo dos humanos comuns, como no caso da adolescente da publicidade: “Eu leio o Estadão porque o cara que prepara o vestibular também lê”. Na Idade Média, se os cardeais demoravam (em ocasiões, meses) para eleger um novo Papa, deixavam os caras a pão e água para que o Espírito Santo os iluminasse...

Por outro lado, cara é o autor de proezas: “O cara é o único brasileiro profissional de beisebol nos Estados Unidos”. E “o cara” é o melhor, o cara que vai e resolve! Neymar é o cara.

Mas “cara” é também o protagonista de casos exóticos, esquisitos, inusitados, como digamos: “Meu, o cara come cachorro quente com chantilly!” ou “O cara é capaz de beber uma latinha de cerveja de um gole só”. Mas, mesmo nesses casos, a linguagem escorregada do Jornal Nacional se recusa a empregar esse vocábulo, mesmo em situações nas quais ele seria o mais indicado. A edição de 27-04-12, apresentou uma matéria sobre um inglês falsificador de pintores célebres, que, após um ano de cadeia, regenerou-se e hoje o cara ganha muito mais vendendo legalmente suas cópias de quadros famosos. Qualquer brasileiro que relatasse esse fato diria “cara”, mas William Bonner optou pelo correspondente menos vulgar e um tanto antiquado, “sujeito” (para não retroceder ao arcaico “camarada”): “Marcos Losekann traz o caso de um sujeito...”. Buscando no Google (26-05-12) “esse sujeito” temos 320.000 resultados; 3,5% dos 8.800.000 de “esse cara”!

Cara é usado também para o caso padrão, o um qualquer, o *uno* do espanhol: “O cara para ir daqui até o Rio paga R\$ 42,00 de pedágio”

O diminutivo “carinha” (/ nego ou neguinho) cabe melhor em situações desfavoráveis: “O ônibus estava tão cheio, que tinha carinha saindo pela janela”; “Rolou tanta cachaça, que tinha carinha vomitando direto”. Também em casos de pretensão descabida de um “sujeitinho metido”: “O carinha errou todas e continuava se achando o Messi”. Ou outras más qualidades: sujeitinho/carinha atrevido, egoísta, mal educado, nojento etc.

Sendo “cara” muito amplo, em algumas ocasiões restringimos para indeterminados menos indeterminados: “os homens” (ou “os home”, “os homi”), para o adversário do futebol: “Putz, gol dos home!”; para a polícia, fiscais do rapa etc. Já no jargão da polícia, o indeterminado para marginais ou suspeitos é “o elemento”. Menos ofensivo, mas ainda no negativo, está “o indivíduo”: “Basta você parar num semáforo e já vem um indivíduo pedir” ou “Estacionamos e aí já apareceu um indivíduo oferecendo-se para tomar conta do carro”. Mais neutro, cabe também “um

fulano” (com as devidas variações em fulana, fulaninho, fulaninha): “Eu estava andando no centro e vi um fulano sendo assaltado”. Já “mulher”, como vocativo, pode expressar a visão (talvez preconceituosa) do homem que se dirige à companheira: “Presta atenção e dirige direito, mulher!”. Ou: “Dá para parar com esse ciúme histérico, mulher!”. Outros vocativos convocam a assumir a postura própria da classe, torcida, partido, corporação: “Que que é isso, companheiro?” (militante trotskista tomando Coca-Cola!); “Atitude, mano!” (Gavião tem que sair na porrada com a Mancha) etc.

Muito usado antigamente era “o cristão”, em casos que requeriam virtudes como a paciência: “Não há cristão que aguento”.

Para o brasileiro, campeão de eufemismo, “moço”, e especialmente o feminino, “moça” ou “menina” (com quase 50 anos de carreira, ainda hoje só se fala em “as meninas” do Quarteto em Cy), pode designar uma pessoa qualquer, não necessariamente jovem... Ou algum serviçal: “Ih, a bateria arriou, minha neta, sobe e chama o moço da portaria”. Ou o mais formal, já em desuso: “Um cavalheiro deixou este envelope para você”.

Indeterminado, designando um qualquer, está também “o cidadão”: “Já pedi mil vezes para me tirar da lista, mas o cidadão continua me enviando e-mails de publicidade”.

Para tirar o foco do eu, o que poderia parecer interesseiro, pode-se usar o indeterminado “os outros”, mas aplicado a si mesmo, com a aparência de reivindicar uma justiça geral. Assim, diz o marido que dá um tranco no fulano que estava mexendo com sua esposa: “Isso é para você aprender a se engraçar com a mulher dos outros” (nada pessoal...). Ou a Mariazinha, queixando-se para a “tia”, do Joãozinho, da carteira de trás: “Professora, o Joãozinho está dando tapa na orelha dos outros”. Ou com aspecto ainda mais genérico, mas determinadíssimo: “Professora, tem gente dando tapa na orelha dos outros”. Se “tia” é mais a professora, “tiozinho” é o “senhor de idade”, mais para pejorativo, o antigo véinho. “Filho” ou “filha” não se limitam aos descendentes de seus genitores, mas podem ser dirigidos a alunos (“Filha, muda de lugar ou eu vou ter que pedir para você entregar sua prova já!”), clientes jovens etc. Já “velho” pode ser usado para o pai: o próprio ou o do interlocutor: “E aí, seu velho

já liberou o sítio? O meu, já me deu a chave do carro.” Pode ser também forma de tratamento de camaradagem, dado mesmo a quem não seja idoso: “Barbaridade, velho: a média da prova da nossa turma foi 4,0!”

Nessa mesma dialética, tão a gosto do brasileiro, estão outros nossos usos do impessoal que se torna pessoal: se o francês diz *on* (“*En Espagne on dine rarement avant 22 heures*”), no falar daqui prevalece o “você”, para que o interlocutor sinta de modo pessoal a situação de que fala: “Na Espanha, você não janta antes das dez”. A aproximação pessoal dá-se também em nossos usos da palavra “gente”. Na Espanha, “*la gente*” indica a pluralidade genérica; no português esse uso (como no Hino da Independência “Brava gente brasileira...” ou em Camões: “A grita se alevanta ao céu, da gente”) dá lugar a outro, carregado de sentido pessoal, como no vocativo, que evoca incredulidade, ante a falta de virtude humana: “Gente! Que crueldade fizeram com a criança!”, no qual cabe o recurso ao transcendente para corroborar o espanto: “Gente do céu!”. A pluralidade anônima de “*la gente*” é pessoalizada em “minha gente”; na ocupação do lugar dos pronomes de 1ª pessoa: “eu” (como na queixa do motorista da madame: “Pôxa, a gente se esforça para agradar e a patroa ainda reclama da gente”); “nós outros” (“Por que não vem jantar com a gente?”) e “nós todos” (“Bem que a gente podia se reunir mais”). E, aparentemente no sentido contrário, o tratamento pessoal por formas genéricas, neutras, que parecem ampliar a dignidade ou o âmbito do interlocutor: “E aí, chefia, ...” (chefia é mais geral, mais amplo, mais indeterminado do que o concreto “chefe”); “Ô, malandragem, vê aí mais um misto quente...”; “Firme aí, simpatia?”, “Vai com calma, amizade!”. Etc.

E mesmo o genericíssimo “a pessoa”, pode indicar simplesmente “eu”, como nos inesquecíveis esquetes de Maria Clara Gueiros e Nelson Freitas: Márcia e o corno Leozinho do Zorra Total. O esquema era fixo: ela, flagrada em evidente situação de oferecer-se a outros homens, acabava convencendo o marido (“Contornei...”) de que tudo não passava de um mal-entendido: “Não, meu amor, você entendeu mal... Os peões da obra estavam comprimidos em volta de mim porque era um piquete e eu estava ajudando as reivindicações deles. Pôxa, *a pessoa* não pode lutar por justiça social que já é mal interpretada”.

Já “pessoinha” presta-se a ser o modo afetivo de referir-se a fofas crianças, bebês (mesmo ainda os nascituros) ou até animais: “Não chama a Sissi de cachorro, ela não sabe que é cachorro; ela pensa que ela é uma pessoinha”.

Para finalizar, imagine a perplexidade de um turista japonês ou suíço ouvindo um típico telefonema comercial (digamos, da Florêncio de Abreu ou da Sta. Efigênia) em que se misturam formas adocicadas de tratamento com palavrões. O Chicão, da loja de ferramentas, fala com Mendonça, seu fornecedor: “... Já sei, meu querido, mas o pedido veio errado, car%\$#@! Eu tinha encomendado cinco grosas do sextavado e vocês me mandaram do outro... Não, meu bem, eu só preciso do hexagonal: sextavado, porra!... Você me troca ainda hoje? Tá obrigado, abração, meu querido”.

Difícil é fazer a gringalhada entender essas e outras sutilezas de nossa língua; afinal, pelo menos algum requinte o brazuca tinha que ter.



## 21. É grande pra caramba

(v. 83, p. 36-38, setembro 2012)

O gosto brasileiro por intensivos e hiperbolizantes acaba gerando uma enorme gama de formas para expressar essa exagerada demanda de sinônimos. E no falar do povão, a preferência é para formas agressivamente expressivas, para o chulo em lugar das comportadas: grande, muito, intenso, enorme, extremamente etc.

A gíria vai se encarregando de criar novas expressões, embora mantenha as “clássicas”. Ligadas a palavrões (disfarçados ou não), duas, são de longe as mais usadas: “puta” (ou na versão família: “baita”) como adjetivo e “prá car\*%\$#” (em versão atenuada: “prá caramba”). Para avaliar a popularidade de cada uma das diversas expressões, iremos, ao longo deste artigo, registrando, quando possível, o número de incidências no Google (em 10-07-12), abreviando por Gg, seguido do número de sites em cada caso.

De “puta”, diz o *Aurélio*:

3. Bras. Chulo Excepcional, excelente: *Eles fizeram um puta show; Ela era uma puta médica.*
4. Muito forte: *Recebeu dois puta(s) socos; Estava fazendo um puta frio.*
5. Extremamente grande:  
*Compramos uma puta casa.*

Estamos tão acostumados a essa expressão que já não questionamos o fato surpreendente de que um amigo em grau máximo deva ser um “puta amigo”; um show maravilhosamente impecável, “um puta show” etc. (“um puta”: Gg 890.000; “uma puta 3.920.000 – mas este caso inclui o “puta” substantivo”...).

*Aurélio* registra também o uso (“paradoxal”) de “filho da puta” como elogio de excelência: “O filho da puta é inteligente: estudou pouco e

mesmo assim passou em primeiro lugar” (*Aurélio*). O uso é antigo e não exclusivamente nosso: já no *Quixote*, Sancho bebe da bota e exclama “- ¡Oh hideputa bellaco, y cómo es católico!” E seu interlocutor: “- ¿Veis ahí – dijo el del Bosque, en oyendo el hideputa de Sancho –, cómo habéis alabado este vino llamándole hideputa?”. E Sancho sentencia: “- Digo – respondió Sancho –, que confieso que conozco que no es deshonra llamar hijo de puta a nadie, cuando cae debajo del entendimiento de alabarle.”

A outra campeã nacional de uso – no gradiente de atenuação: caceta e caramba – é “prá car\*%\$#” (Gg 2.540.000 + 80.500 de para car\*%\$#; prá cacete 650.000; para cacete 19.000; prá caramba 2.810.000; para caramba 141.000). Um puta amigo é um amigo do c\* ou amigo pra c\*.

Certamente, já o recurso ao palavrão contribui para o impacto intenso, precisamente pelo inusitado: imagine-se que utilizássemos a sinónimo sugerida por Houaiss e disséssemos que Fulano é um insigne ou ínclito amigo, um exímio jogador etc. Ou que a Embratel apresentasse Bruno Mazzeo ou Maria Clara Gueiros exortando-nos: “Faz um 21 que está deveras barato”.

Se se trata de tornar visível o muito, o intenso de que se fala, compreende-se o recurso ao c\* (que ajunta ao pênis o descomunal) e à puta, que, até por razões de marketing e ofício, precisa abundar, ostentar, exuberar. Assim, em ambos os casos, estamos diante de um grau máximo de uma escala concreta, visível e não abstrata como muito, grande etc. E são mais expressivos do que os congêneres (alguns já em desuso): à beça (Gg 217.000), prá burro, prá cachorro, pra chuchu (104.000), a rodo (276.000), milhões, às pampas (44.200), toda a vida, a boche, a mancheias, uma pá de, demais da conta (1.500.000), (chique) no *último* (75.000), prá danar (40.400), a/prá dar com pau (109.000 / 138.000), (para/prá) dar e vender (770.000), de baciada (12.300), de montão (754.000), do tamanho de um bonde (102), prá dedéu (1260), às pilhas, etc.

Naturalmente surge a pergunta: por que o “para” em prá car\*%\$#, prá burro (Gg 208.000), prá cachorro (990.000) etc.? É claro e normalíssimo o uso de “para” em metáforas como: “dose para/prá elefante” (Gg 18.900 / 25.600), “dose para/prá leão” (Gg 31.800 / 33.800):

“traduzir 30 páginas num dia é dose para leão”, “não aguento aquele chato: é dose para elefante”. Uma vez mais, em vez do abstrato “muito árduo ou tedioso” é muito mais expressivo evocar uma seringa de injeção de elefante. Ou a dor da ação contundente do pé sobre as partes mais sensíveis: “aquela aula foi um pé no saco”. Caberia também “pé para o saco”; não esqueçamos que há um “para” de proporcionalidade, consagrado na linguagem matemática “três está para seis como quatro para oito”. Se preferirmos, a fórmula de equação:

$$\frac{\text{esta aula}}{\text{sensibilidade do aluno}} = \frac{x}{\text{saco}}$$

**R.: x = pé**

Esse “para” de proporção, adequação, aparece também quando dizemos, por exemplo: “Meu Deus, quarenta graus, está insuportável. Isso não é calor para São Paulo; isso é calor *para* Saara”. E entendemos o porquê de “prá burro” quando consideramos que o burro é usado como cargueiro, “burro de carga”, que assumiu o sentido figurado de “pessoa que recebe tarefa excessiva...” (Aurélio). Essa quantidade imensa é para burro. Do mesmo modo, o chuchu, cuja dadivosa colheita pode chegar a espantosas 145 toneladas por hectare (!), deu origem ao “prá chuchu”.

Antes de considerar a expressão “prá car\*%\$#” (/ caramba, / cacete) notemos que, nesses casos, “para” equivale a “de” e “prá c...” a “do c...”. Dizer: “isto é calor para Saara” é dizer “isto é calor de Saara”. Cavalos de batalha é cavalo para batalha. Um céu tranquilo é “céu de brigadeiro”, ou seja, céu *para* brigadeiro (que, como chefão hierárquico, não vai se expor a riscos ou turbulências). Do mesmo modo, *king size* é o tamanho do rei, para o rei, adequado ao rei, proporcional à grandeza do rei... E a mulher muito bela é “de parar o trânsito”, bela para parar o trânsito ou mesmo para levar à morte, “linda de morrer” (expressão que, por superstições e tabus de gente influente na mídia, foi suplantada pela inexpressiva “lindo de viver”). E, como disse, a ministra Gleise Hofmann, Dilma não é mulher para (/de) ceder a chantagens.

O car\*%\$# parece como concretização do grande do descomunal. Um célebre apócrifo – desses que circulam na Internet, “O direito ao palavrão” (atribuído a Millôr, Veríssimo etc.) – traz uma sutil e pertinente sugestão:

Qual expressão traduz melhor a idéia de muita quantidade do que “prá caralho”? “Prá caralho” tende ao infinito, é quase uma expressão matemática. A Via-Láctea tem estrelas prá caralho, o Sol é quente prá caralho.

Diante da inigualável excelência (o  $c^*$  é a melhor representação do infinito), o “para” indica mera aproximação: “O Neymar está mais para Messi ou mais para Pelé?”. E a um referencial que tende ao infinito, só há avizinhação assintótica, daí o “para” brasileiro, que, na expressão em foco, melhora, refina o uso de Portugal, que prefere o “como”: “Isto é bom com ’ó caralho” (cf. <http://pt.wiktionary.org/wiki/caralho>; ou <http://www.docspt.com/index.php?topic=4704.0>)

Também lida com medidas enormes a expressão “prá mais de metro” (Gg 417.000): “esse pênalti vai dar discussão para mais de metro”. Jogando com vários duplos sentidos, a *Playboy* fez uma célebre capa com Cláudia Colucci, a Cacau do BBB 10, mulher *para* macho nenhum botar defeito:

Para além de cumprimentos, tomam-se também referenciais no âmbito administrativo: não se trata da rua, bairro, município ou estado:

“a garotada fez uma bagunça federal” (Aurélio), “passou-lhe uma descompostura federal”, ou também, evocando as cores da União: “se f\* de verde e amarelo”.

Profusão de formas intensivas e hiperbolizantes, mas, de longe, a mais usada é prá car\*%\$#, também ela uma expressão ‘muito foda’ (Gg 2.680.000), ‘da porra’ (1.680.000)... do car\*%\$#.



## 22. O diplomata da língua árabe

(v. 82, p. 48-51, agosto 2012, em coautoria com Aida Hanania)

Em 2012, celebramos duas importantes datas redondas, em torno de um único personagem, marco importante, fundacional, dos estudos árabes entre nós: o 90º aniversário do professor Helmi Nasr, que há exatos 50 anos fundou o Curso de Língua e Literatura Árabe na USP.

A USP hoje, prestes a completar 80 anos, era, em 1962, uma universidade muito jovem de um país que, instalado em séculos de atraso, começava a viver, então, grandes mudanças econômicas e culturais. A então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, minúscula se comparada com a atual FFLCH, concentrava uma incrível densidade de professores destacados, que tanta projeção viriam a ter na vida cultural e política do país.

A imagem que o brasileiro tinha do mundo árabe era muito diferente na época: não se falava de islamismo nem de muçulmanos, não havia nada parecido com o protagonismo exercido hoje – pós Opep – pelos países árabes. Eram uns países remotos, indiferenciados e exóticos, muitos deles ainda colônias, atrasados, inexpressivos, ou dominados por potências ocidentais (1962 é o ano da independência da Argélia).

Um pouco mais conhecido era o presidente do Egito, Gamal Abdel Nasser, com sua forte política nacionalista, um dos líderes do “movimento terceiro-mundista”, que enfrentara o poderio francês e britânico na Guerra de Suez, e que terá decisiva importância para a história dos estudos árabes no Brasil.

Quem considera as dificuldades e delongas para a contratação de professores na universidade pública, ficará assombrado com o modo como foi criada a “Seção de Estudos Orientais” em 1962, inicialmente instalada junto ao Curso de História, sob a direção do grandioso Eurípedes Simões de Paula. O próprio Prof. Nasr nos conta em uma entrevista de 1993, respondendo a uma pergunta sobre a criação dos estudos árabes na USP:

Para dizer a verdade, essa é uma história de muitas alegrias e de muitas lutas. Eu, quando jovem, nem podia imaginar que viria a ser professor no Brasil, mas uma série de circunstâncias acabou por trazer-me para cá. Concluídos meus estudos universitários na França, voltei ao Cairo e fui nomeado professor de tradução francesa na Faculdade de Línguas Estrangeiras da Universidade de *'Ayn ash-Shams*. Lecionava eu lá, quando a Universidade recebeu solicitação de três professores para ensinar árabe no exterior: um para Sidney na Austrália, outro para Santiago do Chile e um terceiro para São Paulo.

Não foi difícil para nossa faculdade atender os pedidos da Austrália e do Chile, pois havia um colega recém-chegado da Inglaterra e outro recém-chegado da Espanha. O problema era conseguir um professor para o Brasil. Isto aconteceu nos primeiros meses de 1962. É uma história interessante: Jânio Quadros, quando assumiu a presidência, foi visitar os líderes orientais da época: Gamal Abdel Nasser – que, então, gozava de enorme prestígio em todo o mundo –, Nehru e outros. Voltando ao país, cheio de admiração por esses estadistas, decidiu criar, no Brasil, estudos orientais e pediu à Universidade de São Paulo que criasse esses cursos. A USP, em atenção ao pedido do presidente, resolveu criar sete cursos: árabe, hebraico, russo, chinês, japonês, armênio e sânscrito e contactou os países correspondentes, em busca de professores que se dispusessem a vir para cá. Ora, nessa época, os países árabes credenciados no Brasil eram três: Síria, Líbano e Egito. A USP escreveu para esses três países e, para sorte minha – este é um país maravilhoso –, só o Egito respondeu afirmativamente. O presidente Nasser, em atenção a Jânio Quadros, empenhou-se pessoalmente para que a Universidade designasse também um professor para o Brasil e, como disse, esse não era um problema de fácil solução. Como não houvesse resposta por parte da Universidade, uma semana depois, o presidente Nasser tornou a exigir uma solução rápida para o caso. Pressionado pela insistência do presidente, o diretor da Faculdade resolveu propor-me – afinal, o francês é uma língua semelhante ao português – que viesse ao Brasil. Daí a onze dias, veja só, chegava eu ao Brasil! O primeiro projeto previa a permanência de um ano como professor visitante, mas, quando o

pedido chegou ao ministro da Educação, ele ponderou que só um ano para o Brasil era muito pouco e propôs dois anos. [...]

Enfim, cheguei aqui com muito entusiasmo e, no dia seguinte, já me encontrava na Faculdade com seu diretor, o saudoso Mário Guimarães Ferri, que me recebeu muito bem e logo disse a ele: “Eu quero começar”. Veja bem, eu cheguei no dia 1 de maio de 1962 e o Curso principiou em setembro, como curso livre. E comecei a dar aulas sozinho nos três períodos: manhã, tarde e noite. Em 1963, teve início o curso regular: com uma aluna! E, paralelamente, dava cursos optativos: sempre repletos de alunos nos três períodos; era um trabalho duro mas também extremamente prazeroso. (...) Na verdade, quando cheguei, recebi também um convite para dirigir um jornal árabe e uma revista, além de diversas outras atividades relacionadas com o mundo e a cultura árabes. E, claro, o governo egípcio interessou-se pela minha permanência no Brasil: sem me consultar, custeou a prorrogação de meu contrato por mais dois anos, depois por outros dois e, assim, por oito anos, prazo máximo permitido pela lei egípcia para a permanência no exterior de um professor universitário. Indicaram-me, portanto, que regressasse: comecei a me preparar para retornar ao Cairo, mas quando informei o saudoso Prof. Eurípedes Simões de Paula, então diretor da Faculdade – e principal mentor da criação dos estudos orientais na USP – ele não aceitou e procurou o embaixador egípcio, solicitando-lhe que abrisse uma exceção no meu caso, até que a própria USP pudesse contratar-me. O governo egípcio atendeu-o e prorrogou minha permanência por mais dois anos, quando fui contratado. Para mim, foi muito bom, porque gosto muito do Brasil e de seu povo, que tem características semelhantes ao povo do Oriente, além do fato de que há uma numerosa colônia árabe no Brasil; colônia que, em geral, ocupa uma boa posição econômico-social, mas que necessita também, ao lado dessa posição privilegiada, de uma posição intelectual adequada e o Curso de Árabe na USP era um núcleo para esse trabalho. E, assim, nos anos seguintes – também pelo crescimento da importância do mundo árabe no cenário mundial –, passou a haver mais alunos no Curso de Árabe do que em diversos outros cursos da Faculdade. Estive

sozinho durante os primeiros sete anos.

E assim, graças ao empenho de Nasser e Nasr, São Paulo finalmente ganhou um espaço acadêmico, de excelência, à altura de sua colônia árabe. Parece incrível que, com a importância que a cultura e a língua árabe têm para São Paulo e o Brasil, só há 50 anos – e por conta de uma história de aventuras, digna das Mil e uma Noites – viéssemos a ter esses estudos universitários.

Sua generosidade é ampla e incomensurável e impulsionou diversos projetos para os estudos árabes na USP, até sua aposentadoria (compulsória) em 1992. No final dos anos 80 e começo dos 90, sob sua orientação, lançamos – Nasr e os autores deste artigo – um ambicioso projeto editorial, que contou com colaboradores do porte de um Roshdi Rashed, Miguel Cruz Hernández, Hassan Massoudy (o maior calígrafo árabe do mundo), Evanildo Bechara, Jamil Almansur Haddad, Milton Hatoum, Josef Pieper etc.: a *Revista de Estudos Árabes*, a revista *Collatio* (desde o começo em importantes indexadores e bases de dados internacionais, em parceria com o prestigioso Departamento de Estudos Árabes da Univ. Autónoma de Madrid) e dez livros da coleção *Oriente e Ocidente*.

Nessa mesma época, empenhou-se, com os autores, em outra árdua missão, a criação do curso de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Árabe, e mesmo depois de aposentado (compulsoriamente em 1992), continuou trabalhando voluntariamente nesse Curso, desde o começo muito mais fruto do sacrificado empenho pessoal nosso do que de apoios institucionais...

Outros trabalhos importantes do Prof. Nasr foram a publicação de um pioneiro dicionário árabe-português, a tradução para o árabe de *Novo mundo nos trópicos* de Gilberto Freyre e a monumental tradução, única em nossa língua feita diretamente do árabe, do Alcorão (ou do “sentido” do Alcorão, como querem os muçulmanos, pois, para eles, o livro sagrado é indissociável da língua árabe), com preciosas notas. Esse trabalho, entre tradução e revisões pela Liga Islâmica Mundial em Meca, durou 22 anos e foi finalmente publicado em 2005, pelo “Complexo do Rei Fahd”, a instância mais oficial do Islã.

Sua carreira como homem de paz e integração (dois dos significados do radical árabe s-l-m, de palavras tão fundamentais como *islam* ou *salam*) foi coroada em 2007, quando passou a integrar o seletivo grupo (21 membros) do Conselho dos Sábios, instância máxima de eruditos da Liga Islâmica Mundial.

Precisamente sobre a língua árabe é que, nós discípulos, a seguir, passamos a oferecer ao Mestre (e ao leitor), sete (número simbólico na tradição oriental) pequenas amostras de alguns resultados de nossas pesquisas daqueles anos, como uma singela homenagem do trabalho que realizamos sob sua orientação. Tais pesquisas giram em torno de características que formulamos a partir do conceito de sistema língua/pensamento árabe (Lohmann): a ausência do verbo ser, a associação imediata de imagens, o pensamento confundente, o radical trilitere, as metáteses, o voltar-se para o concreto, a prevalência do passado.

Uma recordação especialmente grata é a do artigo “Tom Jobim e a poesia árabe”, que publicamos em 1991 no *Jornal da Tarde*, analisando a genial canção “Águas de Março”.

E é que no sistema língua/pensamento árabe em vez dos longos e complicados discursos ocidentais, encontramos um rápido e cortante suceder de flashes, em frases nominais, provenientes de uma imaginação fulgurante com a irresistível força da imagem concreta. Assim, uma cena, digamos, como a de abater um pássaro, seria, no limite, descrita por um ocidental nestes termos: “Estava um pássaro a voar no céu, quando eu o vi. Ora, ao vê-lo, interessei-me por ele e, portanto, dado que dispunha de uma atiradeira, muni-me de uma pedra, mirei-o, disparei a atiradeira a fim de atingi-lo; de fato atingi-o e, portanto, ele caiu, o que me possibilitou apanhá-lo com a mão”. Já o árabe, tende a apresentar essa mesma cena do modo como o faz Tom Jobim em “Águas de Março”: “Passarinho na mão, pedra de atiradeira”. Os enlaces lógicos ficam subentendidos por detrás da sucessão de imagens. E o mesmo ocorre, por exemplo, com este outro verso da mesma canção: “carro enguiçado, lama, lama” (em clave ocidental: “O carro enguiçou devido à avaria provocada por excesso de lama”...).

Tal associação imediata de imagens é propiciada pela ausência do verbo ser como verbo de ligação na língua árabe, tal como, paradoxalmente, ocorre em “Águas de Março”. Naturalmente, a presença constante do verbo ser na letra da canção não invalida o caráter oriental do pensamento (onde se empregam frases nominais e não o “é”), pois trata-se da forma fraca, descartável, desse verbo. E a orientalização chega ao extremo quando no final da canção, interpretada por Tom e Elis (Elis com risomal contido), o verbo ser é suprimido e se diz simplesmente:

Pau, pedra, fim caminho  
Resto, toco, pouco sozinho  
Caco, vidro, vida, sol  
Noite, morte, laço, anzol

Outros aspectos, tipicamente árabes, do poema são as formas “Chuva chovendo” e “vento ventando”.

Algum tempo depois da publicação, Luiz Carlos Lisboa, então no “Jornal da Tarde”, quis emocionar-nos contando que tinha levado o artigo para Tom Jobim nos Estados Unidos e que Tom tinha apreciado muito saber de seu lado árabe...

Naturalmente, essa associação imediata (e a ausência do verbo ser) faz com que o provérbio seja uma forma tipicamente expressiva do sistema árabe. E não é por acaso que em algumas de nossas formulações proverbiais imitemos o Oriente:

Tal pai, tal filho  
Cada macaco no seu galho  
Casa de ferreiro, espeto de pau

Se quisermos recuperar a explicitação ocidental, diremos: Tal como é o pai, assim também costuma ser o filho. É muito conveniente para a ordem da selva que cada macaco em seu galho esteja (se para os orientais já é complicado o verbo ser como verbo de ligação, imagine-se o desdobramento em ser/estar). Na casa do ferreiro, o espeto costuma ser de pau.

Essa associação imediata é tanto mais forte quanto o árabe tende a evitar as abstrações e voltar-se para o concreto. Tipicamente falando, enquanto nós tendemos para o abstrato, o indeterminado e o substantivado, como em “A educação vem do berço”; o árabe expressa a mesma ideia com imagens concretas:

Pai dele (é) alho; mãe (é) cebola: como pode ele cheirar bem?

E enquanto nosso provérbio é: “Quem o feio ama, bonito lhe parece”, o árabe diz:

O macaco aos olhos de sua mãe (é) gazela.

Nada de abstratos “a educação”, “a conduta” etc. A mesma palavra para conduta (boa ou má) é o concreto aroma (*rihat*), para nós metáfora (“a coisa está cheirando mal em Brasília”); para o árabe, simplesmente, a mesma e única palavra.

A comunicação é mais solta por conta do pensamento confundente (Ortega), típico dos Orientes. Nossas palavras são constituídas por um bloco fixo, que só deixa espaço para desinências que indicam número, gênero (e, em línguas como o latim, caso): *bonit-* ou *ros-* são invariáveis e acrescentaremos o, os, a, as para determinar se são um ou mais meninos ou meninas bonitas; e *-am* se a rosa latina for um objeto direto singular (*rosam*) ou *-arum* se quisermos nos referir a uma qualidade das rosas (*rosarum*). Já no árabe, o que conta é o radical, em geral, trilítere, triconsonantal, que é intra-flexionado, por vogais, que, além do mais, traduz seu pensamento confundente.

Essa forma de acesso ao real, o pensamento confundente, numa primeira aproximação concentra numa única palavra realidades distintas, mas conexas. Se distinguir, dar nomes diferentes para realidades diferentes, é uma importante função da língua~ “confundir” é – como já faziam notar Ortega y Gasset e Julián Marías – igualmente importante, pois: “Não haveria como lidar intelectualmente com realidades complexas, em suas conexões, nas quais interessa ver o que há de comum e, portanto, o tipo de relações que há entre realidades que, de resto, são

muito diferentes” (Marías). Em maior ou menor grau, variando de acordo com o setor da realidade a que se aplicam, todas as línguas são “distinguentes” e todas as línguas são confundentes. *Grosso modo*, se as línguas ocidentais parecem tender mais para a distinção, as línguas dos Orientes convidam ao pensamento confundente.

Tome-se, por exemplo, o já citado radical s-l-m, da palavra árabe *Salam* (em hebraico *Shalom*), usualmente traduzida por *paz*. Se quisermos ser fiéis à semântica semítica, consideremos não a palavra, mas o radical triconsonantal (que é a alma da língua semita: o radical determina essencialmente o campo de significado; as vogais só fazem a determinação periférica de sentido) SLM.

Paz é somente um dos múltiplos significados confundidos em s-l-m. S-l-m significa igualmente, por exemplo, unidade, integridade física ou moral: quando se quebra um giz, quando se sofre um ferimento, quando se estabelece uma separação ou se produz uma peça com defeito, está se rompendo a s-l-m. Daí que o nome SaLyM, tão freqüente entre os árabes, signifique “o íntegro”, o que não se corrompe... Naturalmente, ninguém no Ocidente diria de um giz quebrado que ele perdeu sua “paz”, associação evidente e conatural para o semita.

Confundindo os conceitos de paz, saúde (física ou espiritual) etc. é natural que a saudação mais comum no mundo árabe (para encontro ou despedida) seja também precisamente: *Salam!* SLM indica também aceitação (de boa ou má vontade), e a atitude religiosa de acolhimento da vontade de Deus é *iSLaM*. A mesma palavra SLM significa, ainda, integridade territorial. Assim, de Salomão (SaLuMun ou SuLaiMan), Deus diz a seu pai Davi (um homem de guerras), em atenção ao nome de Salomão: “Este teu filho será um homem de *shalom*, pois Salomão é o seu nome” (1 Crn 22,9). E Deus, apesar da infidelidade do rei, mantém a “integridade”, a “totalidade” do reino de **Salumun** e diz: “Não tirarei da mão de Salumun parte alguma do reino...” (I Reis 11,34).

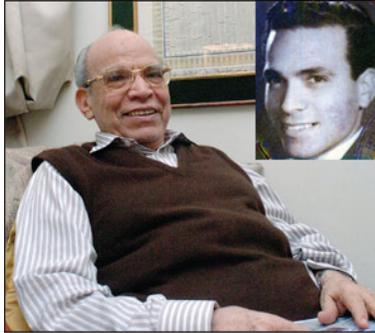
Atento às consoantes, o árabe identificaria imediatamente a proximidade de sentidos, para tomar exemplos em português, de: parto e porta, ou Datena e detona...

Se já o radical triconsonantal árabe confunde o ocidental, a situação se complica ainda mais com as metáteses. É relativamente frequente (e não casual) que metáteses, arranjos das consoantes, guardem relação de sentido entre si: Assim b-r-k (benção) não por acaso, relaciona-se com “grande”, k-b-r (a benção sempre busca engrandecer) e a principal benção, “o primogênito” é b-k-r. B-x-r é a boa notícia (daí, etimologicamente, as alvíssaras); já X-r-b é beber, comemorar (daí nossas “bebidas” xarope ou sorvete). É como em português as casuais: senador/desonra, terno/tenro, podre/poder ou desorienta/desnorteia.

Para finalizar, outra estrutura surpreendente: o uso do passado para indicar futuro. A peculiar visão semita do tempo está ancorada no passado. É como se, numa visão monolítica do tempo, o presente e o futuro não tivessem autonomia em face do passado, este, sim, determinante e determinador. Essa preponderância do passado repercute na gramática. A gramática semita pode valer-se do passado para expressar o futuro, que aparece, assim, como mera resultante do passado. Como diz o Eclesiastes (1,9): “O que foi é o que será; o que se fez é o que se tornará a fazer: nada há de novo sob o sol!”. O futuro é, assim, até em termos gramaticais, determinado pelo passado e por ele expresso em sentenças proverbiais, como, por exemplo: “Quem semeia ventos, colhe tempestades”, que no original soa: “semeou ventos, colheu tempestades”. Tal fato torna-se compreensível quando nos lembramos de alguns exemplos de uso semelhante em nossa língua, especialmente em linguagem publicitária. Como na recente campanha da Skol retornável: “Trocou, economizou” (quem trocar, economizará); ou na antiga do Estadão: “anunciou, vendeu” (quem anunciar, venderá). Ou a do Sedex “mandou, chegou” (se mandar, chegará). E quem bater, levará (“Bateu, levou”).

Para o confundente árabe, a palavra *taríq*, não significa só caminho, mas acumula também o sentido de jeito, modo pessoal de cada um fazer as coisas. O que facilmente se compreende, pois no deserto não há estradas delineadas, cada um busca fazer o seu caminho. É o que Helmi Nasr cumpriu desde que, quando jovem, assumiu sua missão no Brasil: abrir caminhos, que hoje podem ser trilhados por muitos, que talvez nem se lembrem de que a ele devem as facilidades que encontram agora prontas...

Esse passado voltado para o futuro, faz parte da mediação realizada por Helmi Nasr; da milenar tradição do Egito para a frenética São Paulo, abrindo caminhos ao andar, em missão de integração, paz, união: *islam, salam*.



Helmi Nasr hoje (2007) e quando ainda vivia no Egito: vida dedicada à aproximação entre as culturas brasileira e árabe

## 23. No princípio era a Bíblia

(v. 81, p. 24-28, julho 2012)

Quais são os grandes referenciais de comunicação comuns a todos os brasileiros? Ao contrário de outros países e épocas, não temos clássicos que todos tenham lido; nem riquíssimos repertórios de provérbios, que, no Oriente, são conhecidos por qualquer criança. Não são patrimônio de todos episódios da história pátria, que possam ser trazidos para aplicação a outros casos. Nem um Alcorão, que nos países árabes abastece de metáforas e frases feitas os diversos setores da vida secular.

Para nós, o futebol é de longe o principal fornecedor de metáforas e expressões para a vida cotidiana: situações políticas, econômicas, afetivas, profissionais etc. são rapidamente compreendidas por meio do recurso a seu amplíssimo repertório. Um par de exemplos, de comunicação aparentemente difícil, mas que se tira de letra, bem e rapidamente, evocando o futebol.

Dois amigos em um restaurante vão pedir pratos individuais e querem, de algum modo, compartilhá-los. Um deles diz: “– Vamos pedir dois pratos e a gente divide”. Ao que o outro, responde: “– Divide, não: o mando de jogo da carne é meu; o do peixe, é seu”. (Não vai ser meio a meio, mas...).

Final de semestre; a prova final já foi feita, o professor pretende dar aulas muito abreviadas e simbólicas, mas não pode dispensar formalmente os alunos (embora queira passar a mensagem de que vai fazer vista grossa na presença e “esquecer” de fazer a chamada...), mas, claro, não quer formalizar esse relaxamento. E diz: “– Bom, gente, nosso curso praticamente acabou. Ainda temos mais duas aulas, mas é só para cumprir tabela...”.

Mesmo os que não se interessam por futebol, acabam valendo-se de sua linguagem, tal a viveza e o interesse de sua vigência para o brasileiro.

Se metáfora fosse campeonato de pontos corridos, o futebol seria campeão com muitas rodadas de antecipação. Mas, e para saber quem é o vice? Bom, aí embolou o meio de campo...

Talvez a Bíblia. Com a desvantagem de que suas metáforas e expressões são usadas, mas sem que se tenha o mesmo vigor e, em alguns casos, os usuários nem se lembram da proveniência bíblica desta ou daquela expressão. Quando Eike Batista diz “Atire a primeira pedra o motorista que nunca tomou uma multa por excesso de velocidade” seus ouvintes entendem, mas poucos talvez evoquem o episódio de Jo 8, 7, no qual Jesus impede o apedrejamento da mulher adúltera. Para não falar do “bode expiatório” de Lv 16, 8-10; 20-22; que alguns chegam a pensar que é um bode que fica espiando e acaba por levar a culpa.

Neste artigo, recolhemos algumas expressões e frases feitas, cuja origem bíblica não é evidente para todos (em alguns casos, não se tratará necessariamente de origem, mas de alguma relação de sentido com este ou aquele versículo).

## Provérbios e frases feitas

Começemos com alguns casos de formulações proverbiais.

Quem, ao ver o célebre slogan-provémio do SBT em fins dos anos 80 (então, ainda TVS), se lembraria de que é literalmente uma frase de Jesus Cristo (Mt 7, 8): **“Quem procura, acha”** (ao qual Sílvio Santos acrescentou apenas o advérbio: “Quem procura, acha... aqui”).

Outros escandalizar-se-ão ao saber que é bíblico (do Velho Testamento, claro) o duro: **“Olho por olho, dente por dente”**, prescrito 3 vezes (Ex 21, 24; Lv 24, 20 e Dt 19, 21) e revogado por Cristo (Mt 5, 38), que propõe, em seu lugar, a também proverbial **“oferecer a outra face”** (Mt 5, 39) e ainda (Mt 26, 52) a advertência: “quem empunha a espada, pela espada perecerá” (ou se se prefere: **“Quem com ferro fere, com ferro será ferido”**).

Também é de Jesus, a comparação **“Cego que guia outro cego”** (Mt 15,14; Lc 6, 39). São bíblicos também os conhecidos provérbios: **“Quem semeia ventos, colhe tempestades”** (Os 8, 7) e: **“Quem dá aos pobres, empresta a Deus”** (Pv 19, 17).

E também expressões como **“dois pesos e duas medidas”** (Prv 20,

10); “**umbigo do mundo**”o centro de tudo, o mais importante, tabur haaretz (umbigo da terra), que aparece em Jz 9,37 e Ez 38,12. Já “dar murro em ponta de faca” é formulação ligeiramente modificada de At 26, 14, que recolhe a fala de Cristo a seu perseguidor Saulo: “Dura coisa te é recalitrar contra o aguilhão”. E “**cruzar os braços**”, “**ficar de braços cruzados**”, não trabalhar, aparece em Pv 6, 10 e Ecl 4,5. Já **adeus**, para despedida que se presume definitiva (e, portanto, encomendo-te *a Deus*), encontra-se em Atos: Paulo despede-se da comunidade e diz “Não voltareis a ver o meu rosto... a Deus vos encomendo” (At 20, 25 e 32).

Uma expressão curiosa, não proverbial e mesmo desconhecida pelos falantes contemporâneos, é a que o escritor Andrew Solomon, foi buscar no Salmo (90[91], 6), na tradução da Vulgata, para o título de seu livro, já clássico sobre a depressão “**O demônio do meio dia**” (*The Noonday Demon*).

Embora evidentemente trate-se de uma forma bem portuguesa, a fórmula de insulto: “vá para a **puta que o pariu**”, ganha sentido às luzes da Bíblia. Como frequentemente ocorre, frases feitas tendem a ser repetidas automaticamente, sem que se atente a seu sentido original. O significado exato de mandar para a pqp faz-se presente no confronto dos cariocas e do mineirinho, que recolho de um destacado site de piadas (orapois.com.br), seção: “mineiro”:

Dois cariocas muito espertos foram passar umas férias em Minas.

Ao chegar em Minas, um pergunta ao outro:

– Vamox tirar uma com o primeiro mineiro que aparecer nessa estrada?

– Aí, beleza, cara, vamox nessa!

Logo à frente, aparece um mineirinho acanhadinho, coitado...

Os cariocas param o carro e um deles pergunta:

– Aí, mineirinho, para onde nóx vamox falta muito?

O mineirinho, muito acanhado, responde:

– Depende uai! Se oceis vão pra puta que o pariu já passaram; se vão à merda, falta dois quilometros [a cidadezinha rival]; agora se vão tomar no c é aqui mesmo...

A mensagem subjacente quando se manda alguém para a pqp, é a de que o indivíduo mau, sacana, chato etc. não tem lugar no convívio humano e não deveria ter saído da barriga da mãe (no caso, a responsável por ele ser o fdp que ele é...) e para lá deve ser reencaminhado...

A ideia de voltar ou de não ter saído do ventre materno ocorre na Bíblia: daquele que o vai entregar, Jesus diz que melhor lhe fora não ter nascido (Mt 26, 24; Mc 14, 21) e o profeta Jeremias, nesse caso, diante das desgraças que sofre, lamenta por ter saído do ventre materno (Jer 20, 14 e ss.). E quem se comporta como néscio, diz o Eclesiástico (23, 14), chegará a desejar voltar ao ventre da mãe, amaldiçoar o dia em que dele saiu...

## Palavras que ganharam sentido adicional pela Bíblia.

O *Oxford English Dictionary* (OED), indica em suas etimologias algumas palavras que estenderam seu sentido sob influência da Bíblia. É o caso do inglês **way**: o caminho (*derek*), que na perspectiva semita não está pré-determinado e não comporta uma tradução como a que temos que repetir nas missas: “Caminhamos pela *estrada* de Jesus!” Para aquele povo do Oriente, o caminho (e Jesus é o caminho – Jo 14,6 – é o de cada um: não há rodovias no deserto... Não por acaso, *derek* significa também o jeito pessoal de cada um fazer as coisas: uma acumulação semântica que foi parar no inglês *way*.

Também **talento** – no sentido de dom ou capacidade artística, intelectual etc. – decorre (OED) de um uso figurado da parábola dos talentos, narrada por Jesus em Mt 25, 14-30.

Já a palavra tão em moda, **escândalo** (escândalo do mensalão, escândalo do BBB 12 etc.), no sentido de algo que pode levar a erro, mau procedimento, remete ao uso bíblico: “pedra, obstáculo que faz tropeçar” (Houaiss), como por exemplo em Rom 14, 13; I Pe 2,8; Mt 16, 23 etc.

E **carismático**, **carisma**, que passou a ter o uso profano de poder de imediatamente encantar e despertar simpatia das massas (“Barack Obama é muito carismático”, “Alckmin não tem carisma”), é, no Novo

Testamento, um dom que beneficia a comunidade, como se discute em I Cor 12, no caso, como dom do Espírito Santo, preparando o famoso discurso, cap. 13, sobre o carisma maior, o amor (*ágape*): “Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos...”.

## Semitismos bíblicos em nossa linguagem

Não já no campo de etimologias de palavras e expressões encontramos em nosso modo de falar algumas influências (ou ao menos semelhanças) da linguagem da Bíblia.

Começemos com o superlativo. Uma forma de superlativo semita é a conhecida “x dos x”. Aparece, por exemplo, em Apocalipse 17, 14 (ou 19, 16), quando se diz de Cristo, que é Rei dos reis e Senhor dos senhores. Curiosamente esse formato bíblico, reaparece – surpresa das surpresas – no hino do Corinthians: “Salve o Corinthians, o campeão dos campeões”. Note-se de passagem, que o próprio nome do time é bíblico, remete à Epístola aos Coríntios (em inglês, *Corinthians*). Mais precisamente à passagem em que São Paulo compara os esforços requeridos pela vida cristã aos de atletas e corredores que desejam vitórias (I Cor. 9: 24 e ss.). No século 19, ante o preconceito de igrejas contra o esporte (“culto ao corpo”, etc.), o aval do Apóstolo era usado por cristãos esportistas que invocavam a Epístola (daí o nome do time inglês *Corinthian*, que inspirou o nosso Corinthians)

Outra estrutura surpreendente é o uso do passado para indicar futuro. Como ensina Aida Hanania, falando da peculiar visão semita do tempo, ancorada no passado: “É como se, nessa visão monolítica do tempo, o presente e o futuro não tivessem autonomia em face do passado, este, sim, determinante e determinador. Essa preponderância do passado repercute na gramática”. A gramática semita pode valer-se do passado para expressar o futuro, que aparece, assim, como mera resultante do passado. Como diz o Eclesiastes (1,9): “O que foi é o que será; o que se fez é o que se tornará a fazer: nada há de novo sob o sol!”. O futuro é, assim, até em termos gramaticais, determinado pelo passado e por ele expresso em

sentenças proverbiais, como, por exemplo, a já citada “Quem semeia ventos, colhe tempestades”, que no original soa: “semeou ventos, colheu tempestades”. Tal fato torna-se compreensível quando nos lembramos de alguns exemplos de uso semelhante em nossa língua, especialmente em linguagem publicitária. Como na recente campanha da Skol retornável: “Trocou, economizou” (quem trocar, economizará); ou na antiga do Estadão: “anunciou, vendeu” (quem anunciar, venderá). Ou a da Sedex “mandou, chegou” (se mandar, chegará). E se escrever e não ler, o pau comerá (“Escreveu, não leu, o pau comeu”). E quem bater, levará (“Bateu, levou”).

Para terminar, peço licença para uma nota meio descabida, a título de mera curiosidade, sem nenhuma pretensão de *começar* a imiscuir a Bíblia no sertanejo universitário. O erudito Jean Carmignac, que estudou profundamente os semitismos nos evangelhos sinópticos, aponta um deles, típico: em vez de referir diretamente a ação “diz-se que o personagem **começa** a fazer tal ou tal coisa, o que para nós é supérfluo”. Assim, por exemplo, Jesus “chamou os doze e *começou* a enviá-los de dois em dois” (Mc 6, 7); os gerasenos assustados “*começaram* a rogar a Jesus que se afastasse de seu território” (Mc 5, 17). Etc. etc. etc. Esse mesmo cacoete dos hagiógrafos está também em Michel Teló:

*Sábado na balada  
A galera começou a dançar  
e passou a menina mais linda  
Tomei coragem e comecei a falar*

Só falta agora os evangelistas começarem a se juntar à turma das baladeiras que reivindicam judicialmente co-autoria na canção... (e, no falar brasileiro, “começar” serve de curinga para qualquer ação que pressuponha paciência de Jó: “Ih, já vai começar...” (a criticar / a reclamar / a choramingar etc.); “Não começa...!” (a ciumeira / o pessimismo / a enrolação / a encher o saco) etc.

## 24. Velha expressão da nova geração

(v. 79, p. 22-24, maio 2012)

Uma vez estabelecida uma frase feita ou uma metáfora, ela pode acabar prevalecendo sobre o termo original sobre a qual ela se produziu. Hoje, em dia, por exemplo, quase ninguém sabe o que é bugalho, termo da fitopatologia, que significa “noz de galha” (HOUAISS, 2009); mas muitos usam a frase feita “(confundir, misturar) alhos com bugalhos” e a metáfora “esbugalhado”.

“Bugalho”, em consulta ao Google, aparece com 239.000 resultados (19-03-12); muitos deles como sobrenome (José Bugalho, Maria Bugalho etc.) e muito associado à expressão “alhos (e/) com bugalhos” (201.000 no Google).

Já “olhos esbugalhados” é mais conhecido (228.000 no Google – 19-03-12) e o termo metafórico acabou prevalecendo sobre o original, que quase ninguém conhece.

Outro aspecto a ter em consideração é que a linguagem está muito ligada às gerações. Julián Marías acertadamente estabelece o espaço geracional, em termos de participação social, em 15 anos. Então, com a atual média de vida do brasileiro, convivem cinco gerações em nosso país. As distâncias de linguagem são por vezes acentuadas e se, por um lado, o bisavô não entende as gírias da garotada; por outro, os jovens usam cegamente as frases feitas dos mais velhos. E não é fácil prescindir delas. Como expressar rápida e eficazmente (o *amthal* tem esse aval), por exemplo, a vontade de A, em determinada situação, de abortar a tentativa do interlocutor, B, de envolver A em um problema que é só de B? E mais: dando a entender, ademais, a ironia de que B desfruta dos sucessos sozinho, mas na hora do aperto, quer dividir o problema com A, mas que desta vez passou da conta?

O exemplo a seguir ilustra muito bem o *gap* geracional de que estamos falando. A situação se resolve com a usadíssima expressão “Nós quem, cara pálida?” (“quem cara pálida” aparece, segundo o Google em 110.000 sites! em 26-12-11).

Numa conversa entre pessoas de 60 anos, eles sabem muito bem a finíssima ironia e devastador conteúdo do que estão dizendo; mas e os adolescentes, que também se valem da expressão? No “**Yahoo – respostas**” encontrei a pergunta:

**Qual a razão de se chamar o índio [sic] de “Cara Pálida”?** Até hoje não entendi isso... Que significado tem chamar o índio de “Cara Pálida”!? Bjus e obrigada pelas respostas!!

(<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20070312075324AAZ0sxz>, 26-12-11).

A geração dessa mocinha (e mesmo a de seus pais) nunca terá assistido a *westerns* de índios (os pele vermelhas em contraposição aos caras pálidas); mas há 50 anos esses filmes eram o pão de cada dia, no cinema e na TV. E, como todos de minha época se lembram bem, o Zorro não era (principalmente) o de capa e espada, mas um *ranger* mascarado (daí também a expressão “ficar mascarado<sup>1</sup>” do futebol).



A expressão “Nós, quem, cara pálida?”, procede de uma piada do início dos anos 60. A TV brasileira exibia o seriado do herói *Lone Ranger*, que, no Brasil, foi batizado de Zorro; um *ranger* sempre acompanhado de seu fiel e servil índio Tonto. Um dia Zorro e Tonto encontram-se encurralados por índios sioux de um lado; comanches, apaches e moicanos pelos outros lados. Quando acaba a munição, Zorro se lamenta: “Nós estamos perdidos, Tonto”. Tonto faz sua melhor pose de índio, capricha no sotaque e responde: “Nós, quem, cara-pálida?”.

Interessante também é o caso da expressão “amigo da onça” (1.890.000 no Google 19-03-12). Como se sabe, certos provérbios e expressões estão ligados a histórias ou anedotas, resumindo-as numa

---

1. O mascarado Zorro enfrentava casos incríveis e perigosíssimos, afetando naturalidade.

breve sentença. É o caso, entre nós, dessa expressão, proveniente daquela piada do caçador que está narrando ao amigo os percalços de seu encontro na selva com uma onça e o amigo, impaciente por saber o fim da história, interrompe com perguntas que antecipam a tragédia: “E a sua espingarda, não funcionou?”, “E, aí, você escorregou?” Até que o caçador se aborrece e indaga: “Espera aí, afinal, você é amigo meu ou amigo da onça?”

A piada é da década de 40 (ou até anterior) e a expressão impôs-se com a genial criação do personagem de Péricles, em 1943, para a então importante revista *O Cruzeiro*, na qual apareceu até 1972.

A perda de conexão entre a expressão “amigo da onça” e a piada que a gerou chegou a tal ponto que a piada foi retomada na “Escolinha do Gugu” (programa de 18-03-12) pelo personagem caipira José Bento (ator João Elias), mas sem o desfecho clássico: “Você é amigo meu ou amigo da onça?” “Embora de redação e interpretação brilhantes, a piada ficou empobrecida, reduzida a uma mera “mentira de caipira”.

José Bento: “...tinha um murão de pedra na minha frente e eu pulei”

Prof. Gugu: “mas onça também pula muro!”

JB conta que fugiu por um espinheiro e PG argumenta que onça também atravessa espinheiro. JB narra que atravessa um rio, e PG lembra que onça também nada.

JB: Tá bom, aí ela me pegou

PG: E o que aconteceu?

JB: Eu morri...

Perdeu-se a metáfora original. Esse fato merece uma reflexão pedagógica mais ampla.

Só se dispomos de linguagem viva podemos acessar uma realidade: sem a linguagem é muito difícil perceber a realidade. As centenas de termos do futebol é que permitem a compreensão do jogo, tanto em seus aspectos técnicos quanto psicológicos (expressos por termos como: catimba, tabu etc.). A catimba pode ser punida pelo juiz porque existe a palavra catimba. E é um fato inquietante que não disponhamos de linguagem especializada para diferenciar sentimentos (não temos palavras específicas para diferenciar amores tão diferentes como “amor pelo irmão”, “pelo filho”, “pelo cachorro”, “pelo time” etc.), mas encontramos precisão de

alta definição nas ligeiras variações de um simples lance determinado de chutar uma bola: bicicleta, meia-bicicleta, puxeta, voleio etc.

A existência da linguagem viva permite combater socialmente atitudes indesejáveis: é mais fácil para o italiano do que para o brasileiro matar as abusivas pretensões do *facilone*, porque a língua italiana dispõe da específica palavra “facilone”, enquanto nós só temos o genérico “folgado”. Estou dando uma carona para alguém e ele diz: “você pode me dar uma paradinha nesta agência de banco, eu vou só abrir uma poupança com o gerente e volto em no máximo cinco minutinhos”. Na Itália, a própria existência da palavra já impediria a descabida proposta: todo mundo sabe que abrir uma conta de poupança não é assim fácil: leva no mínimo quarenta e cinco minutos. Só o *facilone* (talvez sinceramente...) imagina que não há fila, que o gerente vai estar lá, que os papéis vão fluir rapidamente etc.

Assim, uma das grandes contribuições da metáfora é a de dotar toda uma comunidade da possibilidade de identificar rapidamente e de modo enxuto (e, se for o caso, desmascarar) atitudes que, sem a metáfora, seriam muito abstratas ou complicadas para a comunicação: com a genial metáfora da gíria: “não é minha praia”, o carioca expressa – como se diz em espanhol: “de modo gráfico”, contundente – que não se sente à vontade naquela situação, não é sua especialidade, que prefere outra coisa que lhe seja familiar etc. (os ingleses, no caso, dizem, também de modo expressivo: *It is not my cup of tea!*).

A expressão “amigo da onça” permite visualizar uma sutil atitude tão comum no brasileiro e que a língua alemã designa por *Schadenfreude*, a alegria, o gostinho de ver o outro se dar mal: um acidente na estrada, congestiona também a pista do sentido contrário: cada motorista quer avaliar com calma os estragos. Um time brasileiro vai enfrentar um Tegucigalpa na Libertadores, a torcida dos outros times compra quilos de rojões para o caso de sair um gol do Tegucigalpa. E, claro, não assume publicamente essa preferência e, em todo caso, dirá que sua bisavó paterna era hondurenha e que sente uma simpatia pelo “Tegu” desde criancinha...

Quando essa atitude se torna ativa e induz sutilmente o outro a uma fria, temos o amigo da onça, infelizmente hoje uma metáfora opaca.

## 25. O santo nome da pressa

(v. 77, p. 28-33, março 2012, ampliado)

S. Expedito é um convite para examinar interessantes questões de linguagem e discutir importantes questões suscitadas por sua emblemática figura. A proximidade de sua festa, 19 de abril, é uma boa ocasião para aferir sua popularidade, pois parece que ele anda um pouco sumido.

Após alguns anos de sucesso absoluto, como campeão das causas urgentes (ou: justas e urgentes, porque ele nunca se prestaria a malfeitos), sua visibilidade anda um tanto em baixa. Há muito tempo que não me oferecem santinhos nem vejo em São Paulo aqueles banners e faixas: “Agradeço a Sto. Expedito pela graça alcançada” (ele veio na contra-mão do provérbio: “Quem **espera** sempre alcança”).

No auge da devoção ao santo despachante, muitos devotos até se permitiam expressar-se com dizeres mais familiares, como: “Valeu, S. Expedito, te devo mais uma”. Expedito, como veremos, aprecia essa informalidade e convida especialmente ao tratamento descontraído, na linha descrita já em *Raízes do Brasil* (Holanda 2010, 149):

Nosso velho catolicismo, tão característico, que permite tratar os santos com uma intimidade quase desrespeitosa e que deve parecer estranho às almas verdadeiramente religiosas, provém ainda dos mesmos motivos. A popularidade, entre nós, de uma santa Teresa de Lisieux – santa Teresinha – resulta muito do caráter intimista que pode adquirir seu culto, culto amável e quase fraterno, que se acomoda mal às cerimônias e suprime as distâncias. (...) foi justamente o nosso culto sem obrigações e sem rigor, intimista e familiar, a que se poderia chamar, com alguma impropriedade, “democrático”, um culto que se dispensava no fiel todo esforço, toda diligência, toda tirania sobre si mesmo, o que corrompeu, pela base, o nosso sentimento religioso.

O *boom* da devoção a S. Expedito começou em 1983, quando o radialista Eli Corrêa (“oiiii geenteee!”), locutor de um programa muito popular, inicialmente na Rádio América de São Paulo, começou a divulgar diariamente graças alcançadas pela intercessão do santo. Logo juntar-se-ia ao programa o padre João Benedicto Villano, tenente-coronel capelão da Polícia Militar, da qual Expedito é o padroeiro.

Na virada de 2000, a revista *Veja* já o qualificava como santo “da moda” e noticiava que em 1999 tinham sido produzidos 72 milhões de santinhos, quadruplicando os 18 milhões do ano anterior. A estratégia de marketing era a de distribuir mil santinhos imediatamente após a obtenção da graça e, assim, em poucos anos, 2 ou 3 santinhos para cada brasileiro.

Em 2001, a *Vejinha* noticiava que Expedito havia ocupado o primeiro lugar na devoção dos paulistanos (evidentemente, pressa é devoção de paulistano; na Bahia, de Dorival Caimmy, Expedito não tem devotos à altura...) desbancando o trio anti-aperto: São Judas Tadeu (das causas impossíveis), Santa Rita de Cássia (dos desesperados) e Santa Edwiges (a dos inadimplentes). Claro que, na época, arrumar emprego, sair do cheque especial, pagar as prestações das Casas Bahia – causas impossíveis, geradoras de desespero e inadimplência – foram encampadas por nosso Santo, a título de urgentes, com a vantagem de que Expedito resolve na hora...

Em 2004 (15/04), St. Expeditus ganhou até mesmo a primeira página do *Wall Street Journal*: “Jobless Brazilians Needing Fast Action Call on St. Expeditus”.

Nunca existiu um santo *Expeditus*: seu nome advém da característica do personagem (como nos *sketches* dos programas de humor, nos quais o marido traído tem o nome Cornélio...), que daria um prato cheio de “predestinado” do José Simão, como a daquele grego, super campeão de ciclismo, chamado Kanellos Kanellopoulos “sebo no Kanellos – rarara”). E é que Expedito, em latim e português, significa: rápido, desembaraçado, o homem que vai e resolve, sem burocracias (não por acaso, sua igreja fica nos fundos do quartel da ROTA: seus devotos originais...) ou, como ensina Mestre Pasquale:

“Expedito” é o participio do verbo latino “expedire” (“desembaraçar os pés”, “pôr os pés para fora”, ou seja, pô-los para andar, para correr). Em “expedir” há os elementos latinos “ex-” (“movimento para fora”) e “pede”, “pedis” (“pé”). É por isso que, como adjetivo, “expedito” significa “ágil”, “rápido”, “desembaraçado”. O verbo “impedir” é da mesma família de “expedir”. Temos aí o elemento latino “in-”, de valor negativo. Literalmente, “impedir” significa “não deixar andar”, “travar”. (*Folha de S. Paulo*, 28-09-06).

O fato é que não há base histórica que avalize sua existência... Na verdade, para o povão devoto, isso não faz a menor diferença – se ele existiu ou não é mero detalhe –, o que vale é seu valor simbólico para a massa devota. Nesse sentido, Comte-Sponville (2007, pp. 43-44), lembra a famosa história dos dois rabinos:

Dois rabinos jantam juntos. São amigos. Discutem até tarde da noite sobre a existência de Deus. E concluem que, afinal de contas, Deus não existe. Os dois rabinos vão dormir. Nasce o dia. Um dos dois rabinos acorda, procura seu amigo dentro de casa, não o encontra, vai procurá-lo fora, no jardim, onde por fim o encontra, fazendo as preces rituais da manhã. Surpreso, pergunta-lhe: “Ué, o que você está fazendo?” “Não está vendo? Minhas preces rituais da manhã.” “Pois é isso mesmo que me espanta. Conversamos boa parte da noite e chegamos à conclusão de que Deus não existe, e você agora faz as suas preces rituais da manhã!” O outro lhe responde simplesmente: “E o que Deus tem a ver com isso?”

Para a Cúria Romana, a burocracia mais lenta do mundo, surgem, nesses casos de dúvidas sobre a existência real de determinado santo, um delicado problema: como manter o rigor científico histórico sem afrontar a credence de milhões de devotos.

Em 1969, Paulo VI decidiu remover do calendário universal da Igreja muitos santos de existência não comprovada como São Jorge, Santa Filomena, São Cristóvão, Santa Bárbara etc. No Brasil, na época (em plena ditadura militar) o caso ficou conhecido como: “os santos

cassados”. Ante a imensa comoção popular que a “cassação” iria causar (alguns eram padroeiros nacionais; milhões de fiéis batizados com os nomes de Jorge, Filomena etc.), o Vaticano arrumou uma de suas típicas soluções: não é, mas é, sem deixar de ser, não sendo, nenhuma e ambas... Esses santos, nos casos em que a “conveniência pastoral” assim o recomendasse, integrariam somente calendários locais: Inglaterra ou Catalunha, por exemplo, não precisariam prescindir de seu São Jorge (que, oficialmente, não integrava já o time dos santos universais). Entre as nações que não poderiam prescindir do Santo Guerreiro estava a nação corintiana e foi graças ao Timão que São Jorge permaneceu no calendário brasileiro. Um corintiano ilustre, D. Paulo Evaristo Arns, arrancou do Papa esse privilégio e assim relata o diálogo em suas memórias:

“Santo Padre, nosso povo não está entendendo direito a questão. São Jorge é muito popular no Brasil. Sobretudo ante a imensa torcida do Corinthians, o clube de futebol mais popular de São Paulo”. [Paulo VI] Respondeu-me assim: “Não podemos prejudicar nem a Inglaterra, nem o Corinthians”. (ARNS: 2004, p. 99)

Se nem sempre São Jorge salva o Corinthians, naquela ocasião foi o Corinthians que salvou o São Jorge. Santo Expedito nem foi “cassado”, porque simplesmente não era nada na época: só viria a ser algo, anos depois, em São Paulo e no Brasil.

Claro que o caso nunca será levado formalmente ao Vaticano, entre outras razões, porque a Cúria nunca daria o tiro no pé de homologar um santo, cuja característica é a rapidez e a informalidade.

Nesse sentido, em seu livro *Inside the Vatican*, o jesuíta Thomas J. Reese (que foi editor chefe da renomada revista católica *America*), recolhe uma das piadas clássicas sobre a burocracia dos dicastérios do Vaticano, que, na contra-mão de nosso Expedito, pode retardar por décadas (ou séculos...) decisões simples. A piada circula nos corredores da própria Cúria: foi achado um bebê na Congregação para a Doutrina da Fé. O (então) prefeito, Card. Ratzinger, fica escandalizado e entra em pânico, mas um monsenhor o acalma: “Fique tranquilo, Iminência, não

é de ninguém daqui, porque aqui nada se resolve em nove meses”. E outro monsenhor completa: “Um bebê é algo tão encantador e é fruto do amor: certamente não é coisa nossa”.

Venenos à parte, o fato é que, contra a recomendação dos burocratas do Vaticano (que acharam a medida um tanto prematura), João Paulo II foi a Istambul em 2004, para pedir perdão ao Patriarca de Constantinopla pela IV Cruzada (aquela que em vez de combater os infiéis, saqueou a grande cidade cristã do Oriente) de 1204! Levou exatos 800 anos para cair a ficha! Que chance pode ter um S. Expedito no Vaticano?

A questão da oficialização de S. Expedito ficará no limbo da burocracia eclesiástica, sistema administrativo que tem a vantagem de que enquanto se adiam por décadas o exame das questões, muitas delas ficam pelo caminho e desaparecem na poeira do tempo...: deixa como está para ver como é que fica (se é que fica...). Imaginemos, por exemplo, o tempo que teriam perdido os cardeais, se tivessem se debruçado a examinar a validade canônica da advocação mariana Nossa Senhora Desatadora dos Nós. Surgida do nada (de uma remota devoção alemã), ela teve, entre nós, seu próprio *boom* em 2000-2002 e hoje está praticamente esquecida... (sem falar no ridículo que seria a Santa Sé abrir um processo, zelando pela fé tupiniquim, para verificar se existiu, digamos, um São Longuinho, o dos três pulinhos...). O próprio S. Expedito já não está na moda. Daí, talvez, o fato de a Diocese de São Paulo, ao criar sua 300ª paróquia, em 17-12-11, dedicou-a a S. Expedito e ao Sagrado Coração de Jesus: se o Vaticano questionar que se está dando muito respaldo institucional a um santo fictício, a diocese pode responder que a paróquia é do Sagrado Coração de Jesus (o tupiniquim Expedito é só o estepe).

Detenhamo-nos, agora, no diferencial de S. Expedito. Se S. Antônio é o casamenteiro; se S. Francisco é da ecologia e S. Longuinho é para encontrar objetos perdidos, S. Expedito é acionado para causas urgentes. E é objeto de devoção por parte de dois tipos de fiéis: os que por



natureza identificam-se com ele, pois são dotados de um temperamento particularmente avesso a esperas e enrolações (cerca de 40% da população, os do tipo *artisans SP*, na terminologia do psicólogo americano David Keirse) e a totalidade dos que sofrem entraves inúteis da burocracia, estatal ou não (além, é claro, de causas como desemprego, inadimplência etc., que são urgentes).

A lenda diz que Expedito era um comandante militar do início do séc. IV – veio a sofrer o martírio por não renegar sua fé cristã –, que ficava adiando sua conversão ao cristianismo. Quem observar o santinho, reparará que Expedito segura uma cruz na qual está escrito *Hodie* (em latim: hoje) e esmaga com o pé um corvo que diz *Cras*, que em latim significa: Amanhã (daí o nosso “procrastinar”); *cras* é também a onomatopéia do corvo (como *miau* é a do gato).

Os Padres da Igreja comentam esse jogo de palavras (*hodie/cras*) sem mencionar nenhum protagonista, para eles trata-se simplesmente de um sugestivo modo de catequese. Se tivesse havido um mártir com esse enredo, S. Agostinho (354-430), S. Cesário de Arles (470-543) e outros que pregam sobre o abominável corvo do *cras*, certamente não teriam ficado apenas na análise das palavras, mas teriam exaltado o herói cristão, que venceu o diabo (alegorizado no corvo) e seus adiantamentos. Aliás, os Padres costumam fazer trocadilhos e jogos de palavras com os mártires, como no caso das santas mártires Felicidade e Perpétua, no estilo dos predestinados de José Simão (“foram para o Céu para gozar da felicidade perpétua”. Etc.).

A pregação de Agostinho, diga-se de passagem, está repleta de deliciosos trocadilhos e jogos de linguagem, muito semelhantes aos nossos slogans de publicidade. Contra os abusos de poder dos militares, o bispo de Hipona, exorta: “Militares, estais na milícia (*militia*) e não deveis estar na malícia (*malitia*)”; “Cartago, caldeirão de vícios” (*Cartago, sartago*) etc. Quanto ao corvo e seu diabólico “*cras, cras*”, Agostinho (*En. in Ps.* 102, 16) comenta:

Irmão, não fique adiando sua conversão. Há aqueles que ficam protelando e cumpre-se neles a voz do corvo: “*cras, cras*”. (...) Até

quando ficarás no cras, cras...? Atente para teu último *cras*. Não sabes quando será teu último *cras*.

E em outro sermão (224, 4) :

Os pecadores devem corrigir-se enquanto vivem. A morte vem de repente e ninguém poderá converter-se. Quando será nossa última hora, não o sabemos. Quem fica dizendo “*cras, cras*”, torna-se corvo: vai e não volta [como o corvo da arca de Noé], nunca se converte.

Como dissemos, se tivesse havido um personagem qualquer para estrelar esse relato, S. Agostinho (e os demais autores antigos e medievais) não teriam deixado de celebrar esse herói, que, além do mais, melhoraria muito a história.

O anti-exemplo, sim, Agostinho, tinha ao alcance da mão: ele próprio, que enrolou anos a sua conversão e atreveu-se até mesmo a dirigir a Deus a oração do *cras*: **“Dai-me a castidade, mas não ainda, pois temia que me atendesse muito depressa e que me curasse logo a doença, que eu mais queria saciar do que extinguir.”** (*Confissões Cap. VI*).

*O caráter perverso dos adiamentos desnecessários é posto em evidência na própria Bíblia. Como naquela intrigante atitude do faraó, duramente punida por Deus. Diante da horrível praga das rãs – que infestavam todo o território do Egito: havia rãs na casa, no quarto e até na cama do faraó (Ex 7, 28) –, o faraó, desesperado, chama Moisés e Aarão: “Rogai a Iahweh que afaste as rãs de mim e de meu povo, e deixarei teu povo partir”. Moisés – desconfiando do faraó e para firmar bem os termos do contrato – faz a surpreendente pergunta (como se se tratasse de algo não urgente, digamos, como o concerto de um bibelô): “Dignate dizer-me quando deverei rogar a Iahweh para afastar as rãs”. Mais surpreendente ainda é a resposta do faraó: “Amanhã!” (que, como tantos “adiamentos”, significa, na verdade: nunca).*

Já Expedito segue à risca a proverbial sentença de Publílio Siro: só dá de verdade (dá duas vezes), quem dá rapidamente: *“bis dat, qui dat celeriter”*.

Mas voltemos a David Keirsey. Baseado em Jung (e em seus tipos psicológicos e abreviaturas), esse psicólogo americano reformulou, com enorme sucesso, a antiga teoria dos temperamentos. Segundo ele há quatro tipos fundamentais: SP, SJ, NF e NT.

Os SP (abreviaturas de *Sensible* e *Perception*) são aqueles quarenta por cento da população, por temperamento propensos à ação, movidos pelo impulso do momento e, como dizíamos, avessos a esperas, enrosocos e enrolações: *wait* é a palavra que os mata. Deles, diz Keirsey, em seu livro fundamental: *Please, Understand ME II* : “Não suportam esperar, pois esperar é ver seu impulso murchar e morrer...”, “Esperar, poupar, armanezar, não faz o tipo do SP” etc.

Encontramos esse tipo em muitos atletas, cantores, músicos, policiais de ação (a ROTA é território SP...) etc. Para o bem e para o mal (os tipos de Keirsey são neutros eticamente) são impulsivos, como o Gal. Patton; Edmundo Animal, Romário ou Renato Gaúcho, John Kennedy, Carmen Miranda etc.

Nos filmes é muito comum um personagem SP, impulsivo e pouco se importando com as burocracias, estar a desenvolver uma ação eficaz e espetacular, quando é afastado pela hierarquia por ignorar as normas do Sistema (administradas, em geral, por outro grupo de 40%, o dos SJ)... Rambo, por exemplo. Ou o próprio Patton. Foram os SP que inventaram as expressões da gíria, para substituir o mero sim: “Demorou” e “Só se for agora”.

Torturados pelo Sistema que, com suas enrolações, enrosocos e regrinhas absurdas, impede sua ação, os SP são devotos natos de S. Expedito! Os SJ, temperamentalmente voltados para as coisas estabelecidas, assentadas, formalizadas, esquematizadas, institucionalizadas, são avessos a mudanças (se tiver que mudar, que seja lentamente...). Respeitadores dos regulamentos, estatutos e diários oficiais, não se reconhecem nesse santo e não recorrem a ele... (exceto nos casos em que eles mesmos são vítimas dos excessos do Sistema: obter os papéis para aposentadoria no INSS, por exemplo).

Mas, o detalhismo descabido, não incide só em âmbito estatal, como mostra a piada da vendedora, do genial humorista catalão Eugenio:

Na papelaria:

- Bom dia, eu queria um refil para agenda.
- De que tamanho? A5, A6, letter...?
- Pode ser deste...
- Quantos furos tem sua agenda?
- Quatro.
- De que marca o senhor quer?
- Tanto faz.
- Mas, o senhor quer folhas sem pauta, com pauta ou quadriculado?
- Bem, quadriculado...
- E de que tamanho os quadradinhos?
- Tanto faz.
- Temos os normais de 4 mm, mas também pode ser centimetrado ou de meio centímetro ou os grandes de polegada.
- Vai o de 4 mm.
- Papel branco com linhas pretas?
- Sim, sim...
- Com margem ou sem margem?
- Bem, com margem.
- De que cor quer a linha da margem?
- Sei lá... Que cores tem?
- Vermelho, azul, preto...
- Pode ser vermelho mesmo...
- O papel com extremos arredondados?
- Minha senhora, tanto faz!

Etc.

O freguês já está desistindo, quando entra um outro cliente carregando um embrulho enorme e pesado que lança sobre o balcão e dirige-se, agressivamente à balconista:

- A bunda, a senhora já me fez mostrar ontem; a privada que eu uso é esta. Me vê um rolo de papel higiênico!

Aliás, diga-se de passagem, a institucionalização de S. Expedito traz em si algumas contradições e contraria o próprio modo de ser do Santo! Um taxista devoto me deu algumas dicas: ele (S. Expedito) obviamente

não aceita novenas (imagine se ele vai querer 9 *cras*) nem orações longas. E se alguém que obteve uma graça com promessa, deixar para pagar a promessa no dia seguinte, o Santo se vinga e reverte a graça... (“se ele arrumou para o senhor R\$ 5.000 e o senhor adia a vela para ele, ele te dá um prejuízo de R\$ 10.000...”).

O próprio fato de haver um dia de S. Expedito é problemático: imagine se S. Expedito vai aceitar aglomerações de milhares de fiéis, que impõem fila de espera de 4 ou 5 horas para vê-lo...

E muito menos esperar um processo formal de reconhecimento ou canonização da Cúria Romana...

Está explicado o sumiço de Santo Expedito: ele não quer ser institucionalizado e se cansou da tentativa de enquadrá-lo em dia fixo, orações rituais, novenas, filas para vê-lo.

Não quer cidadãos que se recusem a receber mais santinhos dele, fiéis que ficam enrolando para cumprir o que prometeram etc.

Ele saiu de fininho e agora só atende seus verdadeiros devotos: discretos SP do vapt-vupt.

E quem não estiver satisfeito pode ir se queixar para o bispo, para o INSS ou, se preferir, para a Cúria Romana.

## Referências bibliográficas

ARNS, Dom Paulo Evaristo, *Corintiano, graças a Deus*. São Paulo: Planeta, 2004.

BUARQUE DE HOLANDA, S. *Raízes do Brasil*. 26a. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2010

COMTE-SPONVILLE, André *O Espírito Do Ateísmo*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

REESE, Thomas J. *Inside the Vatican*. Cambridge: Harvard University Press, 2003.

## 26. As dobras da língua

(v. 76, p. 31-32, fevereiro 2012)

*Simplex*, simples era, para os antigos, um grande valor. Ser simples era uma importante qualidade: o próprio núcleo da virtude cardeal da *prudentia*, classicamente a capacidade de tomar decisões acertadas, com base na límpida visão da realidade (*simplicitas*). Hoje, temos dificuldade de apreciar esses valores; para nós, simples tem acepções pejorativas: “aquele que só possui conhecimentos rudimentares”, “aquele que é pobre, que não possui recursos materiais”, “crédulo” (*Houaiss*); “vulgar, comum, ordinário”, “papalvo, tolo, crédulo, simplório, simplacheirão”, “sem instrução; ignorante” (*Aurélio*).

*Simplex* era a visão límpida, não comprometida, do real. O original grego do famoso versículo do Evangelho não fala em puro, bom etc. mas em simples (*haplous*) Mt 6,22: “Se teu olho for *simples*, todo teu corpo será luz”. Na análise etimológica de Tomás de Aquino, interpretando esse versículo, encontramos: “*simplex, idest sine plica duplicitatis*”: “simples, ou seja, sem a *plica* da duplicidade”.

*Plica* em latim é dobra, face, *prega* (como as pregas da saia ou da cortina). Quando algo está envolto em dobras é com-plicado. “Para fora” em latim é *ex-* (ex-portar, ex-pelir, ex-onerar etc.): tirar para fora das plicas, das dobras é ex-plicar. E quem está envolvido nas plicas é cúmplice; já um filme cru (sem dobras que escondam), traz cenas ex-plícitas. Su-plicar é pedir de joelho dobrado.

A etimologia de simples (do latim: *simplus* ou *simplex*) remete, na primeira parte da palavra (*sem*) a *semel*: um só; daí: uma só face (como em alemão: *Einfach*), sem dobras.

Também parece razoável que o nosso “chegar” (pl=ch) seja simplesmente “plicar”. Pois, tal como ocorre em outras línguas, o chegar é náutico, atingir margens (*ar-river*). Ora, quando o navio atinge o destino, a ordem é “plicar”, dobrar as velas porque chegamos. Daí, aplicar uma

prova (ou uma injeção etc.) é fazê-la chegar ao aluno (ou ao braço) etc. Implicado é algo ou alguém que está nas dobras do caso – e é o mesmo que o *empregado*, enrolado nas plicas da empresa... Já replicar é a volta, que mostra outra face da questão.

Após termos multi-plicado um pouco os casos em que aparecem as plicas, voltamos à simplicidade, como característica da visão intelectual do homem reto: visão límpida, insubornável, “que não se acumplicia jamais” (como no discurso da presidenta Dilma) nem se deixa implicar nas distorções da duplicidade, inveja, ciúmes, preconceito, interesses escusos, egoísmos etc.

## 27. Um olé! de Deus

(revista *Metáfora*, v. 10, p. 24-26, ago. 2012)

A publicidade de Tv que anunciou o novo programa da Band, “Deu Olé”, que estreou dia 16-06-12, sob o comando de Felipe Andreoli, Denilson e Paloma Tocci, cometeu um equívoco sobre a etimologia de “Olé”:

“Olé – esta palavra vem da expressão *Kalós*, os gregos a utilizavam em momentos de alegria...”.

Na verdade, “Olé!” vem do árabe e remete a Deus. E é que instintivamente, o homem tende a evocar Deus quando a beleza inesperada ou intensa o arranca do embotamento quotidiano: “Meu Deus! Quanta beleza...” exclama o poeta (CASTRO ALVES, *Sub Tegmine Fagi*) e com ele – consciente ou inconscientemente – todos os artistas.

Dáí que não chegue a surpreender que a etimologia da espanholíssima palavra *¡Olé!*, seja, como dizíamos, um recurso a Deus. *¡Olé!* – diz o *Diccionario de la Real Academia* – provém do árabe *Wa-(a)llah* (“Por Deus!” – a língua árabe não dispõe da vogal “e” e, por vezes, o “a” tem som semelhante a “e”). E é uma exclamação de entusiasmo ante uma beleza (ou alegria) surpreendente ou “excessiva” (no verbete *¡Olé!*, o *Diccionario* de María Moliner exemplifica com o caso das touradas ou o do flamenco).

Facilmente intuímos que a beleza de um ousado lance de tourada, de um golaço sem ângulo ou de um “*taconeo flamenco*” é – de algum modo misterioso, mas real – participação na criação, também ela artística, de Deus: *¡Olééé!*

O árabe, como se sabe, é campeão mundial de invocação a Deus: *Bismillah!* (Em nome de Deus!), *Al-hamdu lillah!* (O louvor é para Deus! – como nossos jogadores, que, após o gol, apontam o indicador para o Céu), *Wa-llah!* (Por Deus!), *Allahu Akbar!* (Deus é grande! ou Deus é maior!), *Allah!* (Deus!) etc. etc.

Ante um perigo, ou após escapar dele, ante uma notícia boa ou má,

em qualquer situação invoca-se a Deus. Por vezes, a mesma fórmula (como por exemplo *Bismillah*) serve para situações contrárias (notícia boa ou ruim, por exemplo, tal como posso dizer em português: “Meu Deus!” tanto se meu bilhete foi sorteado na loteria como se meu carro foi destruído por um maluco na contramão). E ante a beleza (sobretudo se é inesperada ou muito intensa) é a Deus que se celebra: *Allah!, Ya Allah! Smallah!* (Deus! Ó Deus! Em nome de Deus!) são exclamações quase obrigatórias, por exemplo, quando o camelo se levanta, oferecendo um espetáculo grandioso ao erguer sua enorme massa de um só golpe. É tão imponente que, instintivamente, vem à boca uma interjeição de admiração e espanto, misto de prece e de louvor... O efeito é tanto mais surpreendente quando, ainda há um minuto, ele estava aparentemente indolente, largado no solo.

A forma que se arraigou em Espanha foi: *Wa-llah!* O *wa* é a partícula do juramento (cfr. p. ex. Alcorão 6, 23) e de invocação da autoridade de Deus para atestar um fato aparentemente incrível: o de uma espantosa beleza!

Na tradição ocidental, já Píndaro, em seu grandioso “Hino a Zeus”, revelara que o belo artístico, as musas, são o remédio que Zeus concedeu para o embotamento do homem, esquecido da origem divina do mundo e imerso em sua visão rotineira. Como nos inspirados versos de Adélia Prado:

De vez em quando Deus me tira a poesia.  
Olho pedra, vejo pedra mesmo.

Mas o processo artístico é de ida e volta: se Deus dá poesia ao artista para ver (e expressar em obra de arte) o “algo mais” até na pedra, quem contempla a beleza da obra de arte, que se expressa talvez a partir de uma pedra, reconhece Deus, o Criador, o Artista: *¡Oléééé!*

Não é de estranhar que o grito “*¡olé!*”, aplicado ao espetáculo do futebol, tenha nascido a partir de um “belo inesperado”: em 1958 (a recém-nascida televisão estava apenas começando a integrar-se ao futebol naquela época), no México (não por acaso: no México), num jogo

Botafogo x River Plate, base da seleção argentina. A cada incrível drible do incrível Garrincha (o das pernas tortas, que **não** era para ser futebolista) no lateral Vairo, os torcedores mexicanos gritavam ¡olé!, como se estivessem numa tourada.

Se o falante ocidental hoje (não só o torcedor nos estádios do Brasil, mas também o taurófilo madrileno em *Las Ventas*) não se lembra de que *Olé!* é invocação de Deus, no *Quixote* isto é mais explícito – o cristão começa a louvar a insuperável beleza de sua dama e ouve do *moro*:

*Gualá, cristiano, que debe de ser muy hermosa si se parece a mi hija, que es la más hermosa de todo este reino. Si no, mírala bien, y verás cómo te digo verdad.* (capítulo XLI)

A relação entre qualquer beleza deste mundo e Deus é a base da Filosofia da Arte de S. Tomás de Aquino, que, como todo o seu pensamento, repousa sobre um conceito fundamental: o de participação (*participatio*). Participar, em sentido transcendente, é **ter** em oposição a **ser**; participa, o que **tem** algo pelo contato com o que **é**. O metal, compara Tomás, **tem** calor na medida em que se aproxima, participa, do calor que **é** no fogo. A Criação é o ato no qual é dado o ser em participação. Portanto, tudo que **é**, é bom; participa do Bem. Nesse enquadramento, situa-se a sentença de Tomás que é a chave principal para sua Filosofia da Arte:

*Assim como o bem criado é certa semelhança e participação do Bem Incriado, assim também a consecução de um bem criado é também certa semelhança e participação da felicidade definitiva* (De Malo 5, 1 ad 5).

Daí também uma outra intuição da língua espanhola: ao provar algo muito gostoso, exclama-se: ¡Sabe a gloria!, “tem gosto de céu”. Ora, no pensamento de Tomás, a contemplação – também a propiciada pela arte – é a forma mais profunda de “consecução de um bem criado”, prefiguração da Glória definitiva.

Tais considerações, que expressam o núcleo profundo de um pensamento filosófico, estão também ao alcance da intuição do conhecimento

comum. Por isso, não chega a ser de todo surpreendente o depoimento, imensamente profundo, de Tom Jobim sobre a criação artística, em uma entrevista, quando foi contemplado nos EUA com a mais alta distinção com que pode ser premiado um compositor, o *Hall of Fame*:

Glória? A glória é de Deus e não da pessoa. Você pode até **participar** dela quando faz um samba de manhã. Glória são os peixes do mar, é mulher andando na praia, é fazer um samba de manhã.

Assim, não é um mero belo (*Kalós*) o que o novo programa pretende celebrar, mas um belo tão intenso que convoca a divindade: que tenham muito êxito Andreoli, Denilson e – ¡Oléééé! – Paloma Tocci.

## 28. Coração, o girador

(revista *Metáfora*, v. 6, p. 42-45, abril 2012)

*Qalb*, coração, é na língua árabe, literalmente girador, o que dá voltas; *qalaba* é o verbo girar.

Uma primeira sugestão que nos ocorre com essa caracterização é a de que o homem, volúvel e inconstante em seu núcleo profundo, o coração, volta-se para cá e para lá, girando, oscilando ao sabor de caprichos e impulsos repentinos. Para nós, a giração é antes associada a disfunções e desvarios: *gira* é a pessoa adoidada, amalucada, volúvel: *biruta* (a biruta, como se sabe, é aquele pano cônico dos aeroportos, que gira ao sabor dos ventos).

Se a giração aponta para a anormalidade; na tradição semita isso não ocorre necessariamente: girar é, antes, a condição normal do centro radical da pessoa: o seu coração. A etimologia é tão conatural que nem é advertida pelo falante árabe, o que é confirmado por um proverbial verso que a relembra expressamente (tal como se lembrássemos o caráter de imposição do imposto e disséssemos, com Drummond, em português: o imposto chama-se imposto porque nos é imposto):

*Wa ma sumya al-qalbu qalban illa liann yataqalabu...:*

(o coração/girador foi chamado de girador/coração porque... ele gira) .

Na tradição muçulmana, Deus é o “girador (transformador) dos corações” (*muqallibu al-qulûb*), como diz o Alcorão: “...o dia em que os corações (*al-qulûb*) serão girados (*tataqallab*)” (24, 37; cfr. também 18, 18 etc.). E num *hadith*, um dito do Profeta, é mesmo um pão: “O coração está entre dois dedos do Misericordioso, que o faz girar como Ele quer”.

Daí que uma imagem da alma, clássica na mística muçulmana, é a roda de poço, que pela giração (*qalaba*, por extensão é também trans-

mutação) reflete Deus e se transmuta nEle; imagem que reaparece na mística espanhola de São João da Cruz, com o evangélico “poço de águas vivas”...

E na tradição sufi encontramos derviches que buscavam o êxtase místico em dança giratória (hoje mais frequente como atração turística...)



O fato intrigante é que mesmo sem a associação imposta pela língua, como no árabe, nossos poetas, uma e outra vez, voltam-se para o caráter girador do coração. Assim, na *Autopsicografia*, depois de descrever incomparavelmente os vaivéns e reviravoltas a que está sujeito o poeta, Fernando Pessoa desfecha:

*E assim nas calhas de roda  
Gira, a entreter a razão,  
Esse comboio de corda  
Que se chama coração*

E na *Roda Viva* de Chico Buarque:

*Roda mundo, roda-gigante  
Roda-moinho, roda pião  
O tempo rodou num instante  
Nas voltas do meu coração*

E numa surpreendente coincidência com a tradição árabe, diz a canção de Kleiton e Kledir:

*Revelando a Linguagem*

*Ah! Vira, virou  
Meu coração navegador  
Ah! Gira, girou  
Essa galera*

García Lorca escreveu todo um poema dedicado ao coração-girador. Já o título é sugestivo: “*Veleta*”, que significa não só cata-vento, mas, metaforicamente, “*persona inconstante y mudable*” (*Dicc. de la Real Academia*). O poeta, desolado, dialoga com os ventos: todos chegaram tarde demais e a “*veleta*” deve, afinal, girar sem ventos...

*Las cosas que se van no vuelven nunca,  
todo el mundo lo sabe,  
y entre el claro gentío de los vientos  
es inútil quejarse.  
¿Verdad, chopo, maestro de la brisa?  
¡Es inútil quejarse!  
Sin ningún viento  
¡hazme caso!  
gira, corazón;  
gira, corazón.*

E, em seu poema, “*Otro Sueño*”, o coração dá voltas, cheio de tédio, como num carrossel em que a morte brinca com seus filhinhos:

*Hay floraciones de rocío  
sobre mi sueño,  
y mi corazón da vueltas  
lleno de tedio,  
como un tiovivo en que la Muerte  
pasea a sus hijuelos*

E de Neruda é o verso: “*mi corazón da vueltas como un volante loco*” (*Veinte poemas de amor y una canción desesperada*, 11).

A poeta francesa Marie Méliou, que também se refere (no poema “Désordre de pétales blancs”) ao girar do coração:

*si mon coeur tourne  
chaque instant pensées dansent*  
chega a considerar as palavras da poesia “sismógrafo do  
coração”.

Felizmente, para além das disfunções e das loucas reviravoltas, o coração pode também dar as voltas certas e, como um giroscópio, pode até manter invariável o eixo da direção da vida, *voltar-se* para o bem ou para o mal... Na Bíblia, são frequentes as expressões “dureza de coração”, “endurecer o coração”, para referir-se à opção firme pelo mal. E fala também do coração de Deus: em algumas passagens para, antropomorficamente, indicar mudança de Seus desígnios: “Pesou a Iahweh ter feito o homem sobre a terra e indignou-se em seu coração” (Gn 6, 6); em outras, para indicar determinação imutável, como quando, ante o holocausto oferecido por Noé, “Iahweh disse em seu coração: ‘Nunca mais amaldiçoarei a terra por causa do homem’” (Gn 8, 21). Também expressões bíblicas, como as de conversão do coração, voltar-se do coração etc., evocam o conceito de girador.

Um ponto importante na giração do coração é sua relação com o pensamento. E Cristo explicita essa ligação, quando ante o escândalo dos hipócritas diz: “Por que pensais mal em vossos corações?” (Mt 9, 4; Mc 2,6 e 2,8). Conexão que não escapou a Fernando Pessoa: (“gira a entreter a razão... o coração”).

A complexa conceituação e articulação de coração e razão foi abordada pelo Dalai Lama, no famoso debate sobre Jesus, o Seminário John Main de 1994. Falando precisamente da meditação sobre a compaixão de Jesus, diz que só podemos aprofundar nela unindo coração e pensamento: “A compaixão representa a emoção, ou o coração, e a aplicação da meditação analítica pertence ao intelecto. Quando se chega a esse estágio de estado meditativo, onde a compaixão é refinada, assistimos a uma fusão especial do intelecto e do coração”.

*Revelando a Linguagem*

Essas milenares tradições dos Orientes encontraram recentemente uma singela versão, na canção “Armadilha” (sucesso da dupla Mayck e Lyan), da consagrada compositora sertaneja Fátima Leão:

*Coração gira no peito  
Feito um moinho de vento  
E uma lembrança pixota  
Vira cambalhota no meu pensamento*



2011

---



## 29. A danada da partícula “de”

(v. 73, p. 43-43, nov. 2011)

O dicionário *Aurélio*, antes de indicar as dezenas de usos da partícula “de” em nossa língua, previne-se dizendo no início do verbete: “Preposição. Partícula de larguíssimo emprego em português. Usa-se, além de noutros casos, nos seguintes...”.

Um desses inúmeros outros casos, existente com variações em diversas línguas, e que têm despertado ultimamente a discussão dos pesquisadores, é o do QBNP (*Qualitative Binominal Noun Phrases*). O professor Melvin González Rivera, do The College of Wooster, ao resumir suas pesquisas para o caso do QBNP espanhol, toma como exemplo as sentenças: “o idiota do diretor” (el idiota del decano / the idiot of the dean) e “um idiota de um diretor” (un idiota de decano / an idiot of a dean), que podem ser parafraseadas por o “diretor é um idiota” e “um idiota como diretor”. E observa que as QBNP envolvem uma relação sujeito-predicado; a preposição “de”, no caso, não é uma verdadeira preposição, mas uma cópula nominal e que o predicado deve ser valorativo/apreciativo e é tipicamente negativo.

Afastamo-nos, assim, dos usos mais habituais de “de” preposição, especialmente o de relação possessiva. Lembro, a propósito, que já na infância uma de nossas brincadeiras familiares favoritas era a de as crianças sentarem no chão e começarem a interrogar os adultos, sobre os parentes não presentes:

- E a tia Ivete, como é que está?
- Ela está bem, crianças.
- E o tio José, como é que está?
- Ele está bem, crianças.

(...)

Esgotada a lista de parentes na ladainha, a criança derivava para animais domésticos:

- E o gato da tia Helena, como é que está?
- Está bem, crianças. (já afetando enfado, o que fazia parte da brincadeira)
- E aí a pergunta final (acompanhada de maliciosas risadas das crianças), o alvo, afinal, de toda a brincadeira:
- E o cachorro do tio Mário, como é que está?
- E a mãe, com fingido tom de repreensão e mal contendo as risadas, intervinha “energicamente”:
- Crianças! Olhem o respeito! Já cansei de falar que não é assim que se pergunta, mas: “o cachorro **que pertence** ao seu tio Mário...”

Naturalmente, até as crianças menores bem sabiam que não é que a sogra possuísse uma jararaca ou que o juiz de futebol fosse dono (ou amante...) de um viado (“o viado do juiz”) ou que tivesse comprado para si um “filha da p.”, mas ficavam intrigadas com essas locuções, pelas razões desse uso, já não questionadas pelos adultos.

Como sempre, o OED, *Oxford English Dictionary*, vem para nos auxiliar, contemplando nosso caso no sentido 24b. de “of”, indicando simplesmente: “*in the sense ‘in the form of’*”. E é que desde Aristóteles, passando pela escolástica aristotélica e suas formas substanciais e acidentais, a forma entra na composição do ente como a responsável pelo distintivo, pelo modo de ser, pelas determinações (substanciais ou acidentais) do ente; enquanto seu co-princípio nessa composição, a matéria, é comum e indiferenciada. Desse modo, o cachorro é cachorro pela forma (: a alma de cachorro, que in-forma seu ser, fazendo com que o cachorro seja e aja como cachorro) e é marrom pela forma (a qualidade, o acidente, a forma marrom). Assim modo, quando as características de ser idiota (imbecil, sacana etc.) manifestam-se no chefe, já rotulamos “O idiota do chefe” (as qualidades de idiota in-formam, estruturam meu chefe). E quando se diz que Danilo Gentili é “um capeta *em forma* de guri” diz-se simplesmente que é “um diabinho de menino” (nada a ver com “possesões”, mas simplesmente com as diabruras de um moleque na canção que – na versão brasileira dos anos 60 – tinha esse título).

Seja como for, no subconsciente do falante, fica sempre a referência ao genitivo e se o Palhares é um canalha (o canalha do Palhares) eu,

dirigindo-me diretamente a ele, vou repreendê-lo dizendo: Palhares, **seu** canalha...

O uso dessas QBNP, como apontava González é tipicamente negativo e, em outro estudo, o mesmo professor escolhe o exemplo perfeito: el gilipollas de alcalde / the asshole of mayor (o sacana do prefeito). Aliás, “o sacana do...” (“el cabrón de...”, em espanhol) está entre as formas mais usadas de QBNP. Claro que, em geral, essas insultuosas locuções dão-se na ausência do ofendido: os alunos, os subordinados, os genros etc. comentam reservadamente entre si as “formas” que o professor, o chefe e a sogra assumem.

Se a partícula “de” pode ser empregada como “que é” (o idiota que é o chefe), em outros casos, pode ser usada no sentido de “que está” – como no bordão de Renato Aragão “Ô, da poltrona” (você, que está na poltrona); ou no de “que tem” (“um tenista de futuro”, que tem futuro).

Assumir “forma de”, como indica o OED, ocorre também em outros tipos de locuções com a partícula “de”, como por exemplo: “Ele se faz de vítima” (de bobo, de surdo, de santo etc.) (o espanhol, nestes casos, até dispensa o “de”, identificando a pessoa com a postiça atitude: (hacerse la víctima, el tonto, el sordo). Identificação indicada também em outras formas: Paulinho da Viola, Jacob do Bandolim, Jackson do Pandeiro etc.

Tem razão o Aurélio ao renunciar à enumeração completa dos usos dessa ardilosa dessa partícula...



## 30. A linguagem esconde-revela o brasileiro

(v. 70, p. 14-17, ago. 2011)

A linguagem revela a realidade antropológica. No clássico *Raízes do Brasil*, ao analisar o brasileiro como “homem cordial” e suas virtudes (e, claro, também as disfunções...), que “são antes de tudo expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante” (e não “boas maneiras” ou civilidade...), Sérgio Buarque de Holanda faz esta importante sugestão: **“Um estudo atento das nossas formas sintáticas traria, sem dúvida, revelações preciosas a esse respeito”**. (evidentemente, “o brasileiro” é uma tipificação e devemos ter em conta as limitações desse procedimento metodológico.)

É uma faceta da caracterização nacional que tantas vezes escapa a quem é de fora – e não é à toa que mesmo obras simpáticas ao país, como a animação *Rio*, transpiram algo de postigo, pois perdem a dimensão da linguagem: os animais cariocas do desenho da produtora norte-americana Fox driblam as dificuldades com jeitinho, alguns até levam a vida no pandeiro, mas a configuração deles é, ainda assim, parte acessória de um folclore que nos persegue desde *Zé Carioca*, em *Você já foi à Bahia?* (*The Three Caballeros*, 1944), da Disney. Macacos e adereços minúsculos não desfilam, afinal, pelas ruas do Rio, mas há um déficit de linguagem tão ostensivo quanto, que escapa à caracterização.

O próprio Sérgio Buarque ilustra o caráter revelador da linguagem com: “nosso pendor acentuado para o emprego dos diminutivos. A terminação ‘inho’, aposta às palavras, serve para nos familiarizar mais com as pessoas ou os objetos e, ao mesmo tempo, para lhes dar relevo. É a maneira de fazê-los mais acessíveis aos sentidos e também de aproximá-los ao coração”.

Já Gilberto Freyre exemplifica o lado doce do brasileiro com a colocação pronominal: “Temos no Brasil dois modos de colocar pronomes, enquanto o português só admite um – o ‘modo duro e imperativo’: *diga-*

*me, faça-me, espera-me.* Sem desprezarmos o modo português, criamos um novo, inteiramente nosso, caracteristicamente brasileiro: *me diga, me faça, me espere.* Modo bom, doce, de pedido.”

Na linha de buscar a suavidade do brasileiro em formas de linguagem, uma das mais notáveis realizações foi a de criar também um segundo modo para o frio e duro verbo “ter”. A forma portuguesa (e a espanhola) do “ter” – ao contrário do inglês, alemão, francês ou italiano, que têm formas *light* correspondentes ao latino *habere* – deriva da antipática e agressiva do latim *tenere*: “segurar”, “agarrar”, “pegar”... (Houaiss), no mesmo sentido em que “garfo” em espanhol é *tenedor*: aquele que tem (e, infelizmente, não podemos contar com o particípio “tenente”, porque se especializou em linguagem militar), segura e não larga.

Provavelmente por influência africana (que coincide com a forma quimbundo *kukala ni*) o português do Brasil criou uma suave e deliciosa alternativa para “ter”. Na vida comunitária africana, é muito menos acentuada a demarcação de posse. Como também, pelo amor, numa família, recai-se na sentença da parábola de Cristo: “Tudo que é meu, é teu”. Certamente, na prática, há brigas entre os irmãos porque um pegou o que era do outro etc. Mas se tudo corre bem, numa família não são necessários tantos cadeados e chaves. E há, pelo menos uma ampla gama de objetos que são indiscutivelmente de todos: a tesoura, o guia da cidade, o grampeador, a pasta de dentes... Para esses objetos, não teria sentido dizer “ter”, mas *kukala ni* – “estar com”: “Você está com a tesoura?” “Quem está com o guia da cidade?”.

A linguagem brasileira estendeu essa fraternidade, substituindo em muitos outros casos o verbo “ter” pela locução “estar com” (o que não ocorre, nessa mesma extensão, nem em Portugal nem na Espanha): “Você está com tempo?; está com febre?; está com pressa?; está com dinheiro?; está com carro?...” (o espanhol diria *tienes tiempo, fiebre...*). O brasileiríssimo “estar com” é uma forma muito mais simpática, muito mais solta, pois aplica-se mais propriamente a “posses” casuais, as posses provisórias de algo que no fundo é tão meu quanto teu, ou melhor, é de todos nós. Ao menos, no âmbito da linguagem...

Sérgio Buarque de Holanda fala também da abordagem pessoal do

brasileiro: “O desconhecimento de qualquer forma de convívio que não seja ditada por uma ética de fundo emotivo representa um aspecto da vida brasileira que raros estrangeiros chegam a penetrar com facilidade. E é tão característica, entre nós, essa maneira de ser, que não desaparece sequer nos tipos de atividade que devem alimentar-se normalmente da concorrência. Um negociante da Filadélfia manifestou certa vez a André Siegfried seu espanto ao verificar que, no Brasil como na Argentina, para conquistar um freguês tinha necessidade de fazer dele um amigo.”

Nessa mesma linha vai a aguda constatação de Gilberto Freyre em *O Brasileiro entre os Outros Hispanos*: “O hispano pode vir a ser o mestre de uma sabedoria tida, durante séculos, no Ocidente, por hediondo vício: o vício da soberania do homem sobre o tempo, no gozo da vida e na apreciação dos seus valores, com as suas inevitáveis decorrências de impuntualidade e de lentidão”. Essa afirmação é vista pelo filósofo espanhol Julián Marías como a introdução do ponto de vista pessoal (a pessoa) em tudo, até na língua e exemplifica Freyre com a apropriação pessoal do tempo. Para além do tempo “objetivo”, do relógio, o brasileiro inventa o tempo pessoal: “amanheci triste” (não “a manhã” objetiva, do relógio, do tempo impessoal), mas a minha manhã; o meu tempo, a hora de cada um, de Jesus Cristo (que fala de “sua hora”) ou de Augusto Matraga.

O português conseguiu conjugar de modo pessoal o neutro infinitivo: não exercemos o impessoal “sair”; é o nosso sair: “É bom sairmos porque é hora de irmos”. Para não falar em extremos - como nos fez notar Sylvio Horta, professor de filosofia da FFLCH, da USP - como o da expressão: “Minha Nossa Senhora!”.

O brasileiro faz o próprio impessoal virar pessoal: se o francês diz *on* (“En Espagne on dine rarement avant 22 heures”), no falar daqui prevalece o “você”, para que o interlocutor sinta de modo pessoal a situação de que fala: “Na Espanha você não janta antes das dez”. A aproximação pessoal dá-se no vocativo paulista “Ô meu”. E nos usos da palavra “gente”. Na Espanha, “*la gente*” indica a pluralidade genérica; no português esse uso (como no Hino da Independência “Brava gente brasileira...” ou em Camões: “A grita se alevanta ao céu, da gente”) dá

lugar a outro, carregado de sentido pessoal, como no vocativo, que evoca incredulidade, ante a falta de virtude humana: “Gente! Que crueldade fizeram com a criança!”, no qual cabe o recurso ao transcendente (Deus ou Nossa Senhora) para corroborar o espanto: “Gente do céu!”.

A pluralidade anônima de “*la gente*” é pessoalizada em “minha gente”; na ocupação do lugar dos pronomes de 1ª pessoa: “eu” (como na queixa do motorista da madame: “Pôxa, a gente se esforça para agradar e a patroa ainda reclama da gente”); “nós outros” (“Por que não vem jantar com a gente?”) e “nós todos” (“Bem que a gente podia se reunir mais”). A sensibilidade e a compreensão estão contidas nas construções “ser muito gente” ou “gente como a gente”. O pronome oblíquo projeta pessoalização: “Não me bata nesse cachorro” (maltratar o cão é maltratar a mim). Ainda no âmbito do destaque da pessoa, enfatizamos a nossa forma de personalização com o artigo (“fala com a Fabiana ou com o Fernando”).

O quadro se amplia quando unimos a perspectiva pessoal da linguagem a outro aspecto cultivado pelo brasileiro: o lúdico. A piada, o trocadilho, a tirada são imensamente apreciados e têm livre trânsito em nosso convívio. Piada que quebra as barreiras da impessoalidade no trato e – para o bem e para o mal – a seriedade das instituições. Lembro-me, por exemplo, que, na infância, todo colégio estadual ganhava um epíteto da garotada: “Colégio Estadual Brasília Machado”, entra burro e sai tapado! “Colégio Estadual Vila Clementino” entra burro e sai cretino! Etc. E se mal aprendíamos os hinos, sabíamos de cor e salteado as paródias: “Japonês tem cinco fiiilhos...”; “Porém, se a pátria amada precisar da macacada, p\* m\*, que c\*!”. Etc.

Estamos tão acostumados à suavização de formas do lúdico brasileiro que nem sequer notamos seus exageros, impensáveis em outras latitudes: em que outro país do mundo seria possível imaginar que a Receita Federal se apresentasse oficialmente como leão?! Ou, como recentemente noticiou a imprensa a propósito dos problemas no aeroporto de Goiânia e sua pretensa solução: uma gambiarra pomposamente intitulada Módulo Operacional Provisório, que até sigla ganhou: MOP. Mas o povo e o próprio superintendente da Infraero referem-se a ele como “o puxadinho”:

“A solução para tantos problemas está em construção e tem um nome técnico: Módulo Operacional Provisório, mas ganhou o apelido de puxadinho entre passageiros e na própria Infraero, que administra o aeroporto de Goiânia. ‘Nós esperamos que no prazo máximo de 150 a 160 dias o puxadinho esteja pronto. Isso vai ampliar em quatro vezes a área de embarque, que hoje 400 metros quadrados. Vamos para 1,6 mil metros quadrados’, garante André Luiz Marques de Barros, superintendente regional do Centro-Oeste da Infraero”. (Programa “Bom dia Brasil”, da rede Globo, 18-04-2011, <http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2011/04/obras-atrasam-e-infraero-constroi-puxadinho-no-aeroporto-de-goiania.html>)

O (ab)uso brasileiro dos diminutivos e aumentativos (e apelidos etc.) unem a perspectiva lúdica com a apropriação pessoal não só de amigos e colegas, mas também de figuras públicas, edificações, instituições etc. Estamos naquela dupla chave a que se referia Gilberto Freyre: a protocolar, formal, dura; e a familiar, pessoal do brasileiro. No futebol, todos são (ou podem ser) chamados por apelidos, diminutivos, aumentativos, primeiras sílabas, gentílicos etc.; mas o árbitro (ou a ainda mais impessoal: “a arbitragem”) é designado por sobrenome e tratado de “senhor”: “tempo esgotado, estamos por conta do Sr. Sálvio Spinola”. E poucos conhecem o Estádio Olímpico João Havelange, mas somente o Engenhão; e menos ainda o Estádio Governador Magalhães Pinto, o Mineirão!

Os diminutivos e aumentativos são regidos por uma lógica oculta, dificilmente apreensível para o estrangeiro, mas conatural ao brasileiro. Se um marido ou um goleiro cumprem exemplarmente o que deles se espera, são potenciados por “maridão” e “goleirão”; já para o juiz de futebol, “juizão” indica abuso da autoridade, não agir de modo digno: “o atacante claramente se jogou, mas o juiz deu pênalti”. E, para complicar as coisas, o diminutivo pode servir também de aumentativo, como quando se diz do pão de queijo que acaba de sair do forno “está quentinho”; ou da moça apaixonada em grau superlativo por um rapaz, que “está caídinha por ele” (ou “caídaça”).

Algumas formas, entre tantas outras em que o brasileiro se expressa (e se esconde...) por detrás de formas de linguagem, como já há quase 80 anos indicavam os mestres Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda.

## 31. Pontes de sentido

(v. 69, p. 28-29, jul. 2011)

Os verbos irregulares são o desespero das crianças que aprendem a falar e dos estrangeiros que querem aprender português. Ao estudar nossa língua, um chinês – que desconhece o verbo *ser* e os desdobramentos de tempos, modos, vozes etc. – depara-se com 67 formas, tão diferentes como: *sou, és, fui, foste, seremos, etc.* A situação é, para ele, ininteligível e sem nenhuma lógica.

O mesmo pode ocorrer conosco em relação a verbos irregulares em outras línguas. O verbo *fero* latino é apresentado como *fero, fers, ferre, tuli, latum* (1ª. e 2ª. pessoas do presente do indicativo, infinitivo, 1ª. pessoa do pretérito perfeito do indicativo e supino) e significa: levar (portar, trazer, lançar, entregar etc.). E, por vezes, levar no sentido de atitude, como quando dizemos: levar na esportiva, levar a sério, levar a vida etc. (daí que também sofrer, *suffero*, também remeta a *fero*)

De *tuli*, que se confunde com formas do verbo *tollo*, procedem pouquíssimas palavras em nossa língua, como “tolher”. Mas, de *ferre* e *latum* há dezenas de derivados em português (em -ferir, -fero, -lação, -ladar etc.), com seu sentido original em torno de “levar”.

Este mero fato permite obter transparência em dezenas de palavras do português e entender a proximidade entre palavras como *referir* e *relatar*, *transferir* e *transladar*. E compreendemos a equivalência de expressões como *prolatar* a sentença e *proferir* a sentença. E na *colação* de grau, este é *conferido* ao formando. *Diferir* é *dilatar*, prolongar, adiar. Uma *inferência* é uma *ilação*. *Oblação* é *oferenda*.

De *ferre*, temos muitos derivados, como por exemplo: *aferir* um taxímetro é levá-lo à comparação com o padrão; *auferir* lucro é levar lucro; *deferir* um pedido é levá-lo a seu termo; *desferir* é enviar em lançamento; *preferir* é levar na frente (em primeiro lugar). *Conferir* é “trazer junto” (daí também o sentido de conferência como reunião, como no

inglês ou em expressões como: videoconferência ou “Conferência Nacional dos Bispos do Brasil”, que é também o sentido de colação). Diferente é o “oposto no levar”. Circunferência é um levar circular. Interferir é “meter-se entre” (evidentemente, estes comentários não pretendem rigor de erudição, mas simplesmente a sugestão de sentido do *ferre* em nossas palavras).

Já delatar é entregar; *lato sensu* é em sentido estendido, levado além do sentido estrito.

Vociferar é levar a voz, o clamor. Proliferar é trazer (ao mundo) filhos, prole.

E mamífero é portador de mamas; aquífero, de água; mortífero, de morte; pestífero, de peste. Já em grego, o portador (o que leva, carrega, transporta) é semelhante ao *fero*: *phorós, ós, ón*. Daí que fósforo seja o que leva luz; semáforo, o que porta um sinal, uma marca distintiva (*sema*); Cristóvão (*Christophoros*) é o santo (padroeiro dos motoristas) que carregou Cristo; metáfora é trans-ferência de sentido. E euforia, etimologicamente é “levar bem”, como um paciente que reage, “leva” bem um tratamento.

Esta breve *relação* amostral de palavras (as mais evidentes...) decorrentes do *fero* pretende servir de indicativa *referência* para explorações em sala de aula, que ajudem a despertar o sentido da etimologia.

## 32. O que continua, se não é mais?

(v. 68, p. 28-29, jun. 2011)

Há um aspecto da filosofia tupi pouco comentado, mas de notável alcance antropológico. Naturalmente, a “filosofia” tupi deve ser procurada não em tratados, mas na língua – como certa vez disse João Guimarães Rosa, referindo-se a uma tribo do Mato Grosso: “Toda língua são rastros de velho mistério”. Língua, que é, afinal, instância privilegiada das descobertas filosóficas que acabam em eruditos tratados.

O tupi tem recursos incríveis para o pensamento e cabe aqui lembrar Caetano Veloso, precisamente na canção Língua, ironizando aquele exagero de Heidegger: “Se você tem uma ideia incrível é melhor fazer uma canção; está provado que só é possível filosofar em alemão”. Na singeleza e transparência do tupi, encontram-se sugestivas peculiaridades filosóficas de fazer inveja às línguas europeias: é o caso da composição com o sufixo -guera.

Ao juntar, a um vocábulo x, a terminação -guera (-quera ou -puera, de acordo com a eufonia), obtemos uma curiosa alteração semântica: x-guera é o que foi x, não é mais (ao menos, em sentido próprio e rigoroso), mas preserva algo daquele x que um dia foi. Assim, anhangá é diabo, espírito com poderes; já anhanguera é alguém que sem ser (mais) diabo, preserva algo do poder que um dia teve em plenitude. Mais do que a “diabo velho” é a esse remanescente poder diabólico que se refere a lendária proeza do bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva, que pôs fogo na “água” (aguardente) para intimidar os índios. Ibirapuera é o que resta daquilo que um dia foi mata (Ibirá); Itaquera, o mesmo para pedreira (ita é pedra); e Piaçaguera é porto em ruínas, que quase já não se usa mais.

A composição com -guera é frequente no tupi e está continuamente a nos recordar que há uma conexão entre o presente e o passado, entre o futuro e o presente; que há leis naturais regendo o desenvolvimento das

coisas e que as ações têm consequências: projetam-se, deixam um rastro, um guera.

Cutucaguera (cicatriz), por exemplo, faz lembrar, imediatamente, que aquele sinal no corpo é o que ficou como resíduo de uma espetada (cutuc é ferir com ponta); capuera, roça abandonada; tapuera (taba-puera), os escombros que lembram que aquilo um dia foi taba.

Nem sempre guera indica decomposição ou corrupção, como até aqui indicam os exemplos; pode-se deixar de ser o que foi, preservando algo, em outro estado, transformado: por exemplo ypuera é suco de fruta; manipuera, suco de mandioca.

O português não distingue a carne integrada no vivente, da que se vende no açougue; nem a pele do animal vivo da que está na bolsa ou artefato. Porém, para a sensibilidade em face da natureza, que há no tupi, só é a carne viva do animal, mas a que está na panela ou churrasqueira é soóquera; a pele, no corpo do animal vivo, é pi; uma vez extraída, porém, é piperá. E peruca é abaguera (aba é cabelo vivo); enquanto de canga (osso), forma-se canguera, ossada, esqueleto de animal; e pepocoera é a pena (pepó) arrancada do pássaro.

Interessante é observar que guera não se aplica só a realidades físicas (como aquelas com que, até aqui, temos exemplificado), mas também à realidade propriamente humana e até moral. Assim, mbaé tem o sentido amplo de coisa; já mbaépuera é somente intriga, fofoca, mexerico... Nheen é falar, a fala viva da voz – forma originária de toda comunicação –; a nota escrita, nheenguera, é o recado, o escrito.

A articulação tupi x-guera, dizíamos, pode ser de grande alcance antropológico. A ética clássica ocidental apoia-se na constatação de que o ato humano não se esgota no momento em que a ação foi praticada; deixa marcas, projeta-se. Como diz Gabriel Perissé: “O passado é aquilo que não passou. É aquilo que ficou em forma de experiência, de conhecimento, de conselho, de consciência e de capacidade de análise”.

Ficou, criando na alma, por exemplo, uma predisposição (um guera) para o vício ou para a virtude. Precisamente este é um dos sentidos de guera: o hábito, a disposição para praticar novos atos no sentido dos anteriores. Assim, o viciado em aguardente (kauim) é kauguera; o metido

a falar é juruguera (juru é boca); o risonho, propenso a rir é pukaguera etc. (F. EDELWEISS. *Estudos Tupis e Guaranis*. Rio: Brasiliense, 1969: 258-259).

O passado permanece no presente, e é, como escreveu o contista angolano José Eduardo Agualusa, “como o mar: nunca sossega”. O bullying que a criança sofre hoje pode deixar uma marca para o resto da vida; um trauma qualquer pode custar anos de terapia.

A propósito, lembro aquela oração que se reza na missa, logo após o Pai-Nosso: “Livrai-nos, Senhor, de todos os males...”, e que durante muitos séculos, e até 1970, prosseguia de modo muito sugestivo: “...de todos os males passados, presentes e futuros...”. A reforma litúrgica do Vaticano II houve por bem suprimir esse trecho (“passados, presentes e futuros”), alegando que o povo não entenderia a formulação “livrar dos males passados”, desprovida de sentido. E foi uma pena porque ela indica um profundo fato ontológico e psicológico. É certo que nem Deus pode mudar o passado, nem extinguir os males passados... mas Deus pode, sim, em Sua misericórdia, fazer com que aqueles males passados não continuem se projetando no presente e no futuro, como observa o filósofo Julián Marías a respeito dessa ideia latente na oração suprimida.

O sufixo *guera* – como todos os recursos vivos da língua – não é apenas uma possibilidade de expressar o pensamento; ele amplia a própria possibilidade de pensar e a sensibilidade perceptiva da realidade; no caso, a continuidade projetiva do passado.



### 33. A lacuna de nossos insultos

(v. 64, p. 44-47, fev. 2011)

A linguagem serve para distinguir e para confundir. Costumo chamar a atenção para casos em que é oportuno o “pensamiento confundente” (ORTEGA Y GASSET): há situações em que a própria realidade convoca a “confusão” e seria uma tolice a pretensão de distinguir. O filósofo Julián Marías exemplifica com a maravilhosa palavra “bicho”, que abriga confundentemente inúmeras realidades: se pouso um inseto no seu ombro, o melhor que eu tenho a fazer é avisar, afastando-o imediata e veementemente: “Xô, bicho...!”. Certamente, os entomologistas distinguem centenas de milhares de espécies mas seria descabido, em nosso exemplo, referir-me a besouros, traças ou moscas (e mais ainda a determinações: *Ceratitis capitata*, *Tribolium castaneum*, *Ephestia elutella* etc.); é um bicho e o melhor é tratá-lo de modo confundente e indiferenciado: “Xô, bicho!”.

Mas, em muitos outros casos, a realidade requer distinção e é uma pena que nem sempre a linguagem a acompanhe, deixando o pensamento impreciso e menos penetrante. Para o futebol, dispomos de um rico e vivíssimo léxico que permite ao falante expressar – e até mesmo perceber... – sutis detalhes dentro do campo e fora dele. E a resolução da linguagem chega a distinguir por exemplo: bicicleta, meia-bicicleta, puxeta e voleio! Já, digamos, para os sentimentos humanos o léxico é muito pobre, impondo a uma palavra como “amor” uma carga confundente que a esvazia e deixando embolorar ou corromper, por falta de uso vivo apropriado, nossos derivados correspondentes aos do latim: *dilectio*, *affectio*, *caritas* etc., tão agudos em seu sentido originário.

Quero ocupar-me de uma lacuna notória em nosso léxico de ofensas: trata-se de uma inconveniente inflação semântica que acaba por tirar o foco e desorientar os usuários de uma das principais palavras de insulto de que dispomos: “babaca”.

## Babaca

Em todas as línguas, encontramos dezenas de formas (muitas vezes equivalentes dentro de um próprio idioma) para espezinhar o tolo: idiota, imbecil, trouxa, otário, tonto, burro, bocó, coió, tosco, sem noção, ou o recentemente popularizado “abestado” etc. Santo Tomás de Aquino, no século 13, chegou a caracterizar e diferenciar mais de vinte tipos: asyneti, cataplex, credulus, fatuus, grossus, hebes, idiota, imbecillis, inanis, incrassatus, inexpertus, insensatus, insipiens, nescius, rusticus, stolidus, stultus, stupidus, tardus, turpis, vacuus e vecors (cf. meu estudo “Tolos e Tolices – o Besteiro na Análise de Tomás de Aquino” <http://www.hottopos.com/mp2/tontospt.htm>).

O termo dessa família coloquialmente mais usado no Brasil é “babaca” (e os derivados: “babaquice”, “babacão” etc.). Babaca (como “bomba” ou “pipoca”) adquire força por incluir uma sugestão quase onomatopaica e, além disso, também pelo caráter chulo: por ser identificada com a genitália feminina.

Para o verbete “babaca”, encontramos em *Houaiss*:

“1. que ou o que é ingênuo; tabaca, simplório, tolo, babaquara; 2. que ou o que não tem vivacidade ou inteligência; bobo”.

E o *Aurélio* remete a:

“1. Que diz ou pratica tolices; sem inteligência ou sem juízo. 2. Tonto, simplório, ingênuo. 3. Boquiaberto, pasmado. 8. Indivíduo tolo”.

Mas, no uso real da palavra, dá-se, para além do significado de tolo pasmado, apalermado, sem iniciativa, a confusão com outro sentido não previsto pelos dicionários nem pela primeira impressão que temos do vocábulo. Esse caráter confundente de “babaca”, ocorreu-me numa partida de xadrez pela internet.

## Panaca

Em um dos maiores clubes internacionais de xadrez virtual, eu estava enfrentando on-line um jogador (pelo nickname, certamente devia ser

brasileiro) e eu tinha a partida ganha, xeque-mate no próximo lance, quando meu adversário, para evitar a derrota, desconectou. Imediatamente pensei: “Que @#\*&%\$! O babaca desconectou!”.

Mas será que se tratava do uso próprio de “babaca”? Na verdade, ele, brasileiramente esperto, evitou a derrota (e a correspondente queda no “ranking”), ao menos temporariamente. O expediente do prejudicado, nesses casos, é abrir um processinho no adjudicate do clube, o que implica algum trabalho e demora (a fila, no caso, era de 926 partidas!) até que os pontos sejam atribuídos ao requerente pela arbitragem do clube. Há, além disso, outro incômodo: um número máximo de partidas adiadas permitidas por jogador, que, se honesto, usa essa quota para, de comum acordo com o adversário, deixar para continuar em outro dia. Enfim, uma chateação. Acaso não serei eu o babaca por ter essa trabalhadeira para ganhar uns míseros pontinhos num ranking que, afinal, não me rende um centavo?

Qual seria a palavra apropriada para qualificar meu oponente? A primeira que me ocorreu foi “panaca”. Embora praticamente idêntica a “babaca”, panaca parece que poderia comportar uma atitude ativa, mais do que o “babaca”, que tende à tola pasmaceira. O panaca talvez pudesse ter iniciativas disparatadas: tenho conhecidos inteligentíssimos, nada babacas, mas que, talvez pudessem ser qualificados como panacas.

Um deles, um galã de meia-idade em sérios apuros financeiros, casou-se com uma enalhada rica (o amor é tão lindo...) e arrumou sua vida: não precisa mais se preocupar em trabalhar e dedica-se a uma intensa vida social, na qual pode desempenhar seu papel de entertainer barato: fazendo suas piadinhas bobas (tipo a da sobremesa: “gente, não é pa-vê; é pa-comê”), suas practical jokes, como a de cumprimentar com um aparelhinho que aplica pequenos choques elétricos ao apertar a mão da visita que entra em sua casa etc. Certamente são babaquices (ou panaquices...), mas babaca ele não é...

Outro, um engenheiro muito bem-sucedido, espertíssimo em seus negócios (de babaca ele não tem nada), tem tiradas como a de reencontrar, por acaso, um colega de juventude e dizer: “Ô, Serjão, há quanto tempo..., aposto que você não se lembra do meu nome”. Ante a hesitação da vítima,

ele aproveita para constranger ainda mais, despejando dados exatos de onde Sérgio morava, nomes de seus pais etc. e exigindo um mínimo de reciprocidade. O Sérgio confidenciou-me que, após tantos anos, não teria condições de lembrar-se do panaca, mas acabou se lembrando precisamente por sua inconfundível panaquice: “Ah, agora lembrei, graaaaande Jorge...”.

## Pasmaceira

Na verdade, “panaca” não é a palavra adequada: está demasiadamente identificada com “babaca”, *pasmaceira*. Mas quem sabe se precisamente por causa dessa disponibilidade (“babaca” já dá conta do passivo palerma) não possa vir a suprir a imensa lacuna em nossa língua para aquilo que o inglês designa por “asshole”.

Como em nossa língua qualificar, especificamente, a tolice presunçosa, pretensiosa, perigosa, arrogante, cheia de “iniciativas”, como a dos conselheiros que quiseram proibir Monteiro Lobato por racismo; a do juizinho de Indaiatuba, que inventou de dar um cartão para o Messi em jogo beneficente; a do Dunga; a de George Bush etc.? Ou a do técnico da seleção japonesa, Masayoshi Manabe, quando – na histórica vitória de virada das meninas do Brasil, na semifinal do Mundial Feminino de Vôlei no Japão: o infeliz deu uma de João sem braço para esfriar as brasileiras e tumultuar o tie-break, no qual estava sendo derrotado por 13 a 8, interrompendo o jogo com um insólito pedido de tempo ao qual já não tinha direito?

Não se trata de inofensivos babacas! Mas, se não são babacas, eles são o quê? Como não temos a palavra exata em português, acabamos usando “babaca” mesmo (ou “panaca”), mas sem a precisão de *asshole*. O mesmo acontece com os sinônimos de babaca. Quando – ante a obsessiva tentativa de impugnação da candidatura e da posse do deputado eleito Francisco Everardo Oliveira Silva – Lula afirmou: “O Tiririca é a cara da sociedade. Acho uma cretinice o que estão tentando fazer com o Tiririca” seria muito mais exato se ele pudesse dizer: o promotor é um *asshole*.

Como todas as línguas, o inglês dispõe de inúmeras palavras para tolo (*fool, jerk, stupid, moron* etc.), mas *asshole* – mais chulo impossível – vai a esse ponto específico.

## Tradução ruim

O professor Robert Sutton, da Universidade Stanford, lançou o livro *The no Asshole Rule* (a regra de não aceitar *assholes*), dedicado aos chefes brutais no meio empresarial. A tradução brasileira (2007) saiu com o título *Chega de Babauice – Como transformar um inferno em um ambiente de trabalho*. Não dispomos de equivalente para a precisa palavra *asshole* e, portanto, o título da edição brasileira desorienta: em que pensamos, quando pensamos em um “gerente babaca” ou “chefe babaca”? Primeiramente, talvez, num bobalhão que deixa os funcionários abusarem nos horários, que não sabe exigir energeticamente prazos etc. A entrevista de Sutton à revista *Época* (14-5-2007), que de modo inadequado traduziu *asshole* por babaca, deixa claro a enorme falta de um termo em português para *asshole*:

“Por que o senhor decidiu colocar a palavra babaca [trocar por *asshole*] no título?”

Robert Sutton – (risos) Primeiro, porque chama a atenção. Depois, porque todo mundo sabe seu significado. Todo mundo trabalha ou trabalhou com um babaca no escritório. Além disso, é uma palavra que não tem sinônimo. Quando encontro uma pessoa grosseira, que humilha os outros, um tirano, logo penso: que babaca! É uma palavra precisa para definir pessoas que costumam destruir os colegas de trabalho. Nas empresas, os funcionários costumam usar termos mais educados. Dizem que os babacas são arrogantes, autoritários, truculentos, mal-educados. Mas isso é pouco. A palavra babaca é a única que exprime exatamente o conceito que eu queria transmitir.

E o que é, exatamente, um babaca?

Sutton – É aquela pessoa que grita, humilha os subordinados, diz que o que o funcionário faz sempre é ruim ou está errado. Geralmente, faz

isso na frente dos outros. Outra atitude comum dos babacas é ignorar a presença dos subordinados. Passa por eles e não os cumprimenta. Simplesmente finge que eles não existem. É aquela pessoa que humilha os outros com frequência. Faz com que as pessoas se sintam oprimidas e sem energia. São intimidadores e, às vezes, não precisam usar as palavras para intimidar. Fazem isso apenas com olhares e atitudes. É diferente da pessoa que está num dia ruim e tem um acesso de raiva. O babaca tem essas atitudes com frequência. Eles costumam ocupar cargos de chefia e exercitam a crueldade com subordinados. É muito difícil encontrar um babaca que não tenha poder.

Os babacas não têm qualidades?

Sutton – Eu não gosto de falar isso, mas preciso reconhecer que eles têm alguns pontos positivos. São bons competidores, sabem brigar e intimidar inimigos, extrair resultados de equipes de baixo desempenho.”

## Nonsense

Como se vê, a tradução de *asshole* por babaca (se tomarmos babaca em seu sentido principal) resulta em puro nonsense: “é muito difícil encontrar um babaca que não tenha poder” “babaca é uma palavra que não tem sinônimo”, “babacas são bons competidores...” etc.

O aspecto mais grave dessa lacuna em nossa língua torna-se evidente quando consideramos que a linguagem não é apenas meio de expressão da realidade vista, mas, muitas vezes, a própria condição para que possamos enxergar a realidade. Sem a palavra, nossa percepção da realidade é confusa ou nem sequer chega a ocorrer. Valem para toda a realidade humana as considerações sobre a “latência”, que Abraham Moles tece em seu livro *O Kitsch*. Valendo-se de uma metáfora fotográfica, ele fala de uma revelação das impressões confusas, pelo surgimento de um vocábulo:

“O surgimento nas línguas germânicas de um termo preciso (‘Kitsch’) para designá-lo levou-as a uma primeira tomada de consciência: através da palavra, o conceito torna-se passível de apreensão, e manipulável... O trajeto científico para conhecer, começa por nomear”.

De fato, sem a posse da palavra Kitsch é-nos muito mais difícil reparar em que há, no fundo, qualquer coisa de comum entre o pinguim da geladeira, o anãozinho do jardim e o quadro de cores fosforescentes... E o combate à realidade kitsch requer a consciência dada pela existência do vocábulo.

Que falta faz no Brasil, que já inventou tantas palavras (algumas geniais) para condutas – como dizer que o cara é (muito...): porra louca, folgado, enjoado, maluco beleza, “bico” doce, espaçoso, baixo nível, sem noção, figuraça, paga pau, gente fina, fera – um equivalente de *asshole*...



## 34. A linguagem da enrolação

(v. 63, p. 20-22, jan. 2011)

A queda de Minoru Yanagida, ministro da Justiça do Japão, em 22 de novembro de 2011, e o carnaval provocado pela campanha eleitoral do palhaço Tiririca no Brasil trouxeram sugestivas indicações sobre a linguagem. Yanagida não caiu por corrupção, escândalos, medidas impopulares ou erros técnicos, mas por sua sinceridade (“Trop honnête pour être ministre”, foi a manchete do *Le Monde*) ao declarar como lidava com os parlamentares: “Meu trabalho é fácil. Basta lembrar apenas de dizer duas frases durante as sessões do Parlamento: ‘Não vou comentar casos específicos’ e ‘Estamos analisando o assunto de acordo com a lei e as evidências’”.

Os deputados, furiosos, exigiram sua cabeça e ele, no ritual nipônico de desculpas, alegou que tinha falado “meio de brincadeira”. De qualquer modo, ato imperdoável: não por se valer de técnicas de linguagem comuns a todos os políticos, mas por entregar publicamente o código da classe.

O código, no caso, é o recurso ao genérico, ao neutro. Método sutil de se resguardar e com a vantagem adicional de não precisar mentir descaradamente. Por isso, é bom recordar aspectos desse expediente de falar sem dizer.

Embora gramaticalmente inexistente no português – e em tantas línguas modernas que perderam esse poderoso recurso do latim –, a necessidade do neutro é tão forte que procuramos recuperá-lo em construções alternativas. *Utrum* é a forma latina que exige a definição de um de dois; daí *ne-utrum* ser: nenhum dos dois, *neutrum*! Neutro que pode não ser nenhum dos dois, porque é ambos: confundente, indeterminado.

## Indeterminações

Engana-se quem pensa que o neutro seja só ou principalmente um modo de designar o que não é macho ou fêmea. Essa primeira aproximação do neutro está longe de esgotar-lhe o significado. Tipicamente, o neutro puxa para a abstração, a totalidade, a indeterminação. Masculino e feminino opõem-se ao neutro enquanto determinação; mais do que quanto a “gênero” ou sexo. Tomás de Aquino – cujo pensamento explora as ricas possibilidades do neutro – no-lo explica:

“O gênero neutro é informe e indistinto; enquanto o masculino (e o feminino) é formado e distinto. E, assim, o neutro permite adequadamente significar a essência comum, enquanto o masculino e o feminino apontam para um sujeito determinado dentro da natureza comum” (Suma Teológica I, 31, 2 ad 4).

Fomos apresentados ao neutro desde a infância: ao final dos violentíssimos jogos de futebol de várzea, a fórmula do time adversário para despedir-se era: “Desculpe alguma coisa” (lançando os agravos reais no limbo do neutro, como se não tivesse havido concretíssimos pontapés desleais, caneladas etc.).

Uma indeterminação que rege diversos setores da existência, até instituições. O neutro, a neutralidade do neutro, faz parte de nossa cultura: o que, em outros países dá-se como afirmação (ou negação) veemente, aqui perde os contornos nítidos, adquire forma genérica! Se não reparamos nisso, é porque ele nos é tão evidente que chega a ser conatural. Pensemos nessa – incrível, para estrangeiros! – instituição tupiniquim: o ponto facultativo. Como dizia Stanislaw Ponte Preta: “Vai explicar pro inglês o que é um ponto facultativo?”.

– É feriado?

– Não, Mr. Brown, é ponto facultativo!!

– Então, haverá trabalho normal?

– Não, Mr. Brown, claro que não: é ponto facultativo!!

Não é feriado, e não deixa de ser... É neutro!

Atinge o tempo. Para indicar que uma ação é maximamente imediata, o brasileiro diz o vago: “na hora” (pastéis fritos na hora; consertam-se sapatos na hora etc.); já em Portugal a faixa de indeterminação é bem mais estreita; é “ao minuto” (e nos EUA “at the moment”!). O pior é que o neutro (indevido) está tão arraigado que a opção por ele parece natural e legítima. E aí de quem se insurgir. A egoísta instalação do falante no neutro é-lhe cômoda, mas exasperadora para o interlocutor. O namorado pontual estaciona numa vaga precária, porta de garagem do prédio, faz um gesto para o irritado porteiro de que não vai demorar, liga para a amada e ouve: “Já estou descendo...”. Minutos depois, volta a ligar e ouve: “Calma! Estou só acabando a maquiagem e em um minutinho eu desço...”.

## Neutralidades

“Estou descendo”, “um minutinho” pode significar, no caso, qualquer intervalo de tempo até, digamos, uma hora de relógio... O mesmo acontece com o “estou chegando”. Quantas brigas de casais têm suas raízes nas diferenças de determinação dos cônjuges: a neutra resposta de um ao celular (“Calma, estou chegando!”) bem poderia – queixa-se o outro – ser substituída por algo determinado, como “Já estou na esquina da padaria” ou “No máximo, em três minutos chego aí”, etc.

Indeterminação do espaço (formas carregadas de subjetividade: “é pertinho”, “logo ali”); indeterminação das pessoas, diluídas em neutros (é menos comprometedor o neutro “a arbitragem” do que o concreto “juiz”; “ô, chefia”, “ô, malandragem”, em vez das pessoas concretas do chefe ou do amigo malandro...) etc. O neutro indevido, egoísta, é legitimado pelos hábitos de indeterminação do brasileiro. É, como diz Ortega, vigência entre nós. E insistir por resposta mais determinada é quase ofensivo: “Nossa! Como está estressado, já falei que estou pertinho e estou chegando...” Claro que os políticos são campeões do uso do neutro e fogem do concreto. Esta é sua arma secreta e por isso fritaram o japonês...

Por isso, os debates entre candidatos tornaram-se enfadonhos. Refugia-se no neutro o político que ignora a a pergunta concreta: “O

senhor é contra ou a favor da volta da CPMF?”. “Veja bem. A captação de recursos para a saúde... blabláblá... e fiz mais pela saúde do que... blabláblá... não se trata de onerar a carga tributária... blabláblá...” não diz sim nem não até que soa o gongo: “Candidato, seu tempo está esgotado”.

De vez em quando alguém se atreve a romper com a palhaçada e falar claro. Como no clássico italiano Gli Onorevoli (1963) do inesquecível Totó. No filme, “Totó é Antonio La Trippa”, principiante lançado candidato pelo Partito Nazionale per la Restaurazione. Embora instruído pela coordenação da campanha, ao começar o comício tem um surto de sinceridade: “Se dissesse que vou fazer estradas hospitalais etc., vocês acreditariam em mim? – Siiiiim. Se dissesse que estes homens [que estão com ele no palanque] são pessoas honradas, dignas do título parlamentar [os congressistas são chamados de onorevole, honorável] e que buscam seus votos para o bem da comunidade, vocês acreditariam em mim? – Siiiiim. Então vocês são uns babacas, porque, assim que eleitos, eu e esses senhores vamos \$#@%\$ vocês, porque somos uns #\$\$\*\*@#. Não votem em mim!”.

Mais ou menos como o Tiririca, que em dezembro foi considerado capacitado (alfabetizado) pela Justiça para assumir o cargo de deputado federal. Na propaganda televisiva, ele saiu do neutro e desceu ao “caso específico” ao descortinar o código linguístico que rege os políticos: “Quero ser deputado para ajudá os necessitado, inclusive a minha família”; “Você sabe o que faz um deputado? Também não sei, mas vota em mim que te conto”.

## Tucanês

Outro que não sabia de neutro e não ficava “analisando o assunto de acordo com a lei e as evidências” era Adilson “Maguila” Rodrigues. “E aí, Maguila, veio prestar sua homenagem...” “Olha, eu nem tô sabendo de homenagem, falaram que tinha churrasco de graça, eu vim...”

Outra forma de esquivar-se são os eufemismos ou, segundo o humorista José Simão, o “tucanês”. São mais de 2 mil casos registrados

(tucanês, tucanaram, anti-tucanês etc.) em 12 anos do vocábulo! Um dos primeiros foi quando um tucano falou que o Nordeste “sofre de desconforto hídrico”. Ou as reservas mentais: assentir à literalidade de uma afirmação, mas violar-lhe o espírito, como o político que diz: “Sou contra a CPMF!” (enquanto pensa com seus botões: “Mas estou promovendo a CSS, Contribuição Social para a Saúde, novo nome da CPMF). A coisa chegou até o Edward, de Crepúsculo – que pela ética dos vampirinhos não pode quebrar o juramento de não cruzar a porta da casa de Bella. Lá pelas tantas, ele se encontra com a moça no quarto dela e diz: “Não quebrei o juramento: entrei pela janela!”.

No meio de tanta enrolação, o único que teve a coragem de abrir o jogo cai. O ex-ministro japonês merece um desagravo e, quem sabe, até a instituição de um “prêmio Yanagida” para o político que mais se distanciar da *ars enrolandi*.



## 35. Os caminhos que levam às ideias

(Especial Etimologia, p. 32-35, 2011)

“O caminho que sobe e o que desce são um mesmo e único caminho”. Aparentemente, nada mais evidente do que esta sentença de Heráclito de Éfeso (c. 540-470 a.C.), conhecido como “o obscuro”. Como naquela vez – parece piada – em que um ciclista gabando-se de seu bairro, excelente para andar de bicicleta porque não tinha subidas, teve que ouvir a pergunta: “E descidas, tem?”. Claro que se não há subidas, também não há descidas...

Mas, por vezes, há algo mais, há surpresas por trás das obviedades. Quem não toma um pequeno susto quando vem a saber que o primeiro critério de desempate para times que tiverem o mesmo número de pontos no Campeonato Brasileiro de Futebol é favorecer a equipe que tiver maior número de derrotas? Não, poderia alguém objetar, o critério favorece é o time que tiver maior número de vitórias! Mas acontece que... o time que tem mais derrotas e o que tem mais vitórias são o mesmo e único (aquele que tem menos empates)!!

Na verdade, a sentença de Heráclito esconde em si profundas surpresas. Aliás é do próprio Heráclito a afirmação de que a natureza gosta de se esconder, e podemos acrescentar: a realidade humana gosta de se esconder. Daí que precisemos de um método (palavra que etimologicamente remete a “caminho”), para *subir* até esse tesouro que desceu e está escondido.

As etimologias são parte importante desse jogo de sobe e desce e de esconde-esconde. Não é por acaso que, por exemplo, os dois filósofos mais lidos na Alemanha de hoje – Josef Pieper (1904-1997) e Martin Heidegger (1889-1976) – voltem-se continuamente para as etimologias, quando querem investigar as profundezas da realidade humana.

Precisamente uma das grandes contribuições do próprio Pieper para o método da antropologia filosófica foi (seguindo a máxima de Heráclito)

a de evidenciar que nosso acesso ao ser do homem, escondido, é fundamentalmente indireto. Pois os grandes *insights* que temos sobre o mundo e o homem não permanecem em nossa consciência reflexiva, logo se desvanecem, se transformam, acabam por se esconder em três grandes sítios: instituições, formas de agir e linguagem. Esses grandes *insights* estão portanto ativos, mas ocultos: em grandes instituições – como por exemplo a do tribunal do júri ou a universidade, que tanto nos revelam sobre o espírito humano –, em formas de agir – como é o caso do ato poético, tema recorrente nos próprios poetas –, e na linguagem, a linguagem comum: essa que falamos e ouvimos todos os dias.

Logo, se quisermos recuperar filosoficamente aqueles *insights* sobre o homem, devemos procurar atingi-los em seu novo estado: como princípios ativos ocultos da linguagem, a serem descobertos também nas etimologias. Nesse quadro, a etimologia passa a ser importante componente desse laboratório para o filósofo que é a linguagem: é por trás de fatos da linguagem que se escondem preciosas informações filosóficas – e também sociológicas, históricas etc.

Pois, para citar novamente Heráclito: é no cotidiano que estão os deuses. Aparentemente, não! Nossa vida cotidiana, transcorre em meio a uma rotina, “a vidinha com toda a chaturinha dela” (Adélia Prado), preocupados com o trânsito, com pequenos desentendimentos familiares, com apertos financeiros, com o desempenho de meu time no campeonato etc. Mas pode acontecer que – em meio a essas prosaicas realidades do “diário dos dias” (GUIMARÃES ROSA) – de repente, soframos um abalo que nos revela, como numa iluminação que “desce”, com extraordinária nitidez, algo de profundo a respeito da realidade humana: um *insight* filosófico, um estremecimento poético (ou artístico, em geral), amoroso, religioso ou tanático, as cinco possibilidades de corte vertical no varejão da vida, que o filósofo Josef Pieper encontra na obra de Platão.

É o olhar de admiração, que – para Platão, Aristóteles ou Tomás de Aquino – é princípio e fonte alimentadora continua do ato filosófico (ou do poético, artístico etc.). De repente, como no romance de Sartre, *A Náusea*, olhamos uma pedra (e é a milionésima vez que vemos uma pedra e esta nada tem de especial) e, sem saber o porquê, ela é princípio de um

processo de abalo existencial que beira os 9 pontos Richter. É o que se dá na vida do personagem Antoine Roquentin: “Sábado, uns garotos estavam a atirar pedrinhas ao mar para as fazer saltar de ricochete, e pretendia tirar uma como eles. Nesse momento detive-me, deixei cair a pedra e fui-me embora. Devia ir com uns ares de transviado, com certeza, porque os garotos desataram a rir quando voltei as costas. Isto, quanto ao exterior. O que se passou em mim não deixou traços claros. Havia qualquer coisa que vi e que me repugnou, mas já não sei se estava a olhar para o mar ou para a pedra. A pedra era chata; dum lado estava inteiramente seca, úmida e enlodada do outro. Tinha-a agarrado pelas beiras, com os dedos muito afastados, para não me sujar.”

A pedra é também um acontecimento, na famosa poesia de Drummond:

“No meio do caminho tinha uma pedra  
tinha uma pedra no meio do caminho  
tinha uma pedra  
no meio do caminho tinha uma pedra.  
Nunca me esquecerei desse acontecimento  
na vida de minhas retinas tão fatigadas.  
Nunca me esquecerei que no meio do caminho  
tinha uma pedra  
tinha uma pedra no meio do caminho  
no meio do caminho tinha uma pedra”

E também nos profundos versos de Adélia Prado:

“De vez em quando Deus me tira a poesia.  
Olho pedra, vejo pedra mesmo.”

Claro que nós outros, embotados pelo quotidiano, teríamos que inverter os versos adelianos: de vez em quando, Deus me dá poesia, e na pedra eu vejo algo mais...

Não que esses abalos nos levem do quotidiano para um outro mundo; não! O que eles fazem é dar-nos um novo olhar – o de espanto e admiração

(ou angústia) – sobre a mesma velha realidade, aparentemente tão inofensiva, que já aí estava...

É o que Heráclito tenta explicar aos estrangeiros que vieram de longe para espiar o grande sábio em sua intimidade. O episódio é narrado por Aristóteles: “Diz-se que Heráclito assim teria respondido aos estranhos vindos na intenção de observá-lo. Ao chegarem, viram-no aquecendo-se junto ao forno. Ali permaneceram, de pé (impressionados sobretudo porque) ele os encorajou (eles ainda hesitantes) a entrar, pronunciando as seguintes palavras: ‘Mesmo aqui os deuses também estão presentes.’”

Heidegger, em seu *Heráclito*, explica que a sentença é ainda mais forte: o “mesmo aqui”, na verdade significaria: “é aqui mesmo” (junto ao fogão, no ordinário, no cotidiano) que estão os deuses.

O mesmo no dizer de Adélia (também ela, ligando a experiência poética à mística): “Mas a alma criadora sensível, um belo dia se admira desse ser extraordinário [que se dá no cotidiano], essa água que está tremeluzindo aqui na minha frente e, na verdade, eu não entendo a água, eu não entendo o abacaxi, eu não entendo o feijão. Alguém aqui entende o feijão? Admirar-se de um bezerro de duas cabeças, qualquer débil mental se admira, mas admirar-se do que é natural, só quem está cheio do Espírito Santo”.

E a canção *Força Estranha* de Caetano, dedicada à estranha força do abalo admirativo do ato poético, diz que ele se dá ocasionado por prosaicas realidades como “o menino correndo” ou até mesmo a barriga da mulher “preparando outra pessoa”.

Porém, esse mesmo cotidiano, que encerra o *mirandum* – aquilo que deveria suscitar, deflagrar o abalo de admiração –, tende a lançar-nos no embotamento, na insensibilidade, no esquecimento, como já afirmava o poeta Píndaro, contemporâneo de Heráclito. E, tal como os arqueólogos, precisamos retirar as camadas de poeira que cobrem o significado originário desta ou daquela palavra.

Também os enamorados e os poetas, refletindo sobre o ato poético (como em “A Tabacaria” de Fernando Pessoa) falam da “força estranha” que desestrutura nosso cotidiano arrumadinho e faz o tempo parar para ver com outro olhar a realidade mais prosaica...

Esses abalos nos fazem ver que há um *plus* que “desceu” sobre a realidade e a torna algo mais do que “pedra mesmo”. Em muitos casos, a etimologia nos ajuda a subir o caminho de volta, em busca desse *plus* e de seu esquecido significado.



## 36. Grato pela compreensão

(Especial Etimologia, p. 36-37, 2011)

A preocupação pela etimologia é um dos legados do pensamento medieval. Quando S. Isidoro de Sevilha escreve, em torno do ano 600, a primeira enciclopédia da história, ela é precisamente os 20 livros das *Etimologias*. Lá se diz que, sem a etimologia, não se conhece a realidade e, com ela, mais rapidamente atinamos com a força expressiva das palavras.

Exageros medievais à parte, o fato é que as palavras têm um potencial expressivo muito maior do que nós – tão familiar e automático é o uso que delas fazemos – possamos imaginar. Quando a filosofia se volta para a linguagem comum, não está praticando um procedimento periférico, mas atingindo algo de muito essencial, pertencente ao próprio núcleo da reflexão filosófica.

Não é de estranhar, portanto, que num clássico medieval como Tomás de Aquino encontremos uma filosofia comprometida com a linguagem; no século 13, quando estão se consolidando as línguas nacionais.

Relacionemos o pensamento de Tomás com as formas de gratidão em diversas línguas: *thanks*, *gracias*, *obrigado* etc. Essas formas remetem a aspectos e níveis diferentes de agradecimento: o próprio Tomás chama a atenção para o fato de que nossas palavras só alcançam fragmentariamente (*divisim*) a realidade, que, além de complexa, supera em muito nossa capacidade intelectual. E é diferente o gancho, o aspecto, o caminho pelo qual cada língua acessa uma determinada realidade: o mesmo objeto que me protege contra a água (“guarda-chuva”) produz uma sombrinha (*umbrella*).

## Graus de gratidão

Daí que, diz Tomás na *Suma Teológica*, “línguas diferentes expressam a mesma realidade de modo diverso.” E, prossegue, referindo-se à gratidão: “A gratidão se compõe de diversos graus.

O primeiro consiste em reconhecer (*ut recognoscat*) o benefício recebido; o segundo, em louvar e dar graças (*ut gratias agat*); o terceiro, em retribuir (*ut retribuatur*) de acordo com suas possibilidades e segundo as circunstâncias mais oportunas de tempo e lugar” (II-II, 107, 2, c).

Assim, há línguas que expressam a multifacética realidade da gratidão, tomando-a no nível 1: o do reconhecimento do agraciado. Aliás “reconhecimento” é mesmo um sinônimo de gratidão. Etimologicamente, na língua inglesa *to thank* (agradecer) e *to think* (pensar) são a mesma palavra. Ao definir a etimologia de *thank* o *Oxford English Dictionary* é claro: “*The primary sense was therefore thought*”. E, do mesmo modo, em alemão, *zu danken* (agradecer) é originariamente *zu denken* (pensar).

Muito compreensível. Só é agradecido quem pensa, pondera, considera a liberalidade do benfeitor. Quando isto não acontece, surge a justíssima queixa: “Que falta de consideração!”. E fórmulas agressivas de falta de gratidão como: “você não fez mais do que a sua obrigação!” (*ministerium tuum est*) são já bastante antigas.

Tomás também faz notar que o máximo negativo é a negação do ínfimo positivo (a última à direita de quem sobe é a primeira à esquerda de quem desce...) e, portanto, falta de reconhecimento, o ignorar, é a suprema ingratidão.

Já a formulação latina de gratidão, *gratias ago*, que se projetou no italiano, no castelhano (*grazie, gracias*) e no francês (*merci, mercê*, derivado de *merces, salário*, que tomou no latim tardio o sentido de “favor”, “graça”) é relativamente complexa. S. Tomás diz (I-II, 110, 1) que seu núcleo, “graça” comporta três dimensões:

1) obter graça, cair na graça, no favor, no amor de alguém que, portanto, nos faz um benefício;

2) graça indica também dom, algo não devido, gratuitamente dado, sem mérito por parte do beneficiado;

3) a retribuição, “fazer graças”, por parte do beneficiado.

No tratado *De Malo* (9,1), acrescenta-se um quarto significado de *gratias agere*: o de louvor; quem considera que o bem recebido procede de outro, deve louvar.

No quadro aqui exposto – o das expressões de gratidão em inglês, alemão, francês, espanhol, italiano e latim – ressalta o caráter profundíssimo de nossa forma: “obrigado” (infelizmente, nestes últimos anos, no Brasil, “obrigado” vem sendo substituído pelo insosso “valeu!”). A formulação portuguesa, tão encantadora e singular, é a única a situar-se, claramente, no nível 3, o mais profundo da gratidão: o do vínculo (*obligatus*), da obrigação, do dever de retribuir.

### “Raridade”

Podemos, ainda, analisar a riqueza de sugestões que se encerra na forma japonesa. *Arigatô* remete aos seguintes significados primitivos: “a existência é difícil”, “é difícil viver”, “raridade”, “excelência (excelência da raridade)”. Esses dois últimos sentidos são claros: num mundo em que cada um só pensa em si, a excelência e a raridade salientam-se como característica do favor. Mas, “dificuldade de existir” e “dificuldade de viver”, à primeira vista, nada teriam que ver com o agradecimento. No entanto, S. Tomás ensina (II-II, 106, 6) que a gratidão deve – ao menos na intenção – superar o favor recebido. E que há dívidas por natureza insaldáveis: de um homem em relação a outro, seu benfeitor, e sobretudo em relação a Deus.

Nessas situações de dívida impagável – tão frequentes para a sensibilidade de quem é justo – o homem agradecido, obrigado a retribuir, sente-se embaraçado e faz tudo o que está a seu alcance, tendendo a transbordar-se num *excessum* que se sabe sempre insuficiente.

*Arigatô* aponta assim para o terceiro grau de gratidão, significando a consciência de quão difícil se torna a existência (a partir do momento em que se recebeu tal favor, imerecido e, portanto, se ficou no dever de retribuir, sempre impossível de cumprir...).



2010

---



## 37. O passado que o futebol canta

(v. 59, p. 26-33, set. 2010)

### O essencial não dito

Em seus estudos sobre a interpretação de autores antigos, o filósofo Josef Pieper lembra uma importante regra da hermenêutica: é preciso estar atento às evidências, que não se expressam. De fato, sobre o que é evidente não se fala e, muitas vezes, trata-se do mais importante: que o autor antigo não expressa, precisamente porque é evidente, para ele e para os leitores de seu tempo (mas não para nós...). Heidegger, em sua interpretação de um texto de Platão, chega a dizer que a doutrina de um pensador está no “não-dito no dito”. Essa regra básica – também ela evidente e, portanto, nem deveríamos deter-nos nela... – é a que torna, em diversas línguas, o “não falar” sinônimo de “evidente”: “*goes without saying*”, “*ça va sans dire*” (“*selbstverständlich*” ou “*per se notum*”...), são – nas correspondentes línguas – simplesmente modos alternativos de dizer: “evidente”.

De fato, com o passar do tempo, mudam as ideias e as *vigencias* (ORTEGA Y GASSET), aquelas formas sociais que todos assumem conatural e inconscientemente e, para as novas gerações, o texto no qual estavam implícitas – deixadas ao “*por supuesto*”, “*taken for granted*” –, torna-se incompreensível para o leitor.

E a possibilidade de apreensão do que realmente foi pensado pelo autor antigo fica condicionada pela surpresa ante os saltos lógicos e as brechas que – *para nós* – o texto apresenta. Por exemplo, o caso de um desses essenciais invisíveis em Tomás de Aquino, estudado por Pieper: O Aquinate ao formular o conceito de verdade das coisas diz: “O real é chamado verdadeiro, na medida em que realiza aquilo para o que foi ordenado pelo espírito cognoscente de Deus” e que isto se torna *evidente* pela famosa definição de Avicena: “A verdade de uma coisa é a

característica própria de seu ser, que lhe foi dada como propriedade constante”. Esta conexão, era evidente na Idade Média, mas para nós não o é de modo algum, é antes quase incompreensível.

Tomemos um exemplo mais modesto. Alguém que queira interpretar um texto, digamos, de 1960, no qual um pai se lamenta: “– Tive que tirar meu filho do colégio estadual e matriculá-lo num colégio particular”, tem que tomar o cuidado de estar atento à *vigência* da época: a incapacidade do filho de acompanhar as exigências do elevado nível do ensino médio público, então, em geral, muito melhor do que o privado. E não com a inversa *vigência* de hoje (após o sucateamento do ensino público), na qual a única interpretação da mesma frase seria: “– Que pena ter de pagar para ter um ensino de melhor qualidade!”

Por vezes, abre-se uma possibilidade de apreensão do que realmente foi pensado por um autor antigo, quando somos surpreendidos por – *para nós* – saltos lógicos e brechas que o texto apresenta. É o caso do verso do hino do Flamengo, que discutiremos neste estudo: “Ele vibra, ele é fibra, muita libra já pesou.”

## Os anacronismos dos hinos

Quando nos detemos a analisar as letras dos hinos em geral – e também os (oficiais ou não) dos times de futebol – frequentemente nos deparamos com uma linguagem estranha: ufanismos mais ou menos ridículos; belicismos, anacronismos; exortações que tinham sentido na época em que foram compostos, mas não hoje; etc.

A *Marselhesa*, por exemplo, convoca os cidadãos a saciar a terra com o sangue impuro dos soldados ferozes que vêm degolar nossos filhos e nossas mulheres... E os jogadores do Paraguai, antes de enfrentar a Espanha, cantavam que o infausto cetro de Espanha os oprimiu por três centúrias, mas agora a Europa e o mundo aclamam o heroísmo do Paraguai, já livre do vil feudalismo: dobrai os joelhos, ó opressores etc. E o pior é que o hino, como símbolo nacional (ou do time...), é muito difícil de ser mudado: hino é hino...

O hino do Corinthians, por exemplo, composto em 1952, fala do futebol como “esporte bretão”, mas no lançamento da logomarca da Copa de 2014, o presidente da FIFA, Josef Blatter, começou seu discurso com o truísmo: “O Brasil é o país do futebol”. E o hino não faz menção à característica distintiva do Corinthians, evidente desde aqueles longos anos sem campeonato até 1977: a fidelidade de sua torcida. E designa o Corinthians como “campeão dos campeões”, o que hoje, na era das competições internacionais, não é propriamente o ponto forte do clube.

Uma sutil datação de época vem também no hino do São Paulo (1935), por meio da adjetivação: “Salve o tricolor *paulista*”, Se o SPFC é o “paulista” é porque reconhecia a existência de um tricolor sem mais, absoluto, *simpliciter*: o tricolor (o Fluminense). E é do Fluminense que falam os versos de Chico Buarque: “O radinho contando direito / A vitória do meu tricolor” (se bem que o autor seja *também* tricolor são paulino). Mas, hoje, o São Paulo é mais importante: campeão de 6 brasileirões (contra 1 do Flu); 3 Libertadores (0 do Flu); 2 Mundiais (0 do Flu) e pode reivindicar para si ser: o tricolor. Do mesmo modo, o hino do Santos, ao afirmar-se “glorioso alvinegro praiano”, reconhece implicitamente a precedência de outro alvinegro...

O hino do Palmeiras também traz seus fósseis. Composto em 1949, ainda fala em “linha atacante”, de acordo com os primitivos esquemas táticos. E afirma que o Palmeiras “sabe ser brasileiro”: e é que, poucos anos antes, com o Brasil em guerra contra a Itália, o clube teve que mudar o nome Palestra Itália.

Além disso, sempre nos hinos, corre-se o risco de, no presente ou no futuro, cair na armadilha do “*Excusatio non petita, accusatio manifesta*” (desculpas expressas, acusações ocultas). Se no fim da primeira parte da aula, eu digo aos alunos: “- Podem ir para o intervalo sossegados que eu não vou roubar nada das bolsas de vocês”, o melhor que eles podem fazer é levar consigo seus pertences e trancá-los a sete chaves... Assim também há afirmações que soam como suspeitas, como a do hino que diz que o Palmeiras “transforma a lealdade em padrão”... Ou a do Santos que se afirma “campeão absoluto deste ano”, o que, por longos períodos, ficou longe da realidade.

Mas voltemo-nos para o hino do Flamengo, que esteve em destaque no ano de 2009, quando o time conquistou o campeonato brasileiro; e, mais recentemente, em meio à enxurrada de infames piadas no caso do goleiro Bruno - Elisa Samudio (“Flamengo até morrer...”; “ele me mata, me maltrata...” etc.).

Clube de Regatas Flamengo

O hino do Flamengo , no site oficial do clube, diz:

*Uma Vez Flamengo  
Sempre Flamengo  
Flamengo sempre eu hei de ser  
É o meu maior prazer, vê-lo brilhar  
Seja na terra, seja no mar  
Vencer, vencer, vencer  
Uma vez Flamengo,  
Flamengo até morrer  
Na regata ele me mata,  
me maltrata,  
me arrebatava de emoção no coração  
Consagrado no gramado  
Sempre amado  
Mais cotado nos Fla-Flus  
É o ai Jesus  
Eu teria um desgosto profundo  
Se faltasse  
O Flamengo no mundo  
Ele vibra, ele é fibra, muita libra,  
já pesou  
Flamengo até morrer, eu sou.*

O flamenguista de hoje não tem a menor ideia do que possa significar a celebração de seu time no verso de seu hino composto há 70 anos : “Ele vibra, ele é fibra, muita libra já pesou.”

Sim, sem dúvida, o Fla vibra e ele é fibra (hoje, se diria: raça, garra

ou atitude, mas ainda se compreende “fibra”), mas que raios: é pesar libra, “muita libra já pesou”?

A confusão é tanta, que muitos alteram o verso para, o ainda mais incompreensível: “muita libra já *pensou!*” É o caso de uma revista de educação, que sugere aos professores a análise de hinos dos clubes – e expressamente o do Flamengo – como atividade escolar, com propostas de plano de aulas: “Leia a letra para os alunos e questione sobre o que entendem quando alguém diz vencer, vencer, vencer... uma vez Flamengo, Flamengo até morrer. Deixe que falem o que sabem. Etc.<sup>1</sup>”. Mas não diz o que o mestre deve fazer quando os alunos perguntarem o que significa ser o “Ai, Jesus” ou o que é “pensar libras”?

E, na bela interpretação de Jorge Ben Jor, o modo como é cantado o verso “muita libra já pensou” parece sugerir uma interrogação, como se indagasse: “Você já parou para pensar na inigualável quantidade de maravilhosas libras que o Flamengo já pensou?” – o que até funcionaria se em vez de “libra” disséssemos “taça” ou “conquista”. Mas, com “libras” é puro surrealismo!

Mas, afinal, o que significa “muita libra já pesou”?

Para responder a essa questão, é necessário antes de mais nada lembrar que o hino do Flamengo foi composto numa época de transição do clube. Se hoje o Flamengo é antes e acima de tudo futebol; em 1895, quando foi fundado, o esporte por excelência era o remo. O ano de 1942, quando o hino foi composto, é um momento de transição no interesse da torcida: o remo ainda tinha importância (o remo do Fla, em grande fase, foi tetra-campeão carioca de 40 a 43), mas o futebol crescia mais e mais (impulsionado pelos grandes craques do Fla: Yustrich, Domingos da Guia, Leônidas da Silva, Valido, Jarbas e Zizinho) Daí, os dois polos no hino, com muitas referências à regata.

E é na regata que se decifra o “pesar libras” (a solução que apresento pareceu admissível ao especialista Fernando de Campos Mello, Mestre pela EEFÉ-USP e Supervisor Técnico de Remo do Esporte Clube

---

1. <http://revistaescola.abril.com.br/geografia/pratica-pedagogica/hinos-brasileiros-produto-cultural-427334.shtml> Acesso em 05-10-10.

Pinheiros, a quem consultei). “Pesar libras”, no hino de Lamartine, é sinônimo de vitória! Vejamos.

O remo é um esporte que envolve complexas regras de pesagem. Nas atuais regras da Confederação Brasileira, encontramos, por exemplo:

É unicamente da equipe a responsabilidade de que os barcos tenham o peso mínimo exigido. A balança deve indicar o peso do barco com um dígito após a vírgula e deve estar disponível para as guarnições pelo menos 24 h antes da primeira prova da competição. A seleção de barcos a serem pesados é feita através de um sorteio.

E concluída a prova, entre os protestos e objeções que podem levar à impugnação do resultado, está o da pesagem do barco *vencedor* (ninguém vai exigir o “anti-doping” do barco que ficou em último lugar); pesagem que, na época, era em libras, por influência britânica (como as jardas nas medidas do futebol ou o sistema de contagem de pontos no tênis).

Pesar libras é homologar vitória! Vitória que se confirma ou é impugnada na pesagem. Por exemplo, nos Jogos Sul-americanos de Buenos Aires-Mar del Plata, nossas meninas do remo arrasaram: subiram ao pódio em 22 das 24 competições: ouro nas categorias k4 200m, k4 1.000m e k4 500m. Na categoria k2 200m, Bruna e Ariela também chegaram na frente na disputa final, mas, no tira teima da pesagem, acabaram desclassificadas: segundo a balança (argentina...) o barco estava 50 g (0,11 libras) abaixo do limite de peso!

### “Ai Jesus”

Outra passagem enigmática (hoje) do hino é o “Ai Jesus”. Na época (e ainda hoje em Portugal) significava simplesmente: o queridinho, o xodó, aquele por quem todos suspiram: “ai, Jesus”. E, de fato, no hino, encontramos-lo substantivado: o “Ai Jesus”. Assim, em *Urupês* (1918), Monteiro Lobato diz: “Mas o substrato psíquico não mudou: orgulho

indomável, independência, fidalguia, coragem, virilidade heróica, todo o recheio em suma, sem faltar uma azeitona, dos Peris e Ubirajaras (...) o caboclo é o ‘Ai Jesus’ nacional!”. E em 1950, Rachel de Queiroz escrevia para *O Cruzeiro*: “Se fosse homem, tirava uma carta, comprava um caminhão e ia pra estrada. O caminhoneiro é um *bon vivant*, não tem patrão nem horário, dorme onde bem lhe apraz, seu teto é o céu cheio de estrelas, e é o ai-jesus das mulheres...”

Anacronismos? Mas como em hino não se mexe, cada time continuará “glória do desporto nacional”, com “páginas heróicas imortais”, “sempre altaneiro”, “com seu pendão”, “adentrando o gramado em que a luta o aguarda”, “bem amado, com glórias que vêm do passado”...



## 38. A língua na sala de estar

(v. 58, p. 20-21, ago. 2010, em coautoria com Sylvio Horta)

### Ser e Estar

Sempre que, em aulas de filosofia, perguntamos aos alunos sobre a diferença entre “ser” e “estar”, rápida, indefectível e unanimemente vem a resposta: “estar” indica uma situação temporária ou provisória; “ser”, definitiva. E a surpresa dos alunos quando ouvem o contra-exemplo de Julián Marías: – Mas... e o Pai Nosso, que está nos céus, está lá de passagem? Nada mais definitivo do que a instalação divina no Céu. Entre as dezenas de usos de “estar”, *está* o de instalação – a duradoura, permanente ou eterna – que condiciona a vida.

O casamento, por exemplo. Os mais jovens não acreditarão, mas no tempo de seus avós o casamento era duradouro: *de iure* e *de facto*. Havia, quando muito, um ou dois “desquitados” no bairro e divórcios só nos filmes americanos (mesmo nos EUA o *no fault divorce* só foi introduzido em 1970 – na Califórnia – e, formalmente, ainda hoje o estado de New York só admite o *divorce at fault!*). Mesmo nessa época, na Espanha, onde a dissolução do casamento era impensável, a expressão mais usada foi “*estar casado*”; enquanto no Brasil, esta formulação sugere um casamento efêmero de algum jogador de futebol ou rainha de bateria... E é que o “*estar casado*” espanhol não aponta para a duração do enlace, mas para o modo como o casamento afeta a instalação de vida. Não é por acaso que é chamado de *estado* civil. Estar casado é algo que condiciona e transforma a totalidade da existência: dos horários, rotinas e hábitos até práticas de higiene, reuniões da APM, sogra etc.; o solteiro podia deixar a louça espalhada sem lavar por dias na cozinha, discutir futebol até tarde com os amigos na padaria ou não trocar a roupa de baixo todos os dias... Uma velha piada espanhola, fala de “cair a ficha” da enormidade da mudança de estado de solteiro para casado (jogando com o todo/parte: *ha enterado* em oposição a *ha participado*) dois amigos se encontram: “– E

aí me inteirei de que você se casou. – Não, você foi participado; quem se inteirou fui eu!”.

É interessante nesse sentido a regência inglesa *to* para o casamento: “*married to*”, usada originalmente apenas para mulheres (algo assim como “*maridada para Fulano*”) e depois com sentido estendido também para homens: o casamento é algo relacional de Fulan *para* Sicran e uma amarra (casamento é enlace...); a etimologia de *husband* (segundo o *Oxford English Dictionary*) é *húsbonda*: o detentor (*bonda*) de casa (*hús*), com o mesmo *bond* de laço, que sugere o marido como que amarrado à casa...

O mesmo caso de instalação de vida, dá-se com a guerra; a guerra é algo em que se está, que condiciona fortemente o modo de viver cotidiano. Ou as enchentes em São Paulo, que tanto interferem em nossas vidas e produzem estados: de atenção de alerta, de emergência ou de calamidade.

Quando as crianças (ou adultos...) decidem dar o dedinho e “estar de mal”, instalam-se num relacionamento especial: não trocam figurinhas, não brincam juntas, não se falam... porque estão de mal.

Um outro uso do estar é na encantadora expressão “sala de estar”, infelizmente em declínio quanto ao uso consciente, por conta do fato de o próprio “estar” ser cada vez mais raro. A língua inglesa, que não distingue entre ser e estar, chama esse cômodo de “*living room*”; é adequado, mas durante a guerra “*living room*” acabou servindo também para traduzir o *Lebensraum* de Hitler.

O tempo da vida moderna, sobretudo o tempo paulistano tende a excluir o estar: já o *design* dos restaurantes de fast-food é um convite a dissociar o comer do estar, a arquitetura e a decoração parecem dizer: ingira o alimento e caia fora logo. O mesmo se dá com a crescente presença de ruidosa música nos restaurantes, que impedem o conversar; deixando à vontade aqueles que, afinal, temem uma instalação menos superficial no amor ou na amizade.

As expressões relacionadas ao amor que indicam esse caráter de instalação: *to fall in love with* no inglês, enamorar-se no espanhol e no português. Há também o nosso *namorar com*, que, finalmente, consta dos

dicionários. Essa intuição do lugar, não necessariamente espacial, mas vital já aparece em Santo Agostinho ao falar do amor como peso, que o levava ao seu lugar, isto é, a se instalar em si mesmo: “Nosso descanso, nosso lugar (*Requies nostra, locus noster*). O corpo, por seu peso, tende a seu lugar. O peso não arrasta só para baixo, mas para o seu lugar: o fogo tende para cima; a pedra, para baixo. O peso move, dirigindo a seu lugar. O óleo derramado na água fica sobre ela; a água derramada no óleo se situa por baixo: cada um movido por seu peso tende a seu lugar. O que está fora de lugar está inquieto; dirige-se a seu lugar e aquieta-se... O meu peso é o meu amor (*Pondus meum, amor meus*); aonde quer que eu vá, por ele sou levado (*Confissões XIII,9*).

Estar está associado ao vagar (como na delicosa palavra nossa *devagar*), à *holgura* (Julián Marías), à “ausência de tensão de futuro” (Von Hildebrand), àquele “o tempo parou para eu olhar” de Caetano; dá-se no caminhar descontraído, no passear, no conversar..., na sala de estar. Enfim, no modo tradicionalmente ibérico (e se quisermos exponenciar: baiano) de vivenciar o tempo. Esse estar se projeta na maravilhosa gíria brasileira: curtir. “Curtir” é saborear com calma, desfrutar devagar, como o caldo de curtição beneficia o couro. Um exemplo de articulação dos dois sentidos de “estar” que estamos considerando (instalação e curtição) dá-se na sentença: “Agora que eu estou aposentado, estou curtindo meus netos”.

Novamente encontramos na instalação amorosa a idéia do eterno no momento, do fluir que tem duração. Na letra da canção “Quando eu fecho os olhos” (Chico César / Carlos Rennó) encontramos:

E aí você surgiu na minha frente/ E eu vi o espaço e o tempo em  
suspensão  
Senti no ar a força diferente/ De um momento eterno desde então  
E aqui dentro de mim você demora/ Já tornou-se parte mesmo do  
meu ser  
Ser que no fundo é estar, assentar-se: estar sentado...



## 39. Ô, meu! Minha Nossa Senhora

(v. 57, p. 42-43, jul. 2010,)

O psicólogo americano David Keirsey propôs uma das mais fecundas teorias de temperamento e personalidade de nosso tempo: a partir da combinação de 4 pares de preferências, que remontam a Jung e a Isabel Myers:

I/E (Introversão / Extroversão);

N/S (iNtuition / Sensible), a ênfase para o fato em si, o fato bruto (S) ou o fato como ponto de partida para “viagens” da intuição (N);

T/F (Thinking / Feeling), a preferência pela abordagem de uma situação pelo ponto de vista “objetivo”, impessoal (T), ou, pelo contrário, a abordagem pessoal dos envolvidos na situação (F); e

J/P (Judgemental/Perception), a tendência a escolher situações bem arranjadas, esquematizadas, fechadas (J) ou, pelo contrário, a situação aberta, o improvisado (P).

Combinando essas diversas preferências, Kersey analisa 16 tipos (INTJ, INTP, ISTJ etc.) em torno de 4 núcleos básicos de temperamento (NT, NF, SJ e SP). Detalhes à parte, interessa-nos neste estudo, o modo como essas preferências podem se projetar no uso da linguagem e nos próprios recursos das línguas, limitando-nos a alguns exemplos do caso F, o dos que propendem a uma abordagem pessoal das situações.

Naturalmente, as diferenças de temperamento condicionam as preferências de comunicação e linguagem: por exemplo, uma pessoa J exaspera-se com as imprecisões dos P e prefere marcar um encontro em hora exata em vez dos vagos “depois do almoço” ou “amanhã de manhã”. As discussões entre casais formados por T e F, quanto às travessuras dos filhos, sempre acabam em mútuas acusações: o F acusando o T de ser um bloco de gelo, duro e sem coração; o T, considerando que o F é de uma descabida brandura, que está a estragar o menino com desculpas para todas suas traquinagens etc.

Outro exemplo de preferências F e T na interpretação semântica de uma mesma sentença. Dois amigos, F e T, almoçam na churrascaria de estrada de sempre, conhecem há anos o dono, Sr. Mabilia, e F pergunta ao garçom se há banana à milanesa e abacaxi com canela. O garçom traz um abacaxi excelente e desculpa-se quanto à banana, que, naquele dia, está em falta. Ao final, o dono vem à mesa perguntar se estava tudo bem; ambos respondem que estava tudo ótimo. Mas, informado pelo garçom, pergunta em tom de desculpas: “– Faltou a banana, não é?” O F diz sem pestanejar: “– Não, não faltou banana, não faltou nada, estava tudo perfeito!”; ao mesmo tempo que T responde: “– É, hoje não tinha banana!”.

Enquanto tomam o café, F e T discutem: T argumenta que F mentiu; mentiu por delicadeza, sensibilidade pessoal e amizade com o Sr. Mabilia, mas mentiu, pois o fato é que não havia banana! F retruca dizendo que semanticamente só *falta* aquilo que está previsto e pressuposto e que, por exemplo, não se poderia dizer que, no almoço, faltou Voltaren, Benzetacil ou Tylenol (como na antiga brincadeira das crianças na escola: “– Você, pra burro, só faltam as penas”, “– Tãã... burro não tem pena” “– Então, não falta nada”). T insiste em sua tese e afirma que precisamente não estavam numa farmácia e, portanto, faltou banana. F replica que o almoço estava insuperável e, assim, a banana não faltou, não “fez falta”, e evoca a clássica marchinha de carnaval: “Se você pensa que cachaça é água... Pode me faltar tudo na vida: arroz feijão e pão... tudo isso não faz falta não”.

A discussão, naturalmente, é interminável: T afirmando que só a distorção de F para o lado pessoal poderia levar a ignorar fatos; F, acusando T de um excessivo apego à realidade dita “objetiva”, viés que o impede de ver os “fatos humanos”, para além dos “fatos fáticos”, menores. Um interpretando o faltar, de modo pessoal, como falta para alguém; outro, o faltar como fático “objetivo”, de almojarifado.

Mesmo correndo o risco de uma generalização exagerada, cabe falar, de algum modo, de preferências nacionais ou regionais: se países como Alemanha ou Japão têm uma preferência J pela organização, prazos e planejamento; o Brasil (e não digamos a Bahia...) tende ao S; além disso, se aqueles países instalam-se no T; o Brasil acolhe o F.

A tese de Gilberto Freyre na obra: *O brasileiro entre os outros hispanos*: “O hispano pode vir a ser o mestre de uma sabedoria tida, durante séculos, no Ocidente, por hediondo vício: o vício da soberania do homem sobre o tempo, no gozo da vida e na apreciação dos seus valores, com as suas inevitáveis decorrências de impontualidade e de lentidão” é vista por Julián Marías como a introdução do ponto de vista pessoal (a pessoa) em tudo, até na língua. (*Hispanoamerica*, Madri, Alianza, 1986, p. 350). Marías exemplifica Freyre com a apropriação pessoal do tempo. Para além do tempo “objetivo”, do relógio, o brasileiro inventa o tempo pessoal: “amanheci triste” (não “a manhã” objetiva, do relógio, do tempo impessoal), mas a minha manhã; o meu tempo, a hora de cada um, de Jesus Cristo (que diversas vezes fala de “sua hora”) ou de Augusto Matraga.

O português conseguiu a proeza de conjugar de modo pessoal o neutro infinitivo: não exercemos o impessoal sair; é o nosso sair: “É bom sairmos porque é hora de irmos”. Para não falar em extremos – como nos fez notar o Dr. Sylvio Horta (FFLCHUSP) – como o da expressão: “*minha Nossa Senhora*”.

O brasileiro faz o próprio impessoal virar pessoal: se o francês diz *on* (“*En Espagne on dîne rarement avant 22 heures*”), no falar brasileiro vai prevalecendo o “você”, para que o interlocutor sinta de modo pessoal a situação de que se está falando: “Na Espanha você não janta antes das dez”. A aproximação pessoal dá-se também no vocativo paulista “Ô meu”. E nos usos da palavra “gente”. Na Espanha, “*la gente*” indica a pluralidade genérica; no português do Brasil esse uso (como no hino da Independência “Brava gente brasileira...” ou em Camões: “A grita se alevanta ao céu, da gente”) vai dando lugar a outro, carregado de sentido pessoal, como no vocativo, que evoca incredulidade, especialmente ante a falta da virtude da humanidade: “– Gente! Que crueldade fizeram com essa criança!”, no qual cabe também também o recurso ao transcendente (Deus ou Nossa Senhora) para corroborar o espanto: “Gente do céu!”.

A pluralidade anônima de “*la gente*” é pessoalizada em “minha gente”; ou na ocupação do lugar dos pronomes de primeira pessoa: *eu* (como na queixa do motorista da madame: “Pôxa, a gente se esforça para

agradar a patroa e ela ainda reclama da gente”); *nós outros* (“Por que você não vem jantar com a gente?”) e *nós todos* (“Bem que a gente podia se reunir mais vezes”). A sensibilidade humana, a compreensão estão contidos também nas construções: “ser muito gente com alguém” ou “gente como a gente”.

O pronome oblíquo brasileiro também pode projetar pessoalização: “Não me bata nesse cachorro” (maltratar o cachorro é maltratar a mim).

Em números anteriores desta revista discutimos alguns outros casos da preferência F do brasileiro: o uso do “estar com” em lugar do “ter” (“estar com” suaviza a fria e dura posse do “ter”, indicando gentilmente que o carro, o dinheiro etc. é de todos nós, independentemente de eu ou você “estar com o carro”, “estar com dinheiro”); o excessivo uso do diminutivo, que convoca o afeto, chegando a extremos como a criação do neologismo “euzinha”, que hoje é usado em mais de um milhão de sites na internet brasileira (Google, 5-5-2010)! Etc.

Prato cheio para os F do meu Brasil...

## 40. A metafísica da “liquidação”

(v. 53, p. 38-41, março 2010)

Não somente os preços das mercadorias, mas também o significado das palavras pode sofrer uma “inflação”: ter seu significado indevidamente estendido, com as consequentes distorções semânticas.

Pense-se, por exemplo, no uso comercial de palavras como: “desconto”, “oferta”, “promoção” ou “liquidação”. Esta, em condições normais, significaria: “venda de mercadorias a preços abaixo do normal para renovação dos estoques ou extinção do negócio” (Aurélio) ou “venda de mercadorias, a preços reduzidos, por ocasião da cessação de um comércio ou para dar saída rápida ao estoque, para facilidade dos balanços etc.” (*Houaiss*).

Porém, no uso inflacionado, em muitos casos, “liquidação” estende-se de “venda especial” para simplesmente “venda”. Assim, os anúncios da TV apregoam que tal loja está em liquidação mas, se repararmos bem, tudo somado, as lojas parecem estar em liquidação o tempo todo: há poucos dias tivemos a “liquidação de carnaval” (como se as roupas ou eletrodomésticos, cansados de pular o carnaval e desgastados pelos desfiles, tivessem seus preços rebaixados em um “carnaval de ofertas”); depois teremos a liquidação de Páscoa; a do Dia das Mães; a do Dia dos Namorados etc.

Ou, mesmo sem pretexto de datas, há um estado permanente de liquidação (pelo menos em nível de anúncio e publicidade); o que, por outro lado, acaba levando a palavra a descrédito. Daí que já não baste anunciar uma mera liquidação, mas é necessário qualificá-la, modificá-la, intensificá-la, superlativizá-la, para compensar o desgaste inflacionário semântico.

O intensivo pode se dar de diversos modos; analisaremos, aqui, algumas formas especiais: as que seguem os “transcendentais do ente”, na filosofia clássica de Tomás de Aquino (1225-1274).

## Intensidade

“Ente”, particípio presente do verbo “ser”, é aquilo que é, que “exerce” o ser. Assim como o presidente exerce o ato de presidir; o gerente, o de gerir; o ouvinte, o de ouvir; o ente exerce o ato de ser. Assim, eu sou um ente, aquela árvore, meu cachorro Lulu, esta pedra, também o são.

Os seis transcendentais do ente são, por assim dizer, seis sinônimos de ente. Bem entendido: “sinônimo” não significa identidade absoluta, mas sim que cada um desses “sinônimos” aponta para um determinado aspecto diferente da mesma e única realidade. Como quando falamos em “casa”, “lar”, “domicílio” e “residência”. Em si, a realidade a que se referem essas palavras é a mesma e única; mas ninguém diz “domicílio, doce domicílio”, nem a Prefeitura cobra IPTU sobre o meu lar etc. (ainda que haja casos em que é legítima a substituição de uma dessas palavras, ou indiferente o uso de uma ou outra: afinal, são sinônimas!).

Como dizíamos, apontam-se classicamente seis transcendentais, seis “sinônimos” do ente: *verum*, *bonum*, *pulchrum*, *res*, *aliquid*, *anum*. Respectivamente: “verdadeiro”, “bom”, “belo”, “coisa”, “que” e “um”.

O que se afirma com os transcendentais é que tudo que é, é bom; tudo que é, é verdadeiro; é uno; é um quê (*ali-quid* algo) etc. A identidade (na coisa) entre ente, verdadeiro, bom etc. é uma das afirmações mais fundamentais da filosofia de Tomás de Aquino, por exemplo: o ente, enquanto diz respeito à inteligência, diz-se verdadeiro; à vontade, bom etc. Afirmar a relação do real com uma inteligência e uma vontade é, no caso, primariamente afirmar a dependência do ente para com Deus, cujo ato criador inclui pensar e querer a criatura com seu ser e essência. Aliás, criar deve ser entendido precisamente como um ato da Inteligência (que concebe, projeta) e do Querer divinos que conferem o ser. Assim, verdadeiro (ou bom) é algo próprio do ente, no sentido profundo de que o ente supõe uma relação com a inteligência que o cria e, então, também com a inteligência humana que a ele se abre.

## Recíproco

Não pretendemos aqui explorar as ricas consequências filosóficas e relações teológicas que se encerram na doutrina dos transcendentais, mas somente indicar que, por mais estranho que à primeira vista possa parecer, é-nos, no entanto, altamente familiar esse trânsito e reciprocidade: ser-verdade-bem. Como sempre, voltemo-nos para a linguagem comum. Nela encontraremos, em muitas línguas, intuída e legitimada alguma equivalência entre ser, verdade, bem etc. É este exercício que faremos agora: mostrar como a linguagem autoriza o trânsito, a permutação dos transcendentais.

Quando algo é, mas é realmente (“Forty years: she is not really old”), dizemos que é de verdade, ou que é bom, ou belo, empregados no sentido de plenitude: “Não senhor, isto não é descanso; você precisa descansar de verdade”, ou, o que é o mesmo, “um bom descanso” ou “um belo descanso”. Também em outras línguas: o italiano, por exemplo, diz: “Una buona dose di vino”, “Un bel pò di strada” etc.; o inglês: “It is a good distance” etc., sempre indicando plenitude, ser de verdade. Com o transcendental da beleza, dizemos coloquialmente: “Tal time se afundou bonito”.

E se algo não vale a pena, “não adianta”, o inglês diz “no good”. Fala-se nos “bens” de uma pessoa: “Fulano, com o incêndio, perdeu todos os seus bens”. E “bem” na expressão “se bem que” (ob-wohl, em alemão; ben che, em italiano; bien que, em francês) equivale à ressalva: “é verdade que” ou simplesmente, “é que”. E o mesmo ocorre quando dizemos: “Ah! Eu bem que te avisei. Bem feito!” (Je vous l’avais bien dit!) ou “Você bem que podia me aparecer” (Vinícius de Moraes), ou ainda, “Eu bem que mostrei sorrindo” (Chico Buarque). Jawohl (literalmente: sim-bem) é a forma enfática afirmativa do alemão, que também dispõe do “bem” enfático Wo – zum Teufel – kann er wohl stecken? [Onde diabos pode ele (bem) estar metido?], bem como em outras línguas (Le ultime notizie lasciano ben sperare...).

E “também” significa tão-bem, ou seja, “igualmente é”; em alemão há, por exemplo, ebensogut e, em inglês, “as well”: “He is rich, my father

is rich as well”. O espanhol tem a expressão “mas bien”. Ante um vinho falso, um vinho que não é bem vinho, exclama-se: “Esto es mas bien água”. E nós dizemos: “Nem bem chegou e já tornou a sair”.

E quando algo é (é mesmo, para valer) diz-se em francês “pour de bon” (próximo ao inglês “for good”, definitivo) ou “pour de vrai”; e dizemos que um bife está bem passado, “well done”. Para não falar do “tout bonnement”: “Elle est tout bonnement insupportable!”.

Distinguimos moeda falsa de dinheiro bom; dizemos que o cheque é bom para depois de amanhã (“um assegno buono per dopo domani”; “good for 30 days” etc.); e temos “bônus” desta ou daquela companhia etc. Já a torcida daquele time do interior paulista, indignada ante o desempenho evidentemente displicente de seu goleiro, gritava revoltada: “O golero é farso” (em português há – como no alemão, inglês etc. – o “falso alarme”). Dizemos também “de mentirinha” para indicar que algo não é, ou “não é de nada”.

## Coisas

Para designar um ente ou uma ação qualquer, o italiano vale-se do transcendental “coisa” em lugar do nosso “que”: “Cosa vuoi?”, “Cosa fai?” ou, com a especial sensibilidade que italianos e alemães têm para o transcendental “belo”: “Cosa fai di bello?” Já o alemão, para certos casos em que nós empregamos “bem”, diz schön (belo): “also schön” (pois bem), “schön und gut” (muito bem) etc. Já “coisa”, no nosso falar popular, pode indicar algo que está muito bom: “Hmm! Tá uma coisa” (combinando os transcendentais “um” e “coisa”). E quando algo não é, mas não é mesmo, dizemos “coisíssima nenhuma”.

O transcendental unum é preferentemente restrito ao humano, no sentido universal de “alguém”: uno (espanhol), einer (alemão), one (inglês), principalmente nos compostos someone, no one etc. (ainda que one possa referir-se a qualquer ente: “the next one, please”, pode dizer também o operário que acaba de montar uma peça e pede a próxima). “Um”, embora menos frequente que em outras línguas, pode também

designar “alguém”: “Ele é um que sabe o que quer”. E o povo diz: “O Souza? É aquele um que tem um carro preto”.

Foquemos agora um caso especial no qual é particularmente visível a equivalência dos transcendentais: seu uso intensivo, significando: “muito”. Podemos usar “bom”, “belo”, “verdadeiro”, “coisa”, “que” e “um” nesse sentido, para indicar que algo é com intensidade.

Isto já se nota na própria palavra inglesa *very*, que obviamente procede do latim (*verus, vere*). Também o nosso “deveras” pode ser usado no sentido de “muito”. Na Bahia, pede-se café com bem açúcar.

“Muito obrigado”, em francês, é não só “*merci beaucoup*”, mas também “*merci bien*” (em alemão “*danke schön*” – obrigado belo). Note-se ainda que “*how much*” é literalmente em francês “*com’-bien*”.

## Liquidação

“Uma beleza de traíçoeiro”, diz Riobaldo Tatarana para indicar o superlativo; “está bem mal”; “deveras interessante” e o já apontado “está uma coisa” são outros tantos usos intensivos dos transcendentais.

Um e que também podem passar por muito. “Que saudades que eu tenho...”, “Que lindo!” e também no uso da gíria: “O que tinha de gente lá...”, “O que o juiz roubou pros hóme...”. “Está um calor, hein?” “Está uma chuva, um frio (What a cold!)”. Bom disso, bom daquilo (bom de bola, bom de bico) também indicam intensidade.

A publicidade com palavras desgastadas como “liquidação” ou “desconto” vai procurar reforço em formas intensivas e nos transcendentais: liquidação de verdade, verdadeira oferta, um belo desconto, um bom desconto, liquidação para valer, que descontão!, isso é que é liquidação, “a” liquidação (durante anos o slogan das lojas Mappin, apontando para o unum, a única verdadeira; como o “Das Auto”, dos atuais anúncios da Volkswagen, que apontam também para o verum metafísico: carro mesmo).

A linguagem tem cada uma...



2009

---



## 41. O português no inglês

(v. 47, p. 20-23, set. 2009)

Em julho de 2009 foi publicada a versão 4.0 em CD-ROM do Oxford English Dictionary, com o significado, história e pronúncia de mais de meio milhão de palavras. O OED rastreia o uso dos verbetes nas diversas fontes internacionais do inglês: são mais de dois milhões e meio de citações, que vão da literatura clássica a roteiros de filme; de especialistas a livros de cozinha. A versão 3.0 tinha sido lançada em 2002.

Um exercício interessante para o estudioso da linguagem (e para o sociólogo) é o de verificar os verbetes importados ou procedentes do português, que foram incorporados ao OED – como *addition* ou como inclusão provisória, *draft entry* – nestes últimos sete anos.

Geralmente, a importação de uma palavra dá-se quando a língua local recebe uma realidade nova, vinda de uma outra cultura (ou fortemente marcada por ela); novidade para a qual os falantes locais não estavam preparados linguisticamente.

Se hoje o futebol é paixão nacional para os brasileiros, os mais velhos ainda somos do tempo em que muito do seu léxico era importado ou diretamente adaptado da língua dos fundadores: desde o próprio nome *foot-ball*, até como se dizia antigamente, *corner* (escanteio), *goal-keeper* (goleiro), beque (imitando *back*)... e, ainda hoje, mal reparamos que pênalti é, afinal, *penalty* e gol é *goal*.

O mesmo se dá com os usos (e abusos) da linguagem da informática “*clicar* o botão direito do *mouse*” (em Portugal, mais purista, “carregar com o botão direito do rato”), “fazer *download*” etc.

Naturalmente, há outros fatores, do pedantismo ao eufemismo, mais ou menos legítimos, para além da existência de adequado equivalente nacional: a padaria, bem periferia, em Santana do Parnaíba é “Parnaíba’s Center”; e todo mundo prefere dizer “*soutien*” do que “ampara seios”; no restaurante perguntamos pela “*toilette*” em vez de mitório... E, assim,

na culinária, nas artes, na moda, na tecnologia etc. vamos importando palavras, buscando o diferencial de expressividade que têm na língua original. *Talyb* é, no dicionário, aquele que estuda e seu plural é *Talyban*; mas talibã envolve algo mais do que estudo de livros...

Para efeitos de estrangeirismos, a influência do inglês é dominante no âmbito da tecnologia; e muito do francês, no do *charme* (não por acaso, uma palavra francesa); quais as palavras brasileiras que foram introduzidas nesta nova edição do OED?

Muito poucas. As que começam a invadir a realidade dos países falantes do inglês ou porque são notícia ou objeto de estudo por lá. Como *additions*, entraram verbetes como “várzea”, terreno plano sujeito a inundações periódicas – In Brazil, (an area of) low-lying, flat land which is subject to periodical flooding – e a tribo “urubu”; mas, mais significativas são: *feijoada* e *feijão*; *garimpeiro*, *lambada*, *umbanda* e *umbandista*; e a tribo *yanomamo* (a do massacre...).

Na parte de citações do OED, encontramos por exemplo, que meio milhão de umbandistas foram a uma celebração na praia, ou que embora eu esteja calmo, meus nervos estão como numa lambada:

1977 Times 24 Nov. Half a million umbandistas were on the beach that day.

1993 Colorado an Fort Collins 28 Mar. I'm trying to act and sound calm but my nerves are doing the lambada.

Há uma dúzia de principais entradas experimentais (*draft entry*): ebene (pó psicoativo empregado em rituais yanomami), açaí, capoeira e capoeirista, cavaquinho, farofa, telenovela, caipirinha e caipiroska, cachaça, candomblé, churrasco e churrascaria.

Na verdade, a capoeira, as churrascarias, telenovelas e caipirinhas, parecem ser realidades não provisórias e que foram para ficar, conquistas culturais que tendem a se expandir e arraigar no exterior.

No campo das não-novidades, o OED, desde edições anteriores, traz interessante casos de palavras do português que se arraigaram internacionalmente. Alguns exemplos:

Fetiche (*fetish*) (a. F. fétiche, ad. Pg. feitiço n. charm, sorcery (from which the earliest Eng. forms are directly adopted). (Originário dos objetos usados pelos negros da costa da Guiné para fins de encantamento).

Massagem (*massage*) (It is perh. a. Pg. amassar to knead, f. massa dough (= mass n.2).)

Tanque (de guerra), para não revelar o segredo militar, ao fazer os primeiros tanques (de guerra), os construtores diziam ser tanques (de água) (Tank n. 7 [Special use of tank n.1 adopted in Dec. 1915 for purposes of secrecy during manufacture.] Tank n. 1...others think that they are all derived from Pg. tanque pond = Sp. estanque, F. étang:—L. stagnum pond, pool, with which at least the Indian words were identified by the Portuguese)

Comando (*commando*) grupo militar autônomo para missões rápidas: a palavra aplicaou-se às expedições portuguesas na África do Sul [a. Pg. commando ‘command, party commanded’, f. stem of commandar to command.] 1.a. A party commanded or called out for military purposes; an expedition or raid: a word applied in South Africa to quasi-military expeditions of the Portuguese or the Dutch Boers (esp. the latter) against the natives.

Jaguar palavra tupi-guarani para diversos carnívoros, do cão à onça [a. Tupi-Guarani yaguara, jaguara. According to writers on Tupi-Guarani, jaguara or jagua is orig. a class-name for all carnivorous beasts, including the tiger (i.e. jaguar), the puma, etc.

## 42. O laboratório de cada povo

(v. 42, p. 54-58, abr. 2009)

Uma das grandes contribuições do pensador alemão Josef Pieper (1904-1997) para o método da Antropologia Filosófica foi a de evidenciar que nosso acesso ao ser do homem é fundamentalmente indireto: os grandes *insights* que temos sobre o mundo e o homem não permanecem na consciência reflexiva, logo se desvanecem, se transformam, acabam por se esconder em três grandes sítios: instituições, formas de agir e linguagem (um estudo tematicamente dedicado à metodologia em Pieper está em (LAUAND, 2007, 119-142).

Esses grandes *insights* estão portanto ativos, mas ocultos: em grandes instituições (como, por exemplo, a universidade, que tanto nos revela sobre o espírito humano), em formas de agir (como é o caso do filosofar ou do ato poético), e na linguagem, a linguagem comum: essa que falamos e ouvimos todos os dias.

Logo, se quisermos recuperar filosoficamente aqueles *insights* sobre o homem, devemos procurar atingi-los em seu novo estado: como princípios ativos ocultos das instituições, das atividades humanas e das formas de dizer, em nossa língua ou em outras.

Nesse quadro, a linguagem passa a ser todo um laboratório para o pesquisador em antropologia: é por trás de fatos da linguagem que se escondem preciosas informações filosóficas – e também sociológicas, históricas etc.

Nestas páginas indicaremos – por vezes a modo de brevíssima alusão a ser retomada de forma mais alentada em textos desta coletânea – alguns desses casos “reveladores” da linguagem, em diversas línguas. Feitas as devidas imensas ressalvas, falaremos aqui de grandes tipificações como “o brasileiro”, “o inglês” etc. Como não pretendemos mais do que sugerir indicações de presença e de conexão, trata-se de procedimento aceitável, desde que tenhamos sempre presente as limitações que reconhecemos.

Fiquem estes poucos exemplos como sugestão de explorar outros fatos gramaticais ou de linguagem em sala de aula: numa época que diz valorizar a interdisciplinariedade e a transversalidade não estaria demais ensinar gramática e língua procurando descobrir concretamente aquilo que de fato são: reveladoras do homem e de seus condicionantes.

## O gênio (e o jeito) das línguas

A linguagem recebe (e dá...) características do povo que a pratica; o falar brasileiro – o de Sinhá Zefa e o nosso – dá-se acompanhado – no léxico, na prosódia, etc. – pelo africano e pelo índio, porque também o brasileiro recebeu essas influências. Para evidenciar isto, baste evocar a figura e a obra do saudoso Dorival Caymmi – ele mesmo um expoente do diferencial brasileiro – e os personagens de suas brasileiríssimas canções, como *História pro Sinhôzinho*:

*Na hora em que o sol se esconde  
E o sono chega  
O sinhozinho vai procurar  
Hum, hum, hum  
A velha de colo quente  
Que canta quadras e conta histórias  
Para ninar  
Hum, hum, hum*

*Sinhá Zefa que conta história  
Sinhá Zefa sabe agradar  
Sinhá Zefa que quando nina  
Acaba por cochilar  
Sinhá Zefa vai murmurando  
Histórias para ninar*

*Peixe é esse meu filho, peixe é esse meu filho  
Não meu pai*

*Peixe é esse mutum, manganem*  
*É toca do mato guenem, guenem*  
*Suê filho ê*  
*Toca aê marimbaê*

Em maior ou menor grau, todos aprendemos com Sinhás Zefas, que falavam brasileiro, com palavras tupi e bantu (como *cochilar* ou *marimba*) e ensinavam os fundamentos do jeito nosso de ver o mundo... Fomos educados para atenuar tudo com diminutivos; assim, alguns dos enormes espetos do rodízio de carnes são diminutivos de carteirinha, como “maminha” e “fraldinha”; e muitos outros viram diminutivo ao serem oferecidos, “coraçõzinho” e “franguinho”, acompanhados talvez de uma “caipirinha”, que sempre dá uma animadinha para manter aquele papinho etc.

Por influência africana, o diminutivo para nós serve até de aumentativo: quando o pão de queijo acaba de sair do forno e está em sua máxima temperatura, dizemos: “aproveita, que está quentinho”. Por influência africana, atenuamos o rígido “ter”, que, entre nós virou (*virar*, outro brasileirismo) o mais democrático e fraternal “estar com”.

Mais importante do que o tempo objetivo e comum é o tempo de cada um e nossa língua dispõe de um tempo personalizado (“amanheci meio jururu”). Ainda no âmbito do destaque da pessoa, enfatizamos a personalização com o artigo (“fala com a Fabiana ou com o Fernando”) e dispomos de tantos outros recursos e modos que decorrem do “jeito de ser” brasileiro; que, por sua vez, também se configura quando – na escola e com Sinhá Zefa – aprendemos a língua...

## Senso de propriedade

Nos exemplos do quadro com Dorival Caymmi, destacamos a personalização. A língua espanhola também tem seus sutis requintes para esse caso, assim descritos em memorável conferência de Julián Marías, de 2000:

“Eu fico impressionado com certas finuras da língua espanhola, que distingue entre coisa e pessoa de modo muito claro. Por exemplo, o acusativo de pessoa requer em espanhol a preposição a. Nas línguas que eu conheço isto não ocorre, o acusativo de pessoa se constrói com o verbo e o complemento direto e pronto. Em francês, em inglês, em alemão, em italiano etc., não ocorre essa distinção. Já o espanhol nunca dirá: “*He visto Juan*” ou “*Quiero Isabel*”. Dirá “*He visto a Juan*”, “*Quiero a Isabel*”. E mais ainda: há um refinamento muito curioso no que se refere aos animais. Um caçador que volta da caça aos coelhos diz: “*He matado seis conejos*”. Se dissesse “*he matado a seis conejos*” é que se sentiria vagamente culpado. Mas se a espingarda dispara por acidente e atinge o cachorro, ele dirá: “*He matado a mi perro*”. E não: “*He matado mi perro*”. Porque meu cachorro não é simplesmente uma coisa, eu não o trato como coisa; meu cachorro está personalizado, não é uma pessoa, mas tem sua vida de certo modo contagiada pela minha. Como podem ver, a língua tem seus refinamentos...”

Mesmo o preconceito acha seus caminhos refinados, como mostra o mesmo Marías em 2001, desta vez falando da língua alemã:

“Dá-se um fato curioso no alemão: a antiga palavra para mulher, *Weib – Frau* não, *Frau* é uma palavra feminina – é neutra: *das Weib*, mulher neutro. Do mesmo modo que se usa o neutro para o diminutivo – por exemplo, moça, *Mädchen* é *das Mädchen* – ou ainda em *das Pferd*, cavalo. E é que são coisas que se tem em propriedade: afinal, a mulher, *das Weib*, *das Mädchen*, *das Fräulein*, *das Kind*, a criança também é indistinta em gênero... São neutros. Por que neutros? Porque são considerados propriedades, isto é, a vivência primária com relação à mulher, à moça, à criança é a de propriedade. É, diríamos, um arcaísmo social que está na língua”.

Sempre me pareceu uma grave injustiça para com os alunos que os professores de línguas não destacassem e discutissem refinamentos como

esses, carregados de sentido antropológico; e apresentassem a gramática como meras regras (ou exceções), o que é estéril até do mero ponto de vista do ensino da gramática, transformada numa memorização frustrante e insossa...

## O elefante da discórdia

Seria bem mais fácil a própria apreensão da gramática se os professores se lembrassem de, quando for o caso, discutir a filosofia ou sociologia subjacentes.

Pensemos, por exemplo, no imenso e variado uso que a língua inglesa faz do gerúndio, das formas *-ing*. Parece-me que este fato gramatical guarda alguma relação com a tradição de pensamento inglês, tão frequentemente afeito ao empirismo, ao nominalismo, ao pragmatismo, ao fato que se manifesta à percepção.

Como na antiga piada do concurso internacional de monografias sobre o elefante. Concorrem um alemão, um italiano, um francês e um inglês (claro que a piada admite diversas versões, com diferentes nacionalidades e desfechos: a única constante é o francês!).

Na data da entrega, o alemão comparece com um grosso volume intitulado: “Prolegômenos aos pressupostos teóricos da essência da tromba. Volume I”.

O francês apresenta um elegante ensaio: “*L’elephant et l’amour*”.

O italiano: “*L’elefante e la sua buona memoria: Perché lui non dimentica mai che há dovuto tutto a sua madre*”.

Já o inglês traz simplesmente: “*The Elephant*” (ou “*Elephants I have shot*” ou “*Elephants in British Empire*”...). De acordo com a maldade do narrador, pode-se acrescentar, o argentino, com o estudo: “*La Argentina y los argentinos*”; o americano: “*The Elephant and the global war on terror*” ou em versões pré 11-09: “*How to breed more elephants in less time*”; etc.

Com todas as reservas para uma afirmação tão geral, o inglês parece tender ao fato concreto e a recusar abstrações desnecessárias e isso de

algum modo se traduz na gramática. Tomemos, por exemplo, os chamados *verbs of perception*, como *to see, to hear, to overhear, to feel...* Esses verbos não podem ser seguidos de infinitivo “com *to*”, mas pela forma em *-ing*, que é o que, afinal de contas, se percebe: *Didn't you hear the phone ringing?* Caberia também a forma nua: *Didn't you hear the phone ring?*, mas se se quer enfatizar a ação em processo, então se impõe o *-ing*: “*Didn't you hear the phone ringing while I was in the bathroom?*”. Mas, em nenhum caso, o infinitivo com *to*, não se pode dizer: “*Didn't you hear the phone to ring?*” Curiosamente, em Portugal é ao contrário: a preferência pelo infinitivo em detrimento do gerúndio. O infinitivo puxa para o âmbito do abstrato; afinal eu não vejo “o correr”; não ouço “o tocar”; vejo, isso sim, o ladrão correndo da polícia; ouço meu vizinho tocando bateria...

E há verbos, como *to smell, to catch, to spot, to find* que, ainda na fórmula *verb + (pro)noun*, só admitem a forma *-ing* (não aceitam sequer a forma nua); referem-se unicamente a processo, a gerúndio, a fato ocorrendo: eu só posso sentir o cheiro de algo queimando (assando ou fritando etc.); só posso apontar (*spot*) para algo que está ocorrendo; etc.

Sem essas reflexões (que tanto ajudam à compreensão e memorização), a gramática torna-se uma opressora tabela de regras e exceções arbitrárias.

## A esperança de um povo

Como aquela exceção – aparentemente ininteligível – da língua francesa: o verbo *espérer*. Ensinam as gramáticas que se emprega o subjuntivo quando a oração subordinada é introduzida por verbos ou expressões que expressam um desejo ou uma vontade (*je veux que...; je souhaite que...; etc.*); a exceção é o verbo *espérer*, que requer indicativo!?

Por trás dessa exceção (e de outros interessantes fenômenos da linguagem da esperança em francês) há razões filosófico-teológicas, que remetem à história cultural. Em geral, o aluno é privado dessas explicações e dificilmente vai lembrar qual é o verbo que era exceção...

No caso, a exceção remete à distinção clássica entre *simpliciter* e *secundum quid*. Os antigos distinguiam entre felicidades, realizações e esperanças (em plural, *secundum quid*) e felicidade, realização e esperança (em singular, *simpliciter*). As *secundum quid* referem-se aos mil aspectos do “dar-se bem” (a saúde, as finanças, a aceitação social, a integridade física e a dos próprios bens etc.); já *simpliciter* refere-se ao “dar-se bem” último, radical e definitivo, realizar-se enquanto homem: *to be or not to be* é que é a questão! É, portanto, único e singular.

Nesse sentido, Josef Pieper fez notar uma outra sutileza da língua francesa: a existência de duas palavras para esperança: *espoir* e *espérance*, aparentemente sinônimas (os dicionários costumam apontar que a primeira é mais coloquial e a segunda mais “literária”), mas, na verdade o que geralmente as distingue é o fato de que *espoir* se aplica aos aspectos *secundum quid*, plurais (as mil esperanças: de cura, de êxito financeiro, da classificação do meu time etc.), enquanto *espérance* – esta é singular! – é a esperança definitiva, a do *to be or not to be*, ou, na tradição cristã, a virtude da esperança, que, por ser teologal, dá a *certeza* da salvação. Ora se “esperar”, nessa tradição clássica, refere-se à certeza, não cabe o subjuntivo, mas somente o indicativo: quem espera, sempre alcança...

## Linguagem e “confusão”

Nessa metodologia filosófica que se volta para a linguagem, as distinções são importantes. Há pouco víamos a riqueza da distinção que o francês estabelece entre *espoir* e *espérance*, um requinte de que as outras línguas não dispõem. Mas, ao contrário do que à primeira vista poderia parecer, não só a distinção é rica e importante. Algumas das mais brilhantes contribuições de Pieper para o pensamento filosófico estão em indicar a “confusão” na linguagem, que nos leva à “confusão” no pensamento e que, afinal, correspondem ao fato de que a própria realidade é também, em muitos casos “confundente” (obviamente, sem nenhum sentido pejorativo, mas somente no de pensar conjuntamente).

Um exemplo: quem quer que se pergunte, filosoficamente, “O que, em si e afinal, é o amor?” deve atentar não só para as infinitas distinções de que as línguas grega, latina e neo-latinas apresentam, mas, sobretudo, para as riquíssimas possibilidades confundentes da língua alemã que não dispõe, no caso, senão de um único e confundente substantivo: *Liebe*.

“Assim, usamos *Liebe* para expressar a preferência por uma determinada qualidade de vinho, como também para designar o solícito amor por uma pessoa que está passando por dificuldades; ou ainda para a atração mútua entre homem e mulher; ou a dedicação do coração a Deus. Para tudo isto, dispomos de um único substantivo: *Liebe*. (...) Esta manifesta, ou simplesmente aparente, pobreza do vocabulário alemão oferece-nos uma oportunidade especial: a de enfrentar o desafio, imposto pela própria linguagem, de não perder de vista aquilo que há de comum, de confundente entre todas as formas de amor (PIEPER, 1981, 24).”

A partir desse fato confundente, pôde Pieper – ao longo de todo seu tratado sobre o tema, chegar à caracterização fundamental do amor, comum a todas as formas expressas por diversos vocábulos em outras línguas. Trata-se do nível mais básico: o amor como aprovação de algo/alguém, ou na genial formulação de Pieper:

Amar é dizer: “Que bom que você exista! Que maravilha que estejas no mundo!”

## Referências bibliográficas

- LAUAND, Jean (2007) *Filosofia, Linguagem, Arte e Educação*. São Paulo: ESDC, 2007.
- MARÍAS, Julián (2000) *La Persona. Conferencia* <http://www.hottopos.com/mp2/mariaspers.htm>.
- \_\_\_\_ (2001) *Enamoramiento: la persona que se convierte en proyecto. Conferencia* <http://www.hottopos.com/mirand12/jms5enam.htm>
- PIEPER, J. 1981 *Glauben, Hoffen, Lieben*. Freiburg: IBK.



## 43. Religiosidade na língua

(Especial Religião e Linguagem, p. 12-14, 2009, revisto e reduzido)

### Dias da Semana

Muito de nossa cultura que se consubstanciou em linguagem é de origem religiosa. É nesse sentido que até um José Saramago pode afirmar em *Cadernos de Lanzarote III* (1996): “Há uma evidência que não deve ser esquecida: no que respeita à mentalidade, sou um cristão”. Há uma influência da religião católica na linguagem cotidiana, que vai dos nossos dias da semana a expressões consagradas.

João Paulo II (*Dies Domini*, Nota 22) destaca – entre outros encantadores fatos da língua portuguesa – o de que os nomes dos dias da semana em nossa língua são: segunda-feira, terça-feira etc.

De acordo com o espírito pastoral do papa Gregório Magno (morto em 604), o cristianismo podia fazer concessões em aspectos acidentais para a conversão dos povos bárbaros, e assim a Páscoa cristã em inglês e alemão leva o nome de uma divindade pagã: Easter/ Oster. Do mesmo modo, os nomes dos dias da semana em outras línguas europeias remetem a divindades pagãs / planetárias, latinas ou bárbaras: do dia de Thor (Donnerstag, Thursday, Thor’s day) aos *viernes, lundi, saturday* etc.

*Feria* em latim é a palavra para festa. Ora, como genialmente faz notar Josef Pascher: para a liturgia todo dia é dia de festa e é por isto que a liturgia chama o dia comum (/que não é comum: é sempre de festa) de *feria*... Festa porque o culto cristão -o sacrifício de Cristo, a Santa Missa- se realiza em meio à criação: toda a criação é -por Cristo, com Cristo e em Cristo- oferecida ao Pai. Assim, a liturgia fala em *feria*, em festa, porque em vez das superstições dos astros, celebra a Cristo. Comentando o Salmo 93 (*En. in Ps. 93, 3*), S. Agostinho diz: “O primeiro dia depois do sábado é o domingo, dia do Senhor; o segundo é a *secunda feria*, à que os profanos chamam *diem Lunae*; a *tertia feria*, *diem illi Martis*; a

*quarta feria* é o que os pagãos chamam de dia de Mercúrio e o pior é que muitos cristãos também... Não admitamos isto! Oxalá se corrijam e abandonem este modo de falar e usem a linguagem que é nossa (...) pois Cristo aboliu as superstições”.

Nessa mesma linha, S. Tomás diz (*Super Ev. Io.* cp 20 lc 1) que o domingo é a “primeira feira”, *prima feria*, e isso por causa da Páscoa: assim como o Gênesis começa com o dia, assim também a Páscoa em que principia o mistério da nova criatura e se renova a face da terra é o Dia, a *Feria*. A Páscoa é o dia da Ressurreição no qual *inchoabitur dies aeternitatis*, “começa o dia da eternidade, no qual já não se alternam dia e noite, pois o Sol que faz esse dia, já não morre”

## Perdoar

Um outro exemplo. No pensamento filosófico-teológico de S. Tomás de Aquino (séc. XIII), tão importante para o Ocidente, encontraremos muitas relações com nossa linguagem. É o que acontece, por exemplo, com o conceito de perdão.

“*Perdonare*” é uma forma tardia que não se encontra em Tomás. A palavra correspondente e usual, por ele empregada, é *parcere*. No entanto, encontramos em S. Tomás as razões filosóficas que justificam a grandiosa etimologia das formas modernas: “perdoar”, “perdão”, “perdonar”, “pardon”, “pardonner” etc.

O prefixo *per* acumula os sentidos de “por” (“através de”) e de plenitude, grau máximo: como em *perlavar* (lavar completamente) *perfulgente* (brilhantíssimo), *per-feito*, *per-manganato* etc. E, assim, o perdão aparece como o superlativo da doação. O mesmo se dá com as formas inglesa e alemã: *for-give*, *vor-geben*.

Como o Aquinate pensa o tema do perdão e como o relaciona com o máximo da doação? Há aí influências bíblicas e litúrgicas. Na liturgia, Tomás impressiona-se com a oração, por ele freqüentemente citada, da missa do X domingo depois de Pentecostes (e, ainda hoje, preservada no XXVI domingo do tempo comum), que diz: “Deus qui omnipotentiam

tuam parcendo maxime manifestas” (“Deus, que manifestais vossa onipotência, principalmente perdoando...”). E afirma que o perdão de Deus é poder superior ao de criar os céus e a terra (II-II, 113, 9, sc).

Por outro lado, ele lê na tradução latina da epístola aos efésios: “sede benignos e ‘doai-vos’ uns aos outros, tal como Deus, em Cristo, vos ‘doou’” (Ef 4,32). E em II Cor 2:10 “A quem vós ‘doeis’ eu também ‘dôo’ e o que eu ‘doei’ etc.”. Tomás não tem dúvidas: o doar, por excelência, não é doar dinheiro ou tempo ou qualquer outra coisa, mas sim perdoar e ele o diz expressamente: “Doar aqui é usado no sentido de perdoar” *Super II ad Cor.* cp 12, lc 4”

E conclui, com sua habitual sobriedade, com sugestivos *id est*: “*Donate, id est parcite*” (*Super II ad Cor.* cp 12, lc 4) e “*Donantes, id est parcentes*” (*Super ad coloss.* cp 3 lc 3) .



2008

---



## 44. A linguagem mística do cotidiano

(v. 38, p. 52-56 dezembro 2008, revisto)

### Deus no forno - a arte como mística do cotidiano

Em recente conferência - no programa “Sempre um Papo”, TV Câmara, 06-08-08 (<http://www.sempreumpapo.com.br/audiovideo/index.php>) - Adélia Prado reafirmou a visão de mundo que informa sua poesia: a mística do cotidiano.

E é a força da arte que faz com que abramos nossos olhos para a maravilha da Criação, a maravilha da experiência humana que nos aguarda. E por causa dessa qualidade eterna, dessa imponderabilidade, eu vejo que, para a humanização, a arte está no mesmo caminho da mística ou da fé religiosa: ambas experiências são independentes da razão: são experiências; a beleza é uma experiência e não discurso. Como quando um dia, num caminho habitual, você se espanta com algo – uma casa, uma obra, uma coisa - que já tinha visto muitas vezes – “Que beleza! Eu nunca tinha enxergado isso desse jeito!” –, aí você pode dar graças: você está tendo uma experiência poética, que é ao mesmo tempo, religiosa: no sentido que liga você a um centro de significação e de sentido.

Minha insistência no cotidiano é porque a gente só tem ele: é muito difícil a pessoa se dar conta de que todos nós só temos o cotidiano, que é absolutamente ordinário (ele não é extra-ordinário) (...) E eu tenho absoluta convicção de que é atrás, através do cotidiano que se revelam a metafísica e a beleza; já está na Criação, na nossa vida. O nosso heróico, o nosso heroísmo é deste cotidiano... nossa vida é linda: o cotidiano é o grande tesouro, como diz um filósofo: admirar-se do que é natural é que é o bacana; admirar-se desta água aqui, quem é que se admira da água, a que estamos tão habituados? Mas a alma criadora sensível, um belo dia se admira desse ser extraor-

dinário, essa água que está tremeluzindo aqui na minha frente e, na verdade, eu não entendo a água, eu não entendo o abacaxi, eu não entendo o feijão. Alguém aqui entende o feijão? Admirar-se de um bezerro de duas cabeças, qualquer débil mental se admira, mas admirar-se do que é natural, só quem está cheio do Espírito Santo. Eu quero essa vidinha, essa é que é a boa, com toda a chaturinha dela e suas coisas difíceis... O cotidiano tem para mim esse aspecto de tesouro: “Há mulheres que dizem: / Meu marido, se quiser pescar, pesque, / mas que limpe os peixes (...)”.

Enganar-se-ia quem pensasse que se trata de uma visão necessariamente confessional; há 2500 anos já o grande Heráclito de Éfeso afirmava vigorosamente essa presença de Deus no trivial. Trata-se de um famoso episódio, assim narrado por Aristóteles:

Diz-se que Heráclito assim teria respondido aos estranhos vindos na intenção de observá-lo. Ao chegarem, viram-no aquecendo-se junto ao forno. Ali permaneceram, de pé (impressionados sobretudo porque) ele os encorajou (eles ainda hesitantes) a entrar, pronunciando as seguintes palavras: “Mesmo aqui os deuses também estão presentes” (*De part. anim.*, A5 645 a 17 e ss.)

Em vez do “sábio” por eles imaginado – imerso nas profundezas do pensamento, investigando os segredos da divindade – esses visitantes decepcionados encontram Heráclito prosaicamente aquecendo-se junto ao fogão. E o filósofo tem que instruir esses curiosos desavisados:

Mesmo aqui, junto ao forno, mesmo neste lugar cotidiano e comum onde cada coisa e situação, cada ato e pensamento se oferecem de maneira confiante, familiar e ordinária; “mesmo aqui”, nesta dimensão do ordinário, os deuses também estão presentes. A essência dos deuses, tal como apareceu para os gregos, é precisamente esse aparecimento, entendido como um olhar a tal ponto compenetrado no ordinário que, atravessando-o e perpassando-o, é o próprio extraordinário o que se expõe na dimensão do ordinário (HEIDEGGER, M. *Heráclito*, Rio de Janeiro, Relume Dumará, pp. 23-24.).

Se a arte, tal como a filosofia, tem a missão de recordar os “essenciais esquecidos”, esse episódio, mesmo em sua interpretação superficial, já teria o imenso mérito de lembrar a presença de Deus no trivial. O alcance do posicionamento de Heráclito é, porém, ainda mais profundo e a análise de Heidegger chega a uma conclusão muito mais forte, e como ele mesmo diz: “curiosa”. É o que, em português, podemos expressar, lendo o “*mesmo aqui*” de Heráclito, como “*aqui mesmo*”! E é que, no fundo, Heráclito não diz “Mesmo aqui estão os deuses”, mas sim: “É *aqui mesmo* que os deuses estão”. Aqui mesmo: junto ao forno, no trivial do cotidiano, ou nas palavras de Heidegger: “Quando o pensador diz ‘Mesmo aqui’, junto ao forno, vigora o extraordinário, quer dizer na verdade: *só aqui* há vigência dos deuses. Onde realmente? No inaparente do cotidiano” (op. cit., p. 24).

O pensamento cristão irá incorporar essa idéia e quando Tomás de Aquino (uma das referências de Adélia) elabora sua síntese, incorporando, no centro mesmo de seu pensamento, a doutrina neo-platônica da participação, lança as base teóricas que fundamentam a mística do cotidiano. Naturalmente, a *participatio* é um difícil conceito filosófico-teológico, mas aqui bastem-nos alguns traços ligeiros, para estabelecer o relacionamento com a poética adeliana. Para Tomás, participar é ter, em oposição a ser: receber daquele que é: Deus é o ser; a criatura **tem** o ser, recebe – a partir do nada – o ser. Do mesmo modo que o metal “tem” calor, recebe o calor que “é” no fogo, assim, a criação é o ato em que nos é dado o ser em participação. E por isso que tudo o que é, é bom: participa do Ser (e do Bem). E assim viemos dar com uma importante afirmação de Tomás, que é a base da estética:

Assim como o bem criado é certa semelhança e participação do Bem Incriado, assim também a consecução de qualquer bem criado é também certa semelhança e participação da felicidade definitiva (*De Malo* 5, 1, ad 5).

Assim, a arte faz-nos ver (ou entrever...) essa realidade transcendente no inaparente do cotidiano e, sem ela, recairíamos na cotidiana desolação..., ou para irmos direto ao emblemático verso de Adélia Prado:

De vez em quando Deus me tira a poesia.

Olho pedra e vejo pedra mesmo (*Poesia Reunida*, p. 199)

Nesse verso genial, que expressa toda sua postura poética, encontram-se, de modo maximamente resumido, os elementos essenciais da obra de Adélia: Deus-inspiração-cotidiano-arte. Guiados pela poesia, também nós, os não artistas, podemos ver esse *plus*, para além da mera pedra. A própria Adélia insiste nesse cotidiano como objeto de transcendência. Em uma entrevista que lhe fiz em 1993, a poeta declarava:

Onde é que estão os grandes temas? Para mim, aí é que está o grande equívoco. O grande tema é o real, o real; o real é o grande tema. E onde é que nós temos o real? É na cena cotidiana. Todo mundo só tem o cotidiano e não tem outra coisa. Eu tenho esta vidinha de todo dia com suas necessidades mais primárias e irreprimíveis. É nisso que a metafísica pisca para mim. E a coisa da transcendência, quer dizer: a transcendência mora, pousa nas coisas... está pousada ou está encarnada nas coisas (<http://www.hottopos.com.br/videtur9/renlaoan.htm> , No. 3).

Que fazem as artes, senão guiar nosso olhar para esse “*plus*”: a pedra não é uma prosaica pedra, ou melhor, sendo pedra – e precisamente por ser – é muito mais que pedra... É, como diz Adélia em outro verso, a “magnífica insuficiência” a convocar a arte. O despertar para o encanto da realidade, para o *plus* da pedra, é classicamente afirmada como a vocação da poesia e também neste ponto – afirmam filósofos tão clássicos como Aristóteles e Tomás de Aquino – o poeta assemelha-se ao filósofo, pois “*uterque circa mirandum versatur*”: ambos se voltam para o *mirandum*, para aquilo que suscita a admiração.

Esta afirmação da admiração como princípio do filosofar/poetar é, ao mesmo tempo, uma afirmação de compromisso com a realidade mais simples e cotidiana. O aburguesamento do espírito ocorre quando o homem já não é capaz de se admirar ou precisa do sensacionalismo, do estapafúrdio para provocar em si mesmo um *Ersatz* da admiração, da verdadeira admiração, no dizer de Pieper:

Perceber no comum e no diário aquilo que é incomum e não-diário, o *mirandum*, eis o princípio do filosofar (...) tanto o filósofo como o poeta se ocupam desse maravilhoso<sup>1</sup>.

É uma questão de sensibilidade: na verdade, o filósofo e o poeta não habitam um mundo diferente, mas sabem ver – com olhos de admiração – o sentido e a beleza que se encerram na mesma realidade de cada dia. Para nós, pelo contrário, a realidade deixou de ser objeto de contemplativa admiração e passou a ser considerada meramente como opaca matéria-prima.... Pois, a discreta simplicidade dos valores da poesia escapa à sufocante mentalidade consumista e massificada, amarga e reivindicatória, do homem que se pretende auto-suficiente num mundo tecnologicamente domesticado, que, quando muito, só se deixa atingir por “efeitos especiais”: não por acaso “sofisticado” deriva de “sofista”.

## Criação, Encarnação e a mística do trivial – Adélia Prado

A poesia de Adélia instala-se numa visão do mundo informada pela doutrina da participação: a resposta de Tomás de Aquino ao enorme desafio lançado pela revelação cristã: que não admite um Deus confundido panteisticamente com o mundo, nem um Deus absolutamente alheio a ele. As coisas se complicam quando, além do mais, afirma-se que “o Logos se fez carne e habitou entre nós”. Se já pela Criação, temos uma interface pela qual as coisas do mundo manifestam a presença de Deus, pela Encarnação, Cristo encabeça toda a realidade criada e a incorpora a seu plano redentor.

Certamente, o fato de a arte remeter a Deus é mais facilmente aceitável quando estamos diante da beleza pura. As musas são um dom da divindade: não é por acaso que, naturalmente, instintivamente, o homem tende a evocar Deus quando a beleza inesperada ou intensa arranca-o do marasmo cotidiano, como no verso de Castro Alves: “Meu Deus! Quanta

---

1. Pieper, Josef. *Was heisst Philosophieren?*. München: Kösel, 8a. ed., 1980, p. 63.

beleza...”. Mas, Deus é o autor de toda a Criação e a epístola aos Colossenses fala da reconciliação de *toda* a realidade com Deus. É o mistério que é expresso na mística de Adélia Prado, que encontra a Deus não só nas maravilhas das belezas manifestas da natureza, mas até nas situações mais prosaicas: das tripas de peixe ao sebo das peças de frigorífico:

*A poesia, a salvação e a vida  
Seo Raul tem uma calça azul-pavão  
e atravessa a rua de manhã  
pra dar risada com o vizinho.  
Negro bom.  
O azul da calça de seo Raul  
parece pintado por pintor;  
mais é uma cor que uma calça.  
Eu fico pensando:  
o que é que a calça de seo Raul  
tem que ver com o momento  
em que Pilatos decide a inscrição  
JESUS NAZARENUS REX JUDEORUM.  
Eu não sei o que é,  
mas sei que existe um grão de salvação  
escondido nas coisas deste mundo.  
Senão, como explicar:  
o rosto de Jesus tem manchas roxas,  
reluz o broche de bronze  
que prende as capas nos ombros dos soldados romanos.  
O raio fende o céu: amarelo-azul profundo.  
Os rostos ficam pálidos, a cor da terra,  
a cor do sangue pisado.  
De que cor eram os olhos do centurião convertido?  
A calça azul de seo Raul  
pra mim  
faz parte da Bíblia.  
(Poesia Reunida, São Paulo Siciliano, 1991, p. 216)*

DUAS HORAS DA TARDE NO BRASIL

(...)

*Frigoríficos são horríveis  
mas devo poetizá-los  
para que nada escape à redenção  
Frigorífico do Jibóia  
Carne fresca  
Preço jóia.  
De novo quero rezar pra não ficar estrangeira  
'meu Deus, meu Deus, por que me abandonastes?'  
Dizei-me quem sois Vós e quem sou eu,  
dizei-me quem sois Vós e quem sou eu.  
(Poesia Reunida, São Paulo, Siciliano, 1991, p.326)*

CASAMENTO

*Há mulheres que dizem:  
Meu marido, se quiser pescar, pesque,  
mas que limpe os peixes.  
Eu não. A qualquer hora da noite me levanto,  
ajudo a escamar, abrir, retalhar e salgar.  
É tão bom, só a gente sozinhos na cozinha,  
de vez em quando os cotovelos se esbarram,  
ele fala coisas como 'este foi difícil'  
'prateou no ar dando rabanadas'  
e faz o gesto com a mão.  
O silêncio de quando nos vimos a primeira vez  
atravessa a cozinha como um rio profundo.  
Por fim, os peixes na travessa,  
vamos dormir.  
Coisas prateadas espocam:  
somos noivo e noiva.  
(Poesia Reunida, São Paulo, Siciliano, 1991, p.252)*

De fato, quem afirme com o cristianismo que o mundo é Criação, que Deus é criador também da matéria, deve afirmar o caráter maravilhoso de cada coisa criada, que nos convida à contemplação de Deus. Mas,

por outro lado, Tomás de Aquino também nota que essa mesma criatura que nos enleva, pode também produzir um efeito depressivo, nos remeter ao nada; o nada, a partir do qual ela foi criada. É isto o que Pieper chama de “transtorno bipolar” ou “psicose maníaco-depressiva”, “psicose” que é a normalidade do homem comum, que se põe em contato com o ser, que se põe a filosofar (/poetar) e sofre um efeito muito perturbador: por um lado, uma euforia extrema, porque encontra a beleza e a verdade de Deus no mundo, e por outro, de uma profunda depressão. Essa situação de “normalidade psicótica” do homem foi também notavelmente expressa por Adélia Prado em um poema inédito, “Acácias” (a mom confiado naquela entrevista de 1993), que fala do transtorno –, angústia – ante a beleza de uma criatura, uma simples acácia que seja.

### ACÁCIAS

*Minha alma quer ver a Deus.  
Eu não quero morrer.  
Quero amar sem limites  
E perdoar a ponto de esquecer-me  
Radical, quer dizer pela raiz  
O perdão radical gera alegria  
Exorciza doenças, mata o medo  
Dá poder sobre feras e demônios  
Falo. E falo é também membro viril,  
Todo léxico é pobre,  
Idiomas são pecados;  
Poemas, culpas antecipadamente perdoadas  
Eis, esta acácia florida gera angústia  
Para livrar-me, empenho-me  
Em esgotar-lhe a beleza  
Beleza importuna,  
Magnífica insuficiência,  
Porque ainda convoca  
O poema perfeito.*

## 45. As palavras em rede

(v. 37, p. 39-43, nov. 2008)

Uma das grandes dificuldades de aprendizagem de uma língua estrangeira (e também da materna), sobretudo no escrever e falar, reside no fato de que há sintagmas, associações de palavras – em alguns casos, autênticos clichês – formas concretas de expressão – mais ou menos fixas do ponto de vista da correção ou da estética – que multiplicam a necessidade de memorização, desnecessária se trabalhássemos só com a uniformidade (e pobreza...) do caso geral.

Assim, por exemplo, o geral “unidade” dá lugar a mil ocorrências distintas quando se desce ao concreto: nos casos concretos falamos em “cabeças” de gado, “pés” de alface, “partidas” de futebol, “peças de teatro” etc. e não cabe empregar: “unidades de gado”, “unidades de alface”, “unidades de futebol”, “unidades de teatro” etc., embora do ponto de vista do significado, “cabeças”, “pés”, “partidas” e “peças”, no caso, signifiquem, precisamente, “unidades”.

Naturalmente, cada língua tem suas formas de associação nessas composições e, por exemplo, enquanto nós fazemos um cheque ou compomos uma canção, o inglês “escreve” (*write*) um cheque e “escreve” uma canção. Mesmo que seja para sempre (e até antes da lei do divórcio) em Espanha, se uma pessoa é casada, diz-se “*está casada*” (sem nenhuma alusão de provisoriedade) e o francês usa o *faire* até no sentido de “dizer”. “*Preste atenção*” tem seus correspondentes em “*Fait Attention*”, “*Pay attention*”, “*Estate atento*”...

O fenômeno é muito mais extenso do que à primeira vista supomos e para, de algum modo, verificar isto, felizmente, o estudioso de hoje dispõe de um sensor de uso de tal ou qual expressão: o Google (ou alguma outra ferramenta de busca na Internet). Quando lançamos uma seqüência de palavras no box de busca “a expressão” – apesar de todas as imprecisões e distorções – o Google, ao indicar em quantos sites da rede aquela

seqüência de palavras aparece, já nos dá uma boa idéia da vigência e atualidade de seu uso. Por exemplo, procurando no Google a expressão “usar leque” encontramos exíguas 19 ocorrências (claro, as novas gerações nunca viram um leque), enquanto “ligar o ar condicionado” tem 41.200; a tal da “unidades de gado” tem 12 ocorrências, enquanto “cabeças de gado” tem 139.000 (139.000: a partir de agora, abreviaremos as ocorrências do Google pelo número entre parênteses). Os acessos deste artigo são dos últimos dias de julho e primeiros de agosto de 2008.

Procurando avaliar, dizíamos, a extensão do fenômeno do desdobramento concreto, tomemos o unitário abstrato: “pouco”, para quantidade ou intensidade (em algumas expressões, esses desdobramentos serão preferentemente negativos, como, por exemplo: “ele não tem um *pingo* de vergonha na cara”). Para começar, consideremos o caso de uma dúvida, idéia ou lembrança pouco intensas. Neste caso, falaremos de “sombra de dúvida” (222.000), “pálida idéia” (14.200) e “vaga lembrança” (26.200).

Certamente, todos entenderiam se eu dissesse “pálida lembrança”, “pálida dúvida” ou “sombra de lembrança” (1.170, 44 e 10 respectivamente), mas o uso recomenda as formas do parágrafo anterior; cabem também “vaga idéia (50.900) e, no caso de “noção”, “vaga noção” (8,420) e “leve noção” (4230). Só a título de curiosidade, o recente “sem noção” quebra todos os records, beirando o um milhão (923.000).

Ainda no mesmo exemplo, se a inveja vem em “ponta” (ou pontinha); o ciúme dá-se em pitada; a ingenuidade, em doses; a vergonha na cara, em pingos etc. Temos:

“leve impressão” (34.000),  
“toque de classe” (44.400),  
“leve suspeita” (4.470),  
“ponta de inveja” (24.900),  
“pitada de ciúme” (1.010),  
“traço de tristeza” (2.750),  
“dose de ingenuidade” (2.660, geralmente antecedida de “grande”),  
“pingo de vergonha” (48.200),

“resto de esperança” (9.990)

“pinta de palhaço” (3.060, ajudado pela antiga canção “Palhaçada”),

“Pouco” para prosa é “um dedo”; para cachaça, “dois dedos”; para guloseimas, temos um “teco”; já a pouca visibilidade, dá-se em “palmo”: “dedo de prosa” (130.000); “dois dedos de...” (768.000); “um teco de” (11.200); “um palmo adiante do nariz” (2.020). E “fio de voz” (25.000); “gostinho de infância” (3.900); “gole de álcool” (29.900, ajudado pela recente “lei seca”), “pingo de gente” (108.000), “bocadinho de sorte” (24.900, mais em Portugal), “pedaço de mau caminho” (18.900)...

Quanto à pouca duração, encontramos: “assomo de coragem” (584), “acesso de fúria” (19.600), “rompante de raiva” (72), “momento de indecisão” (3,270).

Poucos recursos são “escassos recursos” (40.300), a pouca diferença é “sutil diferença” (69.700), e encontramos pouca densidade no “café ralo” (2.470). Para pouca distância, temos: “beirando o desespero” (1.290); chegando “às raias da loucura” (4.690) – curiosamente, mais freqüente do que “beirando a loucura” (850) e esta menos usada do que “beirando a insanidade” (1.030)...

Outro dado interessante diz respeito aos equivalentes do geral “pouco”, como o brasileiríssimo “meio”: aquele supera este em expressões como “um pouco chateado” (43.100) contra “meio chateado” (20.600); mas “meio” ganha de “um pouco” em:

“um pouco sem graça” (26.600) X “meio sem graça” (250.000)

“um pouco louco” (35.200) X “meio louco” (59.900)

“um pouco chato” (39.300) X “meio chato” (121.000)

“um pouco desconfiado” (6.900), “meio desconfiado” (30.900)

“um pouco puto” (576) X “meio puto” (14.200)

“um pouco besta” (1.140) X “meio besta” (25.700)

“um pouco viado” (29) X “meio viado” (14.600)

“um pouco desanimado” (21.400) X “meio desanimado” (29.300); já no “aumentativo”:

“um pouco desanimadão (0) X “meio desanimadão” (45); talvez pelo fato de “pouco” bater de frente com o aumentativo... Daí que também:

“um pouco esquisitão” (6) X “meio esquisitão” (947)

“um pouco ressabiado (890) X “meio ressabiado” (5730)

“um pouco assim, assim” (34) X “meio assim assim” (1980)

E, em geral, a expressão “ficando meio” emprega-se o dobro de vezes do que “ficando um pouco”: 64.300 X 37.300. Já a equivalente, menos usada, “ficando um tanto” ocorre 5.410 vezes. Temos “um tanto estranho” (69.200) X “meio estranho” (345.000) X “um pouco estranho” (99.800) (há também a opção “um tanto quanto”, não desprezível em expressões como “um tanto quanto estranho” (21.200); “um tanto quanto esquisito” (2.640).

Dois outros sinônimos de “pouco” têm um comportamento muito curioso: “bocado” e “punhado”.

Diz o *Aurélio*:

Bocado – Pequena quantidade de qualquer coisa.

Punhado – Pequena porção; número reduzido

Já o Houaiss adverte para o ambíguo caráter de “punhado”:

Bocado – fração de uma coisa; pedaço, porção

Punhado – quantidade pequena (de algo)... ou quantidade grande (de algo)!!!

O fato é que “bocado” e “punhado” podem servir tanto para indicar “pouco” como “muito”: fato que não deve surpreender num país em que o diminutivo pode servir também de aumentativo, como quando se diz do pão de queijo que acaba de sair do forno que “está quentinho”; ou da moça apaixonada em grau superlativo por um rapaz, que “está caídnha por ele” (ou “caídaça”!).

Para “punhado”, recolho os exemplos de Houaiss: quantidade pequena: “um punhado de soldados lutou contra os insurretos”. E para “bocado” no sentido de “grande quantidade”, basta lembrar de “O pequeno burguês” de Martinho da Vila:

*E quem quiser ser como eu,  
Vai ter que penar um bocado*

Por detrás da rotina e dos clichês, essa imensa variedade de formas é, afinal, a riqueza da língua e de sua capacidade expressiva. Já Orwell advertia, em seu *1984*, que a Novilíngua, principal instrumento a serviço da opressão, tinha como missão diminuir o âmbito do pensamento e reduzir ao mínimo as possibilidades de escolha das palavras. E, de fato, a cada ano o vocabulário diminuía, o que era considerado um avanço, pois quanto menos possibilidade de escolha, menor a tentação de produzir pensamento...

Nem sempre atinamos com as razões – se é que sempre as há – para o uso desta ou daquela palavra nas expressões; o fato é que empregamos “margem de lucro” e “margem de erro”, e se a frequência de uso de “faixa de incerteza” e “faixa de confiança” é praticamente a mesma dos correspondentes “margem de incerteza” e “margem de confiança”, não se pode dizer: “não deixa faixa para dúvidas”, porque o uso impõe: “não deixa margem a dúvidas”. E embora se trate claramente de margem/faixa, na tabela de classificação do campeonato brasileiro, a única expressão legitimada pelo uso é “zona de rebaixamento”.

Se a avaliação do carro tem *itens*; a da escola de samba tem *quesitos*. Como faz o pobre do estrangeiro para adivinhar? Sem *sombra* de dúvida (como vimos, a dúvida tem *sombra*!) ele acabará por *cair* no ridículo (e mais essa: no ridículo... se cai!) e está *coberto* de razão quem *levante* a suspeita de que ele ficará *mergulhado* na incerteza e *envolto* em dúvidas.

Cabe lembrar que essas formas associativas podem mudar com o tempo, com a moda: já que estamos falando em “dúvida”, cada vez mais cai no esquecimento a antiga expressão “dúvida atroz” (ainda com 9040), substituída, hoje, sobretudo por “dúvida cruel” (281.000) e não se diz, digamos, “dúvida amarga” (34) ou “dúvida dolorida” (8), formas que podem vir a prevalecer no futuro.

Se as razões dessas escolhas nem sempre são claras, em alguns casos podemos identificá-las. Algumas procedem de frases famosas de políticos, futebolistas, personagens de telenovelas..., que criam (ou

revitalizam) expressões como: “eu sou mais eu”, “é o cara”, “com tudo a que tem direito”, “muita calma nessa hora” etc. Outras são frases de peças literárias, partes de antigos provérbios ou piadas. A maior parte dos usuários da famosíssima “cara-pálida” (150.000) – “nós, quem, cara-pálida?” –, ignora a origem dessa expressão, usada por A para abortar a tentativa do interlocutor, B, de envolver A em um problema que é só de B. Mais fácil é contar a piada: no início dos anos 60, a TV brasileira exibia o seriado do herói *Lone Ranger*, que, no Brasil, foi batizado de Zorro (não deve ser confundido com o autêntico Zorro, o da capa e espada), um *ranger* sempre acompanhado do fiel índio Tonto. Um dia Zorro e Tonto encontram-se encurralados por índios sioux de um lado; comanches, apaches e moicanos pelos outros lados. Quando acaba a munição, Zorro se lamenta: “– Nós estamos perdidos, Tonto”. Tonto, faz sua melhor pose de índio, capricha no sotaque e responde: “– Nós, quem, cara-pálida?”. Também é uma piada a raíz última de “amigo da onça” (45.000).

Outras fontes: provérbios, literatura, canções, publicidade... Basta alguém sumido aparecer e logo surgem os indefectíveis “o bom filho à casa torna” (132.000) e “longo e tenebroso inverno” (86.100); este, oriundo de uma ironia de bancos dos antigos ginásio e “normal”, quando as bisavós do jovem leitor decoravam o decimonônico soneto *A visita à casa paterna* de Luís Guimarães Jr.: “Como a ave que volta ao ninho antigo / Depois de um longo e tenebroso inverno / Eu quis também rever o lar paterno / O meu primeiro e virginal abrigo”. E ao ser apresentada a pobre senhora de nome Amélia, fatalmente terá de ouvir de algum engraçadinho: “Ah, Amélia, você é que é a mulher de verdade?”, da antiga canção de Ataulfo Alves.

Clichês à parte, a diversidade de possibilidades de combinações, de escolha (Orwell) de expressões reflete a riqueza da língua (e, portanto, do pensamento) e permite comunicar de modo mais abrangente a complexa realidade. Pense-se, por exemplo nas sutilíssimas formas de um narrador de futebol relatar o lance do pênalti. Entre os categóricos: “Fulano foi derrubado na área: é pênalti!” e “Fulano se jogou: não houve nada!”, há toda uma gama que permite expressar dúvidas sem arriscar-se a ser processado pelo juiz ou por um dos times. Por exemplo, “o juiz

marcou pênalti”, “deu pênalti” ou “viu pênalti” são diferentes: o primeiro caso parece mais neutro, não entrando no mérito; o segundo, parece indicar que o juiz, de boa vontade, acabou interpretando que aquele lance que tinha aspecto de faltoso, de fato o era; no terceiro, o pênalti foi duvidoso ou inexistente, mas o juiz (e só ele) viu pênalti ou, quem sabe, a visibilidade privilegiada da posição do juiz permitiu-lhe ver o pênalti que eu não vi. Aí dependerá também do tom de voz e dos comentários contextualizantes.

Diferenças na linguagem, sutilezas naturais, imprecisas e misteriosas. Se, pelo contrário, chegarmos à precisão artificial e à estreiteza da Novilíngua, ser-nos-á, como em *1984*, literalmente impensável um pensamento dissidente ou divergente em relação ao absoluto do Poder, qualquer que ele seja – “pelo menos – conclui Orwell – na medida em que o pensamento depende das palavras”...



## 46. A vida como jogo

(v. 35, p. 22-25 setembro 2008)

### Olimpíada fez ecoar as metáforas esportivas que migraram para o cotidiano brasileiro

Boa parte da atração exercida pelos esportes e pelos jogos, tema oportuno agora que as Olimpíadas de Pequim ainda estão fresquinhas na memória, reside no fato de que, de algum modo, representam a vida e diversos de seus aspectos.

Daí também a grande quantidade de metáforas esportivas. Metáforas presentes até na Bíblia: São Paulo compara os esforços requeridos pela vida cristã aos dos atletas e corredores que almejam o primeiro prêmio (I Cor. 9: 24 e ss.). No século 19, ante o preconceito de certas igrejas contra o esporte (“culto ao corpo”, desrespeito ao “dia do Senhor” etc.), esse “aval” do apóstolo era esgrimido por cristãos esportistas, que invocavam esse versículo da Epístola aos Coríntios (daí o famoso time inglês *Corinthian*, que teve seu nome adotado na fundação do nosso Corinthians).

Já no primeiro tratado de xadrez do Ocidente, o *Libro del acedrex*, composto (a partir dos tratados árabes) por D. Alfonso o Sábio, em 1283, os jogos aparecem como metáforas da vida. Nessa obra, a invenção do xadrez é atribuída a um concurso que um rei teria feito precisamente para premiar o sábio que apresentasse um jogo que melhor representasse a condição humana.

Naturalmente, o xadrez aparece como modelo trazido pelo candidato que acreditava “que mais vale a inteligência do que a sorte, pois quem se guia pelo juízo inteligente faz suas coisas ordenadamente e, mesmo que perdesse não teria culpa, pois estaria agindo segundo modo conveniente”; enquanto outro sábio, que considerava a sorte como fator preponderante, apresentou o jogo de dados; etc.

## Popularidade

Dentre todos os nossos referenciais lúdicos de metáforas, evidentemente, de longe é o futebol que ocupa o primeiríssimo lugar, sem competidor próximo. Para expressar situações de nossa vida profissional, empresarial, escolar, familiar, amorosa etc. é a centenas de situações do futebol que recorremos.

Assim, por exemplo, se alguém tem o domínio de uma situação, “está com a bola toda”. Se a pessoa comete uma falha grosseira, “pisou na bola”; mas se teve um bom desempenho, “deu show de bola”. Os exemplos são inúmeros (uma amostra, no quadro da página X).

Enquanto outros jogos praticamente fornecem apenas metáforas pré-fixadas; a força psicológica do futebol é tanta que permite improvisar metáforas em situações novas, como, digamos, a de um vendedor que se queixa a seu gerente que o colega lhe deu “um carrinho por trás” e efetuou indevidamente uma venda a um cliente que era dele; o acusado pode defender-se replicando que “foi na bola” ou que era “bola dividida”; enquanto o primeiro vendedor insistirá que foi “carrinho sem bola”, “agressão fora do lance” etc.

Naturalmente, esse domínio do futebol decorre do enorme interesse que desperta em toda a população, que, desse modo, dispõe de um vivo e riquíssimo código alternativo de comunicação. Curiosamente, muitas metáforas procedem de campos que despertam, hoje, muito pouco interesse nos falantes: se, digamos, o vôlei e o basquete atraem muito mais interessados, não são páreo, no entanto, para o turfe, o bilhar ou o boxe. A razão talvez esteja na particular configuração destes, que produz potencialmente situações de metáfora; além de ter a seu favor, uma tradição estabelecida numa época na qual eram mais populares e pouca gente se interessava por vôlei ou basquete.

## Eleições

Mesmo pessoas que não acompanham corridas de cavalos intuem que as emoções do turfe emparelham com as de outras disputas da vida (recorde-se o famoso tango *Por uma Cabeza*) e falam normalmente que, digamos, nas eleições municipais de São Paulo, a disputa está entre Alckmin, Kassab e Marta, e Maluf corre por fora (o mesmo Maluf que antes de o PT chegar à presidência dizia que o PT não era “cavalo de chegada”) ou é um azarão. Se Alckmin e Kassab se aliassem, a eleição seria uma “barbada”, etc. Enfim, é páreo duro e só na reta final é que se saberá qual candidato cruzará o disco de chegada. Claro que me refiro aos candidatos dos partidos grandes, porque os outros não pagam placê.

Naturalmente, com o PSDB dividido, Alckmin, que é a bola da vez para ser fritado, está numa sinuca de bico e Serra, que só confia no seu taco, deu uma grande tacada ao emprestar-lhe um apoio mais para formal. Aliás, ele já tinha cantado essa jogada nas eleições presidenciais: era óbvio que era Lula que estava na boca da caçapa. (note-se que “cantar a jogada” é expressão originária do *snooker*, que adaptou-se também ao jargão futebolístico).

Seja como for, Alckmin sempre prefere o nocaute a jogar a toalha: o que denota notável falta de jogo de cintura: ainda mais com tantos pesos pesados da política paulista na disputa. Maluf, que mesmo quando está nas cordas, nunca acusa o golpe, será que vai usar nos debates a técnica do *clinch* e a de aplicar sutilmente golpes baixos...?

Curiosamente, do vôlei e do basquete, quase não há, entre nós metáforas: procurando no Google, encontrei uma ou outra do tipo: “não gostei da entrevista dos Nardoni no *Fantástico*: o repórter só levantava a bola para eles cortarem”. E, quando, após infrutíferas buscas por imagens do basquete, finalmente encontrei um comentário – no Portal G1 da Globo – de que certo produto da *Amazon*: “pode até não ser uma cesta de três pontos, mas é no mínimo uma bela enterrada”, mas tratava-se de tradução de um artigo do *New York Times*...

Entre as escassas contribuições de outros campos, encontram-se o “grid de largada” e a “pole position” (digamos, para a “corrida” eleitoral);

a “ginga” da capoeira (que dispõe de um riquíssimo léxico, mas é muito esotérica para transcender o âmbito dos iniciados e atingir a grande massa) ou o “estar em xeque” do xadrez.

## Imaginação

O xadrez medieval (para não falar do árabe...), responsável pela transformação da palavra “partida” em sinônimo de jogo (ver quadro na página Y), dá a chave para a compreensão da tendência a criarmos metáforas a partir dos jogos e competições esportivas: a imaginação.

Ao contrário do xadrez moderno, que consideramos como mera estrutura lógica; na Idade Média, o jogo era visto como excitantes manobras de guerra (por exemplo, a torre que, tal como a torre que sitiava o inimigo, só podia mover-se horizontal ou verticalmente; os pobres peões, que sucumbiam em grande quantidade na batalha etc.), de política de Estado, de vida etc. E o vemos utilizado em muitas pregações religiosas da época (o peão que é promovido ao chegar à oitava casa e se enche de soberba; os maus bispos, que se movem na diagonal por interesses escusos e oblíquos, etc.).

Mas a medalha de ouro vai para a imaginação oriental, tão poderosa que chega muitas vezes a pensar a realidade como metáfora (para o Alcorão, cada coisa no mundo é um sinal de Deus) e, até mesmo, a metáfora como realidade. No extremo desse caso, entre as célebres *Rubaiyat* (literalmente: “quadrinhas”) de Omar Khayyam encontramos esta preciosidade:

“Para falar claramente e sem metáforas [!?)  
Somos as peças do xadrez jogado pelo Céu  
Que brinca conosco no tabuleiro do ser  
E depois... voltamos, um por um, à bolsa do Nada.”

A imaginação popular está de prontidão para dar vida à metáfora esportiva. Não será preciso chegar à próxima Olimpíada para perceber isso.

## Uma disputa partida

A razão pela qual um jogo passou a ser chamado de “partida”, mesmo não contendo a ideia de partição.

Do xadrez medieval, curiosamente, surgiu uma expressão hoje usadíssima para muitos esportes e jogos: “partida”. Por que se diz uma “partida de futebol”, de vôlei, basquete, ou até de pôquer? Que é que há de partida, partição nesses casos? Na verdade, se atentarmos à etimologia, trata-se de um uso impróprio, excetuado o caso originário de certas situações do xadrez.

É que no xadrez medieval, os movimentos dos atuais bispos e dama era muito mais limitado, o que tornava o jogo ainda mais lento. Para agilizar a ação enxadrística, estabeleceram-se, então, os “juegos de partido”, situações artificiais, com poucas peças, como se o jogador tivesse pegado o bonde andando e começado a observar o jogo só a partir do lance, digamos, 50, e encontra-se assim com uma partida, aquilo que já Alfonso chama de “juego partido”, que correspondem aos atuais “problemas de xadrez”: por exemplo, em tal situação das peças no tabuleiro, as brancas jogam e dão xeque mate em três lances.

Os partidos tornaram-se muito populares e acabaram por significar não só o “jogo partido”, mas também o jogo completo de xadrez e, com o tempo, na falta de outro termo, a realização completa de um prélio de outros jogos e esportes.

Do “jogo partido” do xadrez medieval decorre também um interessante fato da língua inglesa. Como os problemas de xadrez trazem situações de desfecho (como a de mate em 2 ou 3 lances), na língua inglesa, *jeopardy* (do francês medieval *jeu parti*) passou a significar até hoje: situação de perigo ou risco em geral (semelhante ao nosso “estar sinucado”).



## 47. O pecado do agito vazio

(v. 31, p. 36-37 maio 2008)

A BBC anunciou em março o que os jornalistas chamam de “barriga”, notícia mal apurada que depois não se confirma. A Igreja Católica, disse a BBC, elaborara nova lista de pecados capitais, o que foi desmentido pelo Vaticano.

A confusão originou-se em entrevista de Gianfranco Girotti, bispo regente da Penitenciaria Apostólica, órgão para matérias do foro interno, como absolvição de pecados especiais, reservados à Santa Sé. Ele respondeu a uma pergunta sobre novos pecados e a mídia extrapolou para novos “sete pecados capitais”.

O caso mostrou que a sesquimilenar idéia de pensar as forças da autodestruição em pecados capitais exerce forte atração no homem contemporâneo. Idéia genial: a organização de dezenas de vícios em poucos eixos, que, consolidados em sete, têm o atrativo adicional que tal número produz na imaginação.

Comparada à doutrina dos mandamentos, a dos pecados capitais não tem, na história, fixidez em número e conteúdo: na origem, eram oito e, de autor a autor, variam num ou noutro elemento semântico.

O atual *Catecismo da Igreja Católica*, no ponto 1.866, traz como pecados capitais: soberba, avareza, inveja, ira, impureza, gula e preguiça ou acídia.

Sugestiva, intrigante, ambigüidade: a familiar preguiça ou a desconhecida acídia? Ou o *Catecismo* as vê como sinônimas? Na verdade, parece não se querer propor como capital um pecado do qual ninguém ouviu falar; e talvez se tenha vergonha de alçar, sem mais, a inofensiva preguiça ao posto.

## Do deserto

Se a preguiça parece pecadilho, a acídia é coisa séria: é a tristeza pelo bem espiritual; a queimadura interior de quem recusa os bens do espírito.

Por séculos, essa tristeza foi pecado capital. O filósofo alemão Josef Pieper nota que não há conceito ético mais aburguesado na consciência cristã, que o de acídia. Faz uma formulação forte em *Virtudes Fundamentales* (Madrid: Rialp, 1976, pp. 393-394):

“O fato de que a preguiça esteja entre os pecados capitais parece que é, por assim dizer, uma confirmação e sanção religiosa da ordem capitalista de trabalho. Ora, esta idéia é não só uma banalização e esvaziamento do conceito primário teológico-moral da acídia, mas até mesmo sua verdadeira inversão.”

Para São Gregório Magno, os pecados capitais são: vanglória, inveja, ira, tristeza, avareza, gula e luxúria. Se os mandamentos estão na Bíblia, os vícios capitais são elaboração de pensamento, fruto da “experiência cristã”, a dos padres do deserto, que realizaram uma tomografia da alma e descobriram possibilidades para o bem e o mal.

Como num rali, em que as máquinas passam por condições extremas, o monaquismo originário testava os limites antropológicos, no corpo e no espírito (jejum, vigília, oração, etc.). Nesse quadro, surgiu a doutrina dos pecados capitais.

As primeiras tentativas de organizar essa experiência remontam a Evágrio Pôntico, João Cassiano e Gregório Magno, mas só muito depois há a consolidação de Tomás de Aquino (século 13), que repensa (de modo amplo e sistemático) a antropologia subjacente aos vícios capitais.

## Da tristeza

Os vícios capitais para Tomás são: vaidade, avareza, inveja, ira, luxúria, gula e acídia.

Derivam de *caput*: cabeça, líder, chefe; sete poderosos chefões que comandam, produzem outros vícios subordinados. Assim, são vícios que gozam de especial “liderança” (nos dois sentidos: está em primeiro lugar e dirige, é *leader*).

Vício é restrição à autêntica liberdade e condicionamento para agir mal. A acídia é tristeza. Não só é um mal, mas fonte de outros males.

“Como já dissemos, vício capital é aquele do qual naturalmente procedem – a título de finalidade – outros vícios. E assim como os homens fazem muitas coisas por causa do prazer – para obtê-lo ou movidos pelo impulso do prazer – assim também fazem muitas coisas por causa da tristeza: para evitá-la ou arrastados pelo peso da tristeza. E esse tipo de tristeza, a acídia, é convenientemente situado como vício capital”, escreve Tomás de Aquino (II-II q. 35, a.4).

## Ação da inação

Acídia é base de atitudes contrárias: uma leva à ação, a um ativismo, e outra é inação (o momento, secundário, em que acídia e preguiça se ligam). Se a tristeza da acídia leva à inação, leva também à inquietude, à ação desenfreada. Para já, vale o poema *A troca de pneu* (*Der Radwechsel*) de Bertolt Brecht:

“Fico sentado à beira da estrada / O chofer troca o pneu / Não “tô legal”, lá de onde venho / Não “tô legal”, lá para onde vou / Por que sigo a troca do pneu / Com impaciência?” (*Ich sitze am Straßenhang / Der Fahrer wechselt das Rad / Ich bin nicht gern, wo ich herkomme / Ich bin nicht gern, wo ich hinahre / Warum sehe ich den Radwechsel / Mit Ungeduld?*)

No fazer e no não-fazer, o tédio. Fernando Pessoa, no *Livro do desassossego* (#263), diagnostica tal tédio em múltiplos aspectos; limitemo-nos à passagem em que o problema não está no trabalho ou no repouso, mas no centro do eu:

“O tédio... Trabalho bastante. Cumpro o que os moralistas da acção; chamariam o meu dever social. Cumpro esse dever, ou essa sorte, sem grande esforço nem notável desinteligência. Mas, umas vezes em pleno trabalho, outras vezes no pleno descanso que, segundo os mesmos moralistas, mereço e me deve ser grato, transborda-se-me a alma de um fel de inércia, e estou cansado, não da obra ou do repouso, mas de mim.”

## Filhas da acídia

Como vício capital, a acídia tem filhas. A primeira é o desespero, a que Pieper liga uma “irmã”, a pusilanimidade. Paralisado pela vertigem, pelo medo das alturas espirituais e existenciais a que Deus o chama, não há ânimo ou vontade de ser tão grande como está chamado a ser; abdica-se do “torna-te o que és”, a sentença com que Píndaro resume toda ética. Se passamos ao plano da graça, a acídia é um aborrecer-se de que Deus o tenha elevado ao plano da filiação divina, à participação em sua vida.

Queimado por essa tristeza suicida, surge a *evagatio mentis*, a dispersão de quem renuncia a seu centro interior e entrega-se à *importunitas*: abandonar a torre do espírito para derramar-se no variado, afogando a sede na água salgada de compensações e prazeres da ação desenfreada: o falatório inócuo (*verbositas*), o agitar-se (*instabilitas*), a incapacidade de concentrar-se num propósito (*instabilitas*) e um afã desordenado de sensações e conhecimento (*curiositas*).

Evidentes os perigos: desenraizamento, abdicação do processo de auto-realização do eu, que passa a espalhar-se no variado (*importune ad diversa se diffundere*). Se já Pascal, em *Pensamentos* (136/139), diz que a infelicidade vem de o homem não poder estar a sós num quarto, hoje as possibilidades de dispersão se ampliaram.

Doença, pecado ou misto de falta moral e enfermidade, a tristeza é força destruidora, convidando a (ou impondo) compulsões: das drogas ao jogo, do consumismo ao *workaholism*, etc. Por trás disso, não há algo daquela *desperatio*, da *curiositas*, da *evagatio mentis*, da *instabilitas*?

## 48. Nonsense universal

(v. 31, p. 50-56 maio 2008, revisto e ampliado)

A revitalização da velha arte de contar piadas acaba de ganhar um poderoso aliado com os recursos – de áudio e vídeo – da Internet, como o *youtube*. Já há até um concurso mundial, com prêmios ainda modestos, mas de futuro promissor: o site Comic Wonder, surgido em dezembro do ano passado, com grande sucesso, já premiou em fevereiro seu primeiro campeão do mundo: o humorista americano Chris Cashman, que participou com o apelido “Captainhilariousness”.

Nesse curto período, “Puzzled Sister”, a piada que deu o título a Cashman, consagrou-se com quase dez mil audições e, sua segunda mais ouvida, “Pickle in your pants”, teve 8117 (em 04-03-08).

Para além da técnica narrativa, essas piadas remetem a um tipo de humor que convida à reflexão, caso queiramos tentar esclarecer um pouco o mistério do cômico. Em “Puzzled Sister”, a moça burrinha propõe ao irmão que, em vez de assistirem a um filme de vídeo (seu programa habitual quando ele a visita semanalmente), façam, para variar, um quebra-cabeças, tão impressionante, que ela não sabe nem por onde começar.

- E tem que dar o quê? Qual é a figura da caixa?
- Deixa-me ver, onde é que está a caixa...? Acho que era um tigre... Ah, aqui está! (e despeja na mesa o conteúdo da caixa).
- Oooh-kkayyy... Mas acho que nós não vamos conseguir fazer essa figura.
- Não me subestime. Eu sou muito boa em quebra-cabeças!
- Não, não, não, não é por aí. Vamos deixar isso de lado, relaxemos, assistamos a nosso filme, como sempre, e depois eu ajudo você a pôr de volta os sucrilhos na caixa, OK?

Uma vez mais, para ficarmos somente com o conteúdo, em “Pickle in your pants”, na praia, um rapaz vê um enxame de belas mulheres

assediado um amigo seu e pergunta-lhe qual é o segredo. O amigo revela que o segredo é enfiar um pepino no calção: isso as vai deixar loucas e excitadas. No dia seguinte se encontram e o amigo pergunta se deu certo. “– Que nada! Veja, eu fiz o que você falou, mas elas fogem de mim apavoradas”. “Putz, perai... Você enfiou o pepino no lado errado do calção!”

Neste artigo, ocupamo-nos apenas do conteúdo, do “enredo” das piadas, embora estejamos lidando com grandes mestres da arte de contá-las (naturalmente, a técnica de contar a piada explora precisamente as potencialidades cômicas do enredo). Essas duas piadas apóiam-se em um recurso que produz efeito cômico: um certo “inesperado da linguagem”. Certamente, o inesperado ocorre em qualquer situação de humor, mas essas situações podem ser de tipos variados, dando origem a diversos tipos de piada.

Antecipemos que no caso do par vencedor de Cashman, como no das piadas típicas do grande humorista catalão, Eugenio, que analisaremos mais detidamente, o “truque” está em induzir o leitor a uma situação de aparente univocidade e, de repente - *inesperadamente* -, surge, irrompe, uma segunda possibilidade semântica, até então inimaginável. A habilidade do autor e do narrador da piada está precisamente em camuflar ao máximo essa *outra* possibilidade, esse oculto “duplo sentido”.

Isso é possível porque o sentido “unívoco” (ou, no caso, pretensamente unívoco) é dado pelo contexto. Uma das características fundamentais do contexto – e que está subjacente a todo falar – é que sobre o que é evidente não se fala. Essa regra básica – também ela evidente e, portanto, nem deveríamos deter-nos nela... – é a que torna, em diversas línguas, o “não falar” sinônimo de “evidente”: “goes without saying”, “ça va sans dire” (“selbstverständlich” ou “per se notum”...), são – nas correspondentes línguas – simplesmente modos de dizer: “evidente”.

Assim, é evidente (e não só nem se fala mas nem sequer se pensa) que o pepino é para entrar no lado de frente do calção e que caixa de sucrilhos não é quebra-cabeças... A graça surge quando um personagem toma – como seu evidente – a “outra” interpretação, que, na prática, estava totalmente fora do campo de possibilidades de quem ouve a narrativa da piada.

Inegavelmente, Chris Cashman é um grande contador de piadas, mas, se quisermos aprofundar de verdade nesse tipo de humor, devemos voltar-nos para um outro artista, consagrado criador de inúmeras piadas desse estilo (dentre as 15000 que se estima que contava...!) e que, por anos a fio, reinou absoluto no humor espanhol: Eugenio.

## Eugenio: um dos maiores humoristas de nosso tempo

Para se ter uma idéia do enorme sucesso de Eugenio, acabo de procurar no Google (04-03-08) “*chistes de Eugenio*” e o resultado foi: 15.000 sites que contêm essa expressão; 100 dos quais surgidos no último mês: ou seja, sete anos após sua morte, a cada dia 3 novos sites ainda falam das piadas de Eugenio.

De fato, o catalão Eugeni Jofra Bofarull, ou simplesmente Eugenio, obteve, por anos, incomparável sucesso em toda a Espanha – sobretudo na década de 1980, quando aparecia frequentemente na televisão e tornava-se autêntica mania nacional ouvir as fitas cassete de seus shows – como contador de piadas, ou melhor, como ele preferia dizer, “intérprete” (de “historias” ou “cuentos”).

Apresentava-se (como se pode ver no “youtube”) de maneira séria e impassível, minimalista (nunca ria ao contar seus *chistes*), vestido de preto, com barba e óculos escuros, sentado em um tamborete, fumando o tempo todo e, entre uma piada e outra, dando pequenos tragos em um copo de vodka com laranja. Aqui e ali, misturava palavras catalãs ao castelhano. Seus “*cuentos*”, de valor universal, são, ao mesmo tempo, uma sociologia de Espanha (e de suas regiões), caracterizando/caricaturizando o cotidiano de seu país, sua idiossincrasia, numa performance discreta, avessa a qualquer estridência, mas que (ou precisamente por isso...) é todo um curso sobre a peculiar prosódia espanhola, nas mais diversas situações da vida comum: nas relações familiares, profissionais, escolares etc.: ouvir Eugenio é um poderoso aliado dos professores de espanhol, um atalho para o estrangeiro que queira assenhorear-se do idioma falado.

## Piadas “de Eugenio”

Em geral, ninguém sabe quem é o autor de uma piada: as piadas, desde o momento em que são inventadas, espalham-se de boca em boca com a velocidade da luz, e quem as conta, não tem a preocupação de indicar a fonte, aliás, em geral, desconhecida, anônima, de domínio público. No final de fevereiro de 2008, a imprensa anunciou a descoberta de duas múmias em São Paulo, no mosteiro da Luz: no dia seguinte já circulavam piadas sobre esse fato, sem que ninguém se lembrasse de perguntar quem as inventou.

No entanto, pode-se, em certos casos, falar em, piadas de autor, digamos, piadas de “José Simão” ou “chistes de Eugenio”. E é que, nestes casos, não só ouvimos (/lemos) por primeira vez na coluna do Simão ou no show de Eugenio, mas são casos típicos, de “marca registrada” de um estilo de humor.

E sabe por que o dólar tá caindo? Porque, depois que foi achado na cueca, ele foi pro saco. Nunca mais foi o mesmo. E do jeito que o dólar tá caindo, temos que indenizar o Cacciolla por perdas e danos!

Mesmo que não tenha sido o próprio José Simão a criar esta piada, ela, sem dúvida, é uma “piada de José Simão”, tem seu estilo, a “cara dele”. Como, certamente, é uma “piada de Groucho Marx” a seguinte:

- Uma criança de cinco anos entenderia isto.
- Então me consiga rapidamente uma criança de cinco anos.<sup>1</sup>

Nos registros (em áudio e em vídeo) dos shows de Eugenio há centenas de piadas. Independentemente de ter sido o próprio Eugenio a criar esta ou aquela piada, consolidou-se algo que ainda hoje, em Espanha, se

---

1. A child of five would understand this. Send somebody to fetch a child of five Groucho Marx in *Duck Soup*, 1933.

chama “chistes de Eugenio”, como tipo classificatório. A referência a Groucho Marx não foi casual, o estilo de Eugenio guarda relação com o desse antigo comediante: ambos voltam-se para o nonsense, para aquele “inesperado semântico”, para as surpresas da linguagem, como dizíamos também a propósito de Cashman.

## Neutro e confundente

Mas se quisermos analisar isoladamente esse humor – que tem em Eugenio seu superlativo – em estado, por assim dizer, “quimicamente puro”, devemos antes considerar o aspecto confundente da linguagem e o caráter neutro do discurso.

Uma das formas de acesso ao real é aquilo que Ortega y Gasset denominou “pensamento confundente”, que – numa primeira aproximação – concentra numa única palavra realidades distintas, mas conexas. Se distinguir, dar nomes diferentes para realidades diferentes, é uma importante função da língua; “confundir” é – como já fazia notar Julián Marías – igualmente importante, pois: “Não haveria como lidar intelectualmente com realidades complexas, em suas conexões, nas quais interessa ver o que há de comum e, portanto, o tipo de relações que há entre realidades que, de resto, são muito diferentes”.

Todas as línguas são – em maior ou menor grau – confundentes, embora a tendência ao confundir (e não há nisto nenhum juízo de valor) prevaileça nas línguas orientais. O português também tem suas confundências. Sobretudo, o português do Brasil, com nossa propensão ao genérico, à indeterminação, ao neutro. No outro dia, dirigindo-me a um colega, vizinho de prédio, a quem frequentemente dou carona, perguntei: “E aí, você vai para a USP amanhã?”. Sua resposta foi: “Devo ir”. O leitor não tem a menor possibilidade de saber o que significa esse “devo”, entre nós, muito confundente. Se se tratasse de legendar uma cena de filme, como traduzi-lo, por exemplo, para o inglês (*should, have to, supposed to, must, ought...*)? Pois, esse “devo” pode ser interpretado desde a mais absoluta e imperativa decisão de ir (“eu devo ir, senão a USP desmorona”) até a mais

descomprometida e frágil intenção (“eu não falei que iria, eu falei ‘devo ir’, e aí apareceu um desenho animado legal na TV e eu não fui”).

No quadro geral do confundente, destaquemos o neutro, importante para o nosso tema. Embora gramaticalmente inexistente no português – e em tantas línguas modernas que perderam esse poderoso recurso do latim –, a necessidade do neutro é tão forte que procuramos recuperá-lo em construções alternativas. O provérbio é: “pão, pão; queijo, queijo!”, mas não para o brasileiro (e menos ainda para o mineiro...); para nós, não é nenhum dos dois: nem pão nem queijo; em todo caso, ambos: pão de queijo! *Utrum* é precisamente a forma latina que exige a definição de um de dois; daí que *ne-utrum* seja: nenhum dos dois, *neutrum*! Neutro que pode não ser nenhum dos dois, porque é ambos: confundente.

Engana-se quem, com o Aurélio, pensa que o neutro seja só ou principalmente um modo de designar o que não é macho ou fêmea:

“Neutro – gênero das palavras ou nomes que, em certas línguas, designam os seres concebidos como não animados, em oposição aos animados, masculinos ou femininos”.

Essa primeira aproximação do neutro está longe de esgotar-lhe o significado. Na verdade, tipicamente, o neutro puxa para a abstração, para a totalidade, para a indeterminação mais do que para “seres concebidos como não animados” e nem tampouco é uma “terceira opção” para aqueles que não decidiram ainda se são masculinos ou femininos... Masculino e feminino opõem-se ao neutro enquanto determinação; mais do que quanto a “gênero” ou sexo.

Um exemplo de neutro dá-se quando dizemos a quem vem correndo para entrar no elevador: “– Desculpe, não há mais lugar, já somos **sete**” (não interessam aqui as determinações desse “sete”: não só as concretizações de sexo – homens/mulheres –, mas de outras determinações concretas como: negros/brancos, alunos/professores, palmeirenses/corintianos, etc.; trata-se do neutro “sete”). Nesse sentido, tendem ao neutro o sacolão (pouco importa se é alface, cenoura ou rúcula: o preço é tanto), o restaurante por quilo etc. Neutro também é o “etc.”!

O neutro, indeterminado, como ensina Barthes, mais do que o nulo, é o plural.<sup>2</sup> O plural indetermina. Daí que, nos pronomes demonstrativos castelhanos, o plural do masculino siga o neutro: *estos, esos* (em vez de *estes e eses*). E na língua inglesa, o plural é mesmo a forma de indeterminação: “diz-se” é *They say...* No plural, no indeterminado, diluem-se: o diretor, o árbitro, o chefe, o malandro concretos e passamos para os neutros: “a direção”, “a arbitragem”, “a chefia”, “a malandragem”...

Fomos apresentados ao neutro desde a infância: ao final daqueles violentíssimos jogos de futebol de várzea, a fórmula do time adversário para despedir-se era: “Desculpe *alguma coisa*” (lançando os agravos reais no limbo do neutro, como se não tivesse havido concretíssimos pontapés desleais, caneladas etc.). Refugia-se no neutro o político que, no debate, teme a pergunta concreta e, para justificar sua ambição de cargos, diz que está obedecendo a um desejo das “bases”.

## O neutro e o confundente no humor de Eugenio

Do ponto de vista da psicologia da comunicação, o neutro, indeterminado, convoca o interlocutor a preencher a (evidente ou não) lacuna por ele deixada. É precisamente essa indeterminação que permite o humor de Eugenio. A típica piada de Eugenio – tal como ocorre com Cashman ou Groucho Marx – dá-se quando o caráter genérico e abstrato da linguagem parece ter sido eliminado (pelo contexto, pela articulação do discurso, pela prosódia...) e aparentemente ocorre uma situação totalmente unívoca, na qual o ouvinte nem imagina outra possibilidade e, de repente, um personagem instala-se com segurança e veemência nessa outra possibilidade, habilmente camuflada pelo humorista narrador.

Como na piada dos ministros ou a da gorila. A partir de agora, apresentaremos a tradução de algumas piadas de Eugenio.

---

2. Cf. Barthes, Roland. *O neutro*, São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 247.

## 1. Estacionando no ministério.

Aquele cara que vai a Madri e estaciona em frente ao Ministério.

Vem o ordenança e diz:

- Por favor, cavalheiro, tire o carro daí porque os ministros podem sair a qualquer momento.
- Fique tranquilo, pois eu tenho sistema anti-furto...

O narrador habilmente permite o inesperado desfecho, que seria impossível se o segurança dissesse, por exemplo: “É proibido estacionar aí...”

## 2. Experiência científica

No jornal apareceu um anúncio que dizia: “Laboratório precisa de senhor forte e gozando de boa saúde para experiência científica”. Aparece um cara de dois metros, forte como um carvalho, transbordando saúde, mas com uma cara de panaca...

- Vim por causa do anúncio, de que se trata?
- Queremos cruzar uma gorila com um ser humano para ver qual seria o resultado. O senhor estaria disposto a fazer a experiência *por um milhão de pesetas?* [na época, algo assim como cinco mil dólares].
- Quero impor três condições.
- Diga.
- A primeira é que quero por perto um guarda rural armado, para o caso de que a gorila me rejeite.
- Sim, de acordo.
- A segunda é que lhe pintem os lábios para que fique mais sexy.
- De acordo. E a terceira?
- E a terceira: se posso pagar o milhão de pesetas em três vezes.

A formulação “...*por um milhão de pesetas?*” deixa indeterminado se é para pagar ou para receber, o que permite o surpreendente desfecho. Como na piada brasileira do galinheiro, “teste de racismo”:

Teste para descobrir se você é racista ou não.

Responda rápido:

Num galinheiro existiam 30 galinhas.

Um negão levou 10 galinhas.

Quantas galinhas ficaram no galinheiro?

RESULTADO ABAIXO:

Abaixe mais

Abaixe mais

Resultado:

Se você respondeu 20 galinhas – Você é racista

Se você respondeu 40 galinhas – Parabéns!!!

Se havia 30 e o negão levou (mais) 10, ficaram 40 galinhas.

Ninguém disse que o negão tinha roubado...

Cuidado!!! Racismo é crime inafiançável e imprescritível!!

(Do site: <http://cabecaxata.com.br/?p=1593>)

A seguinte manifesta claramente a sutil redução ao neutro, que deixa o leitor “indefeso”.

### 3. Motoqueiro Atropelado

– Sabia que, segundo as estatísticas, em São Paulo, um motoqueiro é atropelado a cada meia hora?

– Nossa, imagina como é que deve estar o coitado...?

O que era para ser entendido como “um” indeterminado (neutro) é assumido como “um” determinado.

### 4. Para onde vai a carta?

Um cara na rua diz para o outro:

– Por favor, se eu puser esta carta aqui na caixa do correio, ela irá para Pamplona?

- Claro!
- Era o que eu temia... eu quero que vá a Barcelona...

A graça está, novamente, na passagem do neutro (indeterminado) para o determinado: algo que era para (obviamente) ser entendido como indeterminado, subitamente revela-se como determinado. “Pamplona” aqui era para ser lida como “x”, cumprindo o mero papel representativo de: “uma cidade qualquer”: “se eu puser esta carta (supondo-se o óbvio: que ela está dirigida à cidade x), ela irá para x?”

## 5. Águas medicinais

- Sabe se este balneário é bom para o reumatismo?
- É ótimo!! Foi aqui que eu peguei o meu!

De passagem, note-se que até gramaticalmente temos um resquício do neutro quando dizemos o feminino “em masculino”: “Água da serra *é bom* para o reumatismo”.

A seguir, outras prestidigitações semânticas em outra das especialidades de Eugenio: piadas curtas ou curtíssimas.

## 6. Mais adiante

Na entrevista de trabalho, diz o gerente da empresa:

- O senhor começará ganhando mil dólares e, mais adiante, aumentaremos para três mil
- Então, eu volto mais adiante...

## 7. Plano de carreira

O cara que estava com a picareta quebrando pedras na linha do trem dá uma parada, para limpar o suor e faz a seguinte reflexão:

- Há vinte anos que eu trabalho nesta empresa... Fui promovido cinco vezes... Eu queria saber com que cargo que eu comecei aqui...

8. Eu tenho duas irmãs...

Um amigo diz ao solteirão empedernido:

- Você não pensa em se casar?
- Eu? Para que? Eu tenho duas irmãs que cuidam de mim, me mimam, me fazem todos os caprichos...
- Mas suas irmãs... nunca lhe poderão dar o que só lhe pode dar uma mulher.
- E quem falou que são minhas irmãs?

Novamente, o neutro, que neste caso chega a ser extremamente sutil, na formulação: “tenho duas irmãs”, que pode ser lida como: tenho duas mulheres, que são irmãs...

9. Com amigos assim...

Sete horas da manhã. Fim de janeiro. Século onze. Baixa Idade Média. O cavaleiro regressa ao castelo, depois de um dura batalha, em estado deplorável. Ia com a armadura toda amassada, o elmo retorcido, a cota de malha em frangalhos e o cavalo mancando. O senhor do castelo sai a seu encontro e diz:

- Mas o que foi que te aconteceu?
- Senhor, eu venho de servir a meu senhor, castigando vossos inimigos do Oeste.
- Mas, o que estás dizendo...? Eu nunca tive inimigos no Oeste!
- Ah, mas a partir de agora, sim, que tendes...

10. Luminares provincianos

Quatro amigos estão jogando biriba num bar de *La Almunia de Doña Godina* [vilarejo de 7000 habitantes] e na tevê começa a passar um documentário de Jacques Cousteau, no qual uns mergulhadores se atiram de costas do barco ao mar. Diz um deles:

- Eu sempre me pergunto, por que os mergulhadores pulam de costas ao mar.

E o Calixto, que estava ao lado, diz:

– Pulam de costas, porque se pulassem de frente, o impacto da água na máscara poderia quebrar o vidro e fazer mal à vista.

Diz o Galindo:

– Nada disso... Pulam de costas, porque se pulassem de frente, com o peso das garrafas que levam nas costas, poderiam ficar embaixo do barco e ser tragados pela hélice.

Diz o Ambrósio:

– Vocês não sabem coisa nenhuma. Pulam de costas por causa do princípio de Arquimedes, que também era mergulhador: que a todo corpo que se submerge na água, a água sofre um deslocamento igual ao volume que penetrou.

E o Aniceto, que estava no balcão, picando fumo, diz:

– Êta caipirada! Vocês são a vergonha da cidade. Pulam de costas, porque, se pulassem, de frente cairiam dentro do barco, porra!

## 11. Me inclui nessa...

Duas senhoras amigas viajavam no trem de alta velocidade Madri-Sevilha, conversando sobre suas coisas. Sentado diante delas, um senhor finge ler o jornal, mas está atento à conversa delas. Uma diz:

– Eu, já não sei o que fazer para que o dinheiro que o Pepe me dá dê para chegar até o fim do mês.

– Arrume um amante. Eu tenho um amante que me dá todo mês mil dólares.

– Eu tinha pensado nisso, mas não é fácil encontrar um bundão que solte esse dinheiro assim.

– Arruma dois, quinhentos cada um. Para ficar mais fácil ainda: arruma quatro, a duzentos e cinquenta cada um...

E o cara do jornal diz:

– Perdoem, senhoras, que eu interrompa. Mas é só para dizer que, quando cheguem aos cem dólares, eu não me importaria em absoluto de estar entre os tais “bundões”...

12. Só na UltraFarma...

Um cara está fumando no ônibus e o cobrador lhe diz:

– Por favor, cavalheiro, jogue fora o cigarro, pois há um cartaz aqui que diz: “Proibido fumar no interior deste veículo”.

O cara joga fora o cigarro e em seguida cospe no chão.

– Por favor, cavalheiro – diz de novo o cobrador – aqui há outro cartaz que diz: “Proibido cuspir no interior deste veículo”.

O cara irritado solta uns palavrões.

– Por favor, cavalheiro aqui há outro cartaz que diz: “Proibido falar palavras de baixo calão”.

O cara vai até o motorista e lhe diz:

– O senhor está vendo as pancadas que seu colega me está dando?

– Por favor, cavalheiro aqui há um cartaz que diz: “Proibido conversar com o motorista”.

– Quer saber de uma coisa? Abre essa porta, que eu vou descer já.

– Por favor, cavalheiro aqui há outro cartaz que diz: “Proibido descer por esta porta” Tem que ir pela de trás.

Finalmente, o cara desce e, estando na rua, se dirige ao cobrador lá de baixo e lhe diz:

– Quer saber de uma coisa? Meus remédios, eu vou comprar onde eu bem entender!

– E o senhor, quer saber de uma coisa? Aqui dentro há um cartaz que diz: “Compre seus remédios só na UltraFarma”

Confundem-se na mesma forma verbal o terminantemente proibido e o mero convite a comprar em tal loja.



## 49. Pegadinhas no Evangelho

(v. 29, p. 48-53, março 2008 – revisto e ampliado)

### Pensamento confundente – línguas semitas

**D**istinguir e confundir, ensina o filósofo espanhol José Ortega y Gasset, são duas importantes funções do pensamento/ linguagem. Numa entrevista que fiz, em 1999, a um dos mais importantes filósofos de nosso tempo, o saudoso Julián Marías, ele assim expunha o conceito orteguiano de “pensamento confundente”:

Há uma dupla dimensão do pensamento. Há uma função, diríamos, *normal* do pensamento que é distinguir e determinar as diferentes formas de realidade. Por outro lado, se esta fosse a única função do pensamento, não haveria como lidar intelectualmente com realidades complexas, em suas conexões, nas quais interessa ver o que há de comum e, portanto, o tipo de relações que há entre realidades que, de resto, são muito diferentes. Isto é o que Ortega denominava ‘pensamento confundente’. Eu gosto do exemplo da palavra ‘bicho’, muito vaga, que se refere a milhões de animais, mas nos comportamos diante de um ‘bicho’ de uma maneira de certo modo homogênea: em muitas ocasiões as diferenças não contam: e não nos importa a espécie (haverá centenas de milhares de coleópteros, mas, para muitos efeitos, não interessa). O ‘pensamento confundente’ é muito importante e é um complemento para o pensamento que distingue.<sup>1</sup>

De fato, para certos efeitos, necessitamos da distinção; para outros, a distinção atrapalha: se pousa um “bicho” no meu ombro, tudo o que

---

1. <http://www.hottopos.com/videtur8/entrevista.htm>

me interessa é expulsá-lo, pouco importa se se trata do coleóptero A, B ou C...

As diversas línguas têm relações diferentes com o confundente; algumas tendem mais à distinção; outras à “confusão”: não há nisso juízo de valor: o confundente pode ser uma riqueza. Em outros estudos, temos mostrado como, tipicamente, as línguas orientais tendem mais ao confundente: a designar por um único vocábulo realidades que, para nós, só podem ser expressas por diversas palavras.

Consideremos, por exemplo, a palavra árabe *Salam* (ou sua equivalente hebraica: *Shalom*), usualmente traduzidas por *Paz*. Ou melhor, se quisermos ser fiéis à semântica semítica, consideremos o radical tri-consonantal (radical que determina essencialmente o significado; as vogais só fazem a determinação periférica de sentido) S-L-M, ou em hebraico Sh- L-M.

Paz é somente um dos múltiplos significados confundidos em S-L-M.

S-L-M significa também, por exemplo, unidade, integridade física ou moral: quando eu quebro um giz, sofro um ferimento, estabeleço uma separação ou produzo uma peça com defeito estou rompendo a S-L-M. Daí que o nome SaLyM, tão freqüente entre os árabes, signifique “o íntegro”, o que não se corrompe... Naturalmente, ninguém no Ocidente entenderia se se dissesse de um giz quebrado que ele perdeu “sua paz”.

## Pensamento confundente – exegese bíblica

Ter em conta o caráter confundente das línguas semitas é importante para a exegese bíblica. Por exemplo, fora desse contexto confundente, é extremamente enigmática a formulação do apóstolo Paulo, que, escrevendo em grego (mas pensando com sua cabeça semita) diz que “Cristo é nossa paz...” (*Autos gar estin he eirene hemon...* Ef. 2, 14). E quando um ocidental examina a razão pela qual Paulo afirma que Cristo é “nossa paz”, aí a perplexidade torna-se total: “Cristo é nossa paz porque Ele quebrou o muro e de dois fez um”.

Já para um semita é totalmente natural que Cristo seja nosso *Shalom* precisamente porque Ele restabeleceu a unidade, “quebrou o muro e de dois fez um” (Ef 2, 14). Aboliu a lei, fazendo, em Si mesmo, de dois, um homem novo: a paz (*Shalom*). E em Col 3, 15, Paulo dirá também, tautologicamente em semita: “é pela *paz* de Cristo que formais *um só* corpo” etc.

### Pensamento que distingue – os “se” semitas x nosso “se” singular

Mas, neste artigo, não enfatizaremos o confundente semita; interessamos, sim, um caso excepcional, que vai no sentido contrário: um caso no qual as línguas semitas (centraremos nosso estudo no árabe, mas vale também para o hebraico e o aramaico, a língua falada por Jesus), distinguem, enquanto nossa língua confunde: trata-se da conjunção “se” e de como essa nossa “confusão” pode perturbar a compreensão das falas evangélicas.

É o caso da distinção semita em três níveis daquilo que, em nossa língua, se confunde na única conjunção “se”.<sup>2</sup> Para nós, a conjunção “se” é confundente e pode situar-se – quanto à possibilidade de realização – em três níveis distintos:

- 1) Um primeiro nível é o “se” (em árabe *idha*) que expressa uma certeza (ou algo muito provável) de que algo vai se realizar: “Se chover em janeiro em São Paulo, haverá enchentes”, “Se o teu filho te der alguma preocupação, tem paciência”. É um “se” que

---

2. Para as formas árabe, hebraica e aramaica do “se” de impossibilidade (em árabe: *law*), veja-se “If” introducing statement known or believed to be untrue” in De Lacy O’Leary *Comparative Grammar of Semitic Languages*, Routledge, 2000, p. 276. Para o se de certeza (em árabe *idha*, em hebraico *hen*), cf.: Stec, D. M. “The Use of “hen “ in Conditional Sentences”, *Vetus Testamentum*, Leiden, Brill, 1987, vol. 37, n 4, p.478-486. Segundo Stec, há mesmo estudiosos que consideram *hen* - no sentido especial de “se” – um aramaismo no hebraico bíblico.

poderíamos até substituir por “quando”: certamente choverá em janeiro e filho sempre dá alguma preocupação.

- 2) No extremo oposto, situa-se o “se” (em árabe: *law*) que expressa uma impossibilidade (ou quase): “Vai ver se eu estou na esquina”, “Se não houver políticos corruptos, o Brasil será o maior país do mundo”.
- 3) E, finalmente, o “se” mais normal, que expressa dúvida real: pode ser que sim, mas também pode ser que não. Como quando a grávida diz: “Não sabemos ainda se é menino ou menina”; ou o convidado no celular: “Não sei se vai dar para chegar a tempo: o trânsito está muito congestionado”.

Na 33<sup>a</sup>. rodada do campeonato brasileiro de 2007, tivemos uma confluência dos três níveis do “se”. Para ser campeão, bastava ao São Paulo não perder para o lanterna América de Natal, em um Morumbi lotado com 60.000 torcedores. A diferença dos saldos de gols entre os dois times era de 90!! Quando a imprensa noticiou: “Se o São Paulo não perder para o América, será campeão por antecipação”, esse “se” não era de dúvida, mas de certeza: ninguém apostaria um centavo no América (ainda que o técnico Muricy Ramalho insistisse em afetar humildade). Já o “se” de dúvida real, de possibilidade real, ficava por conta de: “Se o Corinthians for rebaixado...”, naquela ocasião uma mera possibilidade. E, finalmente, quem dissesse, naquela 33<sup>a</sup>. rodada, “Se o Santos for campeão...” (o Santos ainda tinha uma infinitesimal “chance matemática”, envolvendo mil articulações...), estaria usando o “se-*law*”, que corresponde ao nosso “dar zebra”, fato impossível pois a “zebra” não está sequer na lista dos bichos do “jogo do bicho”: da impossibilidade metafísica, a expressão passou para a “impossibilidade” probabilística.

Certamente, por vezes, as flexões verbais do português permitem perceber que se trata do “se” irrealizável ou utópico, como nos versos de Ataulfo Alves em “Mulata Assanhada”:

Ai, mulata *se* eu pudesse,  
E *se* o meu dinheiro desse,  
Eu te dava sem pensar,  
Esta terra, este céu, este mar

## *Revelando a Linguagem*

Ai, meu Deus, que bom seria  
Se voltasse a escravidão  
Eu comprava esta mulata  
E levava pro meu barracão

Mas, em outros casos, não é tão claro! Lembro-me de que, na minha infância, tropeçávamos em toda parte (até afixado em caixas de padaria) com o poema, hoje esquecido, “Se”, de Rudyard Kipling, que, na tradução de Guilherme de Almeida,<sup>3</sup> era nos apresentado como um ideal moral concreto (exigente, mas não necessariamente impossível).

### **Se**

Se és capaz de manter a tua calma quando  
Todo o mundo ao teu redor já a perdeu e te culpa;  
De crer em ti quando estão todos duvidando,  
E para esses no entanto achar uma desculpa;  
Se és capaz de esperar sem te desesperares,  
Ou, enganado, não mentir ao mentiroso,  
Ou, sendo odiado, sempre ao ódio te esquivares,  
E não parecer bom demais, nem pretensioso;

Se és capaz de pensar – sem que a isso só te atires,  
De sonhar – sem fazer dos sonhos teus senhores.  
Se encontrando a desgraça e o triunfo conseguires  
Tratar da mesma forma a esses dois impostores;  
Se és capaz de sofrer a dor de ver mudadas  
Em armadilhas as verdades que disseste,  
E as coisas, por que deste a vida, estraçalhadas,  
E refazê-las com o bem pouco que te reste;

Se és capaz de arriscar numa única parada  
Tudo quanto ganhaste em toda a tua vida,  
E perder e, ao perder, sem nunca dizer nada,

---

3. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u91936.shtml> Acessado em 1-1-08.

Resignado, tornar ao ponto de partida;  
De forçar coração, nervos, músculos, tudo  
A dar seja o que for que neles ainda existe,  
E a persistir assim quando, exaustos, contudo  
Resta a vontade em ti que ainda ordena: “Persiste!”;

Se és capaz de, entre a plebe, não te corromperes  
E, entre reis, não perder a naturalidade,  
E de amigos, quer bons, quer maus, te defenderes,  
Se a todos podes ser de alguma utilidade,  
E se és capaz de dar, segundo por segundo,  
Ao minuto fatal todo o valor e brilho,  
Tua é a terra com tudo o que existe no mundo  
E o que mais – tu serás um homem, ó meu filho!

O caráter confundente de nosso “se” (oscilando entre a possibilidade, a dúvida, a impossibilidade e até a certeza...) permitiu a paródia desse poema por José Paulo Paes, em:

“Kipling revisitado”<sup>4</sup>

se etc  
serás um teorema  
meu filho

Para três grandes campos, de situações tão diversas, dispomos de um único “se”. Mas imaginemos que tivéssemos três (ou mais...) palavras

---

4. *Um por todos (poesia reunida)*. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 97

totalmente distintas, para os três distintos níveis de “se”: impossibilidade, certeza e possibilidade. Como ficaria a tradução de um texto de uma língua que dispusesse de mais de um “se”?

Analisaremos algumas (poucas) características dos “se” árabes (que têm correspondentes no hebraico e no aramaico, falado por Jesus), se bem que o que nos importa é mais a idéia abstrata de poder separar três “se” (pelo menos), enquanto nossa língua nos convida a confundi-los num único caso.

### “Law” árabe (semita), o “se” da impossibilidade

Começemos pelo *law*, o “se” das construções de impossibilidade (ou quase impossibilidade; do meramente hipotético, enfático, desiderativo, utópico, etc.). É o “se” das – para usar o gramatiquês – “construções contrafactuais”, tão apreciado pela filosofia dos caminhoneiros, que estampam em seus para-choques, sentenças como:

Se chifre fosse flor, minha cabeça seria jardim.  
Se casamento fosse estrada, eu andava no acostamento.  
Se pinga fosse fortificante o brasileiro seria um gigante.  
(Não buzine:) Se grito resolvesse, porco não morria.

E mesmo no Alcorão encontramos exemplo semelhante:

“Se o mar fosse tinta para registrar as palavras de meu Senhor, em verdade o mar exaurir-se-ia antes de se exaurirem as palavras de meu Senhor... (18, 109)”.<sup>5</sup>

Se tivéssemos um equivalente português (e o “se” do começo desta frase já é o “se” *law*, pois não temos esse “se” em nossa língua), atenuar-

---

5. *Tradução do sentido do nobre Alcorão para a língua portuguesa*, realizada por Helmi Nasr; com a colaboração da Liga Islâmica Mundial. Al-Madinah: Complexo do Rei Fahd, 2005.

se-iam situações muito embaraçosas, como a do vendedor da loja de roupas tamanho grande, que quer convencer o/a cliente a comprar uma calça com cintura elástica, pois se ele/a engordar, a calça se ajustará... Como dizer: “– É melhor comprar esta, pois se o senhor engordar...”, sem correr o risco de perder o cliente? (ou como dizer ao vovô muito idoso que está mais do que na hora de fazer o testamento? ou avisar o marido traído? ou a mãe do gay...? etc. )

Para casos como esses – na falta de um *law* que ajudaria a enfrentar os casos – a criatividade brasileira recorre a círculos e enrolações como: “É melhor o senhor levar esta calça porque... isto **não** vai acontecer, mas *vai que* o senhor, temporariamente, engorde um pouquinho, ela se ajusta até o senhor voltar a emagrecer...”. Para o caso da admissão da idéia da morte, ficou famosa a frase atribuída ao Dr. Roberto Marinho (os funcionários mais antigos da Globo referiam-se a ele como “Deus”): “Se um dia eu vier a faltar...”.

Um uso interessante de *law* é com *wa* (e) na expressão *wa law*, que significa: mesmo se (se de impossibilidade). Ao lado do Alcorão, a tradição muçulmana recolhe os *hadith*, os ditos do Profeta Muhammad. Um famoso hadith diz:

“Buscai o conhecimento mesmo se ele estiver na China”  
(*Utlub al ‘ilma wa law fis-Sin*) o que, traduzindo para as distâncias de hoje, soaria quase como: “Buscai o conhecimento mesmo que ele esteja em Marte”.

E nos provérbios árabes,<sup>6</sup> encontramos:

*Khara* (excremento) é *khara* mesmo que atravesse o Eufrates (al-fara).O excremento não se purifica mesmo *se* atravessar o Eufrates

---

6. O sinal # indica o número do provérbio extraído das coletâneas: de Freyha, Anis *A Dictionary of Modern Lebanese Proverbs*, Beirut, Librairie du Liban, 1974, Feghali, Michel *Proverbes et Dictons Syro-Libanais*, Paris, Institut d’Ethnologie, 1938 e Jasim Reyadh Mahdi *El refranero iraquí – aspectos semánticos y socioculturales*, tese doutoral na Universidad de Granada, Granada, 2006.

(Feghali # 392). Rimado no original: *Al-khara khara wa law qata' nahr al-Fara*

Dê sua massa para o padeiro assar, mesmo *se (wa law)* ele roubar metade (Freyha # 243). O sentido é: em qualquer caso, melhor do que a improvisação amadora é confiar o serviço a um profissional. A dívida é um peso bravo, mesmo que (*wa law*) seja de um centavo (Jasim # 292)

O cão é cão, mesmo que revestido de ouro (Jasim # 767)

Outros provérbios com variações no uso de *law*:

Nem que apareça o Mahdi (Jasim, p. 67. *Law yazhar Al-Mahdi*, no sentido de “em nenhum caso, “nem que a vaca tussa”. Os xiitas acreditam que Muhammad al-Mahdi – o décimo segundo *imam*, falecido em 874 – encontra-se oculto e que regressará no fim do mundo).

*Se* a vinha estivesse protegida de seus próprios guardas, produziria toneladas (Feghali # 2124).

E no Alcorão encontramos 80 vezes o *law*, como por exemplo, quando os condenados, que chegam ao fogo eterno, dizem: “Ah, *se* pudéssemos voltar, não teríamos seguido os ímpios” (2, 167). Ou *se* tivessem tudo o que há na terra e mais outro tanto, para, com isso, se resgatarem do castigo do Dia da Ressurreição, nada disso lhes seria aceito... (5, 36). Ou quando os incrédulos dizem: “És louco, Muhammad..., *se* é verdade o que dizes, faze descer os anjos...” (15, 7).

Também certamente foi no *law* de sua língua materna que o Apóstolo Paulo pensou seu famoso hino ao amor: “Se eu falasse as línguas dos homens e as dos anjos, mas não tivesse amor...” (I Cor 13, 1).

E se alguém estiver sem pecado, que atire a primeira pedra...

## O “se”-*idha*

Para o “se”-*idha*, comecemos com uma observação do criterioso estudo de Kadi, *Hatta Idha in the Qur’an...*<sup>7</sup>. Em seu uso como “se”, Kadi observa que a unanimidade dos gramáticos consideram *idha* como palavra que *contém* um sentido condicional, mas que *não* é uma partícula de condição, em sentido próprio (ao contrário de *in* ou outras). Assim se eu digo:

*In ta’ tini* (jussivo) *atika* (jussivo)

Se você vier me visitar, eu te visitarei

(é bem possível que você não venha me visitar e, nesse caso, também eu não te visitarei)

Mas com *idha*, o “se” é um *se/quando*, que expressa uma certeza:

*Idha ataytani* (indicativo) *atika* (indicativo)

Se (=quando) você me visitar, eu te visitarei

(É certo que você virá me visitar e, então, eu também te visitarei)

O fato em si é certo; é só questão de saber quando ocorrerá. Ou para usar o exemplo de Sibawayh, o patriarca da gramática no fim do século VIII, diz-se com *idha*:

*Atika idha ihmarra al-busru*

Eu te visitarei quando as tâmaras, agora verdes, amadurecerem.

Mas não se pode dizer com *in* (ou outros “se” condicionais):

---

7. Kadi, Samar Afif *Hatta Idha in the Qur’an: a linguistic study*, tese de doutoramento, Columbia University, 1994.

*Atika in ihmarra al-busru*

Eu te visitarei se as tâmaras, agora verdes, amadurecerem.

(Não cabe um condicional, porque é certo que vão amadurecer.<sup>8</sup>)

Dichy, em conferência de 2007, sobre o condicional árabe, explica que *idha* refere-se a processo realizável, que deve ser realizado e situado em momento incerto no futuro. Emprega-se *idha* para casos como o da repetição do hábito ou o enunciado (“Se...”) de uma lei científica:

“Se ele vier (sempre que veio) a Mosul, ele nos visitará” (hábito)

Kana, *idha* ‘ata l-mawsila yazuruna

Ou, no exemplo de al-Gazali:

Se todo A é B (alif, ba), então algum B é A.<sup>9</sup>

Como o “se”-*idha* funciona como um “se” de certeza, é frequentemente traduzido por “quando”, no sentido de “sempre que”. Por exemplo, na tradução do Alcorão do Prof. Nasr encontramos para *idha*: “Àqueles que, *quando* uma desgraça os alcança dizem: ‘Somos de Allah...’” (2, 156); “É-vos prescrito, *quando* a morte se apresentar a um de vós, fazer testamento...” (2, 180); “...atendo a súplica do suplicante, *quando* me suplica...” (2, 186); “...(Allah) *quando* decreta algo, apenas diz-lhe: ‘Sê’, então, é” (3, 47); “E que *quando* cometem obscenidade (...) lembram-se de Allah e imploram perdão...” (4, 135).

Na famosa sentença evangélica, concorrem *idha* e *in*: “Se (*idha*) teu irmão pecar contra ti, vai e repreende-o a sós, se (*in*) ele te escutar...” Mt (18,15). É certo que algum irmão pecará contra mim; é duvidoso que ele aceite a repreensão...

---

8. Cf. tb: Giolfo, Manuela E. B. “Le Strutture condizionali dell’arabo classico” *Kervan*, Univ. di Torino, No. 2, luglio 2005, p. 58.

9. Dichy, Joseph *Si, comme si, même si, Ah! Si et si non: conditionnelles et référentiels discursifs en arabe*, <http://www.concours-arabe.paris4.sorbonne.fr/cours/Dichy-26-03-2007.pdf>, 2.2 b e c, acesso em 5-01-08

## O Evangelho revisitado

Nem é necessário dizer que o brevíssimo resumo feito até aqui está longe de qualquer outra pretensão que a de meramente sugerir um exercício de leitura do Evangelho, tendo em conta diversas possibilidades de “se”, simplificadaamente: o da possibilidade, o da certeza e o da impossibilidade.

Nesse sentido, é um fato interessante que distintas edições árabes do Evangelho nem sempre coincidem em utilizar o mesmo “se” (*law*, *idha* ou os da família do *in*) e, em qualquer caso, é interessante atentarmos para o caso que Jesus teria empregado em cada situação.

Consideremos algumas passagens do Evangelho, em que figura o “se” em nossas Bíblias (e que são efetivamente postas como “se” na *Bíblia de Jerusalén*<sup>10</sup>) e vejamos como as traduziríamos, *se* quisermos recuperar o original aramaico, realmente proferido por Jesus e pelos personagens evangélicos. Naturalmente, trata-se de um exercício de ficção exegética: não dispomos de transcrição literal, de fita gravada, dos discursos recolhidos pelos evangelistas.

Comecemos pelos mais óbvios:

**1. O “se” de possibilidade real** – é o mais freqüente e o primeiro em que pensamos. Baste um exemplo: em Mt (28,14), quando os sumos sacerdotes e os anciãos subornam os guardas do sepulcro de Cristo, para que digam que os discípulos roubaram Seu corpo: “Se a coisa chegar aos ouvidos do procurador, nós o convenceremos e evitaremos complicações para vocês”.

**2. O “se” de certeza.** Em diversas formulações, parece claro que Jesus (ou outros falantes) usam o “se” de certeza (em árabe: *idha*):

Quem de vós, tendo uma ovelha, se ela cai em um buraco num sábadado não a tira? (Mt 12,11).

---

10. Bíblia de Jerusalén em hipertexto: *Debora-Microbible*, CIB (Maredsous, 1990) programa FindIT, Marpex, Ontario, 1992

Se o homem encontra a ovelha perdida tem alegria por ela... (Mt 18, 13)

Se algum lugar não vos recebe, ide embora. (Mc 6, 11)

Se morre o irmão de alguém... que seu irmão tome a mulher... (Mc 12, 19)

Se um cego guiar outro cego, ambos cairão no abismo (Mt 15, 14)

Em todos esses casos, o “se” pode ser substituído por “quando”: certamente, ovelhas que caem são retiradas; ovelhas encontradas produzem alegria; sempre haverá lugares que não receberão os apóstolos; infalivelmente irmãos morrerão; e é certo que cego mal guiado cai.

**3. O “se”-law.** Há também passagens nas quais, claramente, trata-se do “se”-law:

Se o dono da casa soubesse a que hora da noite virá o ladrão... (Mt 24, 43)

Virão falsos cristos capazes de enganar, se fosse possível, os próprios eleitos (Mt 24, 24)

Jerusalém, se também tu conhecesses neste dia a mensagem de paz!

Mas agora ficou oculta a tesus olhos Lc 19, 42

Um outro episódio. Em Lc 7, 35 e ss., um fariseu roga a Jesus que vá comer em sua casa. Durante a refeição irrompe na sala uma mulher, “pecadora pública”, com um vaso de perfume e, chorando, põe-se aos pés de Jesus, lava-lhe os pés, unge-os com o perfume e seca-os com seus cabelos etc. O fariseu, escandalizado, dizia em seu interior: “Se este homem fosse profeta, saberia que esta mulher é pecadora...”. Claro que se trata aqui do *law*, o fariseu acaba de se convencer de que Jesus é uma fraude e o que ele pensa é “Este homem não é profeta...”

**4. De que “se” estamos falando?** Nem sempre é totalmente claro qual “se” terá sido o da cena evangélica e, às vezes, pode ser um exercício interessante tentar mudar de “se”:

**a) O “se” do tentador.** Antes de iniciar sua vida pública, Jesus vai ao deserto e é tentado pelo diabo (Mt 4,3 e ss.; Lc 4, 3 e ss.).

Este Lhe diz: “Se és o Filho de Deus, diz a estas pedras que se convertam em pão”. Estamos habituados a ler este “se” como dubitativo (“será que Ele é?”), mas poderíamos pensar também em *idha*: “Já que és o Filho de Deus, diz a estas pedras...”

**b) o “se” dos zombadores.** Cristo na cruz ouviu várias provocações: “Se és o Filho de Deus desce da Cruz” (Mt 27, 40); “Que Deus o salve agora, se é que o ama...” (Mt 27, 43); “Vamos ver se Elias vem para salvá-lo” (Mt 27, 49). Certamente, os zombadores não acham que Jesus seja filho de Deus ou que Elias virá para salvá-lo: cabe perfeitamente o *law* de impossibilidade.

**c) o “se” do pai aflito.** Mc 9, 14 e ss. Jesus desce do monte da transfiguração, com Pedro, Tiago e João, e encontra uma confusão de muita gente discutindo com os outros apóstolos. E é que um homem tinha trazido seu filho, que tinha um espírito mudo (que o lançava ao chão, ao fogo e à água e o fazia espumar, ranger os dentes etc.) e os apóstolos, apesar de tentarem, não tinham conseguido expulsá-lo. O pai diz a Jesus: “Tu, se podes algo, ajuda-nos!”. Terá sido o “se” da possibilidade ou o *law* de quem já está desiludido? Jesus responde: “Como, se podes!?...” E o pai: “Creio, mas ajuda minha pouca fé!”.

**d) o “se” do horto** – “Pai, se este cálice pode passar sem que eu o beba...” (Mt 26, 42)

## O Samaritano e Zaqueu

O “se” da parábola do bom samaritano (Lc 10, 30-37)

<sup>29</sup>Mas ele, querendo justificar a pergunta feita, disse a Jesus: «E quem é o meu próximo?» <sup>30</sup>Tomando a palavra, Jesus respondeu: «Certo homem descia de Jerusalém para Jericó e caiu nas mãos dos salteadores que, depois de o despojarem e encherem de pancadas, o abandonaram, deixando-o meio morto. <sup>31</sup>Por coincidência, descia por aquele caminho um sacerdote que, ao vê-lo, passou ao largo. <sup>32</sup>Do mesmo modo, também um levita passou por aquele lugar e,

ao vê-lo, passou adiante. <sup>33</sup>Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou ao pé dele e, vendo-o, encheu-se de compaixão. <sup>34</sup>Aproximou-se, ligou-lhe as feridas, deitando nelas azeite e vinho, colocou-o sobre a sua própria montada, levou-o para uma estalagem e cuidou dele. <sup>35</sup>No dia seguinte, tirando dois denários, deu-os ao estalajadeiro, dizendo: ‘Trata bem dele e, se gastares mais, pagar-to-ei quando voltar.’ <sup>36</sup>Qual destes três te parece ter sido o próximo daquele homem que caiu nas mãos dos salteadores?» <sup>37</sup>Respondeu: «O que usou de misericórdia para com ele.» Jesus retorquiu: «Vai e faz tu também o mesmo.»

“Qual dos três parece ter sido o próximo...?” Quem são esses três? Essa parábola parece, à primeira vista, hoje,<sup>11</sup> mal interpretada, a começar pela consideração do trio “Sacerdote-Levita-Samaritano” (o sacerdote e o levita nem têm condições de se candidatar seriamente a “próximo”).

Na leitura usual, o estalajadeiro – um heróico e grandioso personagem – não é sequer considerado. O empenho e o sacrifício do estalajadeiro começam a se evidenciar quando consideramos que o que ele recebeu – dois denários – nem de longe cobre as suas despesas. O “se” do samaritano (“se gastares mais”) é o “se”-*idha*: “com certeza gastarás muito mais...”. Pois um denário era muito pouco: o pagamento de uma jornada de trabalho de peão, o que o dono da vinha, na parábola dos trabalhadores (Mt 20, 1 e ss.) paga a seus jornaleiros: se quisermos arriscar uma equivalência atual, alguma coisa entre cinco e dez dólares... O samaritano gasta 15 dólares para pagar duas diárias na estalagem mais a hospedagem e cuidados (por muitos dias, o homem estava semimorto...) especiais para aquele homem.

Além do mais, um estalajadeiro é vítima fácil de calotes (um hóspede pode sair sem pagar...), contra os quais não tinha defesa, exceto a de cobrar adiantado e nunca aceitar fiado (qual hotel aceitaria essa conversa

---

11. Seja como for, na interpretação de muitos Padres, Cristo é o samaritano (Agostinho En. In Ps. 124, 15; Cesário de Arles, *Sermones* 161, 2; Isidoro, *Allegoriae quaedam...* Ex NT 205 etc.); e o estalajadeiro é o Apóstolo Paulo (Agostinho, *ibidem*; Cesário, *ibidem*); ou os bispos (Arnóbio) etc.

de: “na volta eu pago”?). Mais do que o samaritano, quem usou de misericórdia foi o bom estalajadeiro. A pergunta de Cristo: “Qual destes três...?”, da qual implicitamente (e sem razão) tende-se a excluir o estalajadeiro, pode muito bem incluí-lo.

E quem seria o terceiro entre os três candidatos a próximo daquele pobre homem? Há na narrativa de Cristo um elemento intrigante: por que os assaltantes deixaram a vítima com vida? O lógico em um assalto como o da parábola seria que os salteadores matassem a vítima para afastar de vez a possibilidade de futuro reconhecimento, vingança etc. A única explicação possível para o terem deixado com vida (e talvez seja isto que Jesus queira sutilmente sugerir) é que – semelhantemente ao que aconteceu na história de José do Egito e outros casos conhecidos – um dos assaltantes, movido pela misericórdia, tenha intercedido pela vida daquele homem. Nesse caso, o grande herói da parábola passaria a ser esse “bom assaltante”, que se indispõe com os colegas, além de correr os maiores riscos: o samaritano sacrifica um pouco de tempo e dinheiro; o estalajadeiro sacrifica muito mais tempo e dinheiro (ao menos em termos de risco); o “bom Assaltante”, por usar de misericórdia, arrisca a segurança e a vida, expondo-se (e a todo o bando) a um futuro acerto de contas com a vítima... Conjecturas sobre o enredo de uma parábola, sim, mas, em todo caso, o trio Samaritano-Estalajadeiro-”Bom Assaltante” parece mais plausível do que o do senso comum, que, incrivelmente, inclui o sacerdote e o levita...

### O “se” de Zaqueu (Lc 19 1,10)

<sup>1</sup>E, tendo entrado em Jericó, ele atravessava a cidade. <sup>2</sup>Havia lá um homem chamado Zaqueu, que era rico e chefe dos publicanos. <sup>3</sup>Ele procurava ver quem era Jesus, mas não o conseguia por causa da multidão, pois era de baixa estatura. <sup>4</sup>Correu então à frente e subiu num sicômoro para ver Jesus que iria passar por ali. <sup>5</sup>Quando Jesus chegou ao lugar, levantou os olhos e disse-lhe: ‘Zaqueu, desce depressa, pois hoje devo ficar em tua casa’. <sup>6</sup>Ele desceu imediatamente e recebeu-o com alegria. <sup>7</sup>À vista do acontecido, todos mur-

muravam, dizendo: ‘Foi hospedar-se na casa de um pecador!’  
<sup>8</sup>Zaqueu, de pé, disse ao Senhor: ‘Senhor, eis que eu dou a metade de meus bens aos pobres, e se defraudei a alguém, restituo-lhe o quádruplo’. <sup>9</sup>Jesus lhe disse: ‘Hoje a salvação entrou nesta casa, porque ele também é um filho de Abraão. <sup>10</sup>Com efeito, o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido.

Se o estalajadeiro é omitido, Zaqueu é injustiçado, nem lhe é dado o benefício da dúvida: seu: “Se defraudei a alguém...” é entendido como “se” de certeza: “Se defraudei a alguém (o que, é claro, aconteceu muitas vezes...)”. E, sendo Zaqueu rico e chefe de publicanos – judeus encarregados pelos romanos da odiosa tarefa de coletar impostos e taxas..., na realização da qual, não raramente, extorquiam para si mesmos – ele é suspeito mais do que natural de corrupção e, quando Jesus vai à sua casa, começa a murmuração: “Ele está na casa de um pecador!”.

Mas, vejamos se, afinal de contas, Zaqueu era corrupto: suponhamos, só para efeito de cálculo, que seu patrimônio fosse de 600.000: ele, dando metade para os pobres, fica com 300.000 e, mesmo que tivesse se apropriado indevidamente de algo de alguém, esse “esquema” não lhe teria rendido mais do que 75.000 (para restituir o quádruplo - ficando a zero!). Ou seja: na pior das hipóteses, Zaqueu dispunha de 525.000 ganhos honestamente e só 1/8 de seu patrimônio poderia ter sido obtido por meios escusos...

Certamente, os intérpretes costumam apontar Lc 19, 8 como um condicional de 1ª. classe, que expressa uma certeza, e, nessa clave, Zaqueu deveria ser lido assim: “Se defraudei a alguém, e isto realmente aconteceu...”. Mas, um exegeta como James L. Boyer, analisando esse e todos os versículos do condicional de 1ª. classe do Novo Testamento, conclui:

Uma sentença condicional de 1ª. classe no Novo Testamento significa o mesmo que a simples condição na língua inglesa: “se isso... então aquilo”. Ela não implica absolutamente nada em relação à realidade.<sup>12</sup>

---

12. Boyer, James L. “First class conditions: what do they mean?” *Grace Theological Journal*, Grace Theological Seminary, Winona Lake, USA, Vol 2. 1 (1981), p. 82.

Ou seja, o “se” de Zaqueu pode significar: “Se defraudei a alguém, o que nunca aconteceu...”, como um desafio público a seus detratores. E Jesus faz questão de entrar em sua casa para lavar a honra, injustamente manchada (?), desse homem.

Conjecturas, meras sugestões de leitura que, se não puderem ser comprovadas, pelo menos chamam nossa atenção para a distinção semita, em um caso no qual nós somos convidados a confundir.

2007

---



## 50. Jeito, jeitinho e Cia.

(v.17 mar, p. 24-25, 2007)

Do verbo latino *jacere* – *jacio, jacere, jeci, jactum* –, lançar, arremessar, derivaram-se diversas palavras, também em português. Assim, um *jato* de água é precisamente água lançada, *jacta*; como a sorte no famoso: “*Alea jacta est*”: uma vez lançados os dados, já nada mais pode ser feito.

Evidentemente, *aleatório* – o que é incerto e imprevisível – assenta-se precisamente sobre *aleator*, o lançador no jogo de dados: não há nada mais incerto do que o resultado do lançamento dos dados.

Pelo menos é o que se pensava – trapaças à parte – até o surgimento de ases como Dominic LoRiggio, o homem que se tornou milionário derrotando os cassinos americanos no jogo de dados (*craps*) e, não por acaso, recebeu o apelido de *Dominator*. Numa memorável sessão em 2003 – após seis anos de treino em arremessar o par de dados a uma distância de mais de um metro e com a condição de batê-los na tabela – o *Dominator* ganhou 27 mil dólares no cassino, lançando os dados sem nenhum resultado desfavorável por 53 minutos e cantando alguns lances difíceis – como o par de cinco (chance de 1 contra 35) – antes do arremesso!

Os dados não eram viciados, eram os do cassino. O segredo de LoRiggio está simplesmente no modo, na maneira, ou pleonasticamente: no *jeito* (*jactu*) com que o dado é *lançado*, o que faz com que o resultado não seja *aleatório*. Alguém está forçando, digamos, um grampeador ou um eletrodoméstico que não funciona; vem o dono e diz que não é questão de força, mas de *jeito* e dá o tapinha certo, o *jeito* (*lançar a mão*) para que o aparelho realize prodígios.

Quando se passa para o âmbito das relações sociais, da obtenção de documentos junto ao INSS, do apaziguamento de tensões entre os funcionários etc., o jeito jeitosamente vira “jeitinho”, expediente geralmente mais eficaz nestes trópicos do que a exigência do cumprimento das leis, regulamentos, assistências técnicas etc.

Trata-se, portanto, de qualidade pessoal, que pode se identificar com o modo de agir (ou mesmo de ser) de cada pessoa: como ela se lança. E quando queremos enfatizar as aparências (reais ou enganosas), aí a palavra é *jeitão*, como na velha piada do freguês da peixaria:

– Moço, este peixe é fresco?

– Não, é o jeito dele que é assim mesmo...

Naturalmente, quando este modo de ser é, digamos, meio delicado ou afetado, aí em vez de *jeitão* temos *jeitinho*, como no famoso “*jeitinho de viado*”, com seus *trejeitos* (palavra para a qual Houaiss arrisca a etimologia *transjactum*, jeito exagerado).

O *jacere* de lançar ou o *jacere* de jazer (*jaceo, jacui, jacitum*) estão presentes (ou *subjacentes*) em *projeto* (lançado para diante), *projétil* (o que pode ser lançado para diante) *objeto* ou *objeção* (o que está diante), *sujeito* (por baixo), *dejeto* (lançado para baixo) e *trajetos* (ao longo de).

Lançar para fora (*e, ex*) é *ejetar*; para dentro é *injetar* ou *introjetar*. Temos *rejeição* para com aquilo que deve ser jogado fora (*abjeto*); e o que irrompe no meio é *interjeição*. E o que se junta a (um substantivo) é *adjetivo*.

Lançar em conjunto na mente vários dados, razões e hipóteses é *conjecturar*. Lançar, proclamar a si mesmo presumindo qualidades é *jactar-se*; um expelir vigoroso (de líquido) é *ejacular*.

O francês *jeton* (de *jeter*, lançar) é a ficha, a remuneração adicional que se lança na conta dos deputados que fazem o favor de comparecer às sessões da Assembléia. Nossos dicionários registram ainda *jetatura*, a ação de lançar mau olhado, feita pelo *jettatore* (originariamente da Sicília e sul da Itália).

2006

---



## 51. O laboratório de tio Patinhas – as mudanças da linguagem em cada geração

(v. 9, p. 18-23, jul. 2006)

Para além das discussões sobre gramática, norma culta, língua “brasileira”, qualidade do ensino etc., é fato evidente que a linguagem comum, sobretudo a falada pelo jovem, tem sofrido transformações ao longo dos anos. Pode-se avaliar este fato de diversos modos: desde os que, apocalipticamente o deploram, como signo incontestado da ação deletéria da prevalência da imagem sobre a escrita, até – no extremo oposto – os que o vêem com bons olhos: como natural evolução e progresso.

Seja como for, é necessário antes de mais nada, identificar em que consistem essas transformações. Uma experiência interessante, nesse sentido, é-nos oferecida pela publicação de uma mesma história em quadrinhos (HQ) ao longo das décadas: com os mesmos desenhos, mas com o texto adaptado ao leitor, em cada época.

Nesses textos, o autor / adaptador tem uma única preocupação: a de ser compreendido imediatamente por seu jovem leitor, em cada caso. Dispomos assim, de algum modo, de um referencial concreto para avaliar as mudanças da linguagem. Um referencial limitado e longe de ser absoluto, mas um referencial.

É o que faremos, de modo apenas indicativo, neste estudo. Examinaremos comparativamente os textos das diversas edições da HQ “Tio Patinhas e os índios nanicós”, desde o de seu surgimento no Brasil, em abril de 1958, até a mais recente versão, a de dezembro de 2004, considerando também (naturalmente, com menor ênfase) as edições intermediárias de 1967, 1982 e 1988.

“Tio Patinhas e os índios nanicós” é uma dessas clássicas criações de Carl Barks, o gênio da Disney, pai de personagens como Tio Patinhas e Prof. Pardal. Barks é um clássico, que une narrativas dinâmicas a um desenho magistral, numa combinação cômica inigualável. Sua obra

continua sendo uma permanente fonte de inspiração para significativas discussões, sobretudo para a educação de nosso tempo, que busca referenciais concretos para a interdisciplinaridade e temas transversais.

Há exatos cinquenta anos, em 1956, antes de que se falasse em ecologia, no sentido que viria a se absolutizar com referência à poluição industrial considerada em contexto político, “*green*” *interest* etc. – e nem sequer estava difundida a palavra “poluição”, Barks cria a HQ em questão, “*Land of the Pigmy Indians*”, logo traduzida e publicada no Brasil.

O enredo é simples: Tio Patinhas já não suporta a poluição de Patópolis (poluição, aliás, que suas indústrias criaram) e compra do corretor Chicão uma imensa área desabitada na região dos Grandes Lagos no Norte, onde possa manter-se em contato com a natureza, longe de qualquer indústria e inclusive despreocupar-se da guarda de seu rico dinheirinho, pois lá não há ninguém para o roubar.

Para a primeira visita a essas suas terras, vai acompanhado de Donald e dos sobrinhos. Naturalmente, o instinto de lucro é tão forte que, uma e outra vez, Patinhas terá suas recaídas e ficará pensando constantemente em como explorar industrialmente os minérios e recursos naturais desse seu paraíso ecológico.

Ocorre, porém, que as terras não são desabitadas: nelas vivem - como os patos descobrirão aos poucos – uma tribo de pigmeus, os índios nanicós. Esses índios, verdadeiros donos das terras desde tempos imemoriais, não se deixam enganar por Patinhas, capturam os patos e impõem a Donald o desafio de vencer a principal ameaça para a tribo: o monstruoso peixe, rei esturjão.

Donald, com a ajuda dos sobrinhos, acaba vencendo a fera, atingindo-a com o venenoso “óxido de estrombôlio” (preparado com os minérios extraídos por Patinhas). Embora agradecidos, os desconfiados nanicós, diplomaticamente “expulsam” os patos: na festa de celebração da amizade, oferecem a Patinhas o cachimbo da paz ocultamente abastecido com o “óxido de estrombôlio”. Patinhas, sob o impacto da ação do veneno, é levado de volta para Patópolis e nunca mais quer ver as terras dos índios do cachimbo fatal.

A história ocupa 27 páginas, num total de 208 quadrinhos. Na criação dos personagens nanicós, Barks declara ter se inspirado no poema “A Canção de Hiawatha” do poeta americano Henry Wadsworth Longfellow. Assim, os nanicós falam sempre em versos rimados e são capazes também de conversar com os animais, seus poderosos aliados contra os patos.

Voltemos aos fatos de linguagem.

Em números anteriores de “Língua Portuguesa”, temos analisado como nossa língua perdeu recursos do latim, como é o caso do neutro ou da voz média. Perdeu também as declinações, a flexão do final da palavra latina que indica se ela exerce, por exemplo, a função de sujeito (*rosa*), objeto direto (*rosam*), adjunto adnominal restritivo (*rosae*) etc.; em português é só *rosa* e ponto. Encontramos resquícios das declinações latinas nos pronomes (tu, te, ti etc.), mas mesmo esses vestígios estão desaparecendo (“Vida leva eu” etc.).

Certamente seria exagerado dizer que está se formando atualmente uma nova língua no lugar do português, mas, sem dúvida, não são de menor importância, transformações do português realmente falado no Brasil de hoje (sobretudo pelo jovem...), como o atual processo de supressão (fática) do subjuntivo (ou da distinção subjuntivo/indicativo). O que se ouve é: “Se você quer que eu vou, eu vou...”. E o mais grave é que esta supressão (gramatical) corresponde a uma supressão de distinção de categorias mentais: a abolição da distinção entre o real em ato e o simplesmente possível ou desejado...

Algumas mudanças do tipo fazem as diferenças das falas dos personagens de Tio Patinhas e os Índios Nanicós, nas cinco edições publicadas entre 1958 e 2004, como vemos ao longo destas páginas.

#### ADEQUAÇÃO CONCEITUAL

As diferentes traduções da mesma história de Tio Patinhas trazem algumas mudanças de texto que remetem a vigências sociais de cada época em que ocorreu uma versão. Em 1958, por exemplo, Huguinho, Zezinho e Luizinho tratam a Donald de “senhor” [16, 4], mas, em 2004, já se dirigem ao tio com “você” [20,7]. Já Tio Patinhas é, em todas as edições, tratado de “senhor” [3, 7].

Em relação ao léxico em geral, notamos mudanças conceituais importantes, que revelam a convivência com idéias em cada geração. Já no primeiro quadrinho da história, só a partir da edição de 1982, aparece a palavra “poluição”, quando Patinhas diz: “Eu quero deixar Patópolis e essa poluição, ruídos e gente apressada!” Em 1958 e 1967, a fala correspondente era: “Eu quero deixar Patópolis com sua neblina, ruídos e gente apressada!”

Nesse mesmo quadrinho, encontramos uma fórmula que hoje não é usual: a expressão “ir ter”, com que se iniciava a HO em 1958 e 1967: “Tio Patinhas vai ter às terras do Norte” [1, 1], substituída por “Tio Patinhas vai às terras do Norte” em 1982 e 1988. Nessa mesma linha, encontramos expressões como:

1958	2004
“Você terá a região toda para si” [2,1] (segunda página, 1º quadrinho)	“O lugar vai ser todinho seu”
“... nos aproximaremos <b>por entre</b> as árvores” [12,2]	“... nos aproximamos entre as árvores”
“... <b>dentro de</b> alguns minutos” [14,2]	“... em poucos minutos”
“antes que <b>dêem pela falta</b> dele” [13,6]	“antes que sintam a falta dele”



UMA DIFERENÇA DE REPERTÓRIO IMENSA É A LIGAÇÃO QUE CADA TRADUÇÃO DA HQ TIO PATINHAS E OS ÍNDIOS NANICÓS ESTABELECE COM A LITERATURA. OS PATOS OUVEM PELA PRIMEIRA VEZ A FALA DOS NANICÓS:

1958	ORIGINAL DE BARKS
Ide, guerreiros valentes, Para longe do branco invasor! Abrigai-vos das armas malignas Que só trazem tragédia e terror [9,2] (nona página, 2º quadrinho)	Go, Peeweeгахs, from your village! Flee the mighty, warlike strangers! Flee the magic in their blowgun They have come to make much trouble For the land of the Peeweeгахs!

E, imediatamente, os sobrinhos exclamam:

EDIÇÕES ANTERIORES A 2004	ORIGINAL DE BARKS
"Índios pigmeus que falam em versos como os de Gonçalves Dias!" "Será que são descendentes de Y-Juca Pirama?" E, de fato, um dos nanicós em fuga evoca a <i>Canção do                      Tamoio</i> : "Não chorem, meus filhos. Não chorem, que a vida é luta renhida. Viver é lutar!"	"Pigmy indians that talk in rhythm like Longfellow's <i>Song of                      Hiawatha</i> !"

Embora a tradução que remete o poema de Longfellow aos de Gonçalves Dias pareça-nos muito adequada para uma HQ, a edição mais recente opta pelo obscuro decalque: "Índios pigmeus que falam em versos como em *O Pequeno Hiawatha*".

## FORMAS DO FUTURO

Alguns futuros que são de forma simples ("ficaremos") na edição mais antiga, aparecem em forma composta ("vamos ficar") nas mais novas da história do Tio Patinhas. Alguns exemplos:

	1958, 1967	1982, 1988	2004
[3, 5] (terceira página, 5º quadrinho)	"Ficaremos uns dias por aqui e depois voaremos..."	"Vamos ficar uns dias por aqui"	"Vamos explorar a área..."
[8, 1]	"Terão de respeitar o direito de propriedade"	"Vão ter de respeitar o direito de propriedade"	[fala alterada]
[10, 4]	"Que faremos agora?"	"Que vamos fazer, agora?"	"E agora? O que vamos fazer?"
[21, 1]	"Credo! Não adiantará enfrentá-lo com uma canoa!"	"Nossa! Não vai adiantar enfrentá-lo com uma canoa!"	[fala alterada]

## INTERJEIÇÕES TROCADAS

Algumas das interjeições das antigas edições são trocadas. Na seguinte fala, além da interjeição, note-se também o todo da frase:

● **Puxa!** Mas que ar saudável e revigorante! Eu poderia engarrafá-lo e vendê-lo em Patópolis! [3,6] (terceira página, sexto quadrinho em todas as edições anteriores a 2004). **Oh,** que ar saudável! Aposto que dá pra engarrafar e vender em Patópolis! (2004)

● **Rapaz!** Milhões de lagos... [3, 1] (em todas as edições anteriores a 2004). **Vejam!** Milhões de lagos (2004).

● **Ai,** meu pai do céu! [14, 1] (1958, 1967 e 1982)  
 Minha nossa! (1988)  
 Pelas flechas de Jerônimo! (2004)

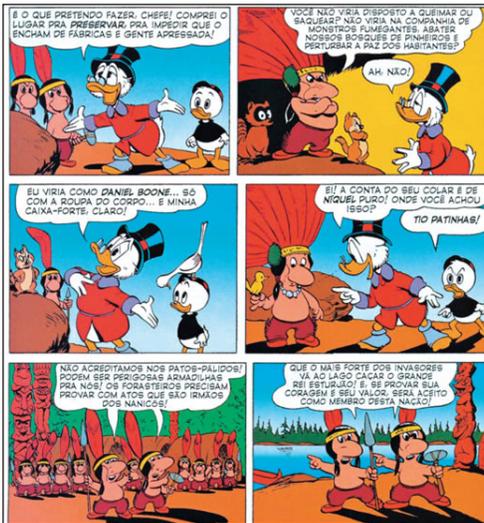
● **Boing!** Ai vem ele! [20, 5] (1958, 1967)  
**Uau!** Ai vem ele... (2004)

● **Credo!** Não adiantará enfrentá-lo com uma canoa! [21, 1] (1958, 1967)  
 Nossa! etc. (1982 e 1988)  
 Ai, ai, ai! etc. (2004)

● **Ai, durão!** Não deixe escapar! [21, 7] (1958, 1967, 1982 e 1988)  
 Não deixe ele escapar! (2004)

● **Rapaz, é mesmo!** [22, 6] (1958, 1967, 1982 e 1988)  
**Sim!** É mesmo! (2004)

● **Prestes a ser tragado pelo rei esturjão,** Donald exclama:  
**Mãe!** Chegue pra lá, Jonas! Ai vou eu! [24, 8] (1958 e 1967)  
 Chegue pra lá, que ai vou eu! (1982 e 1988)  
 Agora sei como Jonas se sentiu! (2004)



### MUITOS VOCABULÁRIOS

NO CAMPO DO LÉXICO, A TENDÊNCIA GERAL É A DE AS EDIÇÕES MAIS ANTIGAS APRESENTAREM PALAVRAS MAIS CULTAS

1958	2004
Que <b>pretende</b> caçar? [2,7]	O que vai caçar?
Acampam num <b>aprazível</b> banco de areia [5, 1] (quinta página, 1º quadrinho)	Acampam numa barra arenosa.
<b>Eis</b> o nosso programa! [11, 1]	Esse é o plano!
... Não deixaremos rasto, exceto onde <b>aportarmos</b> [14, 5]	... Pra deixar rastro só quando for preciso.
<b>Ademais...</b> [14, 7]	Além disso...
<b>Eis</b> o novo lago [15, 6]	Lá está o outro lago
Se ele falhar, nosso futuro será passado [20,8]	Se ele falhar, seremos considerados inimigos
Após o cachimbo dos naniços, este ar parece <b>ambrosia</b> ! [27,7]	Após o cachimbo dos naniços, este ar parece perfume!
... e <b>persuadi-lo</b> a ser nosso embaixador [13, 1]	... e fazer dele nosso embaixador

Também no caso especial das falas dos naniços, que pretendem imitar poemas do século 19, a tendência mais erudita é a da edição antiga (que, além do mais, emprega, neste caso, a 2ª pessoa, muito mais apropriada para a situação). Um par de exemplos:

1958	2004
Nosso encontro será (...) no <b>arcano</b> de nossa terra amada [11,7] (décima primeira página, 7º quadrinho)	Nosso encontro será (...) às margens da água prateada
... são nossas desde <b>priscas</b> eras [18, 7]	... são nossas há incontáveis eras
Ó tu, que vens de longe... [18, 1]	"... em poucos minutos"

Por outro lado, na edição de 2004, encontramos um delicioso "Relaxe", em vez do antigo "Não precisa temer nada!" [13, 5]. Temos também "É hora de fazer trilha até o próximo lago" [14, 8] em vez de: "Temos que ir para o próximo lago". Ou "pro nosso lazer" [2, 6] (2004) em vez de "para nos divertirmos" (1958).

## 52. Quando uma língua parabeniza

(v.4 fevereiro, p. 50-52, 2006)

Uma das metáforas mais frequentes nos meios culturais é “resgatar”. Fala-se em resgatar não só reféns ou vítimas de enchentes, mas também as raízes culturais, a auto-estima etc. Modismos à parte, parece-nos oportuno esse uso do resgatar quando descreve algo que ocorre no filosofar. Pois, a tarefa de filosofar é, em boa medida, um resgatar.

Pelo menos essa é a posição de tantos filósofos que, de Platão a Heidegger, voltam-se para a linguagem comum, procurando recuperar as grandes experiências humanas que acabaram por nela desembocar. Pois essas experiências, vívidas intuições que o homem tem sobre si mesmo e o mundo, brilham por um momento na consciência e depois vão se desvanecendo, desaparecem. Ficam invisíveis, como que escondidas num depósito: são “raptadas” pela linguagem (e não só por ela), a linguagem comum: essa que falamos e ouvimos todos os dias.

Assim, frequentemente, as palavras têm um potencial expressivo muito maior do que supomos à primeira vista, tão familiar e automático é o uso que delas fazemos. Daí a atenção do filósofo para os modos de dizer, os contextos, as sutilezas da linguagem comum, em sua língua e em outras: como caminho para recuperar as grandes experiências que se condensaram em linguagem.

Daí também a atenção para a etimologia, que nos põe em contato com a experiência humana que se condensou em linguagem. Como é bem sabido, é nessa linha, a de buscar “o que dizem as palavras na experiência originária de pensamento”, como diz Martin Heidegger, em *Ensaio e Conferências* (editora Vozes), levando ao extremo (com as devidas ressalvas) as análises etimológicas – que se situam as reflexões do filósofo alemão, que chega a afirmar: “o acesso à essência de uma coisa nos advém da linguagem”.

Podemos, como Heidegger, “pensar a atitude vigorosa daquilo que

as palavras, como palavras, nomeiam de forma concentrada”, ao verificar o potencial expressivo das formas de convivência cotidiana, como “parabéns”.

## A hora do “parabéns”

Quando transcendemos o âmbito protocolar das formalidades e da praxe, os votos de felicitação: “parabéns!” (e seus irmãos: o espanhol *Enhorabuena!*, o inglês *Congratulations!*, o italiano *Auguri!*), vemos que eles trazem em si diferentes e complementares indicações sobre o mistério do ser e o do coração humano. O que significam exatamente essas formulações? O que realmente queremos dizer, quando dizemos “*parabéns*” ou “*congratulations*” etc.? Todas essas expressões trazem em si um profundo significado, por assim dizer, “invisível a olho nu”.

Começamos pela fórmula castelhana: *Enhorabuena!*, literalmente “em boa hora”. *Enhorabuena* indica que um determinado caminho (os anos de estudo que desembocaram numa formatura, o árduo trabalho de montar uma empresa que se inaugura etc.) chega, nesta hora (em que se dão as felicitações), a seu termo: esta é que é a hora boa, *enhorabuena!* Precisamente o fato de ser a hora da conclusão é que a torna uma boa hora. A sabedoria dos antigos fala da “hora de cada um”, de horas boas e más. Mas a hora boa, a hora melhor é a da conclusão, a da consumação, a do bom termo do caminho, a hora do fim, que é melhor do que a do começo: “*Melior est finis quam principium*” (Ecl. 7,8), diz a própria Sabedoria divina.

Já a formulação inglesa, também presente no alemão e em outras línguas, *congratulations*, expressa a alegria compartilhada pelo bem do outro, com quem nos con-gratulamos, isto é, nos co-alegramos. Essa comunhão na alegria é sugerida também pela forma depoente dos verbos latinos *gratulor* e *congratulor*. A forma depoente está a indicar que a ação descrita no verbo não é ativa nem passiva: mas uma ação que, exercida pelo sujeito, repercute nele mesmo. Ou seja, no caso, que a alegria que externamos ao felicitar tal pessoa é também, a título próprio, muito nossa.

O árabe *mabruk* indica o caráter de bênção daquele dom pelo qual felicitamos alguém.

O italiano, *auguri, auguri tanti!*, anuncia (ou enseja) que este bem celebrado é só prenúncio, prefiguração, augúrio de outros ainda maiores que estão por vir.

Com a encantadora forma nossa, “parabéns!”, estamos expressando precisamente isto: que o bem conquistado, que a meta atingida seja usada “para bens”. A aglutinação da preposição “para” com o substantivo “bem” é confirmada, por exemplo, por Antônio Geraldo da Cunha, em seu *Dicionário Etimológico Nova Fronteira*. Em nossa herança cultural, do cristianismo medieval, o mal não tem existência própria, por si: ele é antes uma distorção do bem. E, como todo mundo sabe, qualquer bem obtido pode ser usado “para bens” ou “para males”, pode contribuir para a auto-realização ou para auto-destruição. Pensemos nos casos de um amigo que ganha a medalha de ouro em tiro ao alvo, ou se elege deputado, ou tira a carta de motorista, ou obtém o diploma de advogado... É evidente que essas conquistas – em si boas – podem também ser para males. Por isso também, o dom fundamental da vida, é celebrado nos aniversários com votos de parabéns...

### O peso dos “pêsames”

“Carregava uma tristeza...”, diz o samba de Paulinho da Viola: a tristeza é – evidentemente – um peso, os famosos pesares...! E para carregar o peso da dor, da tristeza, nada melhor – ensina Santo Tomás – do que a ajuda dos amigos: “porque a tristeza é como um fardo pesado que se torna mais leve para carregar, quando compartilhado por muitos: daí que a presença dos amigos seja tão apreciada nos momentos de dor”.

Compreende-se, assim, imediatamente, que a expressão de condolências (“doer-se com”) seja pêsames, literalmente: pesa-me (“eu te ajudo a carregar o peso desta tua tristeza”). O étimo é confirmado por Antônio Geraldo da Cunha, em seu *Dicionário Etimológico Nova Fronteira*, segundo quem “pêsame” vem de “peso”, resultado da ação que a gravidade exerce num corpo, daí “pesa-me”.



2005

---



## 53. Uma voz acima da média

(v. 3, p. 50-51, dezembro 2005, revisto e ampliado)

Nossa possibilidade de relacionamento com o mundo está, evidentemente, em função da linguagem e Lohmann chega a falar num “sistema língua/pensamento”. Nesse sentido, um recurso importante na compreensão do agir do homem é a “voz média”.

Estamos tão acostumados a pensar que o verbo só admite voz ativa e voz passiva que nem podemos imaginar uma terceira forma. Ativa e passiva – assim pensamos à primeira vista – esgotam todas as possibilidades (o que poderia haver além de “Eu bebi a água” e “A água foi bebida por mim”?) e na língua espanhola a expressão “*por activa y por pasiva*” significa “todas as possibilidades”, “todas as formas”, como quando se diz: “*Ya lo hemos intentado por activa y por pasiva, sin llegar a conseguir una solución*” ou “*Le hemos pedido por activa y pasiva que dimitiera como presidente*”.

E como o pensamento está em dependência de interação dialética com a linguagem, o fato de nossa língua não admitir uma terceira opção – a voz média, que não é ativa nem passiva – constitui um grave estreitamento em nossas possibilidades de percepção da realidade, precisamente porque a língua nos impõe o binômio ativa/passiva.

A voz média é um rico recurso – encontrado por exemplo no grego –, que permite expressar (e perceber e pensar) situações de realidade que não se enquadram bem como puramente ativas nem como puramente passivas. Isto é, há ações que são protagonizadas por mim, mas que, na realidade, não o são em grau predominante: há tal influência do exterior e de outros fatores que não posso propriamente dizer que são plenamente minhas. O eu – como na clássica sentença de Ortega – estende-se à circunstância: *Yo soy yo y mi circunstancia*.

O latim se vale de verbos chamados depoentes precisamente para essas ações minhas mas que não são predominantemente minhas; eu as

protagonizo, mas não sou senhor delas, estou condicionado fortemente por fatores que transcendem o eu e sua vontade de ação. É o caso, por exemplo, do verbo *nascor*, nascer (nacer-nascido). O verbo nascer, a rigor, não é ativo nem passivo: eu nasço ou sou nascido? Sim, certamente sou eu que nasço, mas estou longe de exercer de modo totalmente ativo e independente esta ação (“Com licença, eu vou nascer...”); e por isto o inglês usa nascer na passiva: *I was born in 1952*. O mesmo acontece, por exemplo com o morrer: a ação é minha, mas não o é...

Procuramos suprir a lacuna da voz média, tornando “reflexivos” verbos como esquecer: “Eu me esqueci”, “eu me admirei”. E a língua espanhola vale-se desse recurso muito mais freqüentemente, como por exemplo em *yo me muero* ou em verbos que expressam necessidades fisiológicas...

Com a perda da voz média, o português perdeu não apenas um recurso de linguagem, mas sobretudo um poderoso recurso de pensamento, de captação / expressão de imensas regiões da realidade. De fato, é uma violência para com a realidade que empreguemos, por exemplo, o verbo “surtar” como ativo: “O Gilberto é psicótico, ele surta a toda hora”. Como se o pobre Gilberto tivesse algum controle sobre as situações que *o fazem* surtar... Como se “surtar” (ou “admirar” outras ações médias) pudesse ser ativamente “agendado”: “Na próxima 3ª. f. às 15:30h eu vou surtar; às 19:00h vou me admirar etc.”

Algumas canções de Paulinho da Viola trabalham com a voz média. O samba “Timoneiro” – do qual procede o verso: “Não sou eu quem me navega, quem me navega é o mar...” – é um maravilhoso exemplo dessas ações que o latim expressa por verbos depoentes. Não sou plenamente dono do navegar; quem **me** navega é o mar. E o mar não tem cabelos que a gente possa agarrar...

**Timoneiro**

*Não sou eu quem me navega  
Quem me navega é o mar  
É ele quem me carrega  
Como nem fosse levar  
E quanto mais remo mais rezo  
Pra nunca mais se acabar  
Essa viagem que faz  
O mar em torno do mar  
Meu velho um dia falou  
Com seu jeito de avisar  
“Olha, o mar não tem cabelos  
Que a gente possa agarrar”  
Timoneiro nunca fui  
Que eu não sou de velejar  
O leme da minha vida  
Deus é quem faz governar  
E quando alguém me pergunta  
Como se faz pra nadar?  
Explico que eu não navego  
Quem me navega é o mar  
A rede do meu destino  
Parece a de um pescador  
Quando retorna vazia  
Vem carregada de dor  
Vivo num redemoinho  
Deus bem sabe o que Ele faz  
A onda que me carrega  
Ela mesma é quem me traz*

(P. Viola – Hermínio Bello de Carvalho, 1997)

Outra sugestiva canção para nosso tema é “Deixa a vida me levar”, de Serginho Meriti e Eri do Cais: “Deixa a vida me levar (vida, leva eu) / Sou feliz e agradeço por tudo que Deus me deu / Só posso levantar as mãos pro céu / Agradecer e ser fiel ao destino que Deus me deu”.

Numa e noutra canção não é casual que o tema seja a própria vida, que em ambos os casos não consiste em mera passividade (eu intervenho ativamente sobre meu navegar e mesmo “o destino” requer uma ativa fidelidade).

Os verbos depoentes em latim são freqüentemente ricos em sugestões filosóficas: os já citados *nascere* e *morrer*; mas também *falar* (*loquor*: é falando com você que eu falo comigo mesmo); *esquecer*, *confessar* etc.

A consideração desse ativo que não é totalmente ativo, mas que tampouco é passivo é importantíssimo para a Educação e para a Antropologia. A educação, educar, derivada de *educere* “eduzir” (conduzir para fora), afinal, não é colocar algo em um sujeito nem abandoná-lo a si mesmo, mas dar condições ao educando (num processo que não separe educador de educando: educação é sempre *comunhão*...) de extrair de si... É nesse sentido que educador e educando simultaneamente aprendem e ensinam...

Acostumados a pensar que só há vozes ativa e passiva, tal como nos impõe nossa gramática, e desconhecendo o grego e o latim, o estudante encontra dificuldades para aprender a voz média. E sempre se corre o risco de pensar que se trata de uma construção conceitual abstrata e artificial (na verdade, é naturalíssima), uma latinice postíça. Todas essas dificuldades se dissipam quando evocamos situações para as quais dispomos de uma imagem concreta de uma gíria brasileira que expressa maravilhosamente aspectos essenciais da voz média: “*perder o rebolado*”.

O Ocidente tende a ver tudo pelo viés da conquista e a desprezar a “passividade” do Oriente. Mas há muitas situações na vida em que só obtemos algo, se renunciemos à vontade dirigida de obter esse algo. É desse ponto de vista que se compreende a sentença evangélica sobre aqueles que querem salvar a vida e, por isso, a perdem (Mt 16, 25); sabedoria que se estende a tantas outras realidades que só se obtêm quando não são expressamente buscadas e surgem somente como dom de uma atitude não interesseira; que só se oferecem como dom de um interesse voltado para outro alvo (por exemplo, tem-se tanto mais saúde mental, quanto menos se pensa nela... e, reciprocamente, nada melhor para destruir um relacionamento do que querer “salvá-lo” por força de ciúmes).

E aí se nota a incrível felicidade semântica da gíria: “perder o rebolado”. É essencialmente incompleta a caracterização de “perder o rebolado” no dicionário *Aurélio*, que o reduz a um mero “perder a graça”. “Rebolar” é uma dessas ações que só pode ser realizada com um alto grau de automatismo inconsciente, para rebolar é preciso “deixar-se rebolar”, “ser rebolado” e não a ativa atitude de “calcular” o meneio.

Precisamente a irrupção do componente ativo e a supressão do “passivo” (do deixar-se) é o que faz “perder o rebolado”. É conhecido nos esportes o fenômeno do jogador que erra porque sente a responsabilidade de não poder errar, e nos surpreendemos ao ver grandes craques perderem pênaltis em Copa do Mundo. Quanto menos preocupado em manter o saracoteio, melhor o rebolado: uma quebra dessa “inconsciência”, uma interrupção, uma “saia justa” (outra gíria fantástica) e dá-se a paralisia, a perda do rebolado.

Como no caso do neutro, também aqui a gíria brasileira recupera profundos recursos de pensamento das línguas clássicas.



## 54. O brasileiro é um bicho neutro

(v. 1, p. 50-51, ago. 2005)

### *Neutrum*: nem um, nem outro: indeterminação

**P**ão, pão; queijo, queijo! Mas não para o brasileiro (e menos ainda para o mineiro...): para nós, não é nenhum dos dois: nem pão nem queijo; em todo caso: pão de queijo (mais ainda para o mineiro)!

*Utrum* é precisamente a forma latina que exige a definição de um de dois; daí que *ne-utrum* seja: nenhum dos dois, *neutrum*!

As línguas que dispõem do neutro (como, por exemplo, o latim ou o espanhol) contam com um poderoso recurso de pensamento, sem o qual tornam-se inacessíveis amplas regiões do real. E como se trata praticamente de uma necessidade, acabamos por improvisar recursos de linguagem para recuperar as possibilidades de pensar proporcionadas pelo neutro, um dos grandes excluídos de nossa gramática. Assim, embora o português não possua o neutro, o gênio brasileiro recupera, como veremos, o espírito do neutro, sobretudo na criativíssima gíria produzida nestes trópicos.

Engana-se quem, com o Aurélio, pensa que o neutro seja:

“gênero das palavras ou nomes que, em certas línguas, designam os seres concebidos como não animados, em oposição aos animados, masculinos ou femininos”.

Na verdade, o neutro puxa para a abstração, a totalidade, a indeterminação e não tem nada que ver com “seres concebidos como não animados” e nem tampouco é uma “terceira opção” para aqueles que não decidiram ainda se são masculinos ou femininos... Masculino e feminino só se opõem ao neutro enquanto determinação; não enquanto a “gênero” ou sexo. Tomás de Aquino – cujo pensamento filosófico e teológico explora muito as ricas possibilidades do neutro – no-lo explica:

“O gênero neutro é informe e indistinto; enquanto o masculino (e o feminino) é formado e distinto. E, assim, o neutro permite adequadamente significar a essência comum, enquanto o masculino e o feminino apontam para um sujeito determinado dentro da natureza comum” (I, 31, 2 ad 4).

Um exemplo de neutro dá-se quando dizemos a quem vem correndo para entrar no elevador: “– Desculpe, não há mais lugar, já somos **oito**” (não interessam aqui as determinações desse oito: não só as concretizações de sexo, homens/mulheres, mas de qualquer outra determinação concreta: negros/brancos, alunos/professores, palmeirenses/corintianos, etc.; trata-se do neutro “oito”).

A indeterminação do neutro permite à Teologia expressar delicadas teses trinitárias. Assim, diz Tomás:

“Já que em Deus a distinção é segundo as pessoas e não segundo a essência, dizemos que o Pai é *alius* (*outro*, masculino) em relação ao Filho, mas não que é *aliud* (*outro*, no sentido de outra coisa, neutro); e que Pai e Filho são *unum* (*um*, neutro, no sentido de *lo mismo*) mas não *unus* (masculino, no sentido de *el mismo*)” (I, 31, 2 ad 4)<sup>1</sup>.

Também é o neutro – que aponta para a totalidade e não interessam as determinações – que encontramos na sentença de Terêncio: “*Homo sum et nihil humani alienum me puto*”, sou homem e nada *do humano* (“daquilo que é humano”) considero alheio a mim. Evidentemente, nossa substantivação (“o humano”, “o social” do famoso slogan “tudo pelo social” etc.) é uma aproximação do extinto neutro.

Do ponto de vista da psicologia da comunicação, o neutro, indeterminado, convoca o interlocutor a preencher a (evidente ou não) lacuna

---

1. Quando não se respeitam essas sutilezas, surgem confusões ou rixas causadas por equívoco, o que é, literalmente, um *quiproquó*, *qui-pro-quod*, é tomar o *qui* (masculino) em lugar (*pro*) do *quod* (neutro): o Pai é *lo mismo* (*quod*) que o Filho, mas não *el mismo* (*qui*).

por ele deixada. É precisamente essa indeterminação que constitui uma das marcas registradas do brasileiro.

Uma indeterminação que rege diversos setores da existência, como por exemplo: o tempo. Para indicar que uma ação é maximamente imediata, o brasileiro diz: “na hora<sup>2</sup>” (pastéis fritos na hora; consertam-se sapatos na hora etc.); já em Portugal a faixa de indeterminação é bem mais estreita; é “ao minuto” (e nos EUA “at the moment”!). O caso extremo é o da Bahia, onde a (inútil) insistência do estrangeiro em marcar hora, em perguntar por prazos, chega a ser quase ofensiva e é fulminada pelos indeterminadíssimos: “depois do almoço”, “um minutinho” etc.

Indeterminação do espaço: “é pertinho”, é “logo ali”, “um tirico de espingarda” etc.

A indeterminação na linguagem, afinal, suaviza (neutraliza) as formas de convivência. Une-se o gosto pelo indefinido, pelo genérico, com o oportunismo de fazer “média”, ficar em cima do muro: ninguém sabe o dia de amanhã, vai que pinte um apoio do partido inimigo... Além do mais, é sempre perigoso expressar-se concreta e claramente. Se a brasileira indeterminação do tempo realiza-se em grau máximo no baiano; a das formas, realiza-se no mineiro. Como se sabe, mineiro não é contra nem a favor; muito pelo contrário. Come quieto... e pela borda. Não dá bandeira. Daí a certa sabedoria de uma de nossas mais geniais piadas:

Dois mineiros pescando na beira do rio. De repente, ouvem um barulho vindo de cima: flapt..., flapt..., flapt...

Olham para cima e vêem um enorme elefante, batendo as orelhas e voando!!! Bem acima de suas cabeças!

Um olha para o outro e voltam a se concentrar na pescaria...

Mais alguns minutos e o mesmo barulho... Era outro elefante, também voando baixo, a poucos metros de suas cabeças. Mais alguns minutos e outro elefante... e outro...e mais outro...

Após o décimo elefante, um vira para o outro e diz:

– É, cumpadre... o ninho deles deve di sê aqui pertim.

---

2. Daí que, na gíria, “da hora” signifique bom, excelente...

As instituições. O neutro, a neutralidade do neutro, faz parte de nossa cultura, está arraigadíssima no Brasil: o que, em outros países dá-se como afirmação (ou negação) veemente, aqui perde os contornos nítidos, adquire forma genérica! Se não reparamos nesse fato é porque ele nos é tão evidente que chega a ser conatural e atinge até nossas instituições. Pensemos por exemplo nessa – incrível, para os estrangeiros! – instituição tupiniquim: o ponto facultativo. Como dizia o saudoso Stanislaw Ponte Preta: “vai explicar pro inglês o que que é um ponto facultativo?” – É feriado? – Não, Mr. Brown, é ponto facultativo!! – Então, se não é feriado, haverá trabalho normal? – Não, Mr. Brown, claro que não haverá trabalho: é ponto facultativo!! Não é feriado, mas não deixa de ser...

## O neutro na gíria brasileira

O neutro, banido da gramática da língua portuguesa, é resgatado (ou, ao menos, seu espírito, que remete à totalidade e à indeterminação) genialmente pela gíria brasileira (claro que a lei do mínimo esforço contribui, e muito, para esses refinamentos de linguagem; afinal, para bom entendedor...).

Seguem-se alguns exemplos (em negrito); em cada caso, pode-se ajuntar a pergunta “... o quê?” e a resposta : “Não interessa, é neutro!”.

**Numa boa** – Um leve acidente de trânsito, um espelho deslocado. Em vez de discutir e chamar a polícia, vamos resolver **numa boa**.  
Numa – o quê – boa? Não interessa, é neutro!

**Qual é a dele?** – Tipicamente neutro. Bem apropriado à mentalidade neutra brasileira, que deixa cada um **na sua**...

**Qual é?** (ou: qual é, **ô meu?**) – Forma ainda mais neutra (mais totalizante e indeterminada) do que a anterior.

Pô, o cara chega aqui **na maior**. Esse cara **tem cada uma**... (na maior, o quê? cada uma, o quê? Não interessa, é neutro!).

**Ô, chefia** – Vocativo de garçon em boteco. Garçon, que não só é promovido a (reles) chefe, mas à neutra (e, portanto, total) “chefia”.

Vê... **o de sempre**. Nessa mesma linha, usa-se o vocativo “Ô malandragem”, mais geral do que o concreto “malandro”; “Ô amizade” etc.

**Numa pior – Sabe como é**, ele tá numa pior...

Tenta, vai que **numa dessa, rola...**

**Aprontou todas – E ainda fica se achando... É dose...**

Tendendo à generalidade do neutro está o “**a gente**” (indeterminado entre o “eu” e o “nós”).

Objetar-se-á que nem todos os exemplos acima são exatamente de neutro. Em todo caso, esses exemplos têm o espírito do neutro e seja como for, é **por essas e por outras** que eu, **na maior**, fico com o filósofo Kleber Bambam: **faz parrte...!**



# Índice Remissivo

**A** **Acídia** 287 e ss.

**Acumulação semântica** 12 e ss., 109 e ss.

**Adversativas** 47 e ss.

**Águas de Março** 141 e ss.

**Alcorão** 34, 39, 92 e ss., 110 e ss., 140 e ss., 147, 170, 173 e ss., 311 e ss.

**Alegoria** 93

**Anjos** 104

**Areté** 109 e ss., 121 e ss.

**Aumentativos** 189 e ss.

**Aurélio (dic.)** 26, 50, 60, 108, 133, 167, 181, 198, 239, 347

**B** **Bantu** 252

**Benedeiras** 73

**Bíblia** 22 e ss., 25; 34, 35 e ss., 39, 64, 92; 147 e ss., 167, 176, 261, 281, 306 e ss., 344,

**Blasfêmia** 73

*Bonum arduum* 31

*Bonum simpliciter* 31

**Bradesco seguros** 18 e ss.

**Brasileiro ("o brasileiro")** 12, 69, 111 e ss., 185 e ss., 207 e ss., 250 e ss.

**Brincar** 42

*Bullying* 21

**Catecismo da Igreja Católica** 101 e ss., 287

**Causas** 59 e ss.

**CNBB** 117

**Concílio Vaticano II** 103 e ss., 195

**Condicionais semitas** 306 e ss.

**Confissão** 104

**Contemplação** 40 e ss.

**Contração** 52 e ss.

**Coração** 173 e ss.

**Corinthians** 95, 108 e ss., 111 e ss., 151, 159 e ss., 225

**Corno** 27 e ss.

**Crepúsculo (saga)** 209

**Cúria Romana** 99 e ss.

**Curso de Língua e Literatura Árabe da USP** 137 e ss.

**D** **Daspu** 29

**Derviches** 174

**Diminutivos** 32, 189 e ss.

**Divina Comédia** 122

**E** **Embolismo** 195

**Enrolação** 205 e ss.

**Espanha** 25, 169

**Estadão** 44 e ss., 96 e ss., 108

**Etimologia passim**, 211 e ss. 217 e ss.

**Eufemismos** 32

*Everybody loves Raymond* 107

**Evidente** 223

**Excelência** 107 e ss., 121 e ss.

**F** **Facebook** 45

**FFLCH-USP** 137 e ss.

**Fifa** 75, 95

**Flamengo** 224 e ss.

**Fluminense** 97, 225

**Franciscanismo** 73

**Fulano** 129

**Fundamentalismo** 103

**Futebol** 74 e ss., 95 e ss., 111 e ss., 147, 155 e ss., 170 e ss., 197, 223 e ss., 247, 281 e ss.

**Futuro** 145 e ss., 151 e ss.

**G** **Gay** 28 e ss.

**Gerações** 153, 329 e ss.

**Gírias brasileiras** 350 e ss.

**Gírias de 1970** 44 e ss.

**Gratidão** 217 e ss.

**Guia do torcedor brasileiro no Japão** 112

**H** **Hadith** 110, 173

**Hanseníase** 28,

**Hinos de clubes** 224 e ss.

**Homossexualidade** 102

**Houaiss (dic.)** 13, 48, 50, 60, 108, 127, 134, 153, 167, 198, 239

**Igreja Católica** 99 e ss.

**Informática** 95

**Inocente** 25,

**Insultos** 25 e ss., 197 e ss.

**Intensivos** 133 e ss., 239 e ss.

**Inversão de polaridade** 25

**Islam** 141 e ss.

**J** **Jaguaretê** 121 e ss.

**Japão** 111 e ss.

**L** **Lepo lepo** 65 e ss.

**Leproso (lazarento, morfético)** 28

- Língua alemã 253, 257 e ss., 259 e ss.  
 Língua árabe / semitas 16 e ss., 34, 89 e ss., 109 e ss., 114, 137 e ss., 169 e ss., 173 e ss., 240 e ss., 284 e ss., 305 e ss.  
 Língua chinesa 123  
 Língua espanhola 22, 25 e ss., 39 e ss., 48, 130, 169 e ss., 231 e ss., 240 e ss., 253 e ss.  
 Língua francesa 48, 130, 240 e ss., 255 e ss.  
 Língua grega 43, 62  
 Língua inglesa 11, 13, 22, 39 e ss., 48, 107, 232, 240 e ss., 247 e ss., 254 e ss., 259 e ss.  
 Língua italiana 35, 240 e ss.  
 Língua latina 43, 62, 240 e ss., 259 e ss.  
 Língua tupi 21, 42, 123 e ss., 193 e ss., 252  
*Logos* 93  
 Lúdico brasileiro 188 e ss.
- M**  
 Marselhesa 224  
 Masturbação 104  
 Metáfora 48 e ss., 76 e ss., 85 e ss., 89 e ss., 153 e ss., 281 e ss.  
 Metáforas esportivas 281 e ss.  
 Metátese 89 e ss., 145 e ss.  
 Missa 75  
 Mística 265 e ss.  
 Mocidade Alegre 71
- N**  
 Neutro 12, 205 e ss., 295 e ss., 347 e ss.
- O**  
 Ocio 43 e ss.  
 Opus Dei 102  
 Oração da propina 70 e ss.  
*Oxford English Dictionary* 150, 182 e ss., 218, 232, 247 e ss.
- P**  
 Pai Nosso 231  
 Palavrão 25 e ss., 135 e ss.  
 Palmeiras 28, 96, 225  
 Para-choques de caminhão 311  
 Participação 267 e ss.  
 Passado 21 e ss., 145 e ss., 151 e ss.  
 Passado composto 22 e ss.  
 Pecados capitais 287 e ss.  
 Pensamento confundente 11 e ss., 90 e ss., 143 e ss., 197, 295 e ss., 305 e ss.  
 Piadas: galo de briga 25, bebê no Vaticano 100, cariocas e mineiro 149, amigo da onça 155, dois rabinos 159, vendedora de refil 165, você casou 231 e ss., estudos sobre o elefante 254, piadas de Eugenio 298 e ss., sucrilhos na caixa 291, pepino no calção, 291 e ss., dólar na cueca 294, criança de 5 anos 294, teste de racismo 298 e ss., mineiros pescando 349
- Prazeres de apreciação 42 e ss.  
 Prazeres de necessidade 42 e ss.  
 Prefixo *per* 260 e ss.  
*Present perfect* 21  
 Provérbios 76 e ss., 148, 312 e ss.  
 Provérbios árabes 142 e ss.  
 Provérbios bíblicos 148 e ss.  
 Prudência 25, 103  
 Psicografia 73  
 Publicidade 15 e ss., 239 e ss.  
 Publicidade do aversivo 15 e ss.  
 Puta 29
- Q**  
 Quadrinhos da Disney 329 e ss.  
*Qualitative Binomial Noun Phrases* 181  
 Quarta Cruzada 100
- R**  
 Reduplicação 65 e ss.  
 Religião 69 e ss., 99 e ss., 109 e ss.; 147 e ss., 157 e ss., 173 e ss., 259 e ss., 287 e ss.  
 Rio (filme de animação) 185  
 Rito da Paz 75  
*Rubayyat* 91
- S**  
 Sistema língua/pensamento 141 e ss.  
*Skholé* 43 e ss.  
*Sufis* 174  
 Superlativo 123 e ss., 151
- T**  
 Talibã 103  
 Tempo pessoal 187  
*Theoría* 42 e ss.  
 Tipo ideal, 112 e ss.  
 Todavía (etim.) 50  
 Transcendentais 239 e ss.  
 Tucanês 208 e ss.
- V**  
 Vaticano 99 e ss., 160, 287 e ss.  
 Verbo dever 12 e ss., 110 e ss.  
 Verbo *fero* 191 e ss.  
 Verbo poder 13 e ss.  
 Verbos depoentes 62  
*Vigencia* (Ortega) 69 e ss., 112, 207 e ss., 223  
 Virtude 109 e ss., 121 e ss.  
 Voz ativa 61 e ss., 341 e ss.  
 Voz média 61 e ss., 336, 341 e ss.  
 Voz passiva 61 e ss., 341 e ss.
- X**  
 Xadrez 95 e ss., 198, 281 e ss.
- Z**  
 Zorra Total 130

# Palavras e expressões (etimologias, comentários etc.)

**A** gente 187 e ss.

Ai Jesus 228 e ss.

Alhos e bugalhos 86,

Amigo da onça 154

*Arigatô* 219 .

*Asshole* 200 e ss.

*Auguri* 336

**B**abaca 198

Babar 40

*behold* 40

*Big x great* 11

**C**ara, carinha etc. 127 e ss.

Castigo vem a cavalo 86

Chefia (gíria) 350

Com certeza 32

*Congratulations* 336

Contudo (etim.) 50 e ss.

Curtir, curtição 40 e ss

**D**e-vagar 40

Dias da semana 259 e ss.

**É** dose 49, 134 e ss.

É um pé 49, 135 e ss.

Ei, juiz, vai tomar... 117

Ele é ótimo 34

*Enhorabuena* 336

*Enjoy* 40

*Enseñar* 39

Esperança 254 e ss.

Está servido? 55 e ss.

Estar 231 e ss.

Estar a fim 60

Estar com (ter) 114, 186

*Eté* (sufixo tupi) 123 e ss.

Expressões antigas que permanecem 77 e ss.

Expressões originadas na Bíblia 148 e ss.

**F**acilone 35, 155

*Fadylah* 109 e ss.

Filho da puta 26, 133, 150

Fique à vontade 31 e ss.

Fortinho 32

**G**ente 130

*Gracias* 217 e ss.

*Guera* (puera, quera – sufixo tupi) 21, 193 e ss.

*It is not my cup of tea* 40

**J**á agora 63 e ss.

Jeito, jeitinho 325 e ss.

**L**aw (condicional árabe) 16 e ss., 22 e ss., 306 e ss.

Lazarento 28

Lindo de morrer 135

Liquidação 239 e ss.

Longo e tenebroso inverno 278

**M**as (etim.) 51 e ss.

Mascarado 154

*Mathal, amthal* 39 e ss., 90 e ss. 153

*Modo gráfico* 39

Morfético 28

**N**ão é minha praia 40

Não esquenta a cabeça 31 e ss.

Negócio 44

*Nhemosaraî* 42

*No es santo de mi devoción* 40

Nós quem, cara pálida? 153 e ss.

Numa boa 350

**O**brigado 217 e ss.

Olé 169 e ss.

Outros quinhentos 26 e ss.

**P**alabras mayores 25 e ss,

Panaca 199

Parabéns 336 e ss.

Partícula “de” 181 e ss.

Partida (de futebol) 96

Perdão 260 e ss.

Perder o rebolado 344

Pêsames 337

*Plicas* 167 e ss.

Pode? 13

Ponto facultativo 206

Por Deus 70

Porém (etim.) 52

Porque sim 60

Pqp 149

Pra caramba 133

Putá (intensivo) 133

**Q**ual é a dele 34,

## Jean Lauand

**S***alam / shalom* 144 e ss., 306  
Simples 25, 167 e ss.  
Sobrar 108 e ss.

**T**á me tirando? 49  
Tá podendo 13  
Tem mais é que 52  
*Thank you* 217 e ss.  
Torcer 97

Tremendo nas calças 49  
Trocar seis por meia dúzia 100 e ss.

**V**ai que 16 e ss.  
Vai te catar 49  
Vale a pena 31  
Vê se aparece 33  
Viado 28 e ss.

# Pessoas e Personagens

- A**gualusa, José Eduardo 195  
Alfonso X, o Sábio 27, 41, 96, 281  
Allen, Grant 39  
Almeida, Guilherme de 309  
Alves, Ataulfo 308  
Anhanguera (Bartolomeu Bueno da Silva) 21,  
Aragão, Renato 183  
Arão 64  
Aristóteles 59 e ss., 212, 266  
Avicena 223
- B**arbosa, Joaquim 116  
Barks, Carl 329  
Batista, Eike 148  
Bento XVI 99 e ss.  
Berlusconi, Silvio 65  
Billy Blanco 116  
Blatter, J. 225  
Bom Samaritano 91, 318 e ss.  
Bonner, William 128  
Brecht, Bertold 289  
Buda 39  
Bush, George 200
- C**aetano Veloso 40, 193, 214, 233  
Caimmy, Dorival 158, 251  
Camões 130, 237  
Campos Mello, Fernando de 227  
Cantalamessa, Raniero 99  
Cardeal Arns 160  
Cardoso, Miguel Esteves 63 e ss.  
Carmignac, Jean 152  
Cássio (goleiro) 109  
Castro Alves 169  
Chaves 63, 114  
Chico Buarque 174, 225  
Chico César 233  
Chico Xavier 73  
Cipro Neto, Pasquale 158 e ss.  
Clint Eastwood 89  
Coelho Netto 97  
Comte-Sponville, A. 159  
Confúcio 123  
Costa, Luiz 70  
Crystal, David 48
- D**alai Lama 176  
Danilo Gentili 71
- Dante 122  
Datena, José Luiz 29  
David Letterman 72  
Delicado, Antonio 76 e ss., 86  
Dom Quixote 26, 134, 171  
Dorval (colega de Pelé) 13  
Drummond de Andrade, Carlos 85, 173 e ss.,  
213
- E**ça de Queiroz 97  
Eugenio (humorista catalão) 164, 291 e ss.
- F**alcão 29  
Felipe II 26  
Fernandinho Beira Mar 71, 113  
Ferri, Mário Guimarães 139  
Flusser, V. 13 e ss.  
Foster, Graça 21  
Freyre, Gilberto 73, 113, 185 e ss., 237
- G**arcía Lorca, F. 175  
Garrincha 171  
Girafales (Prof.) 59, 114  
Gretchen 65  
Groucho Marx 294  
Gugu 155  
Guilhade, João Garcia de 50  
Guimarães Rosa, J 41, 69, 193, 212, 243
- H**addad, Jamil A. 22  
Hanania, Aida 22, 137 e ss., 151  
Heidegger, M. 193, 211, 214 e ss., 266 e ss.,  
335 e ss.  
Heráclito 211 e ss., 266 e ss.  
Herodes 25  
Hiawatha 331  
Hildebrand, Dietrich von 40, 233  
Hirose, Chie 111 e ss.  
Hitler 232  
Holanda, Sérgio Buarque de 32, 72, 113, 157,  
185 e ss.  
Horta, Sylvio 187, 231 e ss.
- J**agger, Mick 18  
Jesus Cristo 25, 34, 39, 67, 90 e ss., 93, 99 e  
ss., 148 e ss., 176, 186, 259, 269 e ss.,  
306 e ss.  
João Cassiano 288  
João Paulo II 100 e ss., 259

- Jorge Ben Jor 227  
 José Simão 208 e ss., 294  
 Jung, C. G. 112, 235 e ss.
- K**  
 Kadaffi, M. 65  
 Kafka 99  
 Keirse, David 112 e ss., 162, 164, 235 e ss.  
 Khayyam, Omar 91, 284  
 Kipling, Rudyard 309 e ss.  
 Kleber Bambam 351  
 Kleiton e Kledir 174
- L**  
 Lamartine Babo 208  
 Leão, Fátima 177  
 Leite, Gabriela 29  
 Lennon, John 22  
 Lewis, C. S. 25, 42 e ss.  
 Lille, Alain de 93  
 Lisboa, Luiz Carlos 142  
 Lohmann, J. 141 e ss.  
 Longfellow, H. D. 331  
 LoRiggio Dominic 325  
 Lula (Presidente) 108, 200
- M**  
 Machado, Júlio César 58  
 Marcos (goleiro) 109  
 Maria Rita 121  
 Marias, Julián 11 e ss., 59, 143, 153, 187, 197, 231, 233, 237, 252 e ss.  
 Marinho, Roberto 312  
 Martinho da Vila 21, 276 e ss.  
 Mélisou, Marie 176  
 Mercury, Daniela 29  
 Milton Nascimento 121 e ss.  
 Moisés 64  
 Moles, Abraham 202  
 Monja Coen 33  
 Monteiro Lobato 200, 208 e ss.  
 Mutarelli, Lucimar 115
- N**  
 Nasr, Helmi 137 e ss.  
 Nasser, Gamal Abdel 137  
 Navarro, E. 42  
 Neguinho da Beija Flor 21  
 Neruda, Pablo 175  
 Neymar 26, 65, 76  
 Nossa Senhora 41, 72 e ss., 105
- O**  
 Obama, B. 26  
 Oliveira, Ma. Leide de 28  
 Ortega y Gasset 11 e ss., 61, 69, 90, 112, 122, 143, 197, 207, 223, 341  
 Orwell, George 277 e ss.
- P**  
 Paes, José Paulo 310  
 Pai Santana 74  
 Papa Francisco 75, 99 e ss.  
 Pascher, Josef 259  
 Paula, Eurípedes Simões de 139  
 Paulinho da Viola 62, 337, 342 e ss.  
 Paulo VI 159  
 Pelé 26, 61  
 Perissé, Gabriel 194  
 Pessoa, Fernando 174, 214, 289  
 Pieper, Josef 43, 121, 211, 223, 250 e ss., 257, 268 e ss., 288 e ss.  
 Píndaro 121, 170  
 Platão 122, 212, 223  
 Prado, Adélia 41, 170, 212 e ss., 265 e ss.
- Q**  
 Quadros, Jânio 138  
 Quarteto em Cy 32
- R**  
 Ramos, Graciliano 95  
 Reese, Thomas J. 100  
 Riobaldo 41, 69, 243  
 Rita Cadillac 76, 85  
 Roberto Carlos 85  
 Rosita (canção mexicana) 47 e ss.  
 Rossi, Reginaldo 29  
 Roussef, Dilma 57, 168
- S**  
 Santa Teresinha 72  
 Santo Agostinho 162 e ss., 233, 259, 319  
 Santo Expedito 72, 157 e ss.  
 Santo Isidoro de Sevilha 217  
 Santos F. C. 13, 225  
 São Francisco 99 e ss.  
 São Gregório Magno 259, 288 e ss.  
 São João da Cruz 174  
 São Jorge, 71, 159  
 São Paulo F. C. 225  
 São Paulo, apóstolo 93, 306 e ss.  
 Saramago, José 259  
 Sartre, Jean Paul 212  
 Schönborn, Card. 106  
 Selminha Sorriso 21  
 Shakespeare 122  
 Sibawayh 314  
 Sócrates 122  
 Stanislaw Ponte Preta 206  
 Sutton, Robert 201 e ss.
- T**  
 Tamburini, Luciana 27  
 Teboul, Olivier 28  
 Teló, Michel 152  
 Terêncio 348  
 Tio Patinhas e sobrinhos 329 e ss.  
 Tiririca 200, 208  
 Tom Jobim 124, 141 e ss., 172  
 Tomás de Aquino 25, 31, 42, 61, 92 e ss., 103,

*Revelando a Linguagem*

- 109 e ss., 122, 167, 171, 198, 206, 212,  
217 e ss., 239 e ss., 260 e ss., 267 e ss.,  
288 e ss., 347 e ss.
- Totó (comediante italiano) 208
- V**alério, Marcos 108  
Vinicius de Moraes 44  
Viterbo, Frei Joaquim de S. R. 78
- X**uxa 23
- Y**anagida, Minoru 205
- Z**aqueu 320 e ss.  
Zé Carioca 185  
Zeca Pagodinho 343  
Zorro e Tonto, 154 e ss.

Desde o número 1 (em 2005) mantive a coluna “Filosofia e Linguagem” na revista *Língua Portuguesa* (LP), fundada pelo premiado jornalista Luiz Costa Pereira Jr. Com tiragem de 150.000 exemplares e presença nas bibliotecas de escolas públicas de todo o país, o prestígio da revista se mostra, por exemplo, em que três questões do ENEM 2015 foram sobre textos da LP. Ou também no fato de uma revista “de banca” receber boas qualificações no *Qualis* da Capes! (B2 na área Educação).

Foi com muita emoção que empreendi o trabalho de preparar os originais para esta coletânea (que inclui um par de artigos para a revista co-irmã *Metáfora* – também da editora Segmento – e um par de ainda inéditos). Alguns artigos foram revistos e ampliados; outros, reduzidos. Aos colegas e aos leitores de todos estes anos, minha gratidão, em seus três níveis (cf. artigo: “Grato pela compreensão”) e, sobretudo, no mais profundo: Muito Obrigado.

JEAN LAUAND

**Apoio cultural:**

**Radix – Projetos Educacionais**

**CEMOrOc**  
**EDF-FEUSP**



**FACTASH EDITORA**

